



Orientação

**À MINHA MÃE, AOS MEUS TIOS  
A ESTA ARTE DA NATUREZA E DOS HOMENS**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador, Professor Doutor Sérgio Veludo, pelas aprendizagens e pelo apoio,

Ao Professor Doutor Amândio Barros por me mostrar o caminho a seguir,

À Câmara Municipal de Barcelos, ao Ex. Sr. Presidente Miguel Costa Gomes e à Dra. Cândida Machado,

A todo o pessoal do Museu de Olaria e em particular à Dra. Cláudia Milhazes, por mais uma vez me ter acolhido,

A todos os Artesãos de Barcelos que tornaram possível este estudo,

A todos os Colegas de Turma, em especial ao Paulo Ribeiro e à Renata Marques

Aos Amigos,

A toda a Minha família,

À minha Mãe, Rosa Longras por todo o apoio e disponibilidade para a realização deste percurso,

Ao meu tio, Gualter Freitas, pelas tardes passadas na busca de artesãos, nas tardes de recolha de dados e por toda a preocupação,

À minha tia, Maria do Carmo Pinheiro, por todo o colinho e carinho,

A TODOS OS MEUS!

*Cátia Daniela Longras Cardoso*

## **SIGLAS E ACRÓNIMOS**

BPMP – Biblioteca Pública Municipal do Porto

CA – Carta do Artesão

CEARTE – Centro de Formação Profissional para o Artesanato e Património

CMB – Câmara Municipal de Barcelos

CUPA – Carta da Unidade Produtiva Artesanal

DGPC – Direção-Geral do Património Cultural

ETC. – Entre outros

ICOM – International Council of Museums – Conselho Internacional de Museus

IEFP - Instituto do Emprego e Formação Profissional

INPI – Instituto Nacional da Propriedade Industrial

MO – Museu de Olaria

ONU – Organização das Nações Unidas

PCI – Património Cultural Imaterial

RNPATC – Registo Nacional de Produções Artesanais Tradicionais Certificadas

RPM – Rede Portuguesa de Museus

SGC – Serviço de Gestão de Coleções

SNQCPT – Sistema Nacional de Qualificação e Certificação de Produções Tradicionais

UNESCO – United Nations Educational Scientific and Cultural Organization

UPA – Unidade Produtiva Artesanal

## RESUMO

O presente relatório dá conta do trabalho desenvolvido no Museu de Olaria de Barcelos, organização tutelada superiormente pela Câmara Municipal de Barcelos, no âmbito do ciclo de Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural. O estágio realizado foi subordinado à temática da Gestão de Coleções. Em contexto de dissertação, exploram-se conceitos pertinentes quer do ponto de vista do Património - Cultural e Artístico - quer do ponto de vista da Olaria e Figurado de Barcelos, nas suas mais diversas manifestações e rituais.

Assim o principal objetivo passa pelo conhecimento e reconhecimento dos Mestres Barristas Barcelenses, quer através do contacto direto com os mesmos, quer através das suas obras no contexto da organização de acolhimento. O estudo da Olaria e Figurado de Barcelos suportam o trabalho investigativo e de revisão bibliográfica através do preenchimento de questionários e da sua respetiva análise crítica e detalhada.

O trabalho que se apresenta é composto por sete partes, entres elas, seções teóricas e práticas que esclarecem pontos chave das matérias que foram definidas em Projeto de Estágio.

**Palavras-chave: Património Cultural, Património Artístico, Artes Tradicionais, Barcelos, Olaria, Figurado, Barristas.**

## **ABSTRACT**

This report gives an account of the work carried out at the Barcelos Pottery Museum, an organization supervised by Barcelos City Council, within the framework of the Masters Degree in Heritage, Arts and Cultural Tourism. The internship was held under the theme of Collections Management.

In the context of a dissertation, pertinent concepts from the point of view of Heritage - Cultural and Artistic - are explored, as well as from the point of view of the Pottery and Figurative of Barcelos, in its most diverse manifestations and rituals.

The main objective is the knowledge and recognition of the Masters Barristas Barcelenses, either through direct contact with them or through their works in the context of the host organization. The study of the Pottery and Figurative of Barcelos supports the research work and bibliographical review through the filling of questionnaires and their respective critical and detailed analysis.

The work presented is composed of seven parts, including theoretical and practical sections that clarify key points of the subjects that were defined in the Project of Internship.

**Key words: Cultural Heritage, Artistic Heritage, Traditional Arts, Barcelos, Pottery, Figurative, Barristas.**

## ÍNDICE GERAL

Introdução	18
1. Projeto de Estágio	23
I. Identificação do Aluno	24
II. Identificação da Entidade Acolhedora	24
III. Estágio	26
Estado da Arte	31
2. Património Cultural, Artístico e Artes Tradicionais	35
2.1. Património Cultural e Artístico, Artes Tradicionais	36
Património Cultural – O Caso Português e a Fruição cultural	41
As Artes Tradicionais	44
2.2. Museus, uma breve abordagem	47
2.3. Funções do Serviço de Gestão de Coleções dos Museus e do MO em particular	53
O Museu de Olaria e o Serviço de Gestão de Coleções	60
3. Olaria – Materiais, território e pessoas	64
3.1. Barro, Olaria, Cerâmica: definição de conceitos	65
Fases de produção de uma peça em barro:	72
O caso das Olarias de Barcelos – caracterização das argilas utilizadas	73
3.2. Barcelos, uma terra de barreiras e oleiros	74

3.3. Oleiros e Estatuto dos Artesãos: Carta do Artesão e Carta de Unidade Produtiva Artesanal	85
O caso do artesanato de Barcelos	92
4. Desenvolvimento do Estágio e as suas Componentes	95
4.1. O Museu de Olaria de Barcelos	96
4.2. Edifício – A Casa dos Mendanhas Benevides Cyrne	102
4.3. Funções e Serviços do Museu de Olaria	104
4.4. Atividades desenvolvidas pelo Museu	106
4.5. Organograma do Museu	110
5. Oleiros Barcelenses: Breve análise do tecido social e das complexidades da manufatura	113
5.1. Os Oleiros de Barcelos ontem e hoje	114
5.2 Os novos paradigmas dos Oleiros e da olária Barcelense	122
5.3 Que futuro para a produção oleira em Barcelos	125
5.4. Análise Swot - Situação da olaria e figurado no concelho de Barcelos	128
5.5. A UNESCO e a classificação da Cidade Barcelos como Cidade Criativa - Propostas e planos de valorização das artes olárias de Barcelos	133
Propostas e Planos de Valorização das Artes Olárias em Barcelos	135
6. Operacionalização de Resultados	140
6.1. Apresentação das Rotas da Olaria e do Figurado	141
6.2. Elaboração de Questionário a Artesão pertencentes à Rota da Olaria/Rota do Figurado – Apresentação de Metodologia	143
Tabela dos Artesãos selecionados para a entrega de Questionários e Distribuição por área Geográfica	147
Tabela de Artesãos Selecionados para Estudos de Caso/Entrevistas Individuais, respetivas moradas e contactos	149

Questionário – Instrumento de Recolha de Dados	149
Informação a Converter em gráficos	152
6.3. Apresentação de resultados dos questionários em reflexão crítica	163
Informação recolhida nos questionários – Gráficos	163
Georreferenciação	186
6.4. Estudos de caso por entrevista – 15% da mancha inquirida	190
Guião Entrevistas Artesãos	192
Análise de estudos de caso	193
7. Conclusões e Análise Crítica	210
7.1. Reflexão sobre a contextualização Teórica face ao desenvolvimento do Estágio	211
7.2. Interpretação dos resultados e conclusões	213
7.3. Referência à inserção do estagiário no desenvolvimento Curricular do curso	216
7.4. Análise Crítica, Recomendações e/ou sugestões	218
Bibliografia Citada	220
Bibliografia geral	227
Glossário	238
Apêndices	242
Anexos	332

## ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1 - Normas de Inventário - Evolução	54
Imagem 2 - Delimitação da área geográfica de Barcelos	74
Imagem 3 - Barreira	78
Imagem 4 - A evolução cromática e de forma do Galo de Barcelos	83
Imagem 5 - Capas dos Cadernos de Especificações da Olaria e Figurado de Barcelos	92
Imagem 6 - Decoração de louça utilitária e produção de peças em barro	122
Imagem 7 - Logótipo Barcelos Cidade Viva e Criativa	134
Imagem 8 - Mapa do Concelho de Barcelos	141
Imagem 9 - Primeira página do questionário	150
Imagem 10 - Segunda página do questionário	151
Imagem 11 - Terceira página do questionário	152
Imagem 12 - Quarta página do questionário	153
Imagem 13 - Mapa de Galegos S. Martinho	186
Imagem 14 - Mapa de Galegos Santa Maria	187
Imagem 15 - Mapa de Areias S. Vicente	187
Imagem 16 - Mapa de Areias de Vilar	188
Imagem 17 - Mapa de Manhente	188
Imagem 18 - Mapa da Freguesia da Lama	189
Imagem 19 - Imagens das reservas e sistemas de cotas	245
Imagem 20 - Reservas do Museu de Olaria, cotas e diferentes peças	246
Imagem 21 - Sala da Capela e Serviços de receção	247
Imagem 22 - Sala de Exposição Permanente e Serviço Educativo e de Animação	248

Imagem 23 - Serviço de Documentação do Museu de Olaria	249
Imagem 24 - Júlia Côta (em entrevista)	276
Imagem 25 - Conceição Sapateiro (em entrevista)	284
Imagem 26 - Alberto Pinto (em entrevista)	291
Imagem 27 - Nelson Oliveira (em entrevista)	299
Imagem 28 - Maria de Lourdes Ferreira (em entrevista)	307
Imagem 29 - António Ramalho (em entrevista)	318
Imagem 30 - Argilas da Região do Cávado.	333
Imagem 31 - Cartaz "Dia Mundial do Artesão"	333
Imagem 32 - Panfleto Museu de Olaria de Barcelos	333

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Tipologias de património e bens	39
Tabela 2 - Gestão de Coleções	58
Tabela 3 - Tarefas do Serviço de Gestão de Coleções do Museu de Olaria	62
Tabela 4 - Serviços do Museu de Olaria	105
Tabela 5 - Atividades de Serviço Educativo e de Animação do Museu de Olaria de Barcelos	109
Tabela 6 - Gerações de Mestres Barristas e Novos Artesãos	120
Tabela 7 - Análise SWOT	129
Tabela 8 - Critérios para a elaboração de estudo	143
Tabela 9 - Descrição de Procedimentos a adotar para a análise dos Questionários aplicados a Artesãos de Barcelos	145
Tabela 10 - Método de seleção para entrevistas individuais	145
Tabela 11 - Artesão selecionados para a entrega de questionário	148
Tabela 12 - Artesãos selecionados para realização de entrevistas individualizadas	149
Tabela 13 - Idades (Dados do Questionário)	154
Tabela 14 - Local de Trabalho (Dados do Questionário)	154
Tabela 15 - Localização (Dados do Questionário)	155
Tabela 16 - Habilitações Literárias (Dados do Questionário)	155
Tabela 17 - Início de atividade de Olaria (Ano) (Dados do Questionário)	155
Tabela 18 - 2. Como considera a procura da olaria em Barcelos (Dados do Questionário)	156
Tabela 19 - 3. Que tipo de olaria produz? (poderá assinalar mais do que uma resposta) (Dados do Questionário)	156

Tabela 20 - 4. Indique o processo de aprendizagem da arte (Dados do Questionário)	156
Tabela 21 - 5. Vai/Está a passar/ensinar a Arte? (Dados do Questionário)	157
Tabela 22 - 6. Possui Estatuto de Artesão? (Dados do Questionário)	157
Tabela 23 - 7. Possui a Carta de Unidade Produtiva Artesanal? (Dados do Questionários)	158
Tabela 24 - 8. Integra algumas das Rotas de Olaria ou Figurado de Barcelos? (Dados do Questionário)	158
Tabela 25 - 9. Gostaria de colaborar mais nestas Rotas? (Dados do Questionário)	159
Tabela 26 - 10. Considera estas Rotas uma mais-valia para a Arte e a Cidade de Barcelos? (Dados do Questionário)	159
Tabela 27 - 11. A produção mantém-se estável durante todo o ano? (Dados do Questionário)	160
Tabela 28 - 12. A produção de Olaria é rentável? (Dados do Questionário)	160
Tabela 29 - 13. Sente que o interesse geral na Olaria ainda se mantém? (Dados do Questionário)	160
Tabela 30 - 14. Mantém-se os processos tradicionais em geral? (Dados do Questionário)	160
Tabela 31 -15. A sua produção mantém os processos tradicionais? (Dados do Questionário)	161
Tabela 32 - 16. Trabalha sozinho? (Dados do Questionário)	161
Tabela 33 - 17. Vai passar o seu saber a alguém? (Dados do Questionário)	162
Tabela 34 - 18. Tem muita concorrência? (Dados do Questionário)	162
Tabela 35 - 19. Tenciona inovar os processos que usa? (Dados do Questionário)	162
Tabela 36 - 20. Concorre a programas de apoio? (Dados do Questionário)	162

Tabela 37 – Horas realizadas em contexto de estágio	244
Tabela 38 - Compilação de todos os artesãos e fábricas do Concelho de Barcelos, através dos sites das Rotas da Olaria e do Figurado	257
Tabela 39 - Seleção dos artesãos a submeter a questionário - indicação de data de entrega e recolha do questionário	259
Tabela 40 - Tabela de ordenação dos Artesãos do Concelho de Barcelos por faixa etária	261
Tabela 41 - Tabela de compilação de respostas aos questionários	262
Tabela 42 - Registo de entrevista a Artesãos	275

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Densidade Populacional do Concelho de Barcelos	75
Gráfico 2 - População Residente do Concelho de Barcelos	76
Gráfico 3 - Proporção de Hóspedes estrangeiros nos alojamentos turísticos por percentagem	126
Gráfico 4 - Idade (Dados do Questionário)	164
Gráfico 5 - Local de Trabalho	165
Gráfico 6 - Localização	165
Gráfico 7 - Habilitações Literárias	166
Gráfico 8 - Início de Atividade de Olaria (Ano)	167
Gráfico 9 - 2. Como considera a procura da Olaria em Barcelos	168
Gráfico 10 - 3. Que tipo de olaria produz? (poderá assinalar mais do que uma resposta)	169
Gráfico 11 - 4. Indique o processo de aprendizagem da arte	170
Gráfico 12 - 5. Vai/Está a passar/ensinar a Arte	170
Gráfico 13 - 6. Possui Estatuto de Artesão?	171
Gráfico 14 - 7. Possui a Carta de Unidade Produtiva Artesanal?	173
Gráfico 15 - 8. Integra algumas das Rotas de Olaria ou ... Barcelos?	173
Gráfico 16 - 9. Gostaria de colaborar mais nestas Rotas?	174
Gráfico 17 - 10. Considera estas Rotas uma mais-valia para a Arte e a Cidade de Barcelos?	175
Gráfico 18 - 11. A produção mantém-se estável durante todo o ano?	176
Gráfico 19 - Sente que o interesse geral na Olaria ainda se mantém?	177
Gráfico 20 - 12. A produção de Olaria é rentável?	177
Gráfico 21- 15. A sua produção mantém os processos tradicionais?	179

Gráfico 22 - 14. Mantém-se os processos tradicionais em geral?	179
Gráfico 23 - 16. Trabalha sozinho?	180
Gráfico 24 - 17. Vai passar o seu saber a alguém?	181
Gráfico 25 - 18. Tem muita concorrência?	182
Gráfico 26 - 19. Tenciona inovar os processos que usa?	183
Gráfico 27 - 20. Concorre a programas de apoio?	184

## ÍNDICE DE FORMULÁRIOS

Formulário 1 - Autorização de recolha de imagem - Júlia Côta	263
Formulário 2 - Autorização de recolha de imagens em vídeo - Júlia Côta	264
Formulário 3 - Autorização de recolha de imagem - Conceição Sapateiro	265
Formulário 4 - Autorização de recolha de imagens em vídeo - Conceição Sapateiro	266
Formulário 5 - Autorização de recolha de imagem - Alberto Pinto	267
Formulário 6 - Autorização de recolha de imagens em vídeo - Alberto Pinto	268
Formulário 7 - Autorização de recolha de imagem - Nelson Oliveira	269
Formulário 8 - Autorização de recolha de imagens em vídeo - Nelson Oliveira	270
Formulário 9 - Autorização de recolha de imagem - Lourdes Ferreira	271
Formulário 10 - Autorização de recolha de imagens em vídeo - Lourdes Ferreira	272
Formulário 11 - Autorização de recolha de imagem - António Ramalho	273
Formulário 12 - Autorização de recolha de imagens em vídeo - António Ramalho	274
Formulário 13 - Protocolo de Estágio	333
Formulário 14 - Aceitação do Estágio curricular em edital	333
Formulário 15 - Candidatura a Estágio Curricular na CMB (em folha tipo)	333
Formulário 16 - Folha de autoavaliação do estágio curricular	333

## ÍNDICE DE ESQUEMAS

Esquema 1 - Organograma do Museu de Olaria	25
Esquema 2 - Cronograma Simplificado - Horas de Estágio	29
Esquema 3 - Cronograma Detalhado	30
Esquema 4 - Ciclo das Rochas de Acordo com Celso Gomes (1988)	65
Esquema 5 - Classificação do Barro - diferenças	68
Esquema 6 - Fases de produção de uma peça em barro	72
Esquema 7 - Argilas de Barcelos	73
Esquema 8 - Gerações Ramalho, Côta, Mistério e Baraça	82
Esquema 9 - Organograma do Museu de Olaria	110

## INTRODUÇÃO

Este relatório/dissertação surge no âmbito do Ciclo de Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural, na Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto, dando conta do trabalho desenvolvido em contexto de estágio no Museu de Olaria (MO) de Barcelos e do trabalho de investigação e revisão teórica como se notará abaixo.

O trabalho fez-se sob orientação do Professor Doutor Sérgio Veludo Coelho, através da Escola Superior de Educação e da Dra. Maria Cláudia Milhazes na pessoa responsável pelo Museu de Olaria e da secção de Cultura e Museus da Câmara Municipal de Barcelos.

Com o objetivo específico no estudo da Olaria e Figurado de Barcelos, o MO sobressai como uma instituição de relevo notada nacional e internacionalmente ao nível dos pontos que serão abordados no contexto que aqui se apresenta.

Assim, ao nível da metodologia para a redação do texto, o trabalho apoia-se maioritariamente na recolha de referências bibliográficas pertinentes nos vários centros de documentação: Bibliotecas Municipais e Arquivos - consulta de publicações do MO, a consulta de periódicos e fontes online que se mostraram essenciais na abordagem da temática ao longo da escrita do trabalho e no tratamento das suas problemáticas subjacentes.

O contato com grupos sociais ligados ao barro, à produção de olaria e cerâmica, a artesãos individuais e empresas (ainda que em menor número), à realização de questionários, entrevistas e à observação participante foram fundamentais no conhecimento do objetivo base – compreender a produção da olaria e figurado de Barcelos, a sua evolução temporal, tecnológica e o seu futuro.

Neste trabalho pretende-se apresentar comentários, frases relevantes e índices, gráficos e tabelas que sirvam de complemento ao texto ou de síntese do mesmo.

Numa primeira secção encontra-se o Projeto de Estágio (Ponto 1.), que delimitou inicialmente os objetivos propostos para o estudo agora apresentado - é nesta divisão que se apresentam dados da Estagiária/Mestranda, da Organização de Acolhimento, a área temática de trabalho, a identificação e resenha histórica do local de estágio, tendo em conta a sua pertinência para o estudo, a identificação de orientadores institucionais (da ESE-P.PORTO) e da instituição do acolhimento (MO). Note-se que este projeto de estágio foi sofrendo alterações desde a sua primeira entrega (em meados de abril de 2018) até à data de término do trabalho que agora se apresenta. As alterações efetuadas refletem-se principalmente no cronograma de estágio apresentado (quer de forma simplificada, quer de forma detalhada).

Quanto ao Estado da Arte (Ponto 2. Património Cultural, Artístico e Artes Tradicionais), definem-se estes termos basilares da temática do Património - apresentam-se os casos portugueses e as suas Leis de Base (Constituição da República Portuguesa). Faz-se uma breve abordagem à temática das Artes Tradicionais e aos Museus, enquanto organismos de informação, educação e preservação do tangível e intangível. Também aqui se apresenta o caso Português, através da Lei-Quadro dos Museus (Constituição da República Portuguesa, Lei-Quadro dos Museus Portugueses, o ICOM e a Direção-Geral do Património Cultural). Considerando pertinente contextualizar a área temática do Estágio realizado, aborda-se o Serviço de Gestão de Coleções (SGC) como fundamental na organização da documentação museológica.

Posteriormente, num terceiro momento (Ponto 3. Olaria - Materiais, Território e Pessoas) tratam-se conceitos associados ao estudo dos materiais relacionados com a produção de olaria e figurado, recorrendo a outras áreas científicas de estudo para contextualizar os conceitos de argila, minerais argilosos, barro, olaria e cerâmica. Faz-se uma demonstração do ciclo das rochas e classificação de barros. Não correspondendo esta questão à minha área de estudo foi essencial o apoio de bibliografia das áreas científicas da Geologia, a Mineralogia, a Teoria e Química dos Solos e outras que auxiliaram na compreensão, descrições e distinções entre matérias-primas e objetos

físicos finais. Ainda neste ponto, faz-se uma breve abordagem a aspetos socioeconómicos e demográficos da Cidade de Barcelos como uma terra de frutíferas barreiras e barreiros. Aqui demonstram-se ainda esquemas de densidade populacional, população residente e a apresentação breve dos processos de extração do barro e processamento da matéria-prima. Já numa última fase deste ponto apresentam-se com pouco pormenor as primeiras gerações de mestres barristas do concelho de Barcelos (respetivamente em relação ao figurado).

Seguidamente, no quarto ponto (O Museu de Olaria e seguintes: História, o Edifício...), faz-se uma contextualização da Instituição acolhedora do Estágio desenvolvido (em 150 horas, com carácter participante), apresentando por isso a sua história, enquanto organização museológica de relevo na área da Olaria e Cerâmica, com objetivos bem vinculados de estudo e valorização das suas coleções. De forma simples, descrevem-se ainda as alterações ao edifício onde atualmente se encontra. Referem-se ainda os serviços disponibilizados pelo Museu de Olaria e as suas atividades de Serviço Educativo e de Animação (SEA) [estas últimas em tabela de síntese com recurso a material físico do Museu - espécie de manual de apresentação de todas as atividades divididas por ciclos escolares e temáticas].

O quinto ponto (Ponto 5. Oleiros Barcelenses) reflete os novos paradigmas dos mestres oleiros e barristas - da olaria e do figurado. Apontam-se os temas dos oleiros de Barcelos no ontem e hoje (passado-futuro) e as suas gerações de forma mais detalhada (relações familiares e outros). Considerou-se ainda fundamental a apresentação de uma análise SWOT à Cidade de Barcelos, no seu posicionamento relativamente ao tema trabalhado - Situação da Olaria no Concelho de Barcelos - apontando as oportunidades, pontos fortes, fracos e ameaças que a cidade enfrenta na divulgação e perpetuação das artes tradicionais. Apresentam-se ainda propostas e planos de valorização das artes tradicionais – olaria - de Barcelos, aproveitando as janelas de oportunidade criadas pela UNESCO na classificação do Município como Cidade Viva e Criativa do Artesanato e Arte Popular.

O Ponto 6. (Operacionalização de Resultados) aborda os resultados obtidos durante o período de investigação e redação do corpus científico. Este capítulo é constituído pela apresentação de um questionário (com atenção ao respeito de todas as normas de cedência, captação e proteção de dados) distribuído a 39 artesãos do concelho de Barcelos, cujas respostas se apresentam detalhadamente. A metodologia a adotar nesta secção de trabalho apresenta-se logo que o capítulo se inicia. A análise consiste na tradução das respostas dos questionários em formato de tabelas, detalhadas com informação adicional sempre que assim se justificou. Posteriormente apresentam-se gráficos circulares interpretativos das respostas obtidas, demonstrando percentagens de convergência ou divergência (estes gráficos apresentam o número de respostas levantadas bem como a percentagem correspondente, por exemplo: nº de respostas; percentagem de respostas). Sempre que conveniente é apresentada bibliografia de referência que comprove os resultados apresentados. Ainda nesta demonstração se procedeu a entrevistas individualizadas a 15% da mancha de artesãos que participaram do respetivo questionário (totalizando 6 artesãos entrevistados, cujo guião de questões foi comum para todos). Permitindo novamente o melhor entendimento das artes da Olaria e do Figurado no concelho de Barcelos, a sua preservação, valorização, costumes, usos, rituais e perpetuação.

Por fim, o ponto 7 (Conclusões e Análise Crítica), reflete sobre as questões relacionadas com a contextualização teórica e a sua avaliação face ao desenvolvimento do estágio, a interpretação de resultados que já vem sendo feita desde o capítulo 6º, a referência e avaliação à inserção da estagiária/mestranda na organização de acolhimento e a pertinência desta ação na valorização curricular deste Ciclo de Estudos. Concluindo com uma análise crítica global e recomendações e sugestões, quer do trabalho realizado, quer de próximos estudos que se prendam com a temática presentemente abordadas.

Em suma, salienta-se a importância do estudo da olaria e da cerâmica no concelho de Barcelos, como meio de divulgação destas tipologias de artes

tradicionais, contribuindo para a sua valorização e conhecimento. Ao nível dos anexos e apêndices estes servirão como auxiliares e complemento do trabalho realizado. As imagens, gráficos e tabelas que possam surgir ao longo do texto servem também de clarificadores do corpus científico.

# **1. PROJETO DE ESTÁGIO**

## I. IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO

**Nome:** Cátia Daniela Longras Cardoso

**Número mecanográfico:** 3130228

**Morada:** Rua Irmãos S. João de Deus, Edifício Alemanha, entrada 14, 1º centro, 4750-169, Arcozelo-Barcelos

**Contactos:** 918800600 | 253814003

**Correio electrónico:** catia.danielacardoso@hotmail.com

**Curso:** Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural

## II. IDENTIFICAÇÃO DA ENTIDADE ACOLHEDORA

**Denominação:** Museu de Olaria | Câmara Municipal de Barcelos

**Morada:** Rua Cónego Joaquim Gaiolas

**Telefone:** 253 824 741

**Correio electrónico:** museuolaria@cm-barcelos.pt

### **Ramo da Atividade**

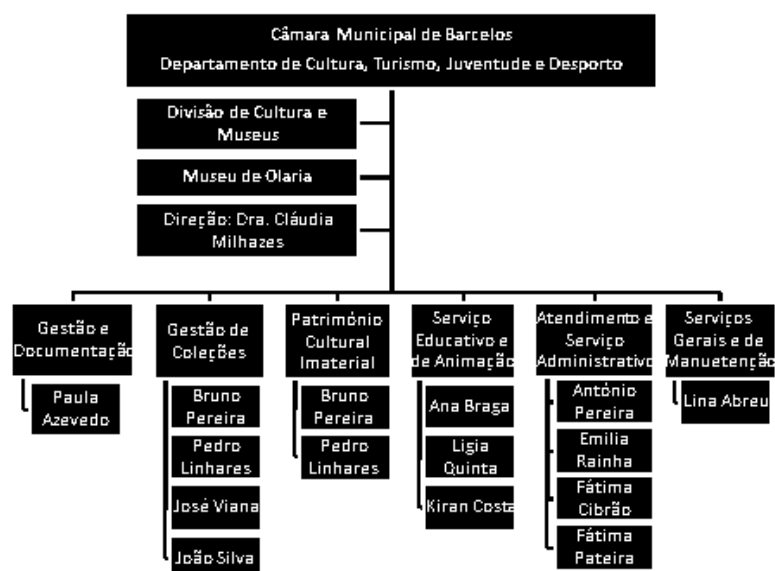
O Museu de Olaria insere-se no ramo de actividade produção e programação Cultural e tem ainda como objetivos o estudo e conservação das coleções de que dele fazem parte, nomeadamente as coleções de Olaria e Cerâmica, não só portuguesas, mas também internacionais.

### **Breve memória descritiva**

No ano de 1949 dá-se o primeiro passo para a criação do museu de Olaria de Barcelos, contudo só no ano de 1963 é que é inaugurado o “Museu de Cerâmica Regional”, como era antes denominado. Foi com base numa coleção de Sellés Paes doada ao município que se pensa na abertura de um museu. Anos depois

o museu mudou de instalações e passou a ocupar um edifício adquirido pela Câmara Municipal, a Casa dos Mendanhas. O Museu de Olaria como é hoje denominado foi inaugurado neste espaço a 29 de Julho de 1995. Com o tempo foram feitas novas intervenções ao espaço de modo a melhorar o aspeto estético do espaço e também as condições para albergar as exposições que se realizam, quer temporárias, quer a exposição permanente. O espólio do Museu conta neste momento com mais de 9000 peças, não só de Barcelos e Portugal, mas também de outros países. O Museu tem como principais objetivos e missões a valorização e divulgação das suas coleções, bem como o estudo das mesmas. Atualmente o Museu conta com uma diversidade de atividades e salas que tornam o mesmo num espaço completo e de visita quase obrigatória numa vinda a Barcelos, já que é identificador de grande parte do Património e Cultura – da produção cerâmica de artesãos Barcelenses.

#### Organograma da organização:



Esquema 1 - Organograma do Museu de Olaria

Dada a rotatividade dos serviços municipais, o Museu de Olaria não tem um organograma fixo. Esta instituição insere-se no organograma da Câmara Municipal de Barcelos, na Divisão de Cultura e Museus do Departamento de Cultura, Turismo, Juventude e Desporto. O organograma apresentado foi elaborado pela estagiária, à data da realização do estágio curricular, sob indicações e dados orientadores da Diretora Cláudia Milhazes.

### III. ESTÁGIO

**Orientador do estagiário na organização:** Doutora Cláudia Milhazes

**Orientador do estagiário na ESE:** Professor Doutor Sérgio Coelho e Doutor Amândio Barros

**Data de início:** Setembro de 2018

**Data prevista para a conclusão:** Fevereiro de 2019

**Área temática:** Investigação – Gestão de Coleções

#### **Objetivos**

- Levantamento e análise Investigação das gerações de artesãos oleiros de Barcelos;
- Entrevistas aos artesãos inseridos na Rota da Olaria e do Figurado, com o objetivo de entender as alterações sentidas ao longo do tempo, no que diz respeito à crise de mão-de-obra e manufatura;
- Descrever o panorama barcelense da produção de olaria, no passado e presente;
- Entender do ponto de vista com o apoio de algumas noções do âmbito sociológico e antropológico as diversas manifestações da olaria no concelho de Barcelos e conhecer o seu contributo ao nível económico, turístico, patrimonial e Cultural;
- Selecionar casos relevantes para a realização de estudos de caso -

entrevistas;

→ Contribuir para o colmatar de lacunas para o conhecimento e valorização das artes oleiras de Barcelos.

### **Metodologias**

As metodologias a adotar para a realização do estágio passaram por uma pesquisa bibliográfica nas bibliotecas Municipais do Porto (BPMP e Biblioteca Almeida Garrett), Biblioteca do Instituto Politécnico do Porto e Escola Superior de Educação, Biblioteca Municipal de Barcelos e fundamentalmente o Centro de Documentação do Museu de Olaria (Instituição de acolhimento do projeto em avaliação). Por outro lado, recorreu-se a uma metodologia qualitativa de análise e investigação que forneça os elementos importantes para o trabalho em curso. Este último caso, centrou-se num quadro de perguntas comuns a todos os artesãos da Rota do Figurado (Barcelos), para que se seleccionassem 3 a 4 casos de maior relevância que mereçam um estudo mais centrado e focalizado. Após esta recolha, as respostas dos intervenientes entrevistados foram convertidas em gráficos que demonstrem a importância da Olaria no Concelho de Barcelos, assim como o seu declínio de produção (ou não) ao longo dos tempos e que evidenciam a crise de manufatura e o poder da industrialização na área da produção cerâmica. Fazemos aqui ressalva de que respeitamos todo o quadro legal atual no que concerne à proteção de dados.

### **Atividades a desenvolver em estágio**

Acompanhar o trabalho no serviço de Gestão de Coleções e outras atividades que estejam a ser desenvolvidas na instituição que possam de certo modo colaborar para a boa prática de estágio, bem como para a fundamentação da investigação ao nível das gerações de artesãos oleiros.

**Cronograma**

Os Cronogramas abaixo apresentados (simplificado e detalhado) sofreram alterações residuais ao longo do decorrer do Estágio/Projeto; O estágio decorreu às Terças, Quartas, Quintas e ocasionalmente às Sextas-feiras, com o horário fixado entre as 10h00 e as 17h30. Assim o estágio foi acordado e protocolado com uma duração de 150 horas, sendo as restantes horas de trabalho dirigidas às tarefas de investigação no terreno e redação do Relatório de Estágio.

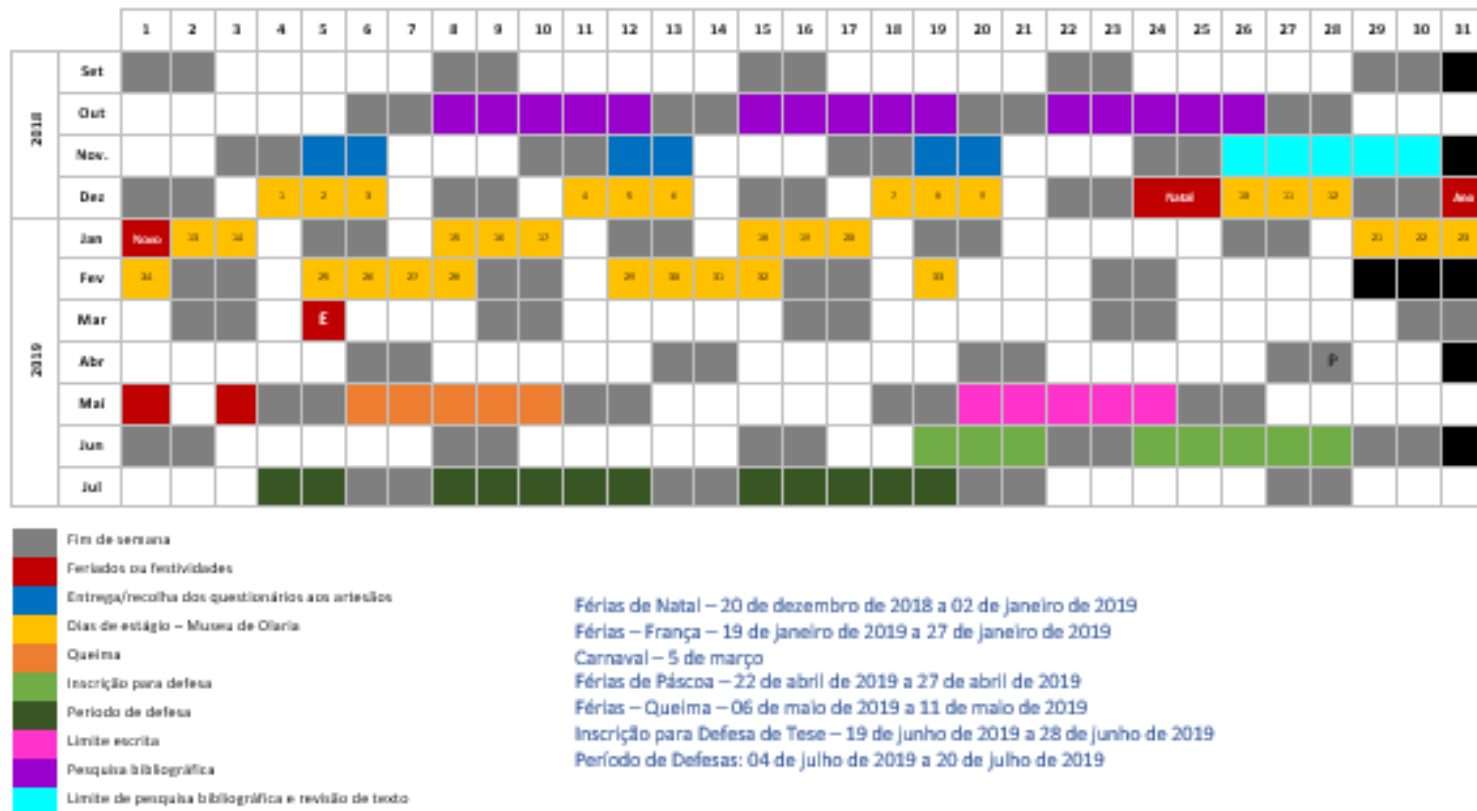
### Cronograma Simplificado

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
20180	Dez	Grey	Grey	White	Yellow	Yellow	Yellow	White	Grey	Grey	White	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Grey	Grey	White	Yellow	Yellow	Yellow	White	Grey	Grey	Red (Natal)	Yellow	Yellow	Yellow	Grey	Grey	Red (Ano)	
2019	Jan	Red (Nova)	Yellow	Yellow	Yellow	Grey	Grey	White	Yellow	Yellow	Yellow	White	Grey	Grey	White	Yellow	Yellow	Yellow	White	Grey	Grey	White	White	White	White	White	Grey	Grey	White	Yellow	Yellow	Yellow
	Fev	Yellow	Grey	Grey	White	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Grey	Grey	White	Yellow	Yellow	Yellow	White	Grey	Grey	White	White	White	White	White	White	Grey	Grey	White	White	White	White	Black	Black

- Fim de semana
- Feriados ou festividades
- Dias de estágio – Museu de Olaria

*Esquema 2 - Cronograma Simplificado - Horas de Estágio*

### Cronograma Detalhado



Esquema 3 - Cronograma Detalhado - Estágio e outras atividades curriculares

## ESTADO DA ARTE

O ponto que se apresenta reflete a forma como foi tratada a informação, de acordo com a metodologia já indicada e com as restantes fontes disponíveis nos principais centros de documentação (bibliotecas apresentadas em introdução) e online.

Relativamente aos conceitos de Património os mesmos têm sofrido uma evolução temporal e que não cessará. Françoise Choay é ainda uma autora de referência na área do Património – a sua obra científica já foi revista inúmeras vezes, de forma editada ou através de teses de mestrado e outras dissertações acerca das temáticas do Património e as suas manifestações. O texto produzido apoiou-se essencialmente nesta autora e na obra “Alegoria do Património” e na obra de Clara Cabral (2011) que aborda as questões patrimoniais e se apoiou em legislação e documentos da UNESCO, para um estudo importantíssimo sobre a matéria. Na temática realçam-se ainda as fontes formais das Cartas de Atenas e Veneza, ou outras convenções das Nações Unidas. Ainda acerca do Património destacam-se Jean-Michel Leniaud, Mário Nunes, Dominique Poulot e outros que se poderão encontrar na secção dedicada à bibliografia citada e geral. No caso português as principais fontes de sustentação legislativa do conceito de Património estão associadas à Constituição da República (Art.º. 2, Art.º. 9 linha d) e e), Art.º.42, Art.º. 73 e 78 nº 1 e 2), e à Lei nº107/2001 que ela própria se denomina de “bases da política e do regime de proteção e valorização do Património Cultural”. Claro está que no trabalho apresentado se refletem tipologias de Património mais específicas: As Artes Tradicionais. Remetemos novamente este campo para a obra de Clara Cabral (2011) e outras de Hélder Pacheco e Lina Antunes. Salienta-se a pertinência das artes tradicionais e a sua ligação com o Património cultural material e imaterial. Este tópico poderá ser um dos quais a informação é mais escassa e no qual as revisões de literatura não abordam as “artes tradicionais”, mas sim as “artes e

ofícios” ou as “artes populares”. A própria UNESCO num documento de 1989 reflete sobre o papel da cultura popular e tradicional num possível entendimento da arte – “Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular” (1989). Foi também a par da importância da perpetuação das artes tradicionais e dos destinos a esta associados que se aproveitou para fazer referência à memória: aos lugares de memória e ao trabalho de José Guilherme Abreu. Esta questão levanta-se graças ao autor Pierre Nora (1984) e à sua obra “Les Lieux de Mémoire”.

Numa breve análise ao conceito de Museu e aproveitando para salientar que este não seria de todo o objetivo do trabalho (o enfoque na museologia), esta exploração conceptual apenas se justificou pelo trabalho de estágio desenvolvido no conceito do documento que agora se apresenta. Não obstante, são incontáveis os estudos que já se fizeram sobre a temática dos Gabinetes de Curiosidades, Museus e os seus primórdios. No entanto, o conceito de Museu tem crescido de forma dinâmica, consoante as funções que lhes têm sido atribuídas ao longo dos anos: nesta secção salienta-se a importância de bibliografia disponibilizada pelo ICOM, pela DGPC e pela legislação em vigor, a Lei-Quadro dos Museus Portugueses (Lei nº47/2004 de 19 de agosto). Em bibliografia é também possível encontrar outras referências sobre o tema.

O Serviço de Gestão de coleções foi também abordado a fim de contextualizar a área temática na qual o estágio curricular foi desenvolvido. Com recurso a informação do Programa Matriz fez-se uma breve abordagem deste serviço e da importância da documentação nos museus e organizações culturais. Como modelo encontramos o autor Alexandre Matos, através das suas entrevistas e documentos dissertativos, não excluindo informação do ICOM.

Posteriormente, já de uma forma mais concreta abordam-se temas relacionados com o barro (os seus componentes), território (Barcelos) e as pessoas (primeiros artesãos) – aqui a importância de áreas científicas como a Geologia, a Mineralogia e a Química dos Solos foram fundamentais, autores

como Celso Gomes, Arlindo Fagundes, Joaquim Chavarria e Barbaformosa apoiaram a definição de barro, olaria e cerâmica.

Quanto ao concelho de Barcelos, os seus limites geográficos e populacionais (assim como outros) foram obtidos a partir de informação disponibilizada na base de dados PORDATA. As contextualizações realizadas para a fundamentação de textos relativos aos artesãos de Barcelos, às práticas da olaria e do figurado e às gerações de mestres barristas e novos artesãos apoiam-se em bibliografia muito concreta e na sua maioria já datada, não menosprezando trabalhos mais recentes como os casos de Raquel Henriques da Silva, Isabel Maria Fernandes e Rodrigo Banha da Silva na obra “Olaria Portuguesa: do fazer ao usar” e a sua participação em outras obras coletivas e individuais, “As mais antigas colecções de Olaria Portuguesa: Norte”, “Famílias do Figurado”, “Figurado: De Santos e Diabos está o Mundo Cheio” e outros apontados em bibliografia. Contudo aqueles que melhor explicam as origens do Museu de Olaria, da própria olaria, do figurado, dos artesãos e dos seus rituais trazem ao de cima nomes bem conhecidos da área: logo em primeiro lugar, Eugénio Lapa Carneiro, também ele primeiro diretor do Museu de Olaria e ainda João Macedo Correia. As publicações do Museu de Olaria, antigo Museu de Cerâmica Popular Portuguesa, em comunhão com a Câmara Municipal de Barcelos, ou outras entidades, são também fulcrais no entendimento das artes do barro no concelho. O Museu apresenta uma série de colecções pertinentes ao estudo da olaria e figurado de Barcelos: “Cadernos de Etnografia”, “Cadernos de Olaria”, “Fichas de Olaria”, “Colecções do Museu”, “Museu Aberto” e entre outras que são elementos fundamentais de consulta no desenvolvimento de trabalhos elaborados nesta área.

No restante trabalho, conta-se com o suporte de muitas das publicações suprarreferidas na contextualização de dados recolhidos na investigação que decorreu para a realização deste estudo.

Nota-se que os autores de referência para o desenvolvimento do projeto que se apresenta são muitas vezes utilizados aquando do estudo das temáticas em questão. O principal objetivo do trabalho será a compreensão da olaria e

figurado na região de Barcelos e a sua influência artística e cultural no contexto da cidade e da região. A investigação apresentada fornece dados bibliográficos próprios resultantes das conclusões de análise às entrevistas realizadas a alguns artesãos de Barcelos.

## **2. PATRIMÓNIO CULTURAL, ARTÍSTICO E ARTES TRADICIONAIS**

O presente capítulo pretende contextualizar a temática a partir de estado da arte nos conceitos de Património associados ao estudo em questão. Este trabalho, que se baseia nas artes tradicionais, mais especificamente na Olaria de Barcelos e a sua evolução temporal, compreende o estudo dos temas e palavras-chave neste campo de atuação: Património Cultural, Património Artístico e Artes Tradicionais. Num segundo momento será feita uma breve contextualização ao conceito de Museu, também do ponto de vista evolucionar. Por último abordar-se-á a problemática da gestão de coleções nos Museus como um serviço fundamental de direção, preservação e divulgação das coleções e acervos. Ainda neste ponto é feita a comparação entre os princípios da gestão de coleções e as práticas do Museu de Olaria de Barcelos. Por último associado ao necessário levantamento do estado de arte, suceder-se-á uma abordagem capítulo a capítulo das fontes bibliográficas mais relevantes.

## 2.1. PATRIMÓNIO CULTURAL E ARTÍSTICO, ARTES TRADICIONAIS

As definições que aqui se apresentam consideram-se relevantes para o estudo em causa. É de notar que a sua importância fundamentadora permite a melhor compreensão do trabalho que se apresenta. Património Cultural, Património Artístico, Artes Tradicionais, constituem termos latos em semântica, mas fluidos e não cristalizados, cuja evolução é contínua. Caracterizam-se por ser conceitos dinâmicos e não estanques. Encontram-se autores e obras de referência no que diz respeito às temáticas a abordar. São alguns desses exemplos que servirão de fundamento ao texto abaixo redigido.

Começamos por definir os temas propostos, lembrando da importância do mesmo para o estudo em causa. O Património, constitui do ponto de vista temporal um conceito em contante evolução e o mesmo se pode dizer relativamente à Cultura (entenda-se conceito de...).

O Património pode ser defendido segundo várias aceções válidas nos campos da jurisdição, legislação e direito, da personalidade, da materialidade e da imaterialidade.

*“A palavra «Património» passou atualmente a fazer parte do nosso dia a dia. Utilizado na área da Cultura, do ambiente, do turismo, da publicidade e em muitos outros contextos (...) embora o termo «Património» tenha sido utilizado durante a Revolução Francesa, depressa doí abandonado devido à ambiguidade do seu sentido, passando a ser utilizada a designação «monumento»” (CABRAL, 2011).*

O conceito de Património Cultural esteve durante longo tempo diretamente relacionado com o Património Construído e conseqüentemente à definição de monumento e de monumentos histórico, que Choay define da sua obra “A Alegoria do Património”. No entanto o termo tem sofrido um alargamento tipológico, cronológico e geográfico: do ponto de vista da tipologia, sabe-se que até meados do séc. XIX apenas se consideravam como monumentos históricos

os restos antigos, os edifícios medievais e castelos, ou obras arquitetônicas de grande porte ou simbologia. Somente no século XX se consideram outras formas de construção como monumentos históricos. Após estas evoluções, vemos a preocupação no reconhecimento de outras formas patrimoniais, nomeadamente o Património Industrial, Etnográfico e as suas manifestações no intangível. Cronologicamente o conceito tem sofrido alterações mostrando-se por isso dinâmico até aos nossos dias. A importação do conceito de Património, geograficamente, remete-nos aos encontros que deram origem à Carta de Atenas<sup>1</sup> (1931), Carta de Veneza<sup>2</sup> (1964) e a outras convenções de relevante interesse nas áreas que ao longo da História recente tiveram origem nas instituições ligadas Às Nações Unidas, como a UNESCO.

No que respeita à noção de “*monumento*” – de uma forma simples traduz-se num “*objeto Cultural universal*”, capaz de afirmar e identificar a memória coletiva de um grupo. Já o “*monumento histórico*”, trata-se segundo Clara Cabral (2011), com fonte em Poulot e Choay “*de uma reconstrução a posteriori, decorrente da conservação sistemática realizada a partir de teorias e conceitos precedentes da história e da história da arte, fundando-se a sua legitimidade, por esse motivo, no saber erudito, especializado e arqueológico*”.

Posteriormente, a evolução temporal trouxe até nós a ideia de Património subordinada como um conjunto de fatores associados à ideia de família e à sua estrutura, à economia, e a partir de Choay “... *a uma sociedade estável, enraizada no passado e no tempo*” (CHOAY, 2014, p.11).

Após a definição de Património, a conceptualização da palavra “*Cultura*” surge como acessória ao entendimento do Património Cultural – também Choay faz questão de abordar, segundo uma perspetiva primacial, do seu aparecimento

---

<sup>1</sup> Carta de Atenas. (Novembro de 1933). Obtido em 17 de Abril de 2019, de <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf>

<sup>2</sup> Carta de Veneza . (Maio de 1964). Obtido em 17 de Maio de 2019, de <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>

em meados dos anos 60, depois da criação de um Ministério dos Negócios Culturais em França por André Malraux (1901-1976).

Assim:

*“a palavra «Cultura» expandiu-se desde os anos sessenta. Símbolo da sua fortuna, a criação de um Ministério dos Negócios Culturais, que se torna rapidamente «da Cultura», cujo modelo não tarda a ser adoptado pela maior parte dos países europeus e a ultrapassar os mares. Malraux, inventa as casas de Cultura, enquanto que «Cultura» se diversifica: Culturas minoritárias, Cultura popular, Cultura do pobre, Cultura do vulgar... (CHOAY, 2014, p.226).*

A Cultura entende-se também como o conjunto de bens transmitidos pelos indivíduos de determinado grupo, a favor da preservação dos costumes, tradições e crenças – a Cultura resulta da herança social. Por isso o Património Cultural, é definido por Jean-Michel Leniaud (L’Utopie Française. Éssai sur le Patrimoine, Paris, 1992, p. 3 cit. em ALMEIDA 1998, p. 12)<sup>3</sup> *“... É o conjunto de bens que uma geração quer transmitir às seguintes, por considerar que esse conjunto de bens constitui o talismã que permite ao homem e ao grupo social compreender o tempo nas suas dimensões (passado, presente e futuro).”*. Esta perspetiva suporta a forma como Mário Nunes a entende:

*“Património é igual à herança que significa a posse de algo. (...) Património relaciona-se com Cultura e Cultura associa-se a civilização. Esta, abarca um conjunto de forma de vida, de crenças, de realizações artesanais, técnicas e Culturais, que pertencem a uma sociedade humana, a um Povo, devidamente identificado e que o afirmam e distinguem doutro Povo, de outra civilização.” (Nunes, 1989, p.8)*

Relativamente à legislação o património cultural português caracteriza-se por ser *“... constituído por todos os bens materiais e imateriais que, pelo seu reconhecimento valor próprio, devam ser considerados como de interesse relevante para a permanência e identidade da cultura portuguesa através do*

---

<sup>3</sup> Almeida, C. (1998). Património. O seu entendimento e a sua gestão. Porto: Etnos.

tempo” (Lei n.º 13/85 de 6 de julho - Património cultural português, s.d., Artigo 1).

Por convenção, dentro das diversas tipologias de património, fazemos os seguintes agrupamentos:

<b>Bens Imóveis</b>	Monumentos Conjuntos Sítios
<b>Bens móveis</b>	Património arqueológico Património fotográfico Património bibliográfico
<b>Bens Imateriais</b>	Modos de produção Tradição Oral Crenças e Superstições

*Tabela 1 - Tipologias de património e bens*

Para o estudo em causa, o património material apresenta uma elevada importância na medida em que a produção de olaria e figurado de Barcelos, se traduzem na materialidade das peças resultantes da produção, no entanto a imaterialidade mostra-se de urgente preservação, já que estão em causa os costumes, os modos de produção, modos de fazer e de usar e as superstições por detrás das referidas produções. O património cultural imaterial compreende as práticas comunitárias de grupos e indivíduos capazes de reconhecer o seu próprio património “É... o que eles dizem que é”. (VALDIMIR; CABRAL, 2011, p.13).

Assim sendo, e tomando as produções acima referidas como representantes da globalidade do Património artístico, este caracteriza-se por reunir todos os bens tangíveis e intangíveis do fabrico das louças de Barcelos.

O Património Artístico traduz-se vastas vezes na associação ao património material ou bens móveis: a pintura, a escultura, a tecelagem, a olaria, a cerâmica, a arquitetura (enquanto estilo) e outros.

É de salientar que após a Revolução do 25 de Abril de 1974, a produção e a liberdade cultural adquiriram novas formas e visões. A liberdade de expressão permitiu que através das artes a sociedade pudesse demonstrar a sua opinião relativamente aos mais vastos assuntos – artísticos, políticos, sociais e económicos. Atualmente os órgãos de Estado determinam sucintamente o orçamento a aplicar às artes e ao património, na definição prévia de atividades e metas a cumprir, em resultado das políticas culturais Portuguesas.

## **Património Cultural – O Caso Português e a Fruição cultural**

Como já referido, posteriormente à Revolução do 25 de abril, o Património Cultural Português adquiriu especial importância. As políticas culturais auxiliaram o fomento do Património Cultural e dos orçamentos a ele atribuídos em cada ano de mandato vigente.

No caso Português destaca-se o texto fundamental que é a Constituição da República Portuguesa, de 2 de abril de 1976<sup>4</sup>, como elemento de inclusão de diversos temas, onde também se contemplou a produção Cultural, a fruição e a liberdade de expressões culturais e artísticas, a saber no seu Artigo 2º:

*“A República Portuguesa é um Estado de direito democrático, baseado na soberania popular, no pluralismo de expressão e organização política democráticas, no respeito e na garantia de efectivação dos direitos e liberdades fundamentais e na separação e interdependência de poderes, visando a realização da democracia económica, social e Cultural e o aprofundamento da democracia participativa.”*  
(Constituição da República Portuguesa, 1976)

Este Artigo refere a importância do respeito e da liberdade das expressões sociais e culturais, promovendo um dos princípios base do Património e da educação, enquanto um dos seus veículos – a participação ativa da sociedade, a participação voluntária e a democratização.

Posteriormente, no Artigo 9º estabelecem-se as tarefas fundamentais do Estado, nas quais encontramos as alínea d) e e):

*“Promover o bem-estar e a qualidade de vida do povo e a igualdade real entre os portugueses, bem como a efectivação dos direitos económicos, sociais, Culturais e ambientais, mediante a transformação e modernização das estruturas económicas e*

---

<sup>4</sup> Constituição da República Portuguesa. (1976). Obtido em 17 de Abril de 2019, de <https://dre.pt/constituicao-da-republica-portuguesa>

*sociais; (...) Proteger e valorizar o Património Cultural do povo português, defender a natureza e o ambiente, preservar os recursos naturais e assegurar um correcto ordenamento do território;” (Constituição da República Portuguesa, 1976)*

O Estado Português assume o compromisso na valorização da Cultura e na perseverança da igualdade económica, social, culturais e ambiental, bem como a valorização das mesmas vertentes. Mais à frente, na legislação, no seu Artigo 42º, percebemos da importância da liberdade de criação cultural:

*“1. É livre a criação intelectual, artística e científica. 2. Esta liberdade compreende o direito à invenção, produção e divulgação da obra científica, literária ou artística, incluindo a protecção legal dos direitos de autor.” (Constituição da República Portuguesa, 1976)*

Por último, neste documento Constitucional, os Artigos 73º (nº3) e 78º (nº1, 2 e alíneas) abordam tanto a democratização Cultural como o direito à fruição e produção Cultural.

*“3. O Estado promove a democratização da Cultura, incentivando e assegurando o acesso de todos os cidadãos à fruição e criação Cultural, em colaboração com os órgãos de comunicação social, as associações e fundações de fins Culturais, as colectividades de Cultura e recreio, as associações de defesa do Património Cultural, as organizações de moradores e outros agentes Culturais.” (Constituição da República Portuguesa, 1976)*

*“1. Todos têm direito à fruição e criação Cultural, bem como o dever de preservar, defender e valorizar o Património Cultural. 2. Incumbe ao Estado, em colaboração com todos os agentes Culturais:*

*a) Incentivar e assegurar o acesso de todos os cidadãos aos meios e instrumentos de acção Cultural, bem como corrigir as assimetrias existentes no país em tal domínio;*

*b) Apoiar as iniciativas que estimulem a criação individual e colectiva, nas suas múltiplas formas e expressões, e uma maior circulação das obras e dos bens Culturais de qualidade;*

*c) Promover a salvaguarda e a valorização do Património Cultural, tornando-o elemento vivificador da identidade Cultural comum;*

*d) Desenvolver as relações Culturais com todos os povos, especialmente os de língua portuguesa, e assegurar a defesa e a promoção da Cultura portuguesa no estrangeiro;”*

*e) Articular a política Cultural e as demais políticas sectoriais.” (Constituição da República Portuguesa, 1976)*

À semelhança dos artigos Constitucionais apresentados, o Estado Português decreta novo corpo legislativo, em Diário da República, a 8 de setembro de 2001, a Lei n.º 107/2001<sup>5</sup>, naquilo que denomina como o estabelecimento de “*bases da política e do regime de protecção e valorização do Património Cultural*”. É neste documento que a própria legislação portuguesa trata os princípios basilares do Património Cultural nacional, e que traça limites e configurações para a sua caracterização. Cumulativamente à informação anterior apresentada, a lei estabelece o conceito de Património Cultural (Art.º 2: conceito e âmbito), referindo a tarefa fundamental do Estado (neste âmbito e apoiado na Constituição Portuguesa) e outros conceitos chave para o estudo do Património Cultural.

Em suma, a lei que poderá ser consultado em Diário da República, assume-se como fundamental para o estudo e valorização do Património e para a compreensão dos seus termos inerentes. É de referir que outras leis e outros documentos legislativos, em forma de implementação ou recomendação, poderão abordar a temática, sob diversos pontos de vista. As dotações orçamentais e planos do Estado português darão pistas para a definição do Património Cultural nacional, sublinhando a preocupação e urgência da sua valorização e preservação – material ou imaterial.

---

<sup>5</sup> Lei n.º 107/2001 de 8 de Setembro. (s.d.). Obtido em 17 de Abril de 2019, de DIÁRIO DA REPÚBLICA — I SÉRIE-A:  
[https://dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos\\_Curriculares/Patrimonio\\_cultural/documentos/lei\\_107\\_2001\\_8\\_setembro.pdf](https://dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos_Curriculares/Patrimonio_cultural/documentos/lei_107_2001_8_setembro.pdf)

## As Artes Tradicionais

As artes tradicionais subordinadas e aliadas à temática do Património Cultural material e imaterial, caracterizam-se como elementos identificativos a nível social e artístico. Estas artes, definem-se segundo Lina Antunes (1999) “... *uma forma de reprodução de um ou vários modos de saber, com reflexos em modelos diferenciados de ensino e de aprendizagem*”. No geral abordamos as artes tradicionais apenas como Artesanato, mas tal pode e será redutor, face à própria evolução informal destas artes (considere-se o emergir do artesanato, dito contemporâneo mas que usa meios tradicionais). Assim é necessário tomar em consideração não só a produção em si, mas também o fator artístico, técnico e social por detrás dela.

*“... as artes populares são, portanto, sociais. Têm por função servir material ou espiritualmente os homens que as utilizam, dando solução às suas necessidades ou expressão aos seus sentimentos (...) Nas artes populares, a continuidade dos modelos ancestrais vai em paralelo com o incremento de novos géneros, impulsionados pela influência das mudanças sociais na consciência estética das gentes do campo ou das cidades, que assim revigoram quotidianamente as tradições nacionais da Cultura.” (Pacheco, 1985, p.18)*

As artes tradicionais, na sua evolução, socorrem-se frequentemente das áreas científicas da sociologia e da antropologia, para melhor entendimento das mecânicas e estruturas materiais e imateriais destas artes – entenda-se a vivência e os modos de produção dos seus artesãos que comportam verdadeiros rituais de interesse patrimonial, cuja preservação e divulgação é fundamental e urgente. Clara Cabral (2011), descreve a Cultura do tradicional através de um documento redigido pela UNESCO em 1989, que traça definições pertinentes – “o que é a Cultura tradicional?”, “o que é a Cultural popular?”:

*“A Cultura tradicional e popular é o conjunto de criações que emanam de uma comunidade Cultural fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem à expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade Cultural e social; as normas e os valores se transmitem oralmente, por imitação ou de outras maneiras. Suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os*

*costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes.” (Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular, 1989)*

Define-se também os meios de conservação da Cultura tradicional e popular, as suas formas de salvaguarda, a sua difusão, a proteção e a cooperação internacional como elementos decisores do futuro da Cultura e das Artes Populares e Tradicionais. Partindo do princípio que estas artes dependem dos costumes e da preservação dos mesmos, trabalham também as transmissões geracionais, remetendo-nos à memória das formas de saber fazer e lhes conferir utilidade.

Particularizando, no caso de Barcelos, a Olaria e cerâmica fazem da cidade-mãe um lugar de memória – repositório de memória de gerações de oleiros e mestres artesãos.

*“As memórias (...) partem das lembranças e eternizam lugares como referências e cenários para uma constante visita ao passado, trazendo em si, os mais diversos sentimentos documentados e aflorados em narrativas, sonhos e percepções. Assim, o lugar de memória, segundo Nora (1993: 21) «são lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra, material, simbólico, funcional [...]. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se sua imaginação o investe de uma aura simbólica». São lugares que estendem uma história regada de cumplicidade, significações, afetividade, pertencimento, ou simplesmente de alma.” (Andrade, 2008)*

Os registos intangíveis determinam a designação de lugar de memória como espaços marcados por heranças passadas, cuja relevância deve ser transportada para o futuro, motivando novas aplicações patrimoniais e Culturais, como foi já abordado por José Guilherme Abreu<sup>6</sup>.

Barcelos, ficou em tempos marcada pela existência de barreiras, nas quais a extração do barro proliferava. Ao mesmo tempo, os artesãos de louça utilitária traziam ao de cima novas expressões artísticas: o figurado, por exemplo. A

---

<sup>6</sup> ABREU, J. G. (2005). Arte pública e lugares de memória. Obtido em 23 de Abril de 2019, de Revista da Faculdade de Letras -: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4944.pdf>

Convenção da UNESCO para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, salienta que a salvaguarda das memórias e dos costumes dependem circunstancialmente das “... medidas que visam assegurar a viabilidade do Património Cultural imaterial, incluindo a identificação, documentação, investigação, preservação, protecção, promoção, valorização, transmissão - essencialmente pela educação formal e não formal – e revitalização dos diversos aspectos deste Património.” (Convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial, 2003), fazendo ainda menção às técnicas artesanais tradicionais.

Segundo Cabral (2011), a preservação destas técnicas deverá obedecer à ao incremento do trabalho dos artesãos, para que este não se esgote, não limitando assim a transmissão dos saberes e conhecimentos produtivos. Quando por qualquer circunstância determinada produção se designe efémera, a transmissão deverá ser feita de geração em geração, permitindo a maior partilha e divulgação.

Entre a reflexão e a problemática, as artes tradicionais do concelho de Barcelos, a Olaria e a Cerâmica e não obstante a Cestaria, o Ferro e outras deverão ser alvo de ações dinamizadoras de memória, de tecnicidade e de produtividade. O trabalho dos artesãos ou as suas produções deverão ser preservadas e salvaguardadas na medida em que constituem elementos identitários da região e testemunhos claros da ação humana, da relação da terra (matéria-prima) e do homem (artesão).

*“A memória é sempre pessoal e subjectiva, pelo que só arbitrariamente e como metáfora empolada cabe falar de uma “memória colectiva”. Na sociedade, as funções da memória no indivíduo são desempenhadas pelo Património Cultural. (...) Património Cultural, núcleo da identidade colectiva, não só possibilita que nos reconheçamos mas também que sejamos reconhecidos; (...) O Património Cultural é, para a sociedade, o que a memória pessoal é para o indivíduo.” (Mendes, 2012, p. 17)*

## 2.2. MUSEUS, UMA BREVE ABORDAGEM

O conceito de Museu, à semelhança dos anteriormente referidos, apresenta-se como um conceito dinâmico do ponto de vista da sua definição, no entanto é possível delimitar temporalmente a criação e o aparecimento dos museus.

Atualmente estas instituições distinguem-se pelo seu objeto de estudo e agregação. Segundo a legislação aplicada, atualmente, traduzem-se em organizações de “carácter permanente, sem fins lucrativos”.

*“1 — Museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite: a) Garantir um destino unitário a um conjunto de bens Culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objectivos científicos, educativos e lúdicos; b) Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da Cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade. 2 — Consideram-se museus as instituições, com diferentes designações, que apresentem as características e cumpram as funções museológicas previstas na presente lei para o museu, ainda que o respectivo acervo integre espécies vivas, tanto botânicas como zoológicas, testemunhos resultantes da materialização de ideias, representações de realidades existentes ou virtuais, assim como bens de Património Cultural imóvel, ambiental e paisagístico.” (Lei n.º 47/2004 de 19 de Agosto - Lei Quadro dos Museus Portugueses, s.d.)*

A partir de um documento do ICOM – “Como gerir um Museu: Manual Prático”<sup>7</sup>: apontam o aparecimento dos primeiros “museus” dado o espírito “*Enciclopédico do Esclarecimento Europeu*”, o colecionismo involuntário, sem a noção de constituição de um espaço museológico ou coleção surge aliado ao que posteriormente conhecemos como gabinetes de curiosidades. Cabinet d’amateur, quartos maravilha ou gabinetes de curiosidades, aparecem por

---

<sup>7</sup> Como Gerir um Museu: Manual Prático. (2004). Obtido em 17 de Abril de 2019, de ICOM: <https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2012/09/Manual-Como-gerir-um-museu-ICOM-Unesco.pdf>

volta dos séculos XVI-XVII, como locais de depósito de várias coleções de objetos – estes diversificados e indiscriminados ou especializados, objetos específicos de elevado valor simbólico e científico. Estes espaços notam-se pela sua componente expositiva em toda a sua dimensão, em que todo o espaço do gabinete ou da sala era passível de exposição. Os objetos eram muitas vezes, salvo algumas exceções, organizados segundo temáticas ou outras características diferenciadoras, mas sem uma metodologia científica aparente. O espaço expositivo destes *gabinetes* resulta posteriormente no espaço museológico, pela necessidade de conservação e identificação das peças pertencentes a determinado local ou exposição.

Também o movimento pós-revolução Francesa e no período Napoleónico marca o aparecimento de Museus, numa perspetiva da museologia como hoje a viríamos a entender – um espaço de valorização, conservação e estudo das suas coleções e bens. As exposições classificam-se como mostras de objetos, os quais requerem estudo e planeamento –

*“De modo geral, uma coleção pode ser definida como um conjunto de objetos materiais ou imateriais (obras, artefatos, mentefatos, espécimes, documentos arquivísticos, testemunhos, etc.) que um indivíduo, ou um estabelecimento, se responsabilizou por reunir, classificar, selecionar e conservar em um contexto seguro e que, com frequência, é comunicada a um público mais ou menos vasto, seja esta uma coleção pública ou privada.” (Desvallées & Mairesse, 2013)*

Ainda fruto da Revolução Francesa destaca-se a índole social que a instituição Cultural adquire, levando conseqüentemente à democratização da Cultura – uma ligação social e Cultural mais aberta e participativa. É através desta *“ideologia”* que os Museus se tornam espaços abertos à participação e educação da sociedade. Hoje entendemos os Museus como espaços públicos, de fruição Cultural e da educação informal.

Impõe-se refletir um pouco sobre as funções dos Museus e o papel do Estado, entenda-se, República Portuguesa, na fruição e educação para a Cultura, e da liberdade de criação Cultural – atualmente o Estado Português, o ICOM, a DGPC

e outros contribuem para a definição destas funções e para a clarificação do conceito de Museu. Começamos pelos instrumentos legislativos:

### **Constituição da República Portuguesa**

Segundo a Constituição da República Portuguesa, os conceitos de Cultura e outros a este associados, são contemplados sob os termos “liberdade de criação Cultural” (Art.º 2), “formação Cultural” (Art.º 58), “Educação Cultural e Ciência” (Art.º 73) e “fruição e criação Cultural” (Art.º 78), salientando a importância do papel do Estado na temática em estudo (estes termos e os respetivos artigos explanam-se anteriormente no capítulo 2.1.).

### **Lei-Quadro dos Museus Portugueses**

A lei suprarreferida define quais as funções de um Museu, no seu artigo 7º:

*“O museu prossegue as seguintes funções:*

*a) Estudo e investigação;*

*b) Incorporação;*

*c) Inventário e documentação;*

*d) Conservação;*

*e) Segurança;*

*f) Interpretação e exposição;*

*g) Educação.” (Lei n.º 47/2004 de 19 de Agosto - Lei Quadro dos Museus Portugueses, s.d.)*

Estas são funções consideradas fundamentais e aquelas que são descritas legalmente. Quanto a cada uma delas, o estudo e investigação tem um papel preponderante aquando da realização de qualquer ação museológica, num processo que requer um estudo minucioso. Ao nível da incorporação, a lei define também algumas das modalidades pelas quais as peças ou coleções podem ser inseridas numa organização/instituição, de entre as quais a compra, a doação, a herança, o legado ou outras que se podem verificar através da Lei-Quadro. No seguimento deste conceito de incorporação temos a inventariação

e a documentação, também essencial para a identificação de peças e espólio do Museu. Normalmente esta documentação pode variar, já que as peças são numeradas segundo um esquema próprio de cada museu – existem, contudo, campos de identificação e documentos obrigatórios.

A conservação das peças deve ser garantida pela instituição respeitando condições de segurança e eficiência – regulação de luminosidade, humidade, temperatura, etc.

A segurança, a interpretação, a exposição e as extensões educativas e culturais são fulcrais para justificar a ideia de que um Museu deverá ser um espaço público, estruturado para proporcionar uma experiência valiosa ao visitante, tendo como um efeito o perdurar da mesma sobre o utente.

## **O ICOM**

Deontologicamente o ICOM define que os Museus tratam essencialmente as tipologias de Património natural, Cultural, a materialidade e a imaterialidade, com vista à proteção, salvaguarda e conservação das suas coleções e dos restantes recursos como se verifica abaixo:

*“Os museus são responsáveis pelo Património natural e Cultural, material e imaterial. As autoridades de tutela e todos os responsáveis pela orientação estratégica e a supervisão dos museus têm como primeira obrigação proteger e promover este Património, assim como prover os recursos humanos, materiais e financeiros necessários para este fim.” (CÓDIGO DEONTOLÓGICO DO ICOM PARA MUSEUS, 2009)*

*“O termo “museu” tanto pode designar a instituição quanto o estabelecimento, ou o lugar geralmente concebido para realizar a seleção, o estudo e a apresentação de testemunhos materiais e imateriais do Homem e do seu meio. A forma e as funções do museu variaram sensivelmente ao longo dos séculos. Seu conteúdo diversificou-se, tanto quanto a sua missão, seu modo de funcionamento ou sua administração” (Desvallées & Mairesse, 2013)*

O ICOM vem ainda confirmar a tendência de evolução do conceito de Museu e a variedade das suas funções.

### **A DGPC – Direcção-Geral do Património Cultural**

A DGPC, por sua vez, atribui aos Museus as funções de educação através de aprendizagens multidisciplinares e com recurso à “identidade” dos “sítios”, bem como a sua dinamização Cultural, através de uma programação ativa de transmissão de valores e fatores intangíveis.

*“Os museus e os monumentos são lugares únicos que nos proporcionam experiências memoráveis e uma aprendizagem indispensável à formação da identidade. Pela sua beleza e pelo seu enquadramento, pelas suas colecções e pela sua programação Cultural, são espaços que transmitem valores, despertam memórias e interagem com a contemporaneidade.” (Museus e Monumentos, s.d.)*

Todos os instrumentos acima referidos colaboram na definição dos princípios das instituições culturais e museológicas, para isso no ano de 2000 criou-se a Rede Portuguesa de Museus, com o intuito de regular as organizações do País. Atualmente 151 Museus compõem esta rede e regem-se por princípios simples delimitados pela própria. Este instrumento é apoiado pela DGPC e tem como finalidades a valorização da Cultura e dos museus no contexto nacional, a “sincronização” entre todos os museus da RPM, o trabalho em parceria e a correta transmissão dos valores Culturais e do Património material e imaterial. De acordo com o trabalho que se apresenta, o Museu de Olaria de Barcelos (ver História e Edifício no capítulo 4.), como caso de estudo, destaca-se pela sua singularidade – é o único museu do País dedicado à temática da Olaria, integrando um espólio de cerca de 10000 peças. Este Museu trata a olaria nas suas mais diversas aceções, estudando, divulgando e promovendo as suas colecções nacionais e internacionais. O MO que se localiza em Barcelos apresenta uma grande componente de acervo dos mestres artesãos da própria

área geográfica e de outras cidades Portuguesa e Países estrangeiros.

Posto isto, é possível encontrarmos museus, cujos acervos integrem peças de olaria e cerâmica não sendo, porém, “especializados na área”. Ainda dentro da tipologia das artes com o barro, conhece-se a existência de um centro interpretativo da olaria denominado de “Casa do Barro” em S. Pedro do Corval (Reguengos de Monsaraz) no distrito de Évora.

*“O Centro interpretativo situa-se na principal via de São Pedro do Corval, numa antiga olaria. Procedeu-se a uma reabilitação do espaço em questão de forma a torná-lo aprazível para todos os que visitam este local envolto em história e tradição oleira. Aqui poderemos encontrar pedaços da história desta comunidade, uma vez que, contempla dois fornos de lenha antigos, onde se cozia a louça de barro; encontramos também um tino onde se coava o barro e rodas de oleiro com as suas imponentes arquinas. A recuperação deste local permite recriar o ciclo do barro – da terra ao produto final.” (Casa do Barro - Centro Interpretativo da Olaria de S. Pedro do Corval, 2019)*

Este centro interpretativo tem como função a valorização da memória tangível e intangível da Olaria na região em que se inscreve. Assim distingue-se do MO, que comporta a mesma função, mas numa vertente mais global a nível geográfico.

Por último, os museus como: o Museu Nacional Soares dos Reis (Porto), o Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa), o Museu do Oriente (Lisboa), o Museu da Fundação Gulbenkian (Lisboa), o Museu Municipal da Câmara de Vila Franca do Campo ( S. Miguel – Açores), o Museu de Cerâmica das Caldas da Rainha (Leiria), o Museu de Cerâmica da Fundação Castro Alves (Vila Nova de Famalicão), o Museu de Cerâmica de Sacavém (Loures), o Museu de Lamego (Viseu), o Museu Regional de Beja (Beja), o Museu da Lourinhã (Lisboa), o Museu Machado de Castro (Coimbra), o Museu Bordalo Pinheiro (Lisboa), entre outros são “especialistas” na área da cerâmica ou comportam nos seus acervos coleções da olaria ou cerâmica, contribuindo assim para a preservação dos bens materiais tradutores de uma arte cheia de processos técnicos e sentidos imateriais.

## 2.3. FUNÇÕES DO SERVIÇO DE GESTÃO DE COLEÇÕES DOS MUSEUS E DO MO EM PARTICULAR

Do ponto de vista da museologia, a gestão de coleções ou a gestão dos acervos museológicos contribuem para a boa organização dos museus e instituições Culturais, portadoras de coleções de valor relevante.

De acordo com Alexandre Matos:

*“A documentação em museus, isto é, a gestão da informação sobre as coleções de museus, é uma tarefa complexa, demorada, dispendiosa e, infelizmente, pouco discutida nos fóruns de debate nacionais relacionados com museus e museologia, pese embora a sua considerável importância no contexto do conjunto de tarefas atribuídas aos profissionais de museus” (Matos, A importância das normas para os museus e seus sistemas de informação, s.d.)*

A tarefa que o autor define como complexa tem sido simplificada ao longo dos tempos com recurso a várias interfaces de gestão dos acervos e inventariação de peças que os compõem. Vejamos o caso do programa Matriz –este sistema de informação e inserção de dados, apoia o trabalho da gestão de coleções e a forma como estas se organizam. Esta plataforma associada à Direção Geral do Património Cultural foi criada em 1992 e desde então tem sofrido várias alterações administrativas e funcionais, que se prendem essencialmente com a adaptação da mesma aos sistemas de informação e às atualizações dos sistemas informáticos.

A plataforma “Matriz. Net”, como é conhecida, aparece pela necessidade de informatização da documentação dos Museus, nomeadamente os inventários. Em 1993, um ano após a criação, é lançado um “Catálogo de Inventário” pioneiro no desenvolvimento da tecnologia nas instituições culturais. Posteriormente surgem as normas de inventário, em meados de 1999. Nesta altura dá-se a publicação das normas gerais e de Cerâmica e Têxteis, auxiliando a gestão de coleções e consequentemente o seu inventário. Não queremos com isto dizer que o serviço de gestão de coleções é apenas dedicado à normalização do inventário. Este serviço comporta muitas outras tarefas que

se prendem com o espólio das organizações – a conservação e restauro, o planeamento de exposições na medida em que é necessária a seleção de objetos a expor, bem como a boa preservação e o constante estudo das coleções.



*Imagem 1 - Normas de Inventário - Evolução. (s.d.). Obtido em 17 de Abril de 2019, de Matriz - DGPC:  
[http://www.matriz.dgpc.pt/pt\\_evolucao.php](http://www.matriz.dgpc.pt/pt_evolucao.php)*

No que diz respeito às normas de inventário, atualmente o Matriz disponibiliza documentos dedicados à Arqueologia, Alfaias Agrícolas, à Escultura, ao Mobiliário, à pintura, à tecnologia têxtil, à cerâmica utilitária, ao espólio documental, à ciência e técnica, aos instrumentos musicais, à ourivesaria e os anteriormente referidos, lançados em diferentes anos, desde o aparecimento do programa. Com recurso à página *online* do Matriz, verificam-se ainda alterações ao nível dos layouts tecnológicos de apresentação das coleções em formato *Web*. Mais se acrescenta que este “*projeto*” tem como principais alvos os Museus associados ao Instituto Português de Museus, atualmente enquadrados no quadro legal da DGPC (direção que resultou na conjugação do Instituto de Museus e da Conservação, da Direção Geral da Cultura de Lisboa e Vale do Tejo e do Instituto do Património Arquitetónico e Arqueológico). Segundo fonte do ICOM,

*“As políticas do museu devem assegurar que as colecções (permanentes e temporárias) e a informação relacionada, sejam devidamente registadas e estejam*

*disponíveis para utilização corrente e possam ser transmitidas às gerações vindouras, nas melhores condições possíveis, levando em consideração o conhecimento e recursos actuais disponíveis. A responsabilidade profissional que envolve a preservação das colecções deve ser atribuída a pessoas com conhecimento e competências compatíveis, ou que sejam supervisionados de forma adequada.”*  
(Como Gerir um Museu: Manual Prático, 2004, p.10)

Os cuidados com as colecções museológicas começam no local onde as mesmas são depositadas. As reservas devem ter condições de armazenamento e segurança devidamente acauteladas. A temperatura, as estruturas de arrumação devem respeitar a tipologia dos bens patrimoniais ou objetos artísticos que se pretendem conservar. É por isso fulcral delegar este trabalho a profissionais competentes, com conhecimentos das práticas de museologia preventiva e da conservação e restauro. Além disto, qualquer objeto adquirido por qualquer instituição cultural deverá comportar um “cartão de identificação” salientando por isso que “A documentação é uma parte crucial da gestão do acervo em geral” (Como Gerir um Museu: Manual Prático, 2004, p.25).

O Cartão de identificação de que falamos, traduz-se na ficha de inventário à qual será atribuída um número do mesmo, ou cota – segundo a lei atualmente aplicada - Lei n.º 47/2004 de 19 de Agosto, Lei-quadro dos Museus Portugueses – que tem por base a definição das práticas museológicas nacionais, bem como a definição dos conceitos de “Museu” e do que a eles esteja associado. As tarefas fundamentais do Serviço de Gestão de Colecções apresentam-se por ordem:

Tarefa

**Segundo a Lei Quadro dos Museus Portugueses**  
**Lei n.º 47/2004 de 19 de Agosto - Lei Quadro dos Museus Portugueses. (s.d.).**  
**Obtido em 17 de Abril de 2019, de Diário da República n.º 195/2004, Série I-A:**  
**<https://dre.pt/pesquisa/-/search/480516/details/maximized>**

**Incorporação de peças**  
**A incorporação de bens nos espólios museológicos poderá ocorrer a partir de várias fontes; Esta entrada de objetos deve ser sempre regulado pelos museus e pelos técnicos competentes da área da gestão de coleções**

“Artigo 13.º

1 - A incorporação representa a integração formal de um bem Cultural no acervo do museu. 2 - A incorporação compreende as seguintes modalidades: a) Compra; b) Doação; c) Legado; d) Herança; e) Recolha; f) Achado; g) Transferência; h) Permuta; i) Afectação permanente; j) Preferência; l) Dação em pagamento.

3 - Serão igualmente incorporados os bens Culturais que venham a ser expropriados, nos termos previstos na Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro, salvaguardados os limites consagrados na presente lei.

4 - Os bens Culturais depositados no museu não são incorporados.”

**Inventário**  
**Após a**  
**recepção/incorporação das**  
**peças estas devem ser**  
**registadas, em inventário**  
**manual ou digital, às quais**  
**será posteriormente**  
**atribuído um número de**  
**cota**

“Artigo 15.º

Dever de inventariar e de documentar

1 - Os bens Culturais incorporados são obrigatoriamente objecto de elaboração do correspondente inventário museológico. 2 - O museu deve documentar o direito de propriedade dos bens Culturais incorporados. 3 - Em circunstâncias excepcionais, decorrentes da natureza e características do acervo do museu, a incorporação pode não ser acompanhada da imediata elaboração do inventário museológico de cada bem Cultural.

4 - Nos casos previstos nos artigos 67.º, 68.º e 71.º da presente lei, o inventário museológico será elaborado no prazo máximo de 30 dias após a incorporação.

Artigo 16.º- Inventário museológico

1 - O inventário museológico é a relação exaustiva dos bens Culturais que constituem o acervo próprio de cada museu, independentemente da modalidade de

incorporação. 2 - O inventário museológico visa a identificação e individualização de cada bem Cultural e integra a respectiva documentação de acordo com as normas técnicas mais adequadas à sua natureza e características. 3 - O inventário museológico estrutura-se de forma a assegurar a compatibilização com o inventário geral do Património Cultural, do inventário de bens particulares e do inventário de bens públicos, previstos nos artigos 61.º a 63.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro.

Artigo 17.º - Elementos do inventário museológico

1 - O inventário museológico compreende necessariamente um número de registo de inventário e uma ficha de inventário museológico. 2 - O número de registo de inventário e a ficha de inventário museológico devem ser tratados informaticamente, podendo, porém, ter outro suporte enquanto o museu não disponha dos meios necessários à respectiva informatização.”

**Número de Inventário –  
Cota**  
**O número de inventário é atribuído constante a ordem seguida por cada Museu ou organização – este número deverá seguir uma ordem lógica e precisará de ser “gravado” na peça adquirida/incorporada. Normalmente a marcação do número de cota, faz-se em local “não visível” (da peça quando exposta), com recurso a caneta de tinta permanente e a verniz. A gravação deste número deverá ser duradoura mas não permanente.**

“Artigo 18.º - Número de inventário

1 - A cada bem Cultural incorporado no museu é atribuído um número de registo de inventário. 2 - O número de registo de inventário é único e intransmissível. 3 - O número de registo de inventário é constituído por um código de individualização que não pode ser atribuído a qualquer outro bem Cultural, mesmo que aquele a que foi inicialmente atribuído tenha sido abatido ao inventário museológico. 4 - O número de registo de inventário é associado de forma permanente ao respectivo bem Cultural da forma tecnicamente mais adequada.”

**Ficha de Inventário**  
**Este elemento constitui o**

“Artigo 19.º - Ficha de inventário

1 - O museu elabora uma ficha de inventário museológico

**Cartão de Identificação de cada peça integrada no espólio da organização cultural. A ficha tem carácter intransmissível e deve conter o máximo de informação relativamente à peça em questão**

de cada bem Cultural incorporado, acompanhado da respectiva imagem e de acordo com as regras técnicas adequadas à sua natureza. 2 - A ficha de inventário museológico integra necessariamente os seguintes elementos: a) Número de inventário; b) Nome da instituição; c) Denominação ou título; d) Autoria, quando aplicável; e) Datação; f) Material, meio e suporte, quando aplicável; g) Dimensões; h) Descrição; i) Localização; j) Historial; l) Modalidade de incorporação; m) Data de incorporação.

3 - A ficha de inventário pode ser preenchida de forma manual ou informatizada. 4 - O museu dotar-se-á dos equipamentos e das condições necessárias para o preenchimento informatizado das fichas de inventário. 5 - A normalização das fichas de inventário museológico dos diversos tipos de bens Culturais será promovida pelo Instituto Português de Museus através da aprovação de normas técnicas e da divulgação de directrizes.”

**Informatização do inventário  
O inventário Museológico, do ponto de vista da museologia preventiva, deverá ser sempre realizado em duplicado, seja manualmente ou informatizado. Esta preocupação previne possíveis perdas de documentação.**

“Artigo 20.º - Informatização do inventário museológico  
1 - O número de registo de inventário e a ficha de inventário museológico utilizam o mesmo código de individualização. 2 - O inventário museológico informatizado articula-se com outros registos que identificam os bens Culturais existentes no museu em outros suportes. 3 - O inventário museológico informatizado é obrigatoriamente objecto de cópias de segurança regulares, a conservar no museu e na entidade de que dependa, de forma a garantir a integridade e a inviolabilidade da informação. 4 - A informação contida no inventário museológico é disponibilizada ao Instituto Português de Museus. 5 - A informatização do inventário museológico não dispensa a existência do livro de tomo, numerado sequencialmente e rubricado pelo director do museu.”

---

*Tabela 2 - Gestão de Coleções segundo a Lei-Quadro dos Museus Portugueses*

Por fim,

*“A gestão do Património Cultural à guarda dos museus portugueses exige a atenção dos seus responsáveis e dos organismos estatais que definem a política museológica nacional. O elevado número de museus e o aumento assinalável de bens Culturais que aqueles têm vindo a incorporar, bem como as mudanças significativas que o sector museológico sofreu nas últimas décadas, obrigam estas instituições e os seus profissionais a procurar os meios mais eficientes para realizar tarefas estruturantes da sua atividade: documentar e gerir as suas coleções” (Matos, SPECTRUM : uma norma de gestão de coleções para os museus portugueses, 2013)*

Os instrumentos de Gestão de Coleções não se ficam apenas pelos acima referidos – também o trabalho expositivo requer a atenção deste serviço, quer na escolha das peças a expor, quer na manutenção das mesmas, apontando este trabalho para os domínios da Conservação e Restauro. No caso dos Museus Portugueses, as realidades de gestão de coleções, conservação, restauro e planificação de exposições misturam-se indiscriminadamente, dada a falta de técnicos especializados em cada uma das áreas apontadas. As coleções em acervo nas organizações culturais, no caso, os Museus, deverão ser sempre protegidas do ponto de vista preventivo, tendo em conta que são estas coleções que valorizam o Património tangível e intangível da memória portuguesa, sendo indispensável o constante estudo acerca das mesmas. Nos últimos anos o cuidado na gestão de coleções tem sido crescente, quer pela legislação aplicada quer pela inovação e a criação de novos sistemas de inventário e catalogação (como o programa *InPatrimonium* - Gestão integrada do Património Cultural, concebida pela empresa Sistemas de Futuro).

## O Museu de Olaria e o Serviço de Gestão de Coleções

O Serviço de Gestão de coleções do Museu de Olaria apresenta-se como decisor do trabalho realizado com as peças em acervo, bem como com as exposições a realizar ou em realização, com a conservação dos bens, entre outras ações e tarefas. A par de outros serviços do Museu, o seu SGC destaca-se pela descrição do mesmo que é feita no Regulamento da instituição<sup>8</sup>.

Este Regulamento, de acordo com a Lei-Quadro dos Museus Portugueses (Lei nº 47/2004 de 19 de agosto), estabelece os princípios da gestão de coleções e da incorporação de peças no Museu de Olaria de Barcelos. Será a partir deste documento que se fará uma breve descrição do trabalho realizado pelo MO.

A referência à Gestão de Coleções encontra-se no seu capítulo III, sob a designação de “Gestão do Acervo”, e aborda questões relacionadas com a política de incorporação, o inventário, a investigação, a conservação e a segurança. Mais à frente, em Anexo I – Capítulo I, encontramos as políticas de incorporação da organização – coleções, historial de incorporações, justificação da atual política de incorporação, bem como as condições, modalidades, responsáveis pelo serviço, critérios, métodos, procedimentos de incorporação, acondicionamento de peças e outros temas acessórios como a “*proposta de incorporação noutros museus*” (Anexo I - Capítulo II). No Capítulo III do mesmo anexo (I) encontram-se as configurações do abatimento de peças e das suas normas e procedimentos.

---

<sup>8</sup> (s.d.). Obtido de Regulamento Museu de Olaria: <http://www.museuolaria.pt/wp-content/uploads/2014/03/REGULAMENTO.pdf>

## **Museu de Olaria Regulamento**

(s.d.). Obtido de Regulamento Museu de Olaria: <http://www.museuolaria.pt/wp-content/uploads/2014/03/REGULAMENTO.pdf>

### **Incorporação (Art.º 11)**

De acordo com o Regulamento do Museu de Olaria, a política de incorporação de peças respeita os mesmos critérios estabelecidos em Lei-Quadro dos Museus Portugueses. Mais acrescenta que assume a revisão da política de incorporações a cada intervalo de 5 em 5 anos

#### **Anexo I – Capítulo I – Art.º 1**

“7 - O Património da instituição resulta da aquisição a particulares e antiquários, de doações e de trabalhos de campo em centros oleiros extintos ou em vias de extinção e de outros ainda em laboração, testemunho da tradição de uma região de um modo particular, e da herança de um povo, de um modo geral.”

### **Inventário (Art.º 12)**

Registo individualizado e identificação do espólio museológico – inventário em papel e em suporte digital (à data em software – in patrimonium)

Método de Registo

Atribuição de Cota

Atribuição de número de inventário (2 dígitos)

Número de lote (sequencial a cada ano ou entrada)

Número dentro do lote, Número aposto à peça, Livro de entradas

Número de inventário + nome + autor + cronologia + data + meio de incorporação + notas

Ficha de inventário e Inventário Informatizado

Campos: número de inventário + nome ou título + autor + datação + material + meio e suporte + dimensões + descrição + localização + historial + modalidade de incorporação + data de incorporação

Inventário Informatizado em InPatrimonium

### **Investigação (Estudo das Coleções) (Art.º13)**

“Artigo 13º - Investigação e estudo das colecções

1 - No âmbito da investigação considera-se a investigação interna e externa. 2 – No que respeita à investigação interna: a) As principais linhas de investigação a desenvolver pelos técnicos do Museu de Olaria devem ser as que directamente se prendem com as colecções do Museu; b) Pretende-se com a investigação produzir instrumentos que proporcionem a salvaguarda, o estudo e a divulgação da olaria nacional e dos centros produtores portugueses.”

O Museu apoia ainda a investigação de investigadores externos (individuais ou inscritos em escolas e universidades);

### **Conservação (Art.º 14)**

O Museu de Olaria estabelece em regulamento que cumpre as normas e procedimentos de conservação preventiva. Declara ainda que promove ações de formação na área da Gestão de Colecções aos funcionários que mantêm maior contacto com as peças em acervo.

### **Abatimento de Peças**

Anexo I – Capítulo III – Art.º 14 e seguintes

O Museu de Olaria prevê ainda o abatimento de peças do espólio desde que devidamente justificado e segundo os termos do regulamento.

*Tabela 3 - Tarefas do Serviço de Gestão de Colecções do Museu de Olaria*

Após o acima demonstrado, o Museu de Olaria, apresenta um regulamento uniforme e coerente, guiado pela Lei-Quadro dos Museus Portugueses, com informação detalhada e pertinente acerca do serviço de Gestão de coleções e das suas principais funções de inventariar, catalogar, conservar, salvaguardar e dinamizar as peças em espólio.

### **3. OLARIA – MATERIAIS, TERRITÓRIO E PESSOAS**

O presente capítulo pretende refletir sobre alguns conceitos intimamente ligados com a arte do barro – recorrendo a várias áreas do saber, a variadas disciplinas como a Geologia, Mineralogia e a Química dos Solos com o intuito de tratar as argilas e conseqüentemente o barro.

Numa primeira fase abordam-se questões relacionadas com a argila e a sua composição, seguidas de algumas considerações ao barro e às suas características plásticas e cromáticas. Nesta fase explicam-se alguns conceitos e apresentam-se esquemas de clarificação do texto apresentado.

Posteriormente tratam-se os conceitos de Olaria e Cerâmica na procura de uma definição de ambas.

O texto tende de seguida abordar a memória tangível e intangível das barreiras no Concelho de Barcelos, explorando os rituais de extração do barro e a localização das barreiras como locais estratégicos.

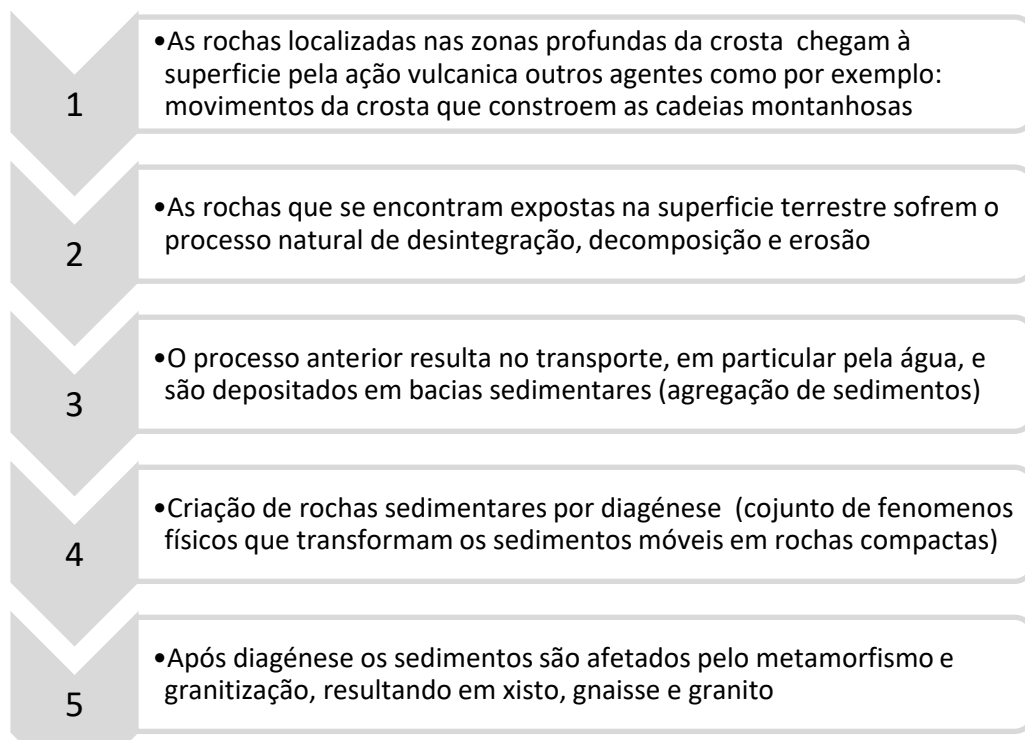
Ainda nesta secção e como modo de conclusão será feita referência ao Estatuto do Artesão sob a forma da Carta do Artesão e da Carta da Unidade Produtiva Artesanal, que mais recentemente vieram apoiar, legislar e mediar as Artes e Ofícios através das iniciativas do Estado Português e do Instituto do Emprego e da Formação Profissional.

### 3.1. BARRO, OLARIA, CERÂMICA: DEFINIÇÃO DE CONCEITOS

É com a intenção de estudar o barro, como matéria-prima, em todas as suas formas que este capítulo se centra na definição de vários conceitos-chave que nos levarão posteriormente à reflexão dos conceitos de olaria e cerâmica.

Assim, consideramos que vulgarmente chamamos «barro» à matéria que devia ser tratada como argila: “O termo argila é de facto usado com vários sentidos. Assim, para o ceramista, a argila é um material natural que quando misturado com água em quantidade adequada se converte numa pasta plástica;” (GOMES, 1988, p.7).

Celso Gomes (s.d.) refere ainda que a argila se forma na superfície terrestre e vai desaparecendo (em profundidade) graças ao ciclo das rochas, alterações climáticas e ciclo dos minerais. Abaixo apresenta-se um esquema que trata o ciclo das rochas, em 5 fases, de forma clara:



*Esquema 4 - Ciclo das Rochas de Acordo com Celso Gomes (1988)*

Todas as fases apresentadas permitem que os minerais argilosos se configurem com características próprias, no entanto destacamos a sua formação ao longo das fases intermédias do ciclo – este processo ocorre essencialmente nas fases 2, 3 e 4.

*“Todas as propriedades úteis das argilas advêm dos minerais argilosos. (...) são os componentes característicos das argilas e estas por sua vez são rochas nas quais os minerais argilosos ocorrem só ou estão misturados em várias proporções com outros minerais, os minerais não argilosos, tais como: quartzo, feldspato, mica, calcite, hematite, etc.” (GOMES, 1988, pp.8-9)*

O autor considera que a argila tem inúmeras funções em vários campos de atuação. No entanto é na cerâmica que ela ganha um papel fundamental, tendo como características a sua forma plástica, forma de cozedura e endurecimento. É elementar dizer-se que a argila só endurece após a sua secagem e cozedura a altas temperaturas – que variam normalmente entre os 950 °C e os 1150 °C (ou mais), dependendo da intencionalidade do artesão e da peça que seja submetida à respetiva cozedura.

No *“Catalogo das Argilas Portuguesas utilizadas na Industria Cerâmica”* (1985)<sup>9</sup>, publicação da Direcção Geral de Geologia e Minas, encontramos a informação de que a região de Barcelos, mais concretamente a bacia do Cávado é rica em argilas classificadas como - Argilas Comuns. Estas são, segundo Chavarria (2004), as argilas mais comuns encontradas na natureza, sendo encontradas em diversas cores: vermelho, castanho, verde, cinzento e brancas, estas últimas em menor número.

Com recurso a Celso Gomes (2002), obtemos uma descrição pormenorizada do que o autor considera serem as argilas para olaria:

---

<sup>9</sup> Energia, M. d. (1985). Catálogo das argilas portuguesas utilizadas na indústria cerâmica. Lisboa: Direcção-Geral de Geologia e Minas.

*“A argila para olaria (...) é uma argila plástica ou gorda que pode ser moldada facilmente no torno do oleiro, e é utilizada particularmente em cerâmica ornamental de terracota. Apresenta cores variadas, cinzento, castanho ou castanho avermelhado, e a sua composição é normalmente complexa, nela podendo participar conjuntamente diversos minerais argilosos (caulinite, illite, montmorilonite, clorite, vermiculite e interstratificados) e minerais não argilosos (quartzo, feldspatos, micas e óxidos/hidróxidos de ferro, tais como hematite, goethite e lepidocrocite). A argila de olaria possui baixos teores de  $Al_2O_3$  (15-25%), baixos teores de  $Fe_2O_3$  (< 10 %) e quando cozida proporciona corpos cerâmicos de cor variada desde o cinzento ao amarelo-ocre, castanho ou vermelho-tijolo, cores dependentes dos minerais presentes portadores de ferro, titânio ou manganês e ainda a atmosfera mais ou menos oxigenada do forno. Na queima do corpo cerâmico, à base de argila para olaria, verifica-se uma região de vitrificação pouco ampla entre 1.000 °C e 1.100 °C, e uma fusão acentuada entre 1.150 °C e 1.330 °C. O ponto de fusão baixa quando baixa a relação  $Al_2O_3/Fe_2O_3+K_2O+CaO+MgO$ . A cor do corpo cerâmico é mais avermelhada quando ele for cozido até se obter um estado de vitrificação incipiente. Mas, se a queima ultrapassar este estado, a cor escurece um pouco. Altos teores em  $CaO + MgO$  favorecem o aparecimento duma cor amarelo-ocre. Argila com carbonatos do tipo magra, coze a temperatura entre 1.000 °C e 1.100 °C e proporciona cor amarelo-ocre. A cor vermelha só persiste se o corpo cerâmico for cozido abaixo de 950 °C.” (GOMES, 2002, pp. 112-113)*

Torna-se pertinente o uso da anterior citação para a explicação detalhada das argilas utilizadas em processos cerâmicos- o excerto dá-nos conta dos materiais minerais e não minerais que compõem as argilas e ainda de algumas das suas propriedades de cozedura e cor.

Sabemos por algumas fontes bibliográficas que a zona de Barcelos é rica em barreiras que permitem a extração de vários tipos de barro. Dada a proximidade da região com zonas costeiras é também rica na presença de caulinos:

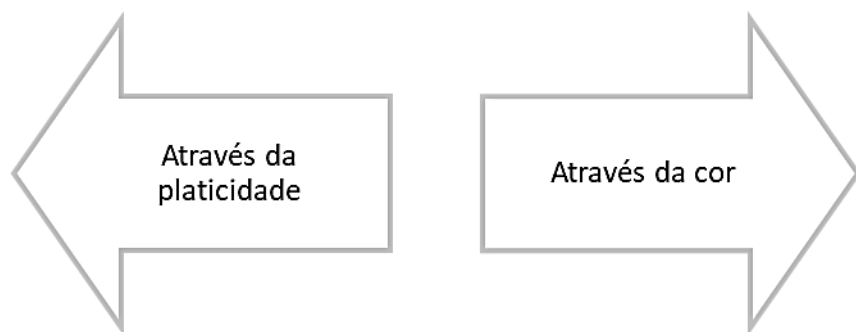
*“O caulino é uma argila de pureza considerável, capaz de suportar altas temperaturas e de cozedura, em geral bastante branca. É um componente muito importante ou mesmo fundamental de grande parte das pastas cerâmicas, nomeadamente das porcelanas. (...) É uma matéria-prima muito abundante em grande parte da faixa costeira portuguesa com numerosos pontos de extracção...” (FAGUNDES, 1997, p. 18)*

Por sua vez o barro, no seu sentido estrito pode ser descrito da seguinte forma:

*“Sob a designação genérica de «barro» agrupamos correntemente um sem número*

*de misturas de argilas com as mais variadas espécies de impurezas. Os diversos minerais, os óxidos metálicos e as matérias orgânicas, associados às argilas em variadíssimas proporções, fazem com que as variedades de barro sejam inumeráveis e apresentem características muito distintas” (FAGUNDES, 1997, pp. 18-19)*

O barro pode “classificar-se” de acordo com Fagundes (1997), de duas formas:



*Esquema 5 - Classificação do Barro - diferenças*

Este material pode por isso ser caracterizado como gordo ou magro – a diferença entre ambos está na plasticidade. É por isso frequente que encontremos misturas de barros, para que este se possa trabalhar com mais facilidade, correspondendo às necessidades de cada artesão e ao seu próprio trabalho.

Através da cor, estes caracterizam-se por ser mais claros, próximo do branco ou mais escuros, próximo do vermelho.

Consideramos “pasta” a matéria-prima com a qual se preparam as peças de olaria ou cerâmica. Esta pasta resulta do tratamento do barro ou da junção de vários tipos de barro que permitam obter uma mistura segura e de qualidade satisfatória à produção de peças. Perceba-se contudo que:

*“... a designação pasta tem um carácter técnico e é usada sobretudo quando nos referimos a uma determinada preparação ou às suas características (...) no dia-a-dia de uma oficina de artesão e de muitas fábricas, sobretudo nas operações*

*de manuseamento, é vulgar chamar à pasta, simplesmente, barro.” (FAGUNDES, 1997, p.20)*

Feitas estas considerações acerca das argilas, caulinos e barro, importa apresentar algumas citações que deixam pistas na definição dos termos “Olaria” e “Cerâmica”. É de salientar que estas definições não são estanques e por isso se podem confundir, da mesma maneira que várias vezes as usamos indiscriminadamente.

De acordo com Barbaformosa (1999), a história da olaria está ainda por explorar e é por isso difícil apontar uma de cronologia do seu surgimento. Desta forma podemos contar com diferentes informações, consoante os documentos que consultamos. Sabemos contudo que esta é uma “arte” que faz parte da evolução do Homem. No entanto a autora define olaria como a “Arte de produzir recipientes de barro. Oficina onde se produzem. Arte e actividade do oleiro. Local onde se produzem recipientes de barro cozido” (BARBAFORMOSA, 1999, p. 159) indo de encontro à informação que encontramos em qualquer dicionário da língua portuguesa:

“olaria

o.la.ri.a.le'rie

nome feminino

1. fabrico geralmente artesanal de peças de barro; indústria de oleiro
2. fábrica de louça de barro ou local onde se fazem peças de barro
3. conjunto de peças assim fabricadas”

*Olaria.* (2019). Obtido em 17 de Abril de 2019, de Infopédia - Dicionários Porto Editora: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Olaria>

Da mesma maneira que Barbaformosa (1999) encontra dificuldades na datação ou temporização da olaria, também Joaquim Chavarria (2004) alude à dificuldade de definição de um momento exato em que a cerâmica terá aparecido (e todas as suas fases de produção), deixando evidente que a única forma de conhecermos a sua cronologia será através de estudos arqueológicos. Apesar da dificuldade na perspectiva histórica, Chavarria (2004) trata a cerâmica como “ *Qualquer objecto de argila que tenha sofrido transformação química sob a acção de um calor superior a 600 °C*” (CHAVARRIA, 2004, p. 187), evidenciando os apontamentos feitos nas primeiras páginas deste estudo. Da mesma forma que definimos olaria, através do dicionário de língua portuguesa, entendemos cerâmica:

"cerâmica

ce.râ.mi.casə'remike

nome feminino

1. arte de fabricar louça de barro; olaria

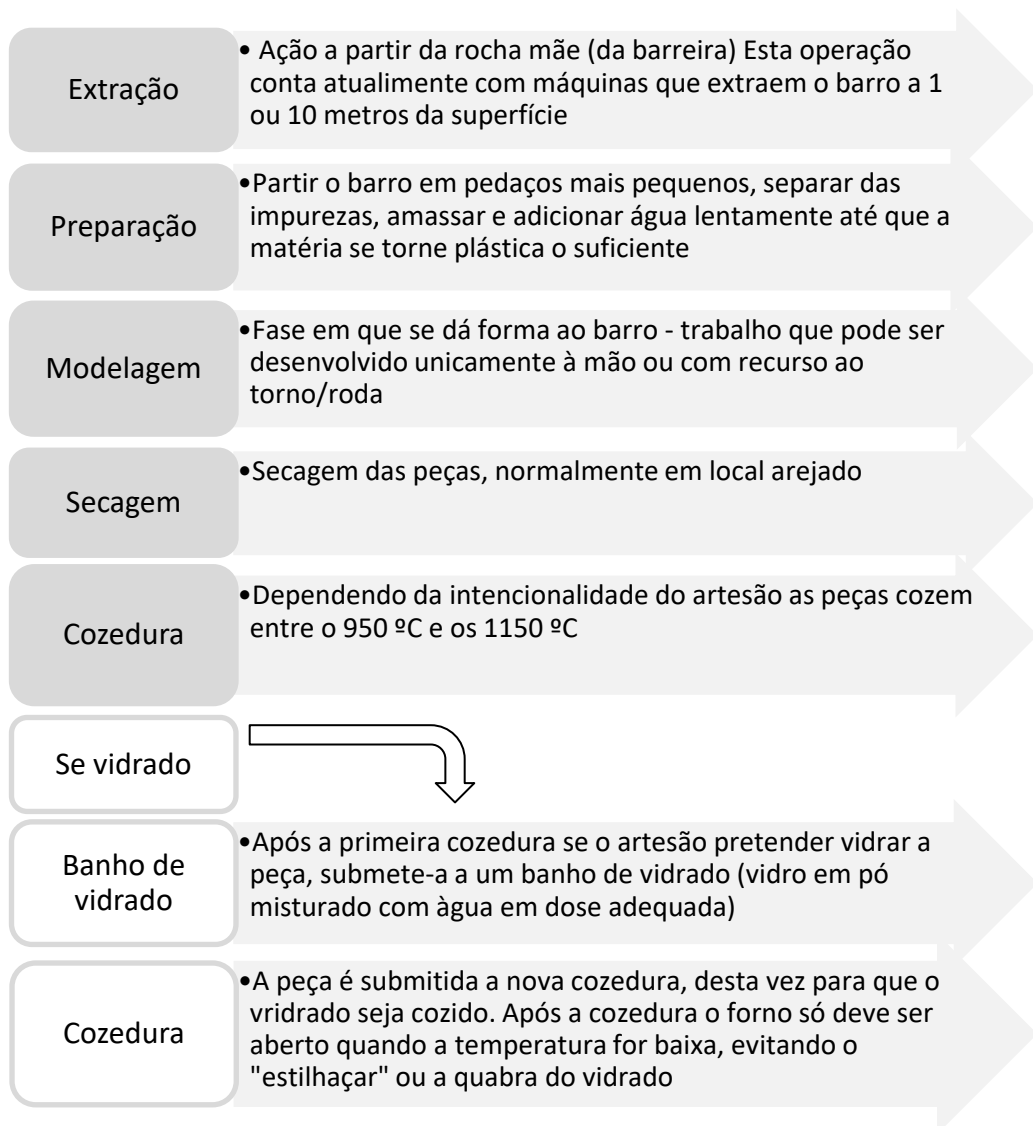
2. designação comum a tijolos, telhas e outros objetos de barro cozido, bem como porcelanas, faianças e louça de grés"

*Cerâmica.* (2019). Obtido em 17 de Abril de 2019, de Infopédia - Dicionários Porto Editora: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cer%C3%A2mica>

Mais uma vez se salienta a confusão que pode existir entre ambos os conceitos – de uma maneira simples sugerimos a olaria como o processo de produção, local de produção e todas as fases que compreendem a extracção da matéria-prima, a preparação da matéria-prima, a modelagem, a cozedura e a cerâmica como descritiva de materiais acabados. No entanto não restringimos qualquer definição de uma ou de outra e entendemos que estes são conceitos que em diversos momentos poderão descrever a mesma ou as mesmas produções e objetos.

Neste contexto, apresentamos um esquema que, faseadamente, dá conta do processo de produção de uma peça de olaria ou cerâmica – com começo na extração do barro a partir da barreira ou da rocha mãe, a preparação do barro, a modelagem ou modelação, a secagem do barro e a cozedura, apontando ainda a opção da peça ser vidrada, tornando este ciclo um pouco mais demorado, acrescentando-lhe fases como vemos a seguir.

### Fases de produção de uma peça em barro:



Esquema 6 - Fases de produção de uma peça em barro

## O caso das Olarias de Barcelos – caracterização das argilas utilizadas

Como já foi referido anteriormente, Barcelos caracteriza-se pela presença de barreiras de argilas comuns. Contudo existem também argilas especiais – ao contrário do que se via antigamente, a maior parte dos artesãos/fábricas tendem a adquirir o barro já pronto, quer pela falta de espaço de alguns locais de trabalho quer pelo processo moroso e fisicamente exigente que é necessário.

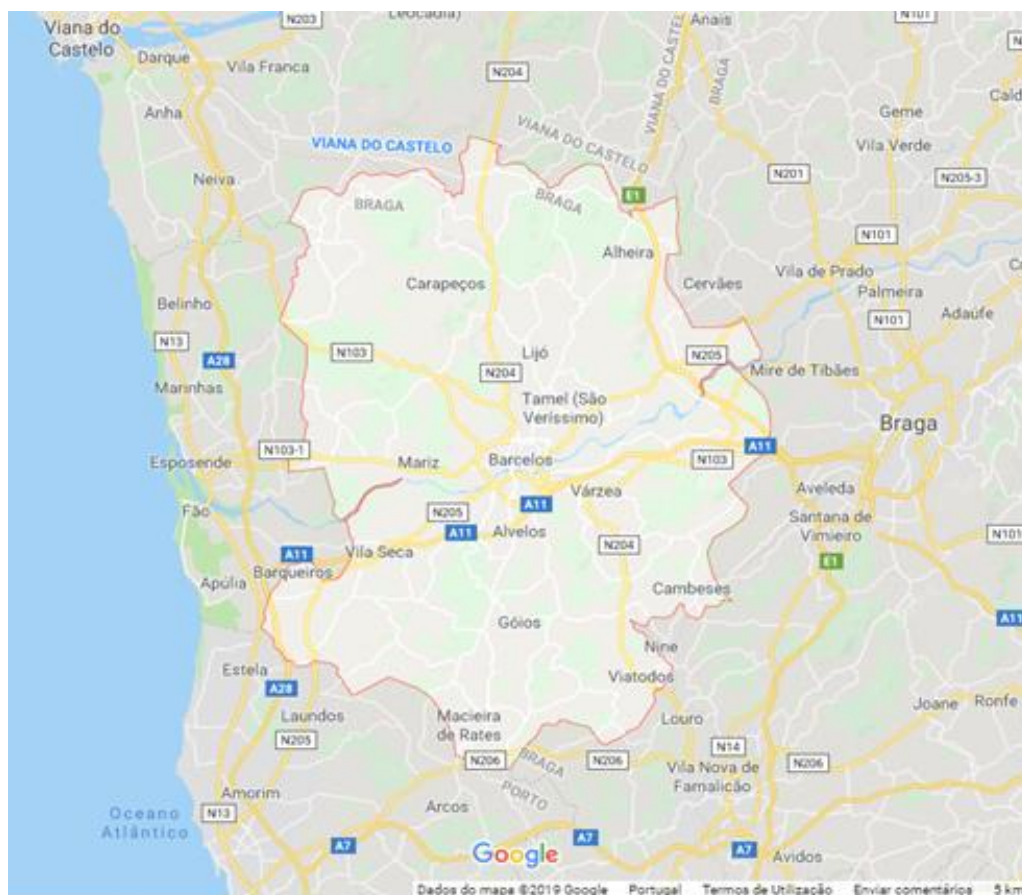
Assim em Barcelos utilizam-se:

<p><b>Argilas Comuns ou Barro Vermelho</b></p> <p><b>Caraterizam-se por serem argilas plásticas e as mais abundantes na natureza</b></p>	<p><b>Argilas Especiais</b></p> <p><b>Caraterizam-se por serem argilas muito plásticas</b></p>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Em cru: apresentam coloração acastanhada, bege ou acizentada;</li><li>• Após cozedura apresentam-se com cor de tijolo</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Em cru apresentem coloração branca, cinzenta ou negra</li><li>• Após cozedura apresentam-se brancas, cinzentas ou bege claro</li></ul>

*Esquema 7 - Argilas de Barcelos*

É de salientar que atualmente a maior parte das produções de olaria e figurado de Barcelos usam argilas provenientes de Viana do Castelo e Aveiro dado a inativação da maior parte das barreiras do concelho e consequente inexistência de barro extraído no concelho.

### 3.2. BARCELOS, UMA TERRA DE BARREIRAS E OLEIROS



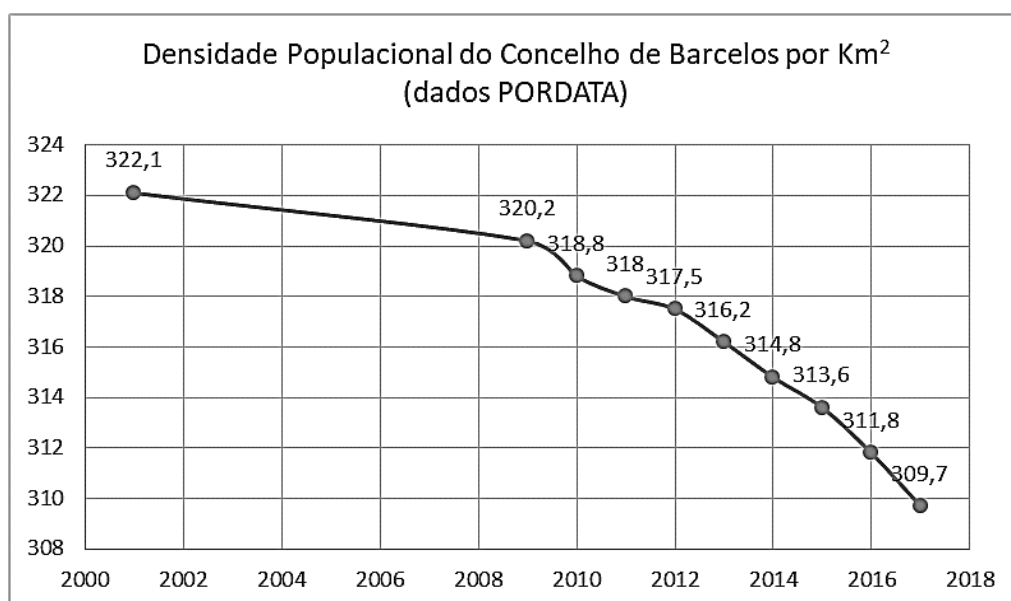
*Imagem 2 - Delimitação da área geográfica de Barcelos; Fonte: Googlemaps, obtida a 21 Março 2019*

Barcelos foi elevada à categoria de cidade a 31 de Agosto de 1928 (PINHO, s.d.), contudo a sua fundação data de 1177 com o 1º foral a ela atribuído por D. Afonso Henriques. A cidade minhota constitui o maior concelho do país – no ano de 2013, dada a reorganização de freguesias, passou a comportar 61 freguesias e uniões de freguesias (estes dados podem ser consultados a partir do sitio *online* do Município de Barcelos). Esta informação comprova-se através da Publicação “Barcelos Revista”, na qual Victor Pinho (s.d.), refere que “... *Barcelos era sede do maior concelho do país e uma das mais importantes*

*comarcas judiciais, com uma população superior a 50 mil habitantes. A agricultura era a sua principal actividade económica e o seu principal factor de riqueza...”*.

A delimitação da área geográfica do concelho de Barcelos é formada por Viana do Castelo (norte), Braga (leste), Vila Nova de Famalicão (sueste), Póvoa de Varzim (sudoeste) e Esposende (oeste) – estas são as suas fronteiras territoriais. Esta região está ligada por redes viárias às cidades de Braga e Porto, em território português e a Espanha, para além das ligações ferroviárias.

O concelho apresenta uma dimensão aproximada de 378,9Km<sup>2</sup> e o Rio Cávado divide horizontalmente a cidade em duas partes.



*Gráfico 1 - Densidade Populacional do Concelho de Barcelos (por KM<sup>2</sup>) - Dados obtidos via PORDATA – Informação convertida em gráfico*

Segundo os gráficos abaixo, a densidade população ao ano de 2001 era de 322,1 por km<sup>2</sup> a população residente de 122,041 (no total dos grupos etários) – estes dados estão disponíveis na Base de Dados Portugal Contemporâneo (PORDATA).

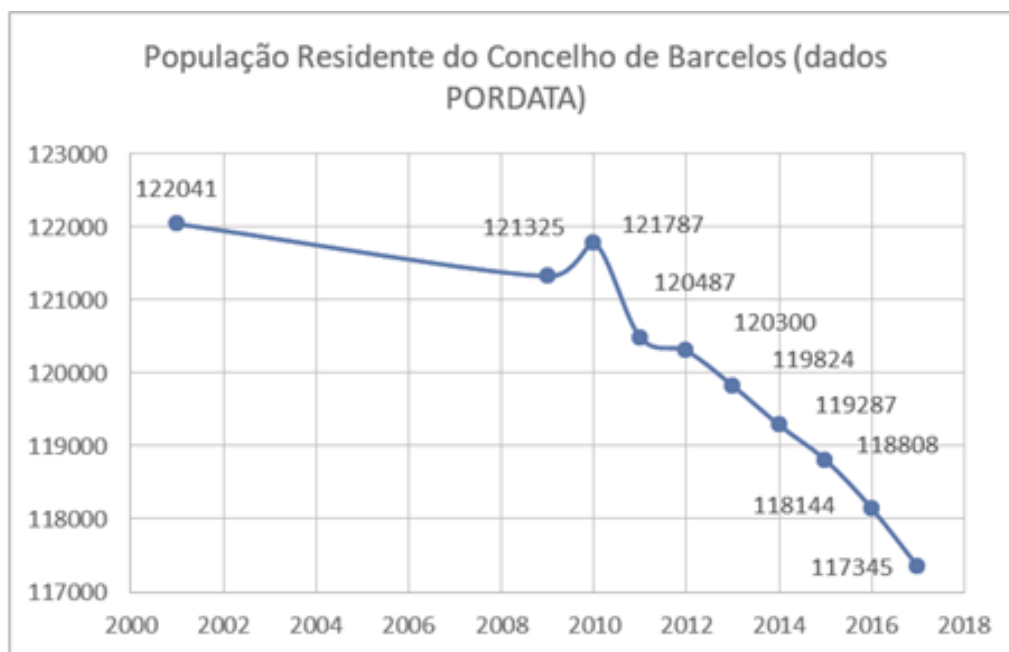


Gráfico 2 - População Residente do Concelho de Barcelos - Dados obtidos via PORDATA – Informação convertida em gráfico

O fator demográfico e social apresenta-se nos dados traduzidos em gráfico que mostram a diminuição da densidade populacional no concelho e a diminuição da população residente, à exceção do intervalo dos anos 2009 e 2010. Segundo os dados mais recentes (de 2017), o concelho de Barcelos apresenta uma densidade populacional de 309,7 por Km<sup>2</sup> e uma população residente de 117,345.

No que diz respeito aos recursos naturais o mais importante do concelho é o rio - O rio Cávado tem como nascente a Serra do Larouco (Distrito de Vila Real) e foz em Esposende. Barcelos caracteriza-se portanto pela existência de numerosas barreiras na margem direito do Rio Cávado. *“A presença de argila de distinta qualidade, tanto nas imediações como no próprio município de Barcelos, transformou este concelho num sinónimo de olaria e figurado.”* (Rios, Ramos, & Rêgo, As voltas do barro: Olaria de Barcelos, 2006).

Refere-se a Olaria em Barcelos como remontando à época castreja, passando também pela época Romana, pela Idade do Ferro, Idade Média, séculos XVI,

XVII e XVIII. Ao longo desta evolução temporal menciona-se o facto de muitas freguesias do concelho, terem passado para Barcelos, dada a extinção do antigo concelho do Prado no ano de 1855.

É de notar a influência que as louças de Barcelos tinham também noutras cidades, como no Porto. A feira de Barcelos é também famosa por ter muita diversidade de louças e aparece datada desde o século XIII.

*“A Feira de Barcelos é uma das maiores, mais antigas e mais admiradas em Portugal. Realiza-se todas as semanas, à quinta-feira, este dia é há muitos anos de intenso movimento. A sua história é muito longa, virá desde o século XIII, é certo que os primeiros documentos sobre a feira de Barcelos chegaram mais tarde, em 1412, quando o rei D. João a pedido do filho D. Afonso, conde Barcelos, concede uma feira de ano, com duração de 15 dias. A feira proporciona um encontro com os produtos, com a história, com a riqueza e valor do mundo rural. Aí encontra-se muito artesanato, uma ampla área com olaria e figurado...” (Feira de Barcelos, s.d.)*

A produção de olaria no concelho passou por vários momentos de “crise”, muito frequentemente dada a utilização de novos materiais de fabrico para peças utilitárias e o desatualizar de várias peças mais antigas (chocolateiras por exemplo). Contudo estas crises serão abordadas mais à frente, no trabalho que se apresenta. Podemos afirmar que a identidade cultural da cidade se rege por uma forte tradição oleira e dedicada a todas as atividades do barro, com características singulares na arte do figurado, atividade que nasce como subsidiária à olaria e à produção de louça utilitária. A paisagem cultural de Barcelos pauta-se por esta tradição e pela facilidade nos acessos à extração do barro – atualmente esta tarefa não é desempenhada com o mesmo vigor e frequência, comparativamente a décadas passadas. Presentemente os artesãos barcelenses recorrem, sobretudo, a algumas barreiras da região de Cabanelas dado que muitas das existentes em Galegos (Santa Maria e S. Martinho) e Manhente encontram-se hoje desativadas. O trabalho de extração do barro devia-se muitas vezes à proximidade das localidades com a matéria-prima e as barreiras, facilitando o seu transporte.

É fundamental referir que o processo de extração do barro (processo já descrito

anteriormente) contempla tarefas fisicamente duras e morosas – poucas são as descrições encontradas acerca desta temática, mas as que existem são bastante elucidativas do processo e da forma como os *barreiros* procediam na recolha da matéria-prima, como podemos ver na seguinte transcrição:

“... Para o extrair, quando ele se encontra a pouca profundidade, procede-se por rota aberta. Mas quando se encontra a grande profundidade, como acontece na nossa região, com excepção das barreiras da Agrela (Barcelos), é necessário proceder por meio de poços, e no interior da terra abrrs galerias que se vão tornando cada vez mais extensas à medida que o barro vai saindo. É interessante descer, pendurado na corda, encavalitado nos ganchos, ao fundo destas barreiras, e penetrar nas galerias escoradas com madeira e ramos de pinho, por entre os quais a agua escorre em abundancia depositando-se no fundo do poço, de onde é extraída de tempos a tempos por meio dum grande balde puxado pelo sarilho. Vemos então enorme camada de barro comprimida entre duas camadas de terra e areias e algumas vezes pedras. Esta camada de barro apresenta-se muitas vezes com grande espessura e nunca é extraído na sua totalidade.” (CORREIA, 1965, pp.9-10)

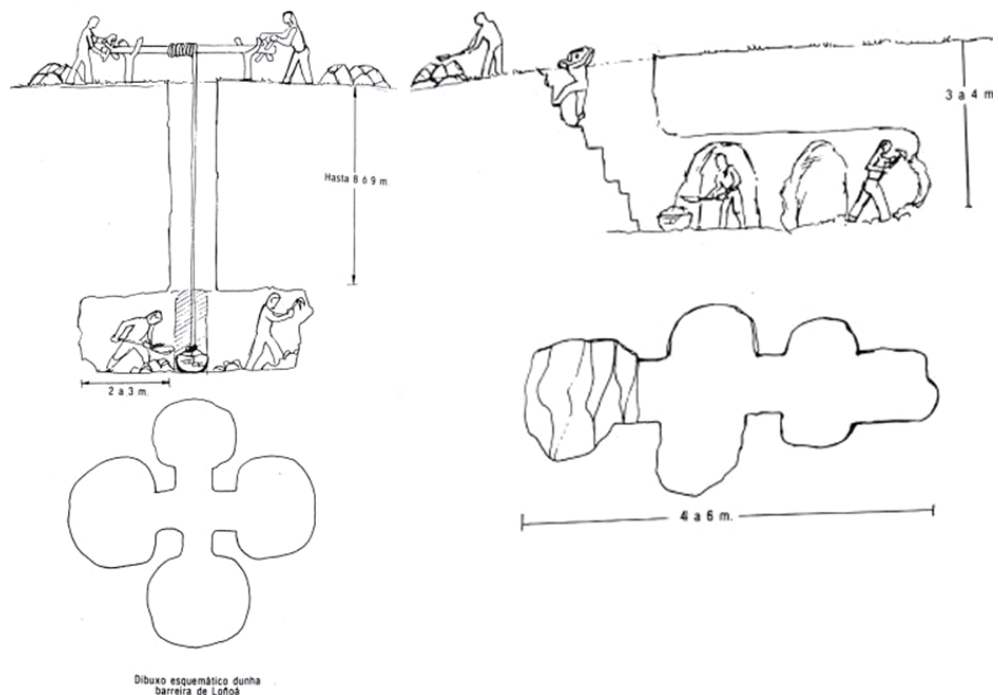


Imagem 3 - Barreira - Fonte: Os Oleiros - Cadernos Museo do Pobo Galego 2. (1981).  
Minerva.

No mesmo documento Correia (1965) refere a coragem dos homens que trabalham sob estas condições, elogiando a tecnicidade e o engenho com que a extração se processa – o recurso a elementos estruturais de engenharia, a utilização e criação de ferramentas de trabalho e o conhecimento das terras. A imagem que se apresenta permite-nos perceber a forma de uma barreira e ilustrar o processo descrito.

*“O barro é cavado nestas galerias e trazido para a superfície em cestos pendurados numa corda puxada pelo sarilho, - o mesmo sarilho que nos desceu lá ao fundo e nos puxou para cima. (...) Cada fabricante vai às barreiras escolher e comprar aquele que mais lhe convém. O preço é estabelecido por cesto ou por carro. Cada carro contém 28 cestos da barreira. (...) Os poços destas barreiras, para não aluírem, têm de ser arqueados com arcos de madeira. E quando a barreira já não dá mais barro, ou ameaça ruir, eles procuram tirar a maior quantidade de escoras possível e desarmar o poço.” (CORREIA, 1965, pp.9-10)*

Os artesãos adquirem, hoje, a sua pasta já pronta, sendo que a origem da mesma varia geograficamente: Viana do Castelo e Aveiro são algumas das cidades com boa qualidade de barro. Dada a inatividade de praticamente todas as barreiras do concelho, Barcelos não extrai barro suficiente face à produção artesanal. O processo manual da extração é hoje realizado, nos casos em que ainda é feito, com recurso a máquinas de apoio e o mesmo se aplica à preparação da pasta.

Após a extração do barro é ainda necessário todo um ritual de preparação, que se traça:

*“Inicialmente o barro era triturado num masseirão com o auxílio de um mascoto, sendo de seguida peneirado para uma masseira onde era misturado com água e amassado com as mãos «como quem amassa a broa». A mistura daí resultante era colocada sobre o vergadoiro e aí acabavam de o aperfeiçoar melhorando-lhe a plasticidade. Considerava-se então pronto a ser utilizado na roda. Mas, nos últimos anos de laboração destas oficinas, deixaram de triturar o barro no masseirão para passar a fazê-lo com um cilindro. O barro era colocado no chão e sobre ele passavam o cilindro várias vezes até o considerarem bem moído.” (A LOUÇA PRETA DE PRADO, s.d., p.8)*

Em períodos mais recuados, o barro era mesmo amassado com recurso a um

carro de bois – o barro era depositado numa espécie de círculo, ao qual chamavam *aloque*, e com recurso à circulação dos bois assim se amassava. Hoje o uso de cilindros mecânicos apoia a homogeneização da pasta.

Importa dizer-se que na atualidade o maior problema que está associado a esta atividade primária do tratamento dos barros se articula com a falta de mão-de-obra que queiram trabalhar o barro desde o início do processo, o que nos leva a questionar se tal afeta a *pureza* desta arte na essência total.

Não foram encontrados registos concretos das oficinas existentes que permitisse quantificar a influência produtiva oleira no concelho de Barcelos, quer antigamente, quer na atualidade. Sabe-se apenas que Correia, em 1965, destacava: “*Em 1890, o centro cerâmico de Barcelos, com as suas 101 oficinas, já era o mais importante do País, na categoria de cerâmica popular.*”. Esta informação constata-se, igualmente, numa publicação dedicada às “*Mais Antigas Coleções de Olaria do Norte de Portugal*” (2012), assumindo-se aqui um espaço de 47 anos como indicador temporal e unitário.

Não se encontrou porém informação atualizada (e atual) do número total de oficinas no concelho, o que nos obriga e remete para as existências segundo as Rotas da Olaria e do Figurado de Barcelos, criadas pela Câmara Municipal. Relativamente à Unidade Produtiva Artesanal (UPA), no ano de 2018 eram apenas 17 em todo o concelho de Barcelos.

A partir da informação recolhida no sítio *online* das rotas acima referidas, sendo que uma das fontes sistematizadas e acessíveis neste contexto, a Rota da Olaria reúne 55 artesãos ou fábricas, e a Rota do Figurado apresenta 52 artesãos ou coloristas, perfazendo um total de 107 artesãos “*registados*” (os números tendem a variar de 102 a 107, dependendo da fonte consultada ou da extinção da produção no caso de alguns artesãos e fábricas).

Ainda assim reconhece-se que a evolução temporal permitiu também o desenvolvimento de outras unidades de produção, da inovação de processos técnicos e do tecido produtivo e humano.

A perpetuação da arte prende-se com a urgência na divulgação e preservação dos saberes, permitindo a sustentabilidade das artes tradicionais – a

conformidade geracional e a passagem de conhecimentos, costumes, usos e rituais, a preocupação na correta transmissão de valores e a sintonia entre os fatores humanos, legislativos, da produção e da matéria-prima.

*“Como fenómeno Cultural e na sua plena acepção, as artes populares são, portanto, sociais. Têm por função servir material ou espiritualmente os homens que as utilizam, dando solução às suas necessidades ou expressão aos seus sentimentos (...) Nas artes populares, a continuidade dos modelos ancestrais vai em paralelo com o incremento de novos géneros, impulsionados pela influência das mudanças sociais na consciência estética das gentes do campo ou das cidades, que assim revigoram quotidianamente as tradições nacionais da Cultura.” (PACHECO, 1985, p.18)*

Não se pode abordar a olaria sem referir o figurado, arte que muitas vezes se impõe pelas suas características estilísticas, estéticas e da imaginação. É nela que se denota uma maior renovação das gerações de artesãos.

*“Com Rosa Ramalho descobrem-se os barristas seus contemporâneos: Luísa Lopes, S. Bento, Maria Sineta, Armando Macedo do Vale - o Barrote, Domingos Côta e, mais tarde, Ana Baraça, Domingos Gonçalves Lima - Mistério, Rosa Côta. Seguiram-se-lhes Rosalina Baraça, Fernando Baraça, Júlia Côta e Júlia Ramalho. E assim, lentamente e com o passar do tempo, novos barristas surgem - os filhos do Mistério, os filhos e netos de Ana Baraça, Fernando Morgado, Conceição Sapateiro, Manuel Macedo, Lourdes Ferreira, entre outros, proporcionando uma renovação da produção.” (Rios & Mesquita, Figurado de Barcelos: Desenhos de Barro, 2006)*

São bastantes os autores que defendem que esta é uma arte que passa de pais para filhos e de filhos para os seus netos, e assim sucessivamente. Os exemplos seguintes descrevem esta tendência:

### **Geração Ramalho**

- Rosa Ramalho (Rosa Barbosa Lopes)
- Júlia Ramalho (Maria Júlia Oliveira Mota Esteves)
- António Ramalho (António Manuel da Mota Ferreira)
- Teresa Ramalho (Teresa Maria da Mota Ferreira)

### **Geração Côta**

- Domingos Côto (João Domingos da Rocha)
- Rosa Côta (Rosa Faria da Rocha)
- João Côto (João Faria da Rocha)
- António Côto
- Júlia Côta (Júlia da Rocha Fernandes de Sousa)
- Emília Côta
- Prazeres Côta (Prazeres de Sousa Bogas)

### **Geração Mistério**

- Domingos Mistério (Domingos Gonçalves Lima)
- Agostinho Esteves Lima
- Manuel Joaquim Esteves Lima
- Francisco Esteves Lima

### **Geração Baraça**

- Ana Baraça (Ana Lopes Gonçalves Valada)
- Rosalina Baraça
- Fernando Baraça (Fernando Gonçalves Pereira)
- Irmãos Baraça (Moisés Nogueira Gonçalves e Vítor Manuel Nogueira Gonçalves)

#### *Esquema 8 - Gerações Ramalho, Côta, Mistério e Baraça*

As gerações que se apresentam encontram-se ainda hoje em produção. Naturalmente ao longo do tempo “nasceram” novos artesãos interessados na

arte do barro, com novos estilos de produção, estéticos e de composição. Os temas do figurado tendem a retratar a rotina diária dos seus mestres produtores – as procissões, as alminhas, as bandas de música, as feiras e o seu comércio, as profissões (o dentista, o fotografo, o médico, a parteira...), as lides domésticas e dos animais (matança do porco), os espigueiros, etc. Contudo com o avanço tecnológico e com as novas formas de produzir e fazer, os temas também se foram alterando. As temáticas e peças mais tradicionais dão lugar a peças contemporâneas quer em forma, quer em cor. O galo de Barcelos, por exemplo, assume hoje em dia as mais variadas formas e cores.

*“Os profissionais do sector do artesanato confrontam-se com esta opção clara e inadiável: acompanhar a evolução. Por isso não podem ser meros espectadores, não podem apenas ver o comboio passar. Têm que ser actores, apanhar o comboio, ter uma atitude de participação activa.”* (BARROCAS, 2014; MILHAZES & REMELGADO, 2006, p.10)



Imagem 4 - A evolução cromática e de forma do Galo de Barcelos - Fonte: (s.d.). Obtido de Evolução Galo de Barcelos: <http://2.bp.blogspot.com/-HyzEzDFt5Yo/VUEoMjvZAI/AAAAAAAAARKk/Kofqu4orEz8/s1600/Evolu%C3%A7%C3%A3o%2Bda%2BImagem%2Bdo%2BGalo%2Bde%2BBarcelos%2B-%2B>

São estas adaptações técnicas e morfológicas que permitem a evolução artística – a renovação de materiais e formas e a própria renovação do tecido humano e de produção – este são aspetos que serão posteriormente analisados.

O concelho de Barcelos é célebre pelo seu artesanato e pela fácil identificação das suas peças coloridas e pela boa qualidade da louça utilitária/ordinária.

*“Os centros oleiros diferenciam-se não só a partir da especificidade de técnicas, processos de fabrico, produtos e sua decoração, mas principalmente, pelos tipos de barro utilizados, nomeadamente barro vermelho e barro preto e, em casos raros, barro amarelo. Estas diferenciações entre técnicas e metodologias do Norte, Centro e Sul do país, decorrem das influências que a Olaria Portuguesa recebeu.” (BARROCAS, 2014, p.30)*

Barcelos faz-se notar pelas ótimas condições na extração do barro, dada a existência de barreiras predominantes na margem direita do Cávado.

Quanto aos recursos humanos estes têm variado ao longo dos anos, com o aparecimento de novos artesãos, com ou sem veias geracionais que os ligue à arte. Cada vez mais os apoios do IEFP contribuem pra a dinamização da Olaria e Cerâmica, bem como na criação de novos incentivos para as mesmas. Surgem cada vez mais artesãos autodidatas, com vontade de preservar os costumes aliados à inovação e tecnologia.

### 3.3. OLEIROS E ESTATUTO DOS ARTESÃOS: CARTA DO ARTESÃO E CARTA DE UNIDADE PRODUTIVA ARTESANAL

Com o crescimento do fenómeno do artesanato nos seus novos paradigmas, e nomeadamente das artes e ofícios cresceu também a preocupação do Estado Português e do Instituto do Emprego e Formação Profissional na criação de programas de legislação, promoção e mediação das Artes e Ofícios (Decreto-Lei n.º 122/2015 de 30 de junho<sup>10</sup>, criação do programa). Com estes programas surgem conjuntamente a Carta do Artesão e a Carta da Unidade Produtiva Artesanal. O estatuto dos artesãos tem sido trabalho ao longo do tempo na medida em que é necessário o seu reconhecimento e o apoio às artes tradicionais, tendencialmente tratadas como artes menores.

Segundo Fernandes, et.al (s.d), o oleiro era em tempos o homem que produzia louça por esta constituir um bem essencial na sociedade, atualmente o oleiro é visto não só como um artesão, mas como um conservador das tradições e costumes. O IEFP define artesão como o “trabalhador que exerce uma atividade artesanal, por conta própria ou por conta de outrem, inserido em unidade produtiva artesanal reconhecida.”<sup>11</sup>

Através da informação obtida no sítio online do IEFP o programa de promoção do artesanato ou das artes e ofícios visa a formação nestas áreas de trabalho e ainda o investimento, o estímulo e a promoção das mesmas, contribuindo para a sua necessária valorização, recuperação e perpetuação – para isso foi também criado um “Sistema Nacional de Qualificação e Certificação de

---

<sup>10</sup> Decreto-Lei n.º 122/2015 de 30 de junho - Programa de Promoção das Artes e Ofícios. (s.d.). Obtido em 17 de abril de 2019, de Diário da República n.º 125/2015, Série I: [https://dre.pt/home/-/dre/67641481/details/maximized?p\\_auth=s819Jvet](https://dre.pt/home/-/dre/67641481/details/maximized?p_auth=s819Jvet)

<sup>11</sup> Promoção do artesanato. (s.d.). Obtido em 17 de Abril de 2019, de Instituto do Emprego e Formação Profissional: <https://www.iefp.pt/promocao-artesanato>

*Produções Artesanais Tradicionais”* (Criado pelo Decreto-Lei n.º 121/2015 de 30 de Junho<sup>12</sup>).

A definição de critérios no que diz respeito à atividade artesanal, ao Estatuto do Artesão e da Carta de Unidade Produtiva Artesanal foram essenciais para o bom funcionamento desta política de apoio.

*A atividade artesanal consiste na atividade económica, de reconhecido valor cultural e social, que assenta na produção, restauro ou reparação de bens de valor artístico ou utilitário, de raiz tradicional ou contemporânea, e na prestação de serviços de igual natureza, bem como na produção e preparação de bens alimentares enquadrada pelos critérios atrás referidos. (Promoção do artesanato, s.d.)*

Realça-se o facto de a atividade ter de manter o seu fator tradicional em termos de produtividade, respeitando os processos. A Portaria n.º 1193/2003 de 13 de outubro<sup>13</sup> define a listagem de atividades reconhecidas para enquadrar o programa de promoção das artes e ofícios (esta portaria é atualizada sempre que necessário ou se verifique o aparecimento de novas atividades, desde que estas cumpram os critérios fixados para integrar o quadro de promoção).

Na portaria acima referida e no seu Anexo I, encontramos o repertório das atividades artesanais onde é possível verificar a menção à Olaria e Cerâmica inseridas no grupo 2, respetivamente no âmbito das “*Artes e ofícios da cerâmica*”.

No que diz respeito à Carta do Artesão e à Carta da Unidade Produtiva Artesanal esta entraram em vigor após a redação e publicação do Decreto-Lei n.º 41/2001

---

<sup>12</sup> Decreto-Lei n.º 121/2015 de 30 de julho - Sistema Nacional de Qualificação e Certificação de Produções Artesanais Tradicionais. (s.d.). Obtido em 17 de Abril de 2019, de Diário da República n.º 125/2015, Série I: [https://dre.pt/home/-/dre/67641480/details/maximized?p\\_auth=s819Jvet](https://dre.pt/home/-/dre/67641480/details/maximized?p_auth=s819Jvet)

<sup>13</sup> Portaria n.º 1193/2003 de 13 de Outubro - processo de reconhecimento dos artesãos e das unidades produtivas artesanais. (s.d.). Obtido em 17 de Abril de 2019, de Diário da República n.º 237/2003, Série I-B: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/481477/details/maximized>

de 09 de fevereiro<sup>14</sup> (com alteração no Decreto-Lei n.º 110/2002 de 16 de Abril<sup>15</sup>) – Os artigos 1 e 2 traçam com clareza algumas considerações pertinentes, de entre os quais o objeto da legislação e os objetivos de ambos os instrumentos:

*“Artigo 1.o (...) O presente diploma aprova o estatuto do artesão e da unidade produtiva artesanal e define o respectivo processo de acreditação.” (Decreto-Lei n.º 41/2001 de 9 de Fevereiro - estatuto do artesão e da unidade produtiva artesanal, s.d.)*

*“Artigo 2.o (...) tem por objectivos: a) Identificar os artesãos e as actividades artesanais, conferindo-lhes maior visibilidade e valorização social e contribuindo, também, para a dignificação das profissões ligadas ao artesanato, nomeadamente, junto dos mais jovens; b) Contribuir para uma adequada definição e ajustamento das políticas de incentivo e de discriminação positiva para o sector; c) Reforçar a consciência social da importância das artes e ofícios como meio privilegiado de preservação dos valores da identidade cultural do País e como instrumento de dinamização da economia e do emprego a nível local; d) Assegurar a produção de dados estatísticos que permitam obter informação rigorosa e actualizada sobre o sector, através do registo dos artesãos e das unidades produtivas artesanais.” (Decreto-Lei n.º 41/2001 de 9 de Fevereiro - estatuto do artesão e da unidade produtiva artesanal, s.d.)*

Mais determina o que se entende por Artesão (Artigo 9º) e Unidade Produtiva Artesanal (Artigo 12º):

*“... dominando o conjunto de saberes e técnicas a ela inerentes, ao qual se exige um apurado sentido estético e perícia manual.”  
(Decreto-Lei n.º 41/2001 de 9 de Fevereiro - estatuto do artesão e da unidade produtiva artesanal, s.d.)*

---

<sup>14</sup> Decreto-Lei n.º 41/2001 de 9 de fevereiro - estatuto do artesão e da unidade produtiva artesanal. (s.d.). Obtido em 17 de abril de 2019, de Diário da República n.º 34/2001, Série I-A: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/319952/details/maximized>

<sup>15</sup> Decreto-Lei n.º 110/2002 de 16 de abril - aprova o estatuto do artesão e da unidade produtiva artesanal. (s.d.). Obtido em 17 de abril de 2019, de Diário da República n.º 89/2002, Série I-A: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/304327/details/maximized>

*“... considera-se unidade produtiva artesanal toda e qualquer unidade económica, legalmente constituída e devidamente registada, designadamente sob as formas de empresário em nome individual, estabelecimento individual de responsabilidade limitada, cooperativa, sociedade unipessoal ou sociedade comercial que desenvolva uma actividade artesanal...”* (Decreto-Lei n.º 41/2001 de 9 de fevereiro - estatuto do artesão e da unidade produtiva artesanal, s.d.)

No que diz respeito à atribuição do Estatuto do Artesão e da Carta da Unidade Produtiva Artesanal, fazem-se as seguintes considerações, colocadas aqui na íntegra a partir da informação apresentada, mas aqui sistematizamos em forma de tabela, nas suas formas mais pertinentes do texto legal:

#### **Carta do Artesão**

- Para atribuição da Carta do Artesão, o mesmo deve exercer uma atividade que esteja presente no documento de repertório das atividades artesanais reconhecidas, da mesma forma que deve exercer o ofício como a sua única profissão;
- A carta pode ser atribuída a artesãos que não exerçam o ofício profissionalmente mas que colaborem na transmissão fundamental dos costumes e saberes ligados a determinado ofício ou arte tradicional;
- A validade da Carta do Artesão pode ser de 2 a 5 anos conforme os casos e é renovada de forma automática (desde que dentro dos trâmites legais) a cada 5 anos;
- Outras condições devem ser consultado no sítio online do IEFP e na legislação já referida e em vigor.

### **Carta da Unidade Produtiva Artesanal (CUPA)**

- Para atribuição da Carta da Unidade Produtiva artesanal é essencial que a unidade requerente tenha como responsável um artesão com Carta e Estatuto do Artesão, da mesma maneira que será fundamental que a unidade se dedique a uma produção artesanal das presentes no repertório de atividades artesanais;
- A validade da CUPA é semelhante à aplicada na Carta do Artesão - 2 anos de validade para unidades produtivas com atividade há menos de 3 anos e 5 anos para unidades com atividades que excedam os 3 anos; A CUPA é automaticamente renovada por períodos de 5 anos desde que cumpram os critérios estabelecidos por lei;
- Outras condições devem ser consultado no sitio online do IEPF e na legislação já referida e em vigor.

### **Certificação do Artesanato ou da atividade Artesanal – Orientações**

O Sistema Nacional de Qualificação e Certificação de Produções Tradicionais (SNQCPT) dá especial atenção à qualificação das produções artesanais e à certificação das respetivas produções, nomeadamente as de produtos artesanais tradicionais não alimentares e à joalheria tradicional, desde que em território nacional.

O sistema realça a importância da consciencialização das artes a nível nacional e da sua ligação a determinada área geográfica.

## Sistema Nacional de Qualificação e Certificação de Produções Tradicionais

- Para usufruto do SNQCPT é necessário ser-se detentor de Estatuto do Artesão e Carta do Artesão, bem como a Carta de Unidade Produtiva artesanal, certificando a produção como uma atividade produtiva tradicional (de acordo com as normas estabelecidas pela legislação em vigor);
- O pedido deve ser apresentado por uma entidade representante que no caso poderá ser qualquer autarquia a local nacional, um produto de joalheria tradicional inscrito no repertório de atividades tradicionais ou outros produtores desde que cumpram os requisitos de atribuição (outros podem ser consultado no sitio online do IEFP);
- *REGISTO NACIONAL DE PRODUÇÕES ARTESANAIS TRADICIONAIS CERTIFICADAS* - A par do SNQCPT surge o RNPATC: neste registo podemos encontrar informação detalhada sobre as produções artesanais tradicionais inscritas no programa, entre outras informações;
- Destes registo surge o Caderno de Especificações e a Definição de uma marca de certificação aprovada pela Portaria 121/2015 de 30 de junho.

De acordo com Fernando Gaspar (2019), responsável do CEARTE, numa intervenção dedicada ao Dia Mundial do Artesão, subordinada ao tema – “Novos Caminhos e Desafios para as Artes e Ofícios Tradicionais”<sup>16</sup>, no que diz respeito ao “Quadro legislativo das artes e ofícios”, refere da importância da atribuição das Cartas de Artesão e de UPA, salientando o reconhecimento dos artesãos e das atividades a nível nacional, independentemente da área de produção (cerâmica, tecelagem...).

---

<sup>16</sup> Gaspar, F. (19 de março de 2019). Novos Caminhos e desafios para as artes e ofícios tradicionais.

É de destacar que na mesma intervenção fez referência aos 15 anos desde o início da certificação e do que ao longo deste tempo foi sendo feito – a melhor delimitação e caracterização das artes e ofícios; a criação de um registo Nacional do Artesanato, onde é possível consultar produtores/artesãos e as respetivas atividades que exercem; a forte valorização e entendimento das atividades tradicionais artesanais; a importância do registo para a economia do país; a valorização da atividade artesanal como profissão e a criação de estímulos e programas do IEFP no campo das artes e ofícios constituem alguns exemplos da evolução da certificação, do quadro normativo e da legislação. No entanto, Fernando Gaspar (2019) acredita na existência de melhorias que podem ser feitas num futuro próximo – a maior articulação e capacitação entre os produtores e a relação com as organizações de feiras e certames; a atualização da legislação, e dos diplomas de CA e CUPA; avaliação para a criação da Carta de Mestre Artesão (pela experiência de vida, trabalho, técnica, produção...); atualização das atividades reconhecidas como artesanais tradicionais (e ajuste na designação das mesmas) e por fim a necessidade de ajuste na legislação em vigor.

Sabe-se que desde a criação da certificação foram atribuídas 3400 UPA'S das quais 2900 estão ainda em vigor (as primeiras foram atribuídas no ano de 2004). Como desafios de futuro, Fernando Gaspar destaca a necessidade da identificação total das atividades artesanais tradicionais do país, tendo em vista um trabalho amplo de certificação e o reconhecimento da proteção do artesanato a nível Europeu.

Estas são algumas das considerações por ele apontadas (2019), que contribuem cumulativamente para o estudo em causa, permitindo apresentar esta informação como complemento e nota do que foi feito e do que possa estar por fazer, como resumo à certificação, à CA e à CUPA, apontando estrategicamente os caminhos da sua evolução e desafios.

**O caso do artesanato de Barcelos:**



*Imagem 5 - Capas dos Cadernos de Especificações da Olaria e Figurado de Barcelos -  
Fonte: Caderno de Especificações para a Certificação - Figurado de Barcelos. (2014).  
Barcelos: Município de Barcelos. E Caderno de Especificações para a Certificação - Olaria de  
Barcelos. (2010). Barcelos: Barcelos Município.*

O Município de Barcelos inicia o processo de certificação da Olaria e do Figurado de Barcelos em meados do ano de 2008, altura em que redige as primeiras edições do Caderno de Especificações de cada uma das tipologias de

artesanato – Olaria<sup>17</sup> (versão atualizada em 2010, 2ª edição) e Figurado<sup>18</sup> (versão atualizada em 2014, 3ª edição).

As marcas Olaria de Barcelos e Figurado de Barcelos foram aprovadas em 2005 pelo INPI, que garantia a identificação de uma produção de área geográfica restrita ao concelho de Barcelos.

Os Cadernos de Especificações referidos apresentam esquemas/estruturas de redação muito semelhantes: contextualizações históricas e geográficas, proveniência ou identificação dos materiais e matérias-primas, descrição do modo de produção, identificação das principais características dos produtos/objetos/peças, condições de inovação ou desafios de futuro e referências às normas de qualidade, no caso da Olaria.

No Encontro comemorativo do Dia Mundial do Artesão, Teresa Costa (ADERE CERTIFICA), deixou-nos algumas considerações acerca da olaria e figurado de Barcelos, e sobre os 10 anos de certificação de ambas as tipologias de Artesanato. Sabe-se através desta intervenção que no ano de 2018 estavam atribuídas 17 UPA'S ao figurado e 2 à olaria de Barcelos, tendo em conta que a certificação não é obrigatória e que existem ainda muitas resistências à valorização e reconhecimento da mesma. Em 2019, crê-se que o número de UPA'S atribuídas no concelho de Barcelos cresça, assim como o reconhecimento do Artesanato na região, fruto da classificação do Concelho como Cidade Criativa da UNESCO no ano de 2017. A responsável da ADERE CERTIFICA acredita por isso que o título da UNESCO seja uma mais-valia para a Cidade, e que este sirva como alavanca para o futuro das artes e ofícios tradicionais.

---

<sup>17</sup> Caderno de Especificações para a Certificação - Olaria de Barcelos. (2010). Barcelos: Barcelos Município.

<sup>18</sup> Caderno de Especificações para a Certificação - Figurado de Barcelos. (2014). Barcelos: Município de Barcelos.

Até ao fim do ano de 2018, Barcelos era a única detentora de certificação de artes cerâmicas em Portugal Continental. Já no final do referido ano, foram certificados os Bonecos de Estremoz e em 2019 outras produções cerâmicas poderão obter certificação, no caso: louça preta de Bisalhães, louça de Molelos, entre outras.

A certificação é sempre feita através da publicação do Caderno de Especificações de determinada produção, e orientada ocasionalmente por uma Comissão de Acompanhamento que analisa a situação de cada produção e que traçará objetivos futuros.

Por fim, a temática da certificação faz prever vários desafios futuros na revitalização e manutenção da valorização das artes e ofícios não só em Barcelos mas a nível Nacional – a correta manutenção da tradição, a continuação e perpetuação na transmissão de saberes fundamentais nas produções e rituais artesanais, a revitalização das CUPA'S (atualização), a procura de mais e novos mercados e a maior promoção e valorização do artesanato e das artes tradicionais. A certificação contempla um “instrumento” fundamental no respeito das produções tradicionais e identitárias das diversas regiões do país.

## 4. DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO E AS SUAS COMPONENTES

Este capítulo dedicado ao desenvolvimento do estágio e as suas componentes debruça-se sobre os pontos associados ao Museu de Olaria enquanto instituição, tutelada pela Câmara Municipal de Barcelos, e aos temas a ele relacionados, nomeadamente: a sua origem enquanto marco referencial no campo das artes e do património, da olaria e da cerâmica portuguesa e além-fronteiras, a história do edifício em que se instala atualmente e a evolução pela qual o mesmo passou ao longo de tempos de adaptação, remodelação e reestruturação. Da mesma maneira, são abordadas questões relacionadas com os serviços do Museu e as atividades educativas ou lúdicas que o mesmo desenvolve – serão por isso analisados os serviços de Gestão de Coleções, Centro de Investigação e o Serviço Educativo e de animação.

Quanto ao serviço Educativo a informação apresenta-se como uma síntese do programa de 2018/2019 que o Museu disponibiliza *online*.

Por último apresenta-se um organograma atualizado do Museu de Olaria, dividido por serviços e descrito para que se entenda a posição do estagiário na organização estrutural da instituição cultural.

## 4.1. O MUSEU DE OLARIA DE BARCELOS

O Museu de Olaria de Barcelos é uma instituição tutelada pela autarquia – a Câmara Municipal de Barcelos. A sua criação data do ano de 1963, tendo como origem uma doação de Joaquim Sellés Paes Villas Boas<sup>19</sup>. No entanto esta coleção já tinha chegado a mãos da CMB por volta do ano de 1952.

*“Por carta escrita ao Presidente da Câmara, em 17 de Março de 1952, Sellés Paes identifica a doação: as peças de olaria popular barcelense em todas as variedades de fabrico – vidrada, por vidrar, negra e pintada. (...) as peças não pertencentes em fabrico à nossa região, tal como bonecos de Estremoz, peças de Canha, Vilar de Nantes, Pampilhosa, etc., salvo se, ao Município e para comparação, parecer de vantagem que a ele Município pertençam. Reconhece ainda o direito de englobar na coleção das olarias as rocas, fusos, espadela, espadela douro, partiselas, jugo de trabalho, fundo de tabuleta de carro e artefactos de folha que na sala do depositário se encontram assim como lenços de mão bordados a ponto de cruz (...) Amante da sua terra, Sellés Paes, acrescenta ao espólio cerâmico barcelense um conjunto de peças de outras regiões e objectos etnográficos. (...) Sellés Paes determinava a dinâmica deste Museu, transformando-o de museu local em museu aberto a colecções de outros centro olários que, de acordo com a vontade do doador, permitissem aprofundar os estudos, pela comparação e compreensão da difícil problemática da olaria.” (Sellés Paes - Uma doação: exposição, 1996, pp. 5-6)*

Após esta doação, todo o espólio passou a ser depositado numa sala subterrânea localizada no Paço dos Condes de Barcelos que terá sido construída em meados de 1949 com o intuito de albergar peças de olaria Barcelense.

Nesta altura existia um pequeno Museu, que alguns autores o consideravam já como um Museu especializado – o Museu de Cerâmica Regional, inaugurado a 04 de maio de 1963, e mais tarde Museu de Cerâmica Popular Portuguesa.

---

<sup>19</sup> Importante etnógrafo barcelense, com interesse pelas áreas da arqueologia, da crítica de arte e do hipismo. Nasceu no ano de 1913 em Madrid, mais tarde a sua família muda-se para Barcelos. Frequentou o Liceu de Braga e posteriormente terá estudado em Coimbra.

Após alguns anos e com o crescimento constante da sua coleção a sala subterrânea deixa de ser adequada à função que até ali cumpria – albergar toda a coleção enquanto acervo e a exposição como mostra. É o primeiro diretor do Museu – Eugénio Lapa Carneiro que dá pela falta de condições e alerta para a necessidade de melhoramento e evolução deste Museu. Desta forma, a CMB faz transferir as reservas do museu para uma propriedade que teria adquirido na década de 70 - a Casa dos Mendanhas Benevides Cyrne.

Após longas obras de requalificação e adaptação do espaço, datadas de 1991, só no ano de 1995 é que é inaugurado o Museu de Olaria – a 26 de julho de 1995.

Vários anos mais tarde, começa a verificar-se a degradação do espaço e a necessidade de novas obras de melhoramento, que contribuíssem para a reabilitação estrutural e museológica, complementando as condições pré-existentes, criando novos e maiores espaços, permitindo a realização de novas atividades e a incorporação de mais peças em acervo, depósito e coleção.

Desde o lançamento de concurso por parte da Câmara Municipal de Barcelos para a execução das obras em 2009, apenas em outubro de 2012 estas se iniciaram – entre datas dá-se a insolvência da primeira empresa escolhida e há por isso a obrigatoriedade de substituição de entidades e abertura de novo concurso. Findas as obras em junho de 2013, o Museu de Olaria volta à Casa dos Mendanhas, dado que em período de obras o mesmo esteve instalado no Estádio Municipal.

Recuemos alguns anos:

*“É claro que considero o Museu de Cerâmica Popular Portuguesa – aquilo que ele pode ser, aquilo que já existe o embrião – uma coisa importante para Barcelos e para o País (...) O Museu de Cerâmica Popular Portuguesa é já um museuzinho especializado, e por isso não será difícil dotar Barcelos de um museu moderno em todos os sentidos, tanto mais que não existe no País outro museu unicamente dedicado às olarias, lacuna muitíssimo de lamentar no «novo mundo da cerâmica»” (Carneiro, O Museu de cerâmica popular Portuguesa será uma realidade porque era e é de facto desejado por muitos, 1969, pp. 3-8)*

*“Ora nós temos aqui um museuzinho: o Museu de Cerâmica Popular Portuguesa (...) abriu-se ao público uma sala de muito asseio e com umas centenas de*

*espécies das oficinas barcelenses. Em duas vitrinas mostravam-se vasilhas, bonecos e brinquedos de outros centro oleiros, mas apenas como termo de comparação. Era um museuzinho da cerâmica regional. O pouco espaço, o infeliz mobiliário, e uma tradição viva nos museu da província – a tradição que manda meter o rossio na betesga – ditaram as suas leis, e fez-se letra morta de princípios tão elementares como o que diz que qualquer objecto deve poder ser examinado individualmente sem que outro prejudique a observação... (...) digamos que o depósito começa ali, que aquilo é uma parte do depósito aberta ao público. Noutras salas (instaladas noutro edifício) se desenvolve a actividade actual do museu: a entrada e a conservação de novas peças, a etiquetagem, a organização das colecções, a preparação dos ficheiros, a organização da biblioteca e do arquivo, a distribuição das publicações, etc. (...) Neste museu do novo mundo da cerâmica ficará assim bem representado esse fascinante aspecto da cerâmica do Novo Mundo. Será a primeira colecção do género num museu português! (...) o Museu de Cerâmica Popular Portuguesa ainda não começou a existir para o grande público (...) o chamado Museu de Cerâmica Popular Portuguesa ainda não é um museu. Mas pode ser o embrião do museu que falta no novo mundo da cerâmica!” (Carneiro, O Museu que falta no novo mundo da cerâmica ou a responsabilidade de um título, 1969, pp. 9-11)*

São raras as descrições do antigo Museu de Cerâmica Popular, mas é com empenho que Eugénio Lapa Carneiro (seu primeiro diretor) visiona o Museu de Olaria, na altura Museu de Cerâmica Popular Portuguesa como uma promessa de evolução. O “embrião” do Museu de Olaria era ainda pequeno em dimensão e em coleção, não excetuando a determinação em atingir metas mais além- de crescimento e inovação. Além disso as citações acima dão conta do “aspeto” geral e disposição da coleção enquanto esta permanecia na sala subterrânea do Paço do Conselho e salientam a importância do Museu ser único no País. Atualmente permanece sob a direção da Dra. Maria Cláudia Milhazes e apresenta grande projeção nacional dado ser o único Museu do País especializado em Olaria. A nível internacional tem deixado a sua marca com parcerias a outros museus e instituições culturais de relevo. O Museu apresenta serviços diferenciados de gestão de coleções, um centro de documentação, e um serviço educativo e de animação. O seu regulamento faz uma resenha genérica da sua história e origem, passando pelas coleções e serviços e definindo estratégias claras orientadas pela Lei-Quadro dos Museus Portugueses.

No que diz respeito à coleção do Museu, atualmente incorpora mais de 9500 peças, sendo que a maior parte delas são do concelho de Barcelos, contudo com forte presença de peças de outras regiões.

*“O acervo do Museu de Olaria é essencialmente etnográfico e representativo da atividade de produção de olaria. Mas o Museu possui também peças de faiança, azulejos, cerâmica arqueológica, e alguns instrumentos de trabalho. A coleção de olaria portuguesa está dividida em louça preta, louça vermelha fosca, louça vermelha vidrada e figurado, e encontra-se organizada por zonas geográficas, centros produtores e tipologias de formas.” (Museu de Olaria, s.d.)*

O Museu de Olaria apresenta os mais diversificados objetos dentro da sua temática. As suas coleções reúnem artefactos de artesões oleiros de todo o país e algumas peças de países estrangeiros. A região Norte de Portugal é aquela cuja representatividade de objetos é maior. Contudo estão disponíveis no acervo peças de todos os centros oleiros do País, entre os quais, Prado (Barcelos, Braga), Guimarães (Braga), Bisalhães (Vila Real), Vilar de Nantes (Chaves, Vila Real), Selhariz (Chaves, Vila Real), Calvelhe (Bragança), Pinela (Bragança), Bemposta (Mogadouro, Bragança), Mirandela (Bragança), Felgar (Bragança), Gondar (Amarante, Porto), Gove e Ancede (Baião, Porto) e por fim Fazamões (Resende, Viseu). No estrangeiro destacam-se o Brasil, Angola, Cabo Verde, Espanha, Argélia, China e outros.

No seio da coleção de Olaria de Portugal destacam-se quatro grupos essenciais: a olaria vermelha fosca (barro vermelho), peças de olaria vidrada, louça preta e ainda figurado – permitindo o estudo das gerações de oleiros na cidade de Barcelos, acompanhando a evolução ao longo do tempo dos mais diversos estilos produtivos, humanos e criativos. É ainda de destacar que as peças que se encontram no espólio estão datadas desde a segunda metade do século XIX e XX, não excetuando datas anteriores e posteriores às referidas.

Assim como outras instituições equiparadas, o Museu de Olaria de Barcelos tem como principais vocações e objetivos o estudo, a valorização e salvaguarda, assim como a divulgação das suas coleções. De notar o estabelecimento de ligações com outras instituições que constituam parcerias e desenvolvam ações

de dinamização relativamente aos seus espólios e coleções. Do ponto de vista regulamentar o MO, tem também como missão a perpetuação dos modos de fazer e das tradições sociais, económicas e humanas associadas à produção de Olaria e ao património tangível e intangível a ela associada.

Tendo em conta o regulamento da instituição sabe-se que o MO<sup>20</sup> se rege pelas principais leis do Património e dos Museus – Lei Quadro dos Museus Portugueses, Código do Procedimento Normativo, Constituição da República Portuguesa e outros - tendo o cuidado de ser coeso na definição da sua principal tarefa, bem como dos seus objetivos e vocação.

- “a) Estudar, salvaguardar e divulgar as coleções que constituem o espólio do Museu de Olaria;*
- b) Valorizar a olaria como testemunho e documento de uma tradição, de sociedades e de culturas;*
- c) Apoiar e colaborar na salvaguarda, estudo e divulgação do património olárico nacional;*
- d) Apoiar e colaborar na salvaguarda, estudo e divulgação do património cultural etnográfico, móvel e imóvel;*
- e) Alargar e diversificar os públicos do Museu;*
- f) Estabelecer parcerias com outras instituições nacionais ou internacionais (essencialmente os países lusófonos), tendo em vista o estudo, a divulgação e a fruição do património olárico nacional e estrangeiro;*
- g) Apoiar, sempre que possível, a criação, organização e consolidação de núcleos museológicos ou museus a serem criados na região e muito especificamente aqueles criados pela autarquia que se localizem na área geográfica do concelho de Barcelos, ajudando a promover e difundir as boas práticas inerentes à nova museologia.” (Regulamento Museu de Olaria, s.d.)*

Não será demais reiterar que o Museu de Olaria funciona como um equipamento cultural relevante da Cidade de Barcelos, dando ênfase a uma das principais áreas do artesanato do Concelho e do País – A olaria, a cerâmica, o figurado e as artes ligadas ao barro. Destaca-se pela sua localização em pleno

---

<sup>20</sup> (s.d.). Obtido de Regulamento Museu de Olaria: <http://www.museuolaria.pt/wp-content/uploads/2014/03/REGULAMENTO.pdf>

centro histórico, próximo de outros equipamentos culturais e de administração local: a Câmara Municipal de Barcelos, Posto de Turismo, Torre Medieval, Largo do Porta Nova, Galeria Municipal, Biblioteca Municipal, Casa da Azenha e *Help point* do peregrino dos Caminhos de Santiago.

O MO está aberto de terça a sexta-feira das 10:00h às 17:30h, aos fins de semana e feriados das 10:00h às 12:00h e das 14:00h às 17:30h. Encerra às segundas-feiras, no 1º de janeiro, Sexta-Feira Santa, Domingo de Páscoa, 15 de Agosto, 24 e 25 de Dezembro.

Atualmente as visitas nas suas várias formas – guiadas pedagógicas, guiadas de grupos, guiadas de escolas – são todas elas gratuitas. Quanto às atividades e programas os preços variam entre 1.10€ e os 2.20€, sendo que os programas escolares são também eles gratuitos.

Por fim, este é um Museu de se insere na Rede Portuguesa de Museus desde o ano 2000, mantendo-se ativo e concentrado nos seus públicos, cativando-os e alertando para a importância da Olaria no concelho, no país e como elemento geracional, patrimonial e artístico.

## 4.2. EDIFÍCIO – A CASA DOS MENDANHAS BENEVIDES CYRNE

O Museu de Olaria encontra-se atualmente na Rua Cónego Joaquim Gaiolas, na Casa dos Mendanhas Benvides Cyrne - edifício datado do século XVIII/XIX, com dois corpos oitocentistas. Tal como foi dito anteriormente, o Museu nem sempre ocupou este espaço.

O edifício onde está instalado foi adquirido pela Câmara Municipal de Barcelos na década de 70 do século passado, mas o mesmo já foi alvo de inúmeras remodelações e de vários usos.

Em 1899 foi uma habitação familiar, posteriormente adquirida por Padres Jesuítas e mais tarde passou para o domínio do Estado Português. De residência paroquial a quartel da Guarda Nacional Republicana, e depois Escola Industrial e Comercial, foi mais tarde adquirido pela CMB.

Após se ter compreendido que a sala subterrânea do Paço do Concelho onde a coleção se encontrava não reunia as condições necessárias de conservação e exposição do acervo dá-se a passagem para o atual edifício. Esta mudança realizou-se em pelo menos duas fases: a primeira de mudança das reservas e só posteriormente a instalação de todo o espólio e exposição.

Das mais importantes transformações feitas ao edifício destacamos as realizadas em finais do ano de 2009, em que o Museu fecha com o intuito de se realizarem obras de remodelação e ampliação do espaço – nesta altura o mesmo ficou temporariamente instalado no Estádio da Cidade de Barcelos.

No ano de 2010, no qual deveriam ter-se iniciado, efetivamente, as obras dá-se a insolvência da empresa escolhida por concurso público e obrigatoriamente se procedeu à seleção de uma segunda empresa que apenas iniciou os trabalhos em outubro de 2012.

O projeto tinha como fim a preservação de algumas das infraestruturas existentes, bem como todo o carácter histórico do edifício, tornando-o,

contudo, mais funcional e amplo. Alterações no rés-do-chão, bem como nos restantes pisos permitiram o aumento do espaço expositivo, bem como o melhoramento de outras divisões do Museu – o auditório e a sala de serviço educativo, particularmente.

*“A proposta contemplou a construção de um novo corpo - volume que acolhe a sala e a galeria de exposições - edificado no espaço do pátio, “desligado das paredes do edifício principal, flutuando sobre uma cobertura envidraçada (...) Aproveitando a oportunidade proporcionada pelas obras, os projetistas optaram por propor a demolição de parte do piso da antiga capela (piso construído quando o edifício servia outros fins) e assim conferir ao espaço a imagem que já tinha tido, “valorizando o património e restituindo ao arco toda a sua verdadeira grandeza (...) Além destas alterações, ao nível do rés do chão foi criada a “loja do museu” e uma cafetaria de apoio ao serviço e aos visitantes, cuja esplanada se estende para o jardim.*

*Na ala sul do rés-do-chão ficam instalados os espaços destinados às salas de documentação, a área administrativa, gabinete de restauro, espaço para reservas, e novas instalações sanitárias. No 2º andar foram redefinidos os espaços dos gabinetes e zonas de arrumos” (Antecedentes da musealização das olarias de Barcelos, s.d.)*

Uma área que inicialmente apresentava cerca de 2000m<sup>2</sup>, passou a ter um espaço de 2260 m<sup>2</sup>. As intervenções no museu terminam no ano 2013 e é nesta altura em que o Museu reabre ao público, com um renovado espaço.

O edifício apresenta no rés-do-chão vários serviços administrativos e expositivos – receção, reservas, centro de documentação, gabinetes, sala de restauro, cais, sala de exposições temporárias. No primeiro piso encontram-se: uma sala de exposição temporária, a grande sala de exposição permanente, auditório e sala de serviço educativo. No segundo piso, encontramos a sala de reuniões, gabinetes e uma sala de arrumos. Neste piso encontramos ainda um amplo espaço vazio que servirá para albergar peças de olaria do Centro e Sul do País como complemento à Exposição Permanente – “Olaria do Norte de Portugal”.

Em suma, numa das fachadas exteriores apresenta-se ainda um vistoso painel em mosaico, do ano de 1998, obra do artista Eduardo Nery.

### 4.3. FUNÇÕES E SERVIÇOS DO MUSEU DE OLARIA

O Museu de Olaria apresenta vários serviços diferenciados. De acordo com a Lei-quadro dos Museus Portugueses e o Regulamento do Museu de Olaria, o seu artigo 4º determina que o mesmo tem a vocação de:

“... estudar, documentar, conservar e divulgar as colecções de olaria que detém, bem como apoiar e colaborar na salvaguarda, estudo e divulgação do património olárico nacional, pertencente a particulares ou a outras instituições (...) O Museu de Olaria tem também como objectivo apoiar e colaborar na salvaguarda, estudo e divulgação dos centros produtores de olaria em Portugal assim como dos países de expressão portuguesa, sempre que solicitado.” (Regulamento Museu de Olaria, s.d.)

Os serviços que compõem o Museu<sup>21</sup> e a sua estrutura orgânica são definidos no seu artigo 9º – Direção, Serviço de Gestão de Coleções, Serviço Educativo e de Animação, Centro de Documentação, Serviços Administrativos e Serviços Auxiliares. Abaixo são descritos alguns destes serviços:

<b>Serviço de Gestão de Coleções</b>	Tem como principal missão a preservação e a salvaguarda do espólio museológico. Tem como funções a inventariação de peças e a sua boa organização. É também este serviço o responsável pela colaboração na realização/preparação das exposições do Museu, seleccionando as peças a expor, garantindo o seu bom enquadramento e interesse na mesma. Este serviço funciona no seguinte horário - de Terça-feira a Sexta-feira: das 10:00h às 12:00 e das 14:00h às 17h00.
--------------------------------------	---

---

<sup>21</sup> Os serviços descritos estão de acordo com o Regulamento do Museu de Olaria publicado online. Segundo organograma do Museu cedido pela Dra. Cláudia Milhazes os serviços são: Gestão e Documentação, Gestão de Coleções, Património Cultural Imaterial, Serviço Educativo e de Animação, Atendimento e Serviço Administrativo e Serviços Gerais e de Manutenção. Não nos compete aqui, em sede de trabalho, analisar ou tecer considerações sobre o aparente desfasamento entre os serviços descritos em regulamento e os fornecidos para a conceção do organograma aqui apresentado.

<p><b>Serviço Educativo e de Animação</b></p>	<p>O serviço Educativo e de Animação tem como função a dinamização das diferentes atividades dedicadas a vários públicos - anualmente é definida uma estratégia de divulgação do plano de atividade deste serviço, apropriando atividades às exposições atuais e as mesmas atividades a diferentes públicos.</p>
<p><b>Centro de Documentação</b></p>	<p>O Centro de Documentação do Museu de Olaria tem em si reunido um vasto leque de documentação acerca da cerâmica e da etnografia – é função deste centro a proteção dos documentos do Museu e ainda o apoio a profissionais/estudiosos/investigadores. O espaço funciona como uma biblioteca especializada nos temas da olaria, cerâmica, azulejaria e outros relacionados com as temáticas tratadas pela instituição e mantém um trabalho ativo nesta tarefa de renovação e atualização das publicações que integra.</p> <p>O MO participa ainda de várias monografias e publicações online, entre as quais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>→ Coleção Cadernos de Etnografia – 1ª série;</li> <li>→ Coleção Cadernos de Etnografia – 2ª série;</li> <li>→ Cadernos de Olaria;</li> <li>→ Fichas de Olaria;</li> <li>→ Coleções do Museu;</li> <li>→ Museu Aberto;</li> <li>→ Publicações sobre exposições;</li> <li>→ Revista Olaria;</li> <li>→ Outras publicações digitais.</li> </ul> <p>Este serviço funciona de Terça-feira a Sexta-feira: das 10:00h às 12:00 e das 14:00h às 17h00.</p>
<p><b>Serviços Administrativos</b></p>	<p>Segundo regulamento do MO este serviço trata a gestão telefónica e de correspondência e a organização da contabilidade e gestão da organização cultural.</p>
<p><b>Serviços Auxiliares</b></p>	<p>Os serviços auxiliares são compostos por uma equipa multidisciplinar dedicada aos serviços de receção, vigilância e limpeza.</p>

*Tabela 4 - Serviços do Museu de Olaria*

#### 4.4. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO MUSEU

O Serviço Educativo e de Animação do Museu de Olaria é em primeira linha responsável pela “...programação, organização e acompanhamento das diferentes atividades organizadas pelo museu e que exigem o contacto pessoal com os diferentes públicos que visitam a instituição.” (Regulamento Museu de Olaria, s.d.) As atividades dinamizadas estão em consonância com as exposições patentes em diferentes alturas do ano ou em diferentes anos, são adaptadas a diferentes públicos e faixas etárias. Na tabela abaixo faz-se em modo de síntese, a apresentação de todas as atividades que o MO oferece no ano de letivo de 2018/2019 (denomina-se de ano letivo, já que os programas tendem a acompanhar o esquema curricular das instituições de ensino).

<b>Exposições</b>		
	Olaria do Norte de Portugal	Sala de Exposições Permanente
	O Figurado	Sala de Exposições Temporárias (P1)
	Cerâmica Contemporânea	Sala da Capela
<b>Conhecimento e Experimentação</b>		
<b>Ensino Pré-Escolar</b>	“A Inês e a Galinha Pedrês que sabia contar até três e falar olarês”	Visita à Exposição de Olaria + Conto + Pintura de peça em miniatura
	“Os Meninos Gordos – Os heróis desta história”	Visita ao Museu + História dos Meninos Gordos + Atividade lúdica + atividade de modelagem
	“O Galo de Barcelos e a sua Lenda”	Atividade de modelagem

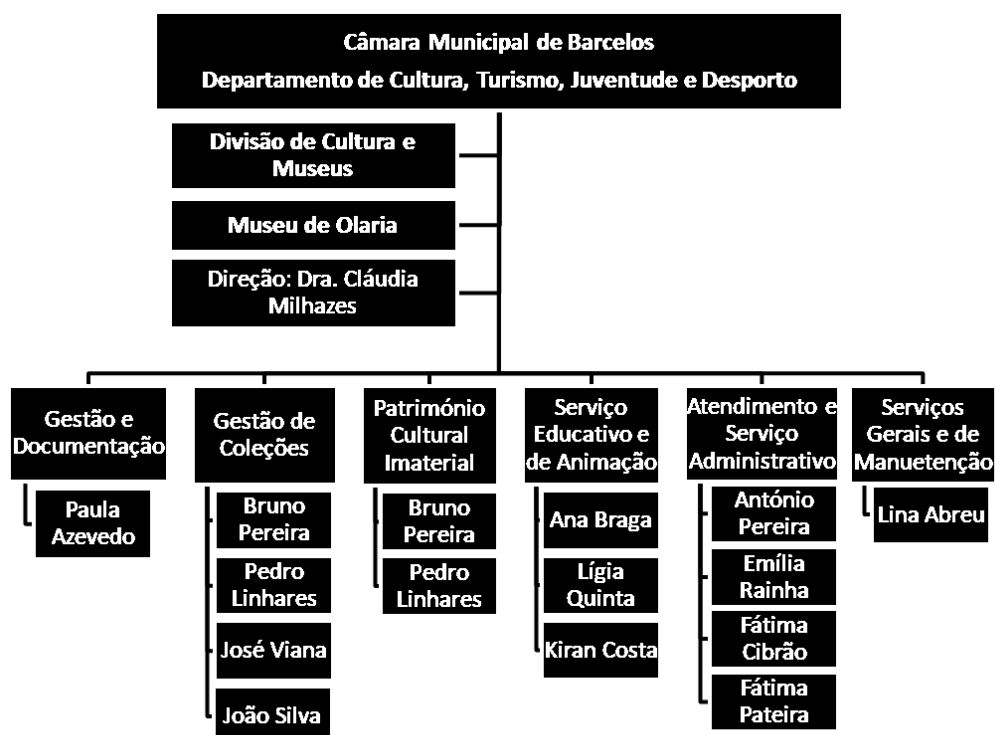
<b>Ensino Básico – 1º Ciclo</b>			
	<b>1º e 2º anos</b>	“Com conta, peso e medida – A História dos Meninos Gordos – Visita ao Museu”	Visita ao Museu + História dos Meninos Gordos + realização de desenho + pintura de peça em miniatura
		“Leitura Animada do Livro – A Inês e a Galinha Pedrês... Jogo da Inês”	Visita à Exposição Permanente + realização de jogo “Jogo da Glória”
		“O Galo de Barcelos e a sua Lenda”	Visita à Exposição de Figurado – Exposição temporária (P1)
	<b>3º e 4º anos</b>	“Olaria e as suas funções”	Visita à exposição Permanente + pintura de peça em miniatura
		“Os diferentes tipos de argilas e as diferentes formas de cozedura”	Visita à exposição Permanente + atividade de modelagem e roda de oleiro
		“O Figurado de Barcelos e a natureza da cor”	Visita à exposição temporária (P1) + atividade de modelagem ou atividade de pintura
		“Barcelos Cidade Criativa”	Visita ao Museu + Atividade Lúdica
<b>4º Ano para escolas do concelho</b>	“O Museu fora de portas Olhares sobre... os nossos direitos”	Atividade lúdica – Atividade em parceria com a Biblioteca Municipal de Barcelos – realização de painel de azulejo.	

<b>Ensino Básico – 2º e 3º ciclo</b>	<b>5º e 6º anos</b>	“Olaria   À roda do barro Da argila às técnicas de trabalhar o barro”	Visita à exposição Permanente + atividade de modelagem e roda de oleiro
		“O figurado de Barcelos e a natureza da cor – Visita e exploração da exposição de Figurado”	Visita ao Museu + atividade de modelagem ou atividade de pintura
		“Barcelos Cidade Criativa”	Visita ao Museu + atividade de modelagem
	<b>7º e 8º anos</b>	“Arte com ciência – A argila como fonte de conhecimento – uma experiência interdisciplinar”	Visita à Exposição de cerâmica contemporânea + atividade de modelagem + atividade de pintura com materiais cerâmicos
		“A louça regional de Barcelos – Forma, Função e Decoração”	Visita à exposição Permanente + visualização de documentário “A Olaria vidrada de Barcelos” + pintura de peça em barro
		“O Figurado de Barcelos   Da conceção à decoração”	Visita à exposição temporária (P1) + atividade de modelagem ou atividade de pintura de peça em barro

<b>Ensino Secundário e Superior</b>	“O Museu cá dentro”	Visita orientada a todos os serviços do Museu
	“Do Figurado de Rosa Ramalho à Cerâmica de Pablo Picasso”	Atividade de Modelagem
	“Painel Cerâmico   Eduardo Nery”	Visita ao Museu + realização de painel cerâmico (modelagem) ou realização de painel de azulejo (pintura)
	“Cerâmica Contemporânea”	Visita à exposição de Cerâmica Contemporânea + oficina de artes plásticas
<b>Património Material e Imaterial</b>		
	“Antropólogo por um dia”	1º Fase – Visita às escolas 2º Fase – Visita Guiada ao Museu e à reserva do Museu de Olaria + apresentação de trabalhos
<b>Museu Inclusivo</b>		
	“Público Escolar com características educativas especiais”	Visita ao Museu + Atividades de modelagem adequada ao grupo
<p>Síntese da seguinte fonte: <i>Programa de Serviço Educativo e de Animação - Atividades para a comunidade escolar: outubro 2018 - junho 2019.</i> (s.d.). Obtido em 3 de Março de 2019, de Museu de Olaria: <a href="http://www.museuolaria.pt/wp-content/uploads/2018/09/ProgramaMO_2018-2019_CorridoFim.pdf">http://www.museuolaria.pt/wp-content/uploads/2018/09/ProgramaMO_2018-2019_CorridoFim.pdf</a></p>		

Tabela 5 - Atividades de Serviço Educativo e de Animação do Museu de Olaria de Barcelos

## 4.5. ORGANOGRAMA DO MUSEU



Esquema 9 - Organograma do Museu de Olaria

Como já referido mais acima, mas reforçando a descrição estrutural desta organização, entendemos replicar parte com a adição de mais elementos pertinentes. O Museu de Olaria de Barcelos é uma Instituição tutelada pela Câmara Municipal de Barcelos, insere-se no departamento de Cultura, Turismo, Juventude e Desporto, na Divisão de Cultura e Museus a par de outras instituições do Concelho, com objetivos de dinamização, tratamento e difusão da cultura.

Do ponto de vista do organograma, o mesmo pode sofrer ocasionais alterações, dado o atual sistema de rotatividade das Instituições de tutela Municipal. No topo do organograma encontramos a direção da responsabilidade da Dra. Cláudia Milhazes, seguido dos 6 serviços diferenciados do Museu - cada um apresenta uma equipa interdisciplinar capaz de trabalhar os temas nas suas mais diversas aceções.

Como responsável pelo serviço de Gestão e Documentação (Centro de Documentação) encontra-se a Dra. Paula Azevedo, no Serviço de Gestão de Coleções o Dr. José Viana, Dr. João Silva, Dr. Bruno Pereira e o Dr. Pedro Linhares, estes dois últimos também responsáveis pelo Serviço de Património Cultural Imaterial. O MO entendeu a necessidade de recolha de testemunhos e documentação pertinente do PCI para a boa preservação dos costumes, tradições e rituais associados à olaria e cerâmica no Concelho de Barcelos.

O Serviço Educativo e de Animação está a cargo da Eng.ª Ana Braga, das funcionárias Lúcia Quinta e Kiran Costa, mediando as atividades de serviço educativo, assim como procedendo à criação e elaboração de novas atividades, com diversos públicos – desde o escolar, sénior e grupos com necessidades especiais.

O serviço de Atendimento e Administrativo conta com a colaboração de António Pereira, Emília Rainha, Fátima Cibrão e Fátima Pateira, sendo que de entre estes elementos, os mesmos poderão desempenhar outras tarefas que se verifiquem necessárias.

Por último o organograma dá-nos conta da existência de um Serviço Geral e de Manutenção que está atualmente a cargo de Lina Abreu.

É de notar a preocupação que o MO tem na formação do seu pessoal técnico, fazendo referência da mesma no seu regulamento, presente no artigo décimo:

*“Artigo 10º*

*Formação profissional*

*O Museu proporcionará, quando necessário e nos termos da legislação aplicável, formação especializada ao respectivo pessoal nas áreas da museologia”*  
*(Regulamento Museu de Olaria, s.d.)*

Por último deixamos a referência que em 2008 o ICOM criou o Referencial Europeu das Profissões de Museus, sendo estes um documento de base/apoio à divulgação das tarefas e qualificações de cada profissional associado à área museológica e do próprio papel dos Museus.

## **5. OLEIROS BARCELENSES: BREVE ANÁLISE DO TECIDO SOCIAL E DAS COMPLEXIDADES DA MANUFATURA**

A Olaria e o Figurado de Barcelos já têm vindo a ser contextualizados ao longo da redação deste estudo – aqui analisa-se o ontem e o hoje dos artesãos oleiros do Concelho de Barcelos, a sua relação com os modos de produção e as inovações temporais, os novos paradigmas e que futuro esperar para a Olaria e Figurado.

Tendo por base a relação destas artes com a responsabilidade administrativa da Câmara Municipal de Barcelos, compete também explorar este contexto através de uma análise SWOT detalhada dos seus pontos fortes, fracos, ameaças e oportunidades.

Por último apresentam-se propostas e planos de valorização das artes ligadas à olaria em Barcelos, partindo da classificação da Unesco à Cidade – em 2017 esta classificação eleva Barcelos à categoria de Cidade Criativa no campo do artesanato e da arte popular, alavancando estas tipologias artísticas tradicionais.

## 5.1. OS OLEIROS DE BARCELOS ONTEM E HOJE

Ao longo do trabalho apresentado foi-se dando conta de alguns artesãos do concelho, principalmente aqueles cujas gerações têm marcado o passado, presente e o futuro da produção de olaria e figurado na Cidade - “... Barcelos é atualmente (...) um dos territórios com mais artesãos e unidades produtivas artesanais, distribuídos por diversas produções, como a olaria, o figurado, a cerâmica tradicional...” (Famílias do Figurado, 2015, p.8). Partimos deste princípio para refletir sobre a relação das famílias do “antigamente” e do seu contributo na atualidade.

Em apêndice encontramos a compilação de todos os artesãos integrantes nas rotas da Olaria e do Figurado, cooperando na redação deste texto e nas referências que serão feitas sobre os artesãos.

Para entender o referido acima será importante realçar a diferença entre olaria e figurado: num primeiro momento abordam-se alguns mestres Oleiros que dedicaram a sua vida à produção de louça utilitária ou ordinária, respondendo às necessidades da sociedade. Atualmente a produção de louça utilitária pouco evoluiu, ao contrário do figurado. Esta produção mantém ainda processos produtivos tradicionais, adaptados aos novos tempos através de pequenos índices de mecanização (como por exemplo a eletrificação das rodas de oleiro), mas mantendo as formas produzidas aquando do seu “aparecimento”. Desapareceram, porém, outras peças utilitárias que ao longo dos anos perderam valor funcional efetivo e caíram em desuso. Hoje a louça utilitária foca-se essencialmente no fabrico de assadeiras, pingadeiras, canecas, malgas, pratos, copos, panelas, entre outros. O design regionalista continua presente nestas peças. Salvo algumas exceções produzem-se ainda vasos e outras peças de decoração – sendo estas os maiores alvos de exportação. Após alguns períodos de crise as exportações voltam a ser uma fonte rentável e fundamental para os produtores de louça regional e utilitária/decorativa. Vejamos o caso de Manuel Fernandes “Pindalho”, artesão produtor de louça

utilitária, na freguesia de Areias (Barcelos), que mantém a sua produção o mais artesanal e tradicional possível – em relato recolhido no âmbito deste trabalho, recorda o labor árduo da produção de louça utilitária e salienta que ainda possui o seu antigo forno a lenha.

Na freguesia vizinha – Lama (Barcelos) - encontramos a Fábrica de Jaime da Silva Barbosa, outrora do seu pai. Esta empresa de louça regional e tradicional Portuguesa passou para as mãos do filho. Aqui podemos ver o barro em bruto paredes meias com o interior da fábrica. Percebe-se que tratam o barro, produzem a peça com recurso à roda/torno, com acabamentos à mão e em prensas automáticas de produção (funcionam com a quantidade exata para a produção de uma peça específica), decoram à mão e finalizam com a cozedura das peças. O processo produtivo só termina com a entrega das peças ao consumidor final.

Outros artesãos e fábricas como “António Figueiredo Faria e Herdeiros”, “Cerâmica João Coelho Silva”, “Cerâmica Normand”, “Olaria Braz”, “Olaria Lino Lourenço” e a “Paulis” marcam o panorama da olaria em Barcelos (outros devem ser consultados em apêndice).

Júlio Alonso (pai) e João Alonso (filho) são uma das mais famosas gerações de artesãos oleiros e produtores de louça utilitário e figurado, particularmente em louça preta (esta característica obtém-se aquando da cozedura – o forno é abafado e as peças adquirem uma coloração escura).

Barcelos caracteriza-se pela maior abundância de fábricas de cerâmica nas freguesias da Lama e Areias S. Vicente, não obstante as de Roriz, Oliveira, Ucha, Areias de Vilar e com maior dominância de Galegos S. Martinho e Galegos Santa Maria. Ao contrário da olaria, o panorama da produção de figurado é profícuo – as gerações foram crescendo com os anos e com a forte valorização do figurado, das representações do real e imaginário, dos costumes e do dia-a-dia passaram de simples brinquedos a peças de decoração e admiração dos seus compradores.

Algumas fontes bibliográficas dão conta do trabalho de homens e mulheres e a associação era sempre feita da seguinte forma: os homens trabalhavam a roda

e as mulheres o figurado, estas últimas ainda sobrecarregadas com as atividades subsidiárias e as atividades associadas ao âmbito doméstico, ainda ajudando na produção da louça utilitária – “... o figurado de barro nasce num mundo tendencialmente feminino, produtor de coisas «inúteis», por oposição a um mundo masculino, produtor de peças de barro «úteis».” (Fernandes, et al., 2005)

Nos limites metodológicos e de tempo deste trabalho, não será possível abordar todos os artesãos da área de Barcelos e as suas relações familiares e geracionais. Abaixo apresenta-se uma tabela de relações entre artesãos – esta súmula, resulta em parte da consulta da publicação “O real e o imaginário: memória e identidade no Figurado de Barcelos” bem como dos contactos feitos com os respetivos artesãos. Apresentam-se os dados relativos ao nome do artesão, data de nascimento, relações familiares se ligadas ao barro e outras informações como distinções ou características identitárias:

Artesão/Artesã	Relações Familiares e aprendizagem	Outras informações
<b>Rosa Ramalho</b> (Rosa Barbosa Lopes) 1888-1977		Medalha “As artes ao Serviço da Nação” e “Dama da ordem de Sant’Iago da Espada”
<b>Rosa Côta</b> (Rosa Faria da Rocha) 1901-1983	Filha de <b>Domingos Côto e Emília Faria da Rocha</b> – Barristas	Casou com <b>Eduardo Percina</b>
<b>Eduardo Percina</b> (Eduardo Fernandes Sousa) 1901 - 1987		Casou com <b>Rosa Côta</b>
<b>Ana Baraça</b> (Ana Lopes Gonçalves) 1904 – 2001	Filha de <b>Manuel Valada e Luísa Lopes</b> - Barristas	Casou com <b>Manuel Pereira</b> e adquiriu o nome <b>Baraça</b> Grau de “Oficial do Infante D. Henrique”

<b>Maria Esteves</b> (Maria Esteves Gonçalves Barbosa) 1911 – 2013	<b>Pai, Mãe e Avó materna -</b> Barristas	
<b>Maria Sineta</b> (Maria de Jesus Fernandes Coelho) 1915 - 1996	<b>Pai e Mãe -</b> Barristas	Casou com <b>António Faria da Rocha</b> filho de <b>Domingos Côto</b>
<b>Mistério</b> (Domingos Gonçalves Lima) 1921 – 1995	<b>Avó Materna -</b> Barrista	Casou com <b>Teresa Carumas -</b> Barrista
<b>Júlia Côtã</b> (Júlia da Rocha Fernandes de Sousa) 1935	Avô – <b>Domingos Côto</b> Filha de Eduardo Fernandes de Sousa ( <b>Percina</b> ) e <b>Rosa Côtã -</b> Barristas	
<b>Rosalina Baraça</b> 1938	Filha de <b>Ana Baraça</b> – Barrista <b>Avós -</b> Barristas	
<b>Fernando Baraça</b> (Fernando Gonçalves Pereira) 1943	Filho de <b>Manuel Pereira</b> – Rodista e <b>Ana Gonçalves -</b> Barrista	
<b>Júlia Ramalho</b> (Maria Júlia Oliveira Mota) 1946	Filha de <b>José Gonçalves da Mota</b> – Ceramista e neta de <b>Rosa Ramalho -</b> Barrista	Prémio Carreira 2012 – Gala do Artesanato de Barcelos Prémio Carreira do IEFP - 2017
<b>Mistério Filhos</b> Manuel Joaquim Esteves Lima e Francisco Esteves Lima	Filhos de <b>Domingos Mistério e Virgínia Coelho Esteves -</b> Barristas	
<b>Baraça Filhos</b> <b>Carlos Baraça</b> 1970 <b>Victor Baraça</b> (Vitor Manuel Nogueira Gonçalves) 1971 <b>Moisés Baraça</b> (Moisés Nogueira Gonçalves) 1972	Filhos de <b>Fernando Baraça -</b> Barrista	

<b>Fernando Morgado</b> (Fernando Morgado de Abreu) 1927	Filho de <b>Américo Morgado e Ana de Jesus</b> - Barristas	
<b>Júlio Alonso</b> 1928	Filho de <b>Manuel Alonso e Maria Gomes</b> - Barristas	Produção de louça preta Prémio Carreira pelos 70 anos de trabalho
<b>Carolina André</b> (Carolina Gonçalves Pereira Faria) 1945	Avó <b>Balbina Lopes Esteves</b> - Barrista	
<b>Lourdes Ferreira</b> (Maria de Lourdes Ferreira) 1946	<b>Pai e Mãe</b> – produtores de louça utilitária	
<b>Manuel Macedo</b> (Manuel Gonçalves Macedo) 1950	<b>Tios</b> barristas	2012 – 1º Prémio no 6º concurso de Ideias Inovadoras para o Artesanato
<b>Conceição Sapateiro</b> (Maria da Conceição Alves Fernandes) 1952	<b>Mãe</b> barrista	Ganhou o prémio Nacional de Artesanato do IIEFP - 1995
<b>Jesus Pias</b> (Maria de Jesus Pias) 1966	Jesus Pias tem o 1º contacto com o barro com o marido Eduardo Pias	1º Prémio no concurso da Feira de Artesanato de Aveiro
<b>Eduardo Pias</b> (Eduardo Macedo de Barbosa) 1957		
<b>Laurinda Pias</b> (Laurinda Macedo Barbosa) 1959	<b>Avós e Tias</b> - Barristas	
<b>João Ferreira</b> (João Gonçalves Ferreira) 1958	Filho de <b>Joaquim Gonçalves Ferreira e Maria Rosa Gonçalves Abreu</b> – Barristas	
<b>Joaquim Esteves</b> (Joaquim Ferreira Esteves) 1957	<b>Pai</b> - Barrista	Caricaturista

<b>António Coelho</b> (António Araújo Coelho)		
<b>António Ramalho</b> (António Manuel da Mota Ferreira) 1969	Filho de <b>Júlia Ramalho</b> , bisneto de <b>Rosa Ramalho</b> - Barristas	
<b>Teresa Ramalho</b> (Teresa Maria da Mota Ferreira) 1970	Filho de <b>Júlia Ramalho</b> , bisneto de <b>Rosa Ramalho</b> – Barristas	
<b>Carlos Dias</b> (Carlos Alberto Coelho Dias)	<b>Pais</b> - Barristas	
<b>Domingos Pedro</b> (Domingos Ferreira Pedro)	Filho de <b>Lourdes Ferreira</b> - Barrista	
<b>Conceição Messias</b> (Maria da Conceição Macedo Barbosa) 1963	Aprendizagem familiar	
<b>Helena Silva</b> (Maria Helena Silva) 1952		
<b>Irene Salgueiro</b> (Maria Irene Rodrigues Pereira) 1959	<b>Pais e Avó</b> - Barristas	
<b>João Alonso</b> (João da Cunha Alonso) 1955	Filho de Júlio Alonso	Produção de Louça preta
<b>José Carlos Vilas Boas</b> 1962		
<b>Luís Gonzaga Esteves Duarte Coelho</b> 1940		
<b>Nelson Oliveira</b> (Nelson Manuel F. Oliveira) 1985	Autodidata – sob influência de <b>Manuel Macedo e João Ferreira</b> - Barristas	
<b>Telmo Macedo</b> (Telmo Rodrigo Lima Macedo) 1992	<b>Pais e Avós</b> - Barristas	

<b>Maria dos Anjos Coelho Dias</b> 1963	
<b>Alberto Pinto</b> (José Carlos Gonçalves Pinto) 1960	<b>Pais</b> - Barristas
<b>Cidália Trindade</b> (Cidália Maria Macedo Oliveira) 1964	<b>Pais</b> - Barristas
<b>Maria da Conceição Faria Dias</b> (1949)	<b>Mãe</b> - Barrista
<b>Prazeres Côta</b> (Maria Prazeres Sousa Bogas Rodrigues) 1962	Filha da <b>Júlia Côta</b> <b>Avós barristas</b>
<b>Domingos Lopes da Rocha</b> 1946	<b>Avô</b> - barrista
<b>Maria dos Anjos Esteves Coelho</b> 1954	<b>Pais e Avós</b> - Barristas

*Tabela 6 - Gerações de Mestres Barristas e Novos Artesãos*

A evolução temporal permitiu o aparecimento de novos artesãos, cujas influências se prendem ainda aos seus antecessores. As relações familiares eram comuns entre os artesãos – alguns estudos dão conta das relações familiares dos barristas, muitas delas substanciadas em casamentos entre filhas de oleiros e filhos de barristas. Não é por isso de estranhar que muitas das famílias e gerações se cruzem e levem consigo influências dos seus trabalhos no barro, assim como das características que os representam.

Alguns artesãos dedicaram-se somente à pintura de peças, enquanto outros se dedicam à produção de objetos não pintados ou nos quais a coloração é apenas dada pelo tipo de matéria-prima que usam.

Quanto à pintura temos também uma série de coloristas reconhecidos pela rota do figurado: Sílvia da Costa Barbosa (Sílvia dos Galos), Rosália Abreu, Emília

Rocha, Agostinho Araújo Coelho, entre outros, que por gosto ou geração também cruzaram o caminho do contacto com o barro.

Com o quadro que se apresenta traçam-se gerações e uma linha cronológica orientadora do trabalho do barro, reconhecendo por isso os artesãos do passado, do presente, e esperamos, do futuro.

Atualmente a produção de figurado está dependente da passagem das tradições e dos processos produtivos, das crenças e temáticas do quotidiano destas realidades. A problemática que se coloca é a falta de meios humanos capazes de continuar esta arte. A esperança está hoje depositada nos filhos, netos, sobrinhos, familiares e externos que se interessem pelo trabalho manual do barro e das suas particularidades. A sustentabilidade do figurado e do artesanato, no geral, depende da transmissão de conhecimentos do património cultural imaterial que está associado à temática. O respeito e coesão inter e intrageracionais contribuem também para a preservação cultural por detrás do figurado, da olaria e cerâmica de Barcelos.

Por último, a produção de figurado faz-se sobressair nas freguesias de Barcelos, Arcozelo, Galegos Santa Maria e Galegos S. Martinho, Manhente, Airó e Areias de S. Vicente, não excluindo a sua presença (mesmo que em menor quantidade) nas freguesias de Areias de Vilar e Pousa.

## 5.2 OS NOVOS PARADIGMAS DOS OLEIROS E DA OLÁRICA BARCELENSE



*Imagem 6 - Decoração de louça utilitária e produção de peças em barro - Fonte: Cátia Daniela Cardoso*

*“A crise e o risco de extinção que pesam sobre a olaria não têm apenas nos plásticos e alumínio, como concorrentes, a sua causa. O ferro e outros metais foram, em passado longínquo, alternativas ao barro, sem o eliminar. Daí a sua capacidade para coexistir, entre nós, até ao presente. A quebra significativa verificada a nível da procura de louça utilitária de barro, não é apenas resultado da produção industrial e do aproveitamento adequado de certas matérias-primas (alumínio, plásticos,...), mas também fruto de uma mentalidade que se desqualifica ao esgotar-se num consumo uniformizado ao ritmo da publicidade (modas)” (Encontro Nacional de Olaria, (s.d.), pp. 22-23)*

A olaria aparece como forma de responder a necessidade sociais de confeção e armazenamento de alimentos. O figurado, como atividade subsidiária e cuja importância só se denota à relativamente pouco tempo. Adaptados à era da globalização, o trabalho dos artesãos e fábricas tem sofrido alterações diversas: quer ao nível do tecido produtivo, quer ao nível das formas, das cores, dos materiais, das técnicas, entre outros. Estas alterações dão-se essencialmente pelo aparecimento de novos materiais e formas, mais atuais, flexíveis,

funcionais e com menor custo. Os Cadernos de especificações da Olaria e do Figurado dão-nos algumas pistas dos novos paradigmas que estes ofícios enfrentam, e deixam perspectivas de futuro para ambas as produções.

No que diz respeito à olaria, o “Caderno de Especificações” relata a degradação e a adulteração das formas tradicionais, a tentativa de criação de novas formas com características diferenciadas e novas funcionalidades, a descaracterização das peças produzidas e a tentativa de reprodução de peças tradicionais com processos técnicos e de produção inovadores, num misto de fatores negativos e outros, aparentemente, positivos. É importante destacar que a produção de louça utilitária deve respeitar as garantias de identidade produtiva e a certificação das condições de utilização – para isso foi criado um carimbo que serve para atestar a conformidade das peças fabricadas e o seu uso para fins domésticos (de restauração e uso culinário). Ainda de acordo com as especificações da olaria, vê-se a necessidade de inovação dos processos produtivos e da qualidade das argilas utilizadas. Atualmente as peças de cerâmica utilitária respeitam critérios pré-estabelecidos de certificação e utilização. Quanto à imagem decorativa das peças, estas mantêm a pintura “pontilhista” de elementos regionais, quer estes sejam associados à cidade ou a elementos vegetais. Na decoração encontramos, ainda, muitas vezes o uso de frases simples ou provérbios.

Relativamente ao figurado, outrora visto como uma atividade subsidiária à olaria, adquiriu um estatuto isolado aquando da sua progressiva valorização, transitando de uma função inicial de uso pelas crianças e passando para uma reutilização de âmbito fortemente decorativo por parte dos adultos. Para melhor entendimento, o figurado de Barcelos resultava do aproveitamento das sobras de barro da produção de louça utilitária, que em tempos as peças daí resultantes tinham como única função um uso lúdico por parte das crianças, na verdade, um brinquedo. Com a descoberta de Rosa Ramalho por Professores das Belas Artes da Universidade do Porto, o estatuto do figurado eleva-se à categoria de objeto estético e decorativo. As cores fortes e as representações do dia-a-dia, do bestiário, das profissões, traduzem-se na atualidade em

objetos singulares cuja evolução é constante. O brinquedo dado aos filhos dos mestres barristas passou a comportar tal importância que começou a ser adquirido por aficionados das artes do barro. Hoje, a substituição dos fornos a lenha pelos fornos a gás, a seleção de melhores pastas (barro) e a criação de novas peças, mais contemporâneas, permitem a sobrevivência de uma arte representativa do *modus vivendi* dos seus produtores. A recente produção adota as técnicas e temáticas do antigamente, os artesãos deparam-se, contudo, com diferentes paradigmas sociais. A produção tem-se alterado lentamente, as peças religiosas continuam a ocupar o lugar mais alto de uma hierarquia de objetos clássicos. Os barristas vão adaptando as suas técnicas a novos temas mais atuais – a ironia política, social e económica, a representações de alegorias (o desejo, a tristeza, a fama...) - a imaginação continua a comandar as produções artesanais do figurado.

Fruto do pouco poder de compra e das crises económicas no País, os artesãos procuram novos meios de rentabilização do seu trabalho, usando a criatividade e valorizando pecuniariamente a sua produção.

As produções de olaria e figurado enfrentam situações desafiantes do ponto de vista da produção e dos meios de escoamento do produto, encontrando muitas vezes soluções através de parcerias e exportação. Quanto ao tecido produtivo e aos caracteres estéticos a adequação da tradição à tecnologia abre oportunidades de expansão e de reestruturação das formas de fazer e usar, nunca deixando de ter em mente a essência e a autenticidade. Cabe à sociedade a valorização do artesanato e das restantes artes tradicionais, o seu bom uso e respeito, estas últimas formas fundamentais da conservação e divulgação deste tipo de Património.

### 5.3 QUE FUTURO PARA A PRODUÇÃO OLEIRA EM BARCELOS

*“O artesanato e um património de valor inestimável e uma tradição popular. É também uma forma de arte popular e, especialmente, um item de identidade dos territórios. Não pode ser por isso olhado apenas como uma reserva ou herança do passado e, menos ainda, como uma recordação do passado, mas antes como um ativo que faz parte do presente e, acima de tudo, um vetor de identidade que deve ser transportado para o futuro”.* (Famílias do Figurado, 2015, pp. 7-8).

É a partir desta citação que surge o mote para a realização deste subcapítulo. A produção oleira de Barcelos, hoje e ao longo do tempo, caracteriza-se pela sua importância a vários níveis. No entanto a sua sobrevivência requer cuidados e preocupações, que os anos tornaram evidentes e urgentes.

As gerações, das quais já se tem vindo a falar, constituem realmente o fator mais importante da perpetuação da produção oleira – é através da transmissão de conhecimentos e saberes que os novos artistas/artesãos produzem as suas peças, e é através dos modelos tradicionais de produção que as fábricas continuam o seu trabalho. A criatividade aliada à identidade reconhecida ao Concelho de Barcelos faz com que esta produção seja valorizada e preservada no tempo. A valorização é por isso a chave para o futuro. Para além disto temos a certificação do Artesanato e das Artes e Ofícios, sendo perceptível o crescente cuidado na atualização da certificação, no atribuir de mais Cartas do Artesão e Carta de Unidade Produtiva Artesanal, que não sendo obrigatórias, são elementos dinamizadores e de valorização do Artesanato. Em 2018, o Concelho contava já com a atribuição de 17 Cartas de Unidade Produtiva Artesanal, contudo, estas continuam a ser escassas comparadas à quantidade de artesãos e fábricas do ramo, de toda a área geográfica de Barcelos.

O Município, como órgão de gestão municipal, legislativo e de poder local terá também um papel fulcral na revitalização e dinamização das artes e ofícios que caracterizam a cidade. Denota-se uma crescente preocupação no apoio aos artesãos e à sua arte, verificando-se a criação de ações de sensibilização e rotas

da olaria e do figurado (e de outros ofícios), para que seja do conhecimento de todos a grande variedade de artesãos que continuam no ativo.

Um dos fatores principais que permitem levar as artes e ofícios de Barcelos além-fronteiras prende-se com o crescimento do impacto turístico na cidade – *“Este legado de grande potencial turístico, artístico e etnológico, pode e deve ser um argumento de valorização do território e das tradições artesanais e artísticas do concelho de Barcelos”* (Famílias do Figurado, 2015, p.8). O incremento do Turismo na cidade começou a ser “medido” no ano de 2009. Segundo o gráfico abaixo apresentado e os dados recolhidos na plataforma *online* PORDATA, o crescimento turístico da região tem subido exponencialmente.

### Proporção de Hóspedes estrangeiros nos alojamentos turísticos (%) - (dados PORDATA)

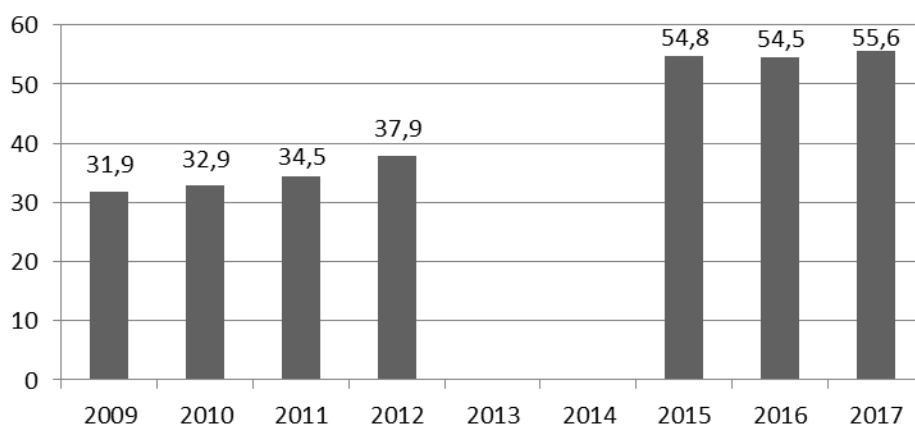


Gráfico 3 - Proporção de Hóspedes estrangeiros nos alojamentos turísticos por percentagem - Fonte: Proporção de hóspedes estrangeiros nos alojamentos turísticos. (s.d.). Obtido em 17 de Março de 2019, de PORDATA - Base de Dados Portugal Contemporâneo:  
<https://www.pordata.pt/Municipios/Propor%C3%A7%C3%A3o+de+h%C3%B3spedes+estrangeiros+nos+alojamentos+tur%C3%ADsticos-762>

Em 2009 a taxa de hóspedes estrangeiros nos alojamentos turísticos da cidade rondava os 31,9%, já em 2017 este número fixou-se nos 55,6%, não existindo dados do seu crescimento nos anos de 2013 e 2014.

A procura, cada vez vinculada, do turismo criativo, coloca ao dispor da autarquia local e dos próprios artesãos uma janela de oportunidade na disseminação das artes e ofícios – da olaria e do figurado. Os turistas procuram cada vez mais experiências que os liguem aos locais de visita e às suas tradições. Justificando-se por isso a criação de *workshops*, palestras, sessões de experimentação e outras atividades que desenvolvam o carácter único destas artes tradicionais. A produção oleira de Barcelos, sempre se caracterizou pelos elevados índices de exportação. Consequentemente, após vários anos de estagnação, esta prática voltou a constituir uma margem de lucro importante e de sustentabilidade para artesãos individuais e fábricas, que foram adaptando a sua produção às necessidades e exigências dos clientes:

*“Hoje, a maior parte da olaria produzida em Barcelos e que se exporta para vários países europeus, nada tem a ver com a olaria tradicional, mesmo nada. Muita desta produção tem pouca qualidade estética, pouca ergonomia, mas vende-se bem, tem mercado. A produção cerâmica em Barcelos, nas suas diversas vertentes, figurado, olaria (vermelha, fosca e vidrada) e faiança não está em decadência, há muita gente nova que nela trabalha. Podemos discordar dos caminhos que seguiu (...) mas a cerâmica em Barcelos dá emprego a muita gente e tem um valor económico significativo. É a lei da oferta e da procura a funcionar em pleno...”* ((Milhazes & Remelgado, 2006, p.140)

O futuro da produção oleira depende essencialmente dos fatores acima mencionados. O trabalho dos artesãos e das gerações será fundamental na perpetuação da arte e da tradição, assim como a certificação é importante no reconhecimento da produção e dos seus meios técnicos, artísticos, estéticos e morfológicos. O turismo representará um elemento catalisador e de transmissão das artes, sendo que as exportações constituem sempre meios de valorização e de retorno económico, mesmo adaptadas aos novos tempos e critérios dos países importadores.

## 5.4. ANÁLISE SWOT - SITUAÇÃO DA OLARIA E FIGURADO NO CONCELHO DE BARCELOS

A Câmara Municipal de Barcelos mostra uma gradual preocupação com as artes e ofícios identitários do Concelho. É através deste organismo que a promoção é feita e é através desta promoção que a Olaria e o Figurado chegam ao conhecimento da população.

A preservação destas tipologias artesanais e tradicionais, dependem da consciencialização da sociedade. É por esse motivo que aqui se apresenta uma análise SWOT da situação da Olaria e do Figurado na Cidade.

A análise apresentada coloca em causa os pontos positivos e negativos da cidade subordinados à temática em causa, apresentando do ponto de vista interno os pontos fortes e fracos e do ponto de vista externo as oportunidades e ameaças.

	Fatores positivos	Fatores Negativos
Fatores Internos	<p><b>Pontos Fortes</b></p> <p>Classificação da cidade como Cidade Criativa da UNESCO 2017, na temática do <i>artesanato e arte popular</i>;            Certificação do Artesanato – Olaria e Figurado de Barcelos;            Rotas dedicadas ao Artesanato – Rota da Olaria e do Figurado            Região com forte ligação ao Artesanato e mais especificamente às artes do barro.            Páginas Web das Rotas do Artesanato – claras e com informação útil;            Ligação da Câmara Municipal com os artesãos/oleiros/barristas;            Ligação à UNESCO;            Boas ligações viárias que permitem a ligação da Cidade a outras como Braga e Porto e a Espanha; Boa ligação de transportes – autocarro e ferroviário para o transporte de pessoas e mercadorias;</p>	<p><b>Pontos Fracos</b></p> <p>Falta de pessoal especializado na área – poucos recursos humanos nas temáticas da arqueologia, património, museologia e artes.            Falhas na divulgação de atividades, exposições e <i>workshops</i>;            Pouca divulgação das Rotas criadas para a promoção das Artes e Ofícios no concelho            Não aproveitamento dos recursos humanos na divulgação e promoção da olaria e figurado.            Inexistência de redes sociais (facebook, instagram, twitter...) singulares de divulgação das Rotas da Olaria e Figurado;            Falta de redes sociais do Museu de Olaria;</p>

	Oportunidades	Ameaças
Fatores Externos	<p>Crescente oferta turística – oportunidade de desenvolvimento de atividades, maior e melhor divulgação;</p> <p>Crescimento da procura de Turismo Criativo – viagens “personalizadas” com oportunidade de experimentação de atividades;</p>	<p>Perda ou desvalorização do Artesanato – da olaria e do figurado;</p> <p>Reproduções idênticas por entidades não certificadas;</p> <p>Estagnação das Artes e Ofícios;</p> <p>Falta de financiamento externo;</p> <p>Turismo crescente noutras cidades produtoras de Olaria – Estremoz, Bisalhães, Molelos...;</p>

*Tabela 7 - Análise SWOT*

Ainda no contexto da análise SWOT, será pertinente desenvolver abaixo os pontos apresentados, embora numa perspetiva analítica encadeada.

#### **Pontos Fortes:**

A Classificação da cidade de Barcelos como Cidade Criativa da UNESCO 2017, na temática do artesanato e arte popular, abre oportunidades na divulgação e promoção das artes e ofícios, não só especificamente em relação à Olaria e Figurado, mas também em relação à cestaria, bordados e outros. O financiamento desta categorização torna capaz a dinamização de novas iniciativas relacionadas com as áreas abordadas e classificadas – a ligação à UNESCO representa uma mais-valia para o concelho e para as produções do mesmo. A certificação da Olaria e do Figurado, desde 2008, atribuiu já cerca de 17 Cartas de Unidade Produtiva Artesanal em todo o concelho de Barcelos, até ao ano de 2018. Espera-se que em 2019 esta certificação cresça, visto serem muito poucas, comparativamente com o número de artesãos e fábricas cerâmicas distribuídos por todo o concelho. A certificação não é obrigatória, contudo ajuda na valorização e reconhecimento das Artes e Ofícios. Ao longo dos anos a CMB tem pensado em formas variadas para divulgar as suas

tipologias artesanais, e é com vista a esse objetivo que criou rotas, de orientação livre, cujos pontos de interesse são os artesãos do concelho, as suas oficinas e a sua produção. Nestas rotas encontramos informação da incidência destas artes por área geográfica, e ainda informações pertinentes sobre os artesãos de cada uma delas: respetivamente nome, morada e alguns contactos. Acerca destas rotas encontramos ainda páginas web, em domínio da Câmara Municipal de Barcelos, com contextualização geral das produções e breve descrição dos ofícios. A forte ligação da Cidade à produção de Olaria e Figurado não é atual – podemos até considerar a sua presença no concelho como marco identitário da sua paisagem cultural, sendo por isso um recurso importantíssimo a aproveitar e disseminar. Por último as ligações viárias e dos transportes são fulcrais na “entrada” e “saída” da população residente e turistas na cidade, difundindo as artes locais, in loco e além-fronteiras territoriais.

#### **Pontos fracos:**

No que diz respeito aos pontos fracos internos, a cidade de Barcelos, no papel da Câmara Municipal de Barcelos, apresenta uma evidente falta de pessoal especializado nas áreas da Cultura – poucos recursos humanos nas temáticas da arqueologia, património, museologia e artes. Outros pontos fracos estão de facto associados à falta de atualização das rotas da Olaria e do Figurado (em causa para este estudo) e à sua divulgação nas redes sociais e sítios *online*. Vê-se a necessidade de mais e melhor manutenção destes meios de divulgação, bem como das notícias de novas exposições, *workshops*, palestras e outros eventos culturais.

Relativamente ao Museu de Olaria, também este ainda não se apresenta em qualquer rede social, tal como Facebook, Instagram ou Twitter – atualmente

estes são instrumentos fundamentais para a divulgação e sucesso das ações, quer estas sejam de entretenimento ou de formação.

#### **Oportunidades:**

Barcelos apresenta uma carga turística em crescimento, podendo aproveitar este facto como incentivo à produção de atividades diversificadas e de interesse, associadas à olaria e figurado. O turismo criativo procura cada vez mais a personalização de viagens e a experimentação de atividades relacionadas com os locais de visita - aproveitando os recursos humanos e naturais de determinada região. Assim, tanto os artesãos (singulares ou fábricas) como o Município podem apostar na organização de visitas guiadas, orientadas e de experiência aos turistas que demandam a cidade.

#### **Ameaças:**

O Município enfrenta algumas ameaças ao seu trabalho no campo das artes e ofícios – é necessário assegurar que o interesse pela olaria e figurado não se perca ou entre em desvalorização. É por isso essencial trabalhar na divulgação e certificação. Estas artes são facilmente replicadas e é necessário conhecer os carimbos de certificação e as suas formas, para que as mesmas não se confundam. No entanto reconhece-se a dificuldade de implementação neste tipo de controlo. Enquanto ameaças encontramos ainda o sempre presente risco de estagnação das artes e ofícios, a sua não preservação ou a inexistência de interessados a continuar as artes do barro. E por último o Turismo crescente e concorrente em outras cidades produtoras de Olaria – Estremoz, Bisalhães... - este turismo poderá “enfraquecer” a atratividade das atividades tradicionais Barcelenses;

Assim, uma boa parte de todos os tópicos apontados depende do Município (órgão formal da tutela) e da consciencialização social para as artes e ofícios. A sensibilização da sociedade torna-se fundamental no que respeita aos princípios da preservação dos bens socioculturais e etnográficos.

## 5.5. A UNESCO E A CLASSIFICAÇÃO DA CIDADE BARCELOS COMO CIDADE CRIATIVA - PROPOSTAS E PLANOS DE VALORIZAÇÃO DAS ARTES OLÁRICAS DE BARCELOS

Após a realização de uma importante Conferência das Nações Unidas, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) é estabelecida a 16 de novembro de 1945 com a assinatura da sua carta por 37 países. Por sua vez, a ONU havia sido fundada, pouco antes, oficialmente no ano de 1945, a 4 de outubro. No momento de criação da UNESCO traçam-se também os seus pressupostos base: a educação, a cultura, a ciência e a comunicação. Segundo a Comissão Nacional da Unesco, órgão do Ministério dos Negócios Estrangeiros, a organização conta com a presença de 195 membros e 9 associados. A mesma fonte, refere que Portugal passou a fazer parte da UNESCO no ano de 1965, retirou-se em 1972 e fez o seu reingresso em 1974. Desde então Portugal tem sido alvo de várias distinções ao nível da referida organização. Em meados de 2017, Barcelos passou a fazer parte da Rede de Cidades Criativas da Unesco – esta classificação veio afirmar e confirmar o relevo da cidade na categoria do Artesanato e Arte Popular. Barcelos que já era denominada de “Capital do Artesanato” ganhou e reforçou assim o seu estatuto. A classificação chegou aos meios sociais e às publicações periódicas da Cidade:

“A chancela da UNESCO é um justo galardão para os nossos artesãos que, ao longo de décadas e através de várias gerações de famílias, têm contribuído de forma ímpar para a identidade do concelho, bem como para a sua projeção e afirmação no exterior, levando Barcelos aos quatro cantos do mundo. (...) Além do reconhecimento internacional do artesanato barcelense como valor patrimonial, histórico e social, a chancela da UNESCO será um importante fator de dinamização da economia local, atraindo muito mais milhares de visitantes e potenciando a criação de mais postos de trabalho, nomeadamente no turismo criativo. (...) A decisão da UNESCO foi anunciada no dia 31 de outubro (...) um galardão que vem legitimar um concelho que se ergueu e se tem reinventado através da criatividade e o investimento que o Município de Barcelos tem vindo a fazer nesta área”. (Revista Sentir Barcelos nº1, 2018)

Nas palavras do Presidente da Câmara de Barcelos, Miguel Costa Gomes distingue a importância da classificação da Cidade de Barcelos como Cidade Criativa da UNESCO, traduzida pelas janelas de oportunidade no fomento da economia e do turismo, sublinhando o peso do turismo criativo e da sua crescente evolução. A atribuição do título veio realçar o reconhecimento das produções artesanais da Cidade de Barcelos e afirmar a sua pertinência e valor na área geográfica em que se inscreve e no mundo.



*Imagem 7 - Logótipo Barcelos Cidade Viva e Criativa*  
- Fonte: (s.d.). Obtido em 17 de Abril de 2019, de Logótipo  
- Barcelos Cidade Viva e Criativa: [https://ipca.pt/wp-content/uploads/2017/11/BCL\\_UNESCO.png](https://ipca.pt/wp-content/uploads/2017/11/BCL_UNESCO.png)

## Propostas e Planos de Valorização das Artes Oláricas em Barcelos

O Município de Barcelos e os seus organismos culturais – Museu de Olaria, Posto de Turismo, Biblioteca Municipal e Torre Medieval – preveem uma programação diversificada de destaque às artes e ofícios do concelho de Barcelos. Todavia há ainda muito a fazer. O trabalho de consciencialização da população e de aproximação são fundamentais na sensibilização do papel da tradição como motor de desenvolvimento social, económico, cultural e patrimonial. É a partir das atividades que já se conhecem, em que se traçam propostas e planos de valorização das artes como a Olaria e o Figurado.

- **Regularização das mostras de cerâmica e artesanato – regularidade mensal-semanal** - O município prevê a realização de uma feira anual de divulgação das artes e ofícios do Concelho de Barcelos. Esta feira acontece uma vez por ano, no mês de agosto e reúne artesãos e entidades do concelho. Vê-se, porém, que a realização de mostras e feiras dá a conhecer as artes tradicionais, e a regularização das mesmas poderá constituir uma mais-valia para a cidade e para os seus artesãos;
- **Incentivo ao uso da olaria utilitária na restauração e outras áreas que a possam utilizar com proveito** – O Posto de Turismo da Cidade de Barcelos realiza anualmente fins de semana gastronómicos – frango assado, lampreia, etc. Estas iniciativas decorrem em parceria com restaurantes de todo o concelho. A programação serviria de mote ao uso de louça utilitária produzida por artesãos barcelenses, aproveitando estas ocasiões para promover o bom uso das louças de Barcelos e o trabalho de quem as fabrica/produz;

- **Roteiro das gerações de oleiros, pelas casas dos mestres barristas –** Existem já roteiros e visitas guiadas pela cidade de Barcelos e por alguns pontos da Olaria e Figurado, especificamente a cidade compõem uma roteirização com marcos assinalados com peças de mestres artesão barcelenses em tamanho aumentado, contudo esta roteirização contempla apenas locais do centro histórico da cidade. Considera-se pertinente a visita às freguesias de maior influência nas artes da Olaria e Figurado, dando a conhecer os locais da sua produção. A proposta visa as visitas orientadas aos domicílios de alguns mestres barristas e a fábricas de produção cerâmica. É importante referir a curiosidade e o interesse que levará os visitantes a conhecer os meandros das artes tradicionais Barcelenses;
  
- **Regularização de programa de visitas históricas pelas freguesias do concelho com ação na produção de olaria e cerâmica –** além das visitas acima propostas às oficinas e fábricas dos artesãos barcelenses propõe-se a visita a barreiras ativas e desativadas – O concelho de Barcelos caracteriza-se pela existência de inúmeras barreiras nas quais é possível a extração de barro de boa qualidade. Atualmente a maior parte destas barreiras encontram-se desativadas e pertencem a pessoas individuais. O aproveitamento deste recurso natural para a realização de visitas guiadas, em que se contem histórias sobre o barro e os primeiros oleiros é fundamental na compreensão dos processos de extração do barro e da produção de peças que usam esta matéria-prima. Claramente as visitas guiadas deverão obedecer a critérios de segurança, quer do ponto de vista do vestuário, quer na medida em que será necessário atestar a segurança dos pisos de circulação;
  
- **Criação de redes sociais individuais para cada rota do artesanato –** atualmente os sítios *online* das Rotas das Artes e Ofícios de Barcelos estão no domínio público da Câmara Municipal de Barcelos. No entanto

a criação de redes sociais autónomas e individualizadas, seriam um elemento fundamental na divulgação de atividades dinamizadas no âmbito de cada uma das rotas, com divulgação de atividades e dados de abrangência informativa;

- **Criação de redes sociais do Museu de Olaria** - enquanto organismo público, tutelado pela câmara municipal, o Museu de Olaria, apresenta um *site* institucional, cuja informação é mediada pela Autarquia; Este equipamento cultural (à semelhança de outros da cidade), não possui uma rede social do seu domínio (Facebook, Twitter, Instagram...). Contudo na era tecnológica em que nos encontramos estes são meios fundamentais de divulgação de ações (exposições, etc.) e atividades (serviço educativo, etc.);
- **Criação de parcerias com a CP (Comboios de Portugal) e RENFE (Comboios de Espanha) para visitas temáticas** – a Cidade de Barcelos comporta boas ligações viárias e dos transportes públicos – a oportunidade de uma parceria com entidades de circulação e transporte de passageiros pode estabelecer mais e melhor contacto com a sociedade e as artes Barcelenses. Tal comporta o fluxo de passageiros de outras cidades de Portugal Continental e o estrangeiro. Estas parcerias resultariam de um desconto na compra de bilhetes de transporte mediante apresentação de comprovativo em alguma atividade que fosse dinamizada pela CMB e constasse da divulgação das Artes e Ofícios. A mesma estratégia poderá ser adotada para outras ocasiões ou festividades do concelho (no caso sem apresentação de quaisquer documentação que conferisse desconto, o mesmo seria automático);

- **Melhoria dos programas com instituições seniores e com necessidades especiais** – As instituições culturais da cidade aprovisionam a criação de atividades que contemplem associações de seniores e indivíduos com necessidades especiais. Contudo é necessário consolidar o contato com estas instituições, que contrariamente às Escolas (principalmente ATLS, escolas primárias, secundárias...), participam pouco das atividades disponíveis. A arte do barro poderá por vezes funcionar como terapia e modo de expressão plástica.
  
- **Articulação do Município com Universidades e Centros de Investigação** – São cada vez mais frequentes as Universidades e Politécnico, com os seus Centros de Investigação associados, que se interessam pelas temáticas das artes tradicionais e da recolha do património cultural imaterial. O contacto da CMB com a Universidade do Porto, Minho, Aveiro e os Politécnicos do Cávado e do Ave, do Porto e outros seriam uma vantagem no estudo das gerações de oleiros e das suas formas de trabalho. A recolha do património cultural imaterial apresenta-se cada vez mais urgente, já que os artesãos envolvidos no exercício das artes tradicionais têm (hoje) idades muito avançadas – os testemunhos e o tratamento destes é fundamental para a preservação do património cultural, social, antropológico e etnográfico. As várias instituições de ensino, nas suas vertentes, apoiariam a compreensão da composição dos solos caulinos e argilosos, nas temáticas da extração do barro e da sua composição, a sociologia e antropologia no apoio da compreensão do trabalho geracional, o património na tradução e conservação dos costumes e práticas e outras áreas de atuação em tantas outras questões associadas à Olaria e Cerâmica;
  
- **Melhor articulação entre todos os órgãos culturais da cidade – Museu de Olaria, Posto de Turismo, Torre Medieval, Galeria Municipal** – a estrutura de departamentos dos serviços Municipais não é sinónimo de

que o seu trabalho tenha de ser realizado em separado – é importante que todas as organizações culturais e artísticas do concelho se articulem e trabalhem para objetivos comuns de preservação, conservação, divulgação dos seus bens patrimoniais e artísticos. Os equipamentos culturais e a Câmara Municipal de Barcelos deverão trabalhar em sintonia entre si e entre os artesãos do concelho na salvaguarda de bens comuns – as artes e ofícios barcelenses – a Olaria e o Figurado.

As propostas apresentadas compõem um conjunto de alternativas a colocar em prática para o sucesso na transmissão das artes tradicionais Barcelenses, no concelho de Barcelos e para públicos externos. O Município executa já um trabalho árduo de colaboração entre a administração local e os artesãos da cidade. No entanto é preciso compreender a necessidade de diversificação de atividades e objetivos a cumprir.

## 6. OPERACIONALIZAÇÃO DE RESULTADOS

O capítulo que aqui se apresenta dá conta da investigação e trabalho de campo realizado no Concelho de Barcelos, analisando o trabalho dos Mestres Barristas da área geográfica referida. Primeiramente faz-se uma breve descrição das Rotas da Olaria e do Figurado, sendo estas as mais relevantes para o estudo apresentado. Posteriormente apresenta-se a metodologia de base utilizada para a realização de questionários a artesãos de Barcelos (artesãos singulares, previamente selecionados a partir das informações contidas na Rotas do Município). A análise descritiva contempla a tradução de respostas em tabelas (detalhadas e com notas de esclarecimentos), a criação de gráficos circulares de demonstração de convergências e divergências e os números (em percentagens) de respostas aos questionários aplicados. Ainda nesta secção, apresentam-se imagens de mapas de cada uma das freguesias cuja influência da olaria e figurado é nitidamente vincada. Por último constam entrevistas individualizadas (de 15% da mancha dos artesãos submetidos ao preenchimento de questionários) que relatam o panorama da produção de olaria e figurado, dos materiais e da valorização do artesanato.



maior produtividade de olaria. É de salientar que não é proposto nenhum circuito de passagem ou “passeio”, permitindo aos visitantes da cidade uma exploração livre e sem restrições. Ao falarmos de olaria referimos uma produção secular, com fortes raízes no concelho de Barcelos estando mais presente a nordeste. A louça utilitária continua a ser representativa desta região minhota e marca presença em várias feiras, incluindo na feira semanal em Barcelos.

Tendo em consideração que o Figurado aparece como uma atividade subsidiária à olaria, aproveitando os restos de barro e sendo uma atividade iniciada por mulheres, é também a segunda Rota proposta pela Câmara Municipal de Barcelos.

À semelhança da Rota da Ollaria, esta segunda apresenta um mapa indicativo das freguesias em que a produção de figurado é maior e também não se configura como um circuito a percorrer com obrigatoriedade, tornando a rota numa volta livre.

*“O Figurado de Barcelos, produto artesanal certificado constitui atualmente uma das maiores produções artesanais do concelho. Começou como uma atividade subsidiária da olaria, nos tempos livres e aproveitando pequenas porções de barro faziam-se pequenas peças para as crianças brincarem, onde se colocavam na base das mesmas um apito ou instrumentos musicais. O Figurado de Barcelos distingue-se de qualquer outra produção devido às suas características únicas. É uma produção de excelência, sendo as mais comuns as de cariz religioso e festivo, as referentes à vida quotidiana, o bestiário (diabos, figuras disformes e ambíguas) entre outras, sendo o Galo de Barcelos um dos destaques.” (Rota do Figurado, s.d.)*

## 6.2. ELABORAÇÃO DE QUESTIONÁRIO A ARTESÃO PERTENCENTES À ROTA DA OLARIA/ROTA DO FIGURADO – APRESENTAÇÃO DE METODOLOGIA

Numa vertente de investigação quantitativa, o uso de questionários foi pensado com um objetivo muito claro: questionar os artesãos, acerca do seu trabalho, do panorama atual no que diz respeito às Artes e Ofícios e confrontá-los com a sua própria realidade.

Estes formulários exigiram não só a definição dos seus critérios de aplicação, mas também uma seleção prévia de destinatários.

A Câmara Municipal de Barcelos tem criado ao longo dos anos uma série de rotas que pretendem divulgar as Artes e Ofícios da Cidade de Barcelos em toda a sua dimensão geográfica, e foi a partir destas rotas, especificamente, a Rota do Figurado e a Rota da Olaria, que se fez uma primeira compilação de todos os artesãos singulares e fábricas existentes no concelho, para que a partir destes se pudesse selecionar o público-alvo pretendido. Desta reunião resultam 101 artesãos/fábricas do concelho e que pertencem às rotas suprarreferidas.

Do número total fez-se uma seleção final de 42 artesãos singulares, aos quais seriam posteriormente aplicados os questionários. Para isso usaram-se os seguintes critérios:

<b>Área geográfica</b>	Artesãos do concelho de Barcelos
<b>Singularidade</b>	Artesão a trabalhar sozinho ou em seio familiar, excluindo as fábricas/indústrias

*Tabela 8 - Critérios para a elaboração de estudo junto de Artesãos de Barcelos*

Os questionários respeitaram uma linguagem simples com questões de escolha múltipla, questões de “sim” /” não” e outras de resposta aberta e opcional. Após a recolha de dados e conceção de formulário, foi feito um contacto prévio com todos os selecionados via telefone. A distribuição feita porta a porta e a recolha com o mesmo método, permitiram a descoberta de novas realidades, o contato com os próprios artesãos, a partilha de histórias, técnicas e outros. Este sistema de obtenção de informação direta possibilitou a perceção da situação oleira do concelho de Barcelos, mostrando os seus focos de maior concentração (produtividade por área geográfica) – artesãos por área geográfica. Procedeu-se à recolha de imagens e testemunhos reais no que toca à temática a estudar e a temas como a extração e preparação do barro, a produção de peças, a venda, a sazonalidade, os apoios, o papel fundamental do estado Português, da Câmara Municipal de Barcelos, do IEFP, este último como dinamizador e responsável pela promoção e valorização do Programa das Artes e Ofícios.

Recolhidos os questionários procedeu-se ao seu tratamento adotando a seguinte regra:

<b>Passo 1.</b>	<b>Transcrição das respostas</b>	Em folha própria, transcrição das respostas dos artesãos aos questionários (em Apêndice)
<b>Passo 2.</b>	<b>Elaboração de tabelas</b>	Tabelas de compilação de respostas com breve análise às mesma se necessário. Nesta análise aparecerão as respostas às questões abertas ou opcionais que poderão fornecer dados importantes para a investigação;
<b>Passo 3.</b>	<b>Gráficos</b>	Tradução das tabelas em gráficos circulares com a indicação da pergunta feita e atribuição de percentagens

<b>Passo 4.</b>	<b>Comentários</b>	Sempre que se justificar serão feitos comentários aos gráficos para que a informação seja completa e clara
<b>Passo 5.</b>	<b>Mapas</b>	Apresentar-se-ão ainda mapas de georreferenciação ilustrativos das áreas geográficas nas quais se procederá à entrega de questionários
<b>Passo 6.</b>	<b>Entrevistas individuais</b>	Foram feitas entrevistas a 15% da mancha de artesãos que tenham respondido ao questionário – esta análise compreende a comparação de respostas na procura de “tendências” ou divergências. As entrevistas serão gravadas em vídeo e posteriormente transcritas. O momento será também de captação de imagens. Transcrições em apêndice.

*Tabela 9 - Descrição de Procedimentos a adotar para a análise dos Questionários aplicados a Artesãos de Barcelos*

No que diz respeito às entrevistas individuais, estas foram orientadas pelo critério “IDADE”:

<b>39 questionários</b>
<b>15% da mancha</b>
<b>39 – 15% = 33.15   39 – 33.15 = 5,85 (=) 6</b>
<b>Faixa Etária – Intervalo de 15 em 15 anos</b>
<b>20-35</b>
<b>35-50</b>
<b>50-65</b>
<b>65-80</b>
<b>80-95</b>

*Tabela 10 - Método de seleção para entrevistas individuais*

Por último é de salientar a importância e pertinência do estudo em causa, da aproximação com artesãos oleiros que colaborem na realização de um trabalho de investigação que pretende traçar novas linhas de orientação aos paradigmas atuais da sociedade contemporânea e problematizar as questões diretamente relacionadas com o artesanato e as artes “populares”.

## TABELA DOS ARTESÃOS SELECIONADOS PARA A ENTREGA DE QUESTIONÁRIOS E DISTRIBUIÇÃO POR ÁREA GEOGRÁFICA

Freguesia	Nomes	Rua
<b>Galegos S. Martinho</b>	<b>Alberto Pinto</b>	Rua da Bouça nº 357
	<b>António Araújo Coelho</b>	Rua Ana Côta nº 207
	<b>António Ramalho</b>	Rua Júlia Ramalho nº 51
	<b>Júlia Ramalho</b>	Rua Júlia Ramalho nº 51
	<b>Carlos Alberto Coelho Dias</b>	Rua Rosa Côta nº 254 (atual)
	<b>Maria Helena da Silva</b>	Rua Rosa Côta nº 30
	<b>Conceição Messias</b>	Largo da Igreja nº 30
	<b>Laurinda Pias</b>	Rua de Penelas nº 169
	<b>Domingos Ferreira Pedro</b>	Travessa de Telheiras nº 16
	<b>Maria de Lourdes Ferreira</b>	Travessa de Telheiras nº 16
	<b>Eduardo Pias e Jesus Pias</b>	Rua Ernesto da Silva Campos nº 645
	<b>Irene Salgueiro</b>	Rua da Gandarinha nº 165
	<b>José Carlos Sousa Vilas Boas</b>	Rua Imaculada Conceição nº 271
	<b>Luís Gonzaga Esteves Coelho</b>	Rua Imaculada Conceição nº 271
	<b>Maria da Conceição Faria Dias</b>	Rua de Penelas nº 214
	<b>Maria dos Anjos Coelho Dias</b>	Rua de Santa Marinha nº 108
	<b>Rosália Abreu</b>	Rua da Fonte da Carregosa nº 46
	<b>Galegos Santa Maria</b>	<b>Carolina “André”</b>
<b>Cidália Trindade</b>		Rua Santo António, Ed. Sta. Maria P.29
<b>Domingos Lopes Rocha</b>		Rua da Pena Grande nº 84
<b>Fernando Morgado de Abreu</b>		Largo de S. João nº 88
<b>Irmãos Baraça</b>		Rua de Santo Amaro nº 464
<b>Irmãos Mistério</b>		Rua de Santo Amaro nº 511
<b>Maria dos Anjos Esteves Coelho</b>		Rua de Santo Amaro nº 31
<b>João da Cunha Alonso</b>		Rua do Largo do Souto nº 84

	<b>João Gonçalves Ferreira</b>	Rua da Senhora das Candeias nº 63
	<b>Manuel Barbeiro</b>	Rua da Portela nº 126
	<b>Manuel Gonçalves Macedo</b>	Travessa da Senhora do Bom Sucesso nº 133
	<b>Telmo Macedo</b>	Rua da Senhora do Bom Sucesso nº 33
	<b>Júlio Alonso</b>	Rua do Souto de Oleiros nº 45
<b>Areias S. Vicente</b>	<b>Conceição Sapateiro</b>	Travessa da Aldeia, nº 57
	<b>Edmundo Quintas de Sousa</b>	Travessa do Moinho nº 24
	<b>Horácio Dantas</b>	Travessa das Carvalheiras nº 46
	<b>Joaquim Ferreira Esteves</b>	Travessa Monsenhor Domingos José de Sousa nº 58
	<b>Manuel Fernandes “Pindalho”</b>	Rua do Oleiro nº 551
<b>Areias de Vilar</b>	<b>Nelson Oliveira</b>	Rua do Sargento Mor de Vilar nº 175
<b>Manhente</b>	<b>Francisco Félix</b>	Rua do Couto de Manhente nº 530
	<b>Júlia Côta</b>	Rua Júlia Côta nº 76
	<b>Prazeres Côta</b>	Praceta da Lagoa nº 27
<b>Lama</b>	<b>Humberto Carlos Leal Macedo</b>	Rua Nossa Senhora do Facho nº 282
	<b>Jaime da Silva Barbosa</b>	Rua da Fonte nº 213
<b>Pousa</b>	<b>Fernando Pereira</b>	Rua Senhora dos Milagres nº 88

*Tabela 11 - Artesão selecionados para a entrega de questionário (a compilação total dos artesãos apresenta-se em apêndice)*

## Tabela de Artesãos Seleccionados para Estudos de Caso/Entrevistas Individuais, respetivas moradas e contactos

Faixa Etária	Artesão	Morada e Contacto
20 – 35	Nelson Oliveira	Rua do Sargento-Mor de Vilar, n.º 175 4755-041 Areias de Vilar 934 509 354
35 – 50	António Ramalho	Rua Júlia Ramalho, n.º 51 4750-484 Galegos S. Martinho Tel. 253 841 520
50 – 65	Alberto Pinto	Rua da Bouça, n.º 357 4750-482 Galegos S. Martinho 933 510 618
65 – 80	Conceição Sapateiro	Travessa da Aldeia, n.º 57 4750-241 Areias Tel. 253 843 416   914 979 178
65 – 80	Maria de Lourdes	Travessa da Telheira, n.º 16 4750-489 Galegos S. Martinho Tel. 933 633 396
80 – 95	Júlia Côta	Rua Júlia Côta, n.º 76 4750-559 Manhente 253 841 776

*Tabela 12 - Artesãos seleccionados para realização de entrevistas individualizadas*

# QUESTIONÁRIO – INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS



## QUESTIONÁRIO Nº \_\_\_\_\_

Este Questionário tem como objetivo recolher informação para a realização de um trabalho de investigação, no âmbito do Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural, da Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto. Destina-se a artesãos do concelho de Barcelos, que estejam ou estiveram em atividade. Os dados fornecidos são absolutamente confidenciais, anónimos e serão exclusivamente utilizados para fins de investigação científica de acordo com as normas vigentes do Regulamento Geral de Proteção de Dados e Política de Proteção de Dados.

Nesse sentido e de acordo com a legislação o inquirido poderá ou não autorizar a recolha dos dados exarados no questionário, assim como a identificação pessoal e profissional.

Assim, muito agradeço a todos que sejam o mais rigorosos possível no seu preenchimento (se este não for preenchido pelo próprio artesão, poderá ser preenchido por um familiar próximo que conheça a situação e o percurso de trabalho do artesão).

Agradeço desde já a disponibilidade e colaboração de todos!

Para quaisquer dúvidas ou esclarecimentos adicionais, solicito que entrem em contacto através dos seguintes meios:

Telemóvel: 918800600

Endereço eletrónico: [catia.danielacardoso@hotmail.com](mailto:catia.danielacardoso@hotmail.com)

### Obrigado!

*Cátia Daniela Longras Cardoso*

### O Orientador da ESE/P.Porto

*Prof. Doutor Sérgio Veludo Coelho*

### Política de Proteção de Dados

Autorizo a recolha de dados e identificação pessoal e profissional para efeitos académicos (Vd Credencial)

Nome \_\_\_\_\_

Não autorizo a recolha de dados e identificação pessoal e profissional para efeitos académicos (Vd Credencial)

Nome \_\_\_\_\_



---

## SECÇÃO I

---

### 1. Identificação / Sujeito à política de proteção de dados

Nome (e nome artístico se aplicável)

Idade

Local de trabalho

Localização

Habilitações Literárias

Início de atividade de olaria (Ano)

---

## SECÇÃO II

---

### 2. Como considera a procura da olaria em Barcelos?

- Elevada
- Muita
- Média
- Pouca
- Fraca

### 3. Que tipo de olaria produz? (Poderá assinalar mais do que uma resposta)

- Utilitária
- Doméstica
- Decorativa
- Tradicional
- Contemporânea
- Figurado
- Outros

Quais?

---

---

---

---

### 4. Indique o processo de aprendizagem da Arte:

- Familiar/Geração
- Interno/Aprendiz
- Externo/Aprendiz
- Formação profissional
- Formação informal (autodidacta)

Breve explicação do processo

---

---

---

---

---

---

---



**5. Vai/Está a passar/ensinar a Arte?**

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

Se sim, quem?

---

---

Como?

---

---

**6. Possui Estatuto de Artesão?**

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

Desde quando?

---

É vantajoso?

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

Se sim, quais as vantagens?

---

---

---

**7. Possui a Carta de Unidade Produtiva Artesanal?**

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

Desde quando?

---

É vantajoso?

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

Se sim, quais as vantagens? (resposta opcional)

---

---

---

**8. Integra algumas das Rotas de Olaria ou**

**Figurado de Barcelos?**

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

Se sim, qual?

---

**9. Gostaria de colaborar mais nestas Rotas?**

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

Se sim, qual/quais?

---

---

---

Se sim, como?

---

---

---



MUNICÍPIO  
DE BARCELOS

P. PORTO

ESCOLA  
SUPERIOR  
DE EDUCAÇÃO

10. Considera estas Rotas uma mais-valia para a Arte e a Cidade de Barcelos?

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

16. Trabalha sozinho?

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

Se não, com quem trabalha?

---

---

---

---

### SECÇÃO III - A PRODUÇÃO OLEIRA

---

11. A produção mantém-se estável durante todo o ano?

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

17. Vai passar o seu saber a alguém?

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

12. A produção de Olaria é rentável?

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

18. Tem muita concorrência?

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

13. Sente que o interesse geral na Olaria ainda se mantém?

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

19. Tenciona inovar os processos que usa?

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

14. Mantém-se os processos tradicionais em geral?

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

20. Concorre a programas de apoio?

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

15. A sua produção mantém os processos tradicionais?

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

Se sim, quais? (resposta opcional)

---

---

---

## INFORMAÇÃO A CONVERTER EM GRÁFICOS

Os dados obtidos após a recolha de questionários foram convertidos em tabelas individuais, traduzindo as respostas dos artesãos. Estas tabelas servem de síntese aos 39 questionários recolhidos (dos quais 2 não entram na contagem de respostas, sendo que um foi perdido e posteriormente substituído e outro não foi preenchido pelo artesão) – cada tabela apresenta todas as respostas conseguidas. É de salientar que em cada tabela são feitas considerações importantes ou a explicação direta da informação que consta em cada uma delas a fim de tornar os dados mais claros. Organização de informação a traduzir em gráfico:

Idade																
26	33	37	40	45	46	47	49	51	51	54	54	55	55	56	56	58
59	60	60	60	61	63	64	66	66	68	69	72	72	72	73	78	82
84	90	91														
<b>Total: 37</b>																

*Tabela 13 - Idades (Dados do Questionário)*

Local de Trabalho	
As respostas a esta questão correspondiam à morada – traduzindo assim que as pessoas fazem da sua casa o seu local de trabalho	
<b>Casa</b>	<b>Fábrica</b> (O questionário foi entregue dado que o nome do Artesão Jaime da Silva Barbosa não aparecia com a indicação de que se tratasse de uma fábrica – assim este questionário poderá fazer o contraposto entre o coletivo e o individual – assumindo por isso o questionário em termos de análise)
<b>36</b>	<b>1</b>
<b>Total: 37</b>	

*Tabela 14 - Local de Trabalho (Dados do Questionário)*

Localização						
Galegos S. Martinho	Galegos Santa Maria	Areias S. Vicente	Areias de Vilar	Lama	Manhente	Barcelos
16	13	2	1	1	3	1
<b>Total: 37</b>						

*Tabela 15 - Localização (Dados do Questionário)*

Habilitações Literárias								
Sem resposta	Nenhuma	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano	6º Ano	9º Ano	12º Ano
1	1	1	2	11	1	5	12	3
<b>Total: 37</b>								

*Tabela 16 - Habilitações Literárias (Dados do Questionário)*

Início de atividade de Olaria (Ano)						
Alguns artesãos responderam com a idade aproximada de início posteriormente foi calculada a data correspondente (fórmula: idade atual – a idade de início= x / Ano atual – x = ano de início)						
S/R	1938	1939	1940	1945	1950	1956
1956	1964	1967	1971	1971	1972	1972
1972	1973	1979	1980	1980	1985	1986
1986	1988	1992	1992	1994	1994	1996
1996	2000	2002	2003	2007	2008	2008
2011	2012					
<b>Total: 37 (um questionário sem resposta – S/R)</b>						

*Tabela 17 - Início de atividade de Olaria (Ano) (Dados do Questionário)*

<b>2. Como considera a procura da olaria em Barcelos</b>					
S/R	Elevada	Muita	Média	Pouca	Fraca
	2	20	14	1	
<b>Total: 37</b>					

Tabela 18 - 2. Como considera a procura da olaria em Barcelos (Dados do Questionário)

<b>3. Que tipo de olaria produz? (poderá assinalar mais do que uma resposta)</b>							
S/R	Utilitária	Doméstica	Decorativa	Tradicional	Contemporânea	Figurado	Outros
	3	1	17	12	4	32	2

Tabela 19 - 3. Que tipo de olaria produz? (poderá assinalar mais do que uma resposta) (Dados do Questionário)

<b>4. Indique o processo de aprendizagem da arte:</b>					
S/R	Familiar/ Geração	Interno/ Aprendiz	Externo/ Aprendiz	Formação Profissional	Formação Informal Autodidata
	31	1			5
<b>Total: 37</b>					
<b>Nota explicativa</b>					
<p>“Familiar/Geração” em alguns casos os artesãos justificaram que a aprendizagem se deveu a pais e avós (e outros familiares como tias)</p> <p>“Formação Informa Autodidata” em alguns casos a olaria foi usada como terapia, em pelo menos um dos casos a aprendizagem foi através da metodologia “tentativa-erro”.</p>					

Tabela 20 - 4. Indique o processo de aprendizagem da arte (Dados do Questionário)

5. Vai/Está a passar/ensinar a Arte?		
S/R	Sim	Não
1	11	25
<b>Total: 37</b>		
<b>Nota explicativa</b>		
<p>Dos 11 artesãos que selecionaram a resposta “Sim”: 5 referiram estar a ensinar a arte aos filhos   1 referiu estar a ensinar a arte ao afilhado   2 referiram estar a ensinar a arte aos netos   1 referiu estar a ensinar a arte a outros, sem especificação   1 referiu estar a ensinar a arte a um familiar, não especificando   1 referiu estar a dar formação na área. Ao longo da recolha dos questionários, outros artesãos referiram ter o Certificado de Competências Pedagógicas o que lhes permite sempre que solicitado dar formação profissional.</p> <p>Ainda em relação aos artesãos que afirmaram estar a passar a arte, explicam esta transmissão de diversos modos – trabalho em conjunto, “através do gesto”, aproveitando os tempos livres e “horas vagas”, com o contacto direto com o ofício e através da transmissão de histórias e ensinamentos.</p> <p>Durante a recolha denotou-se ainda o interesse de alguns artesãos em passar a sua arte, contudo muitos denunciavam as faltas de condições para o efeito, a falta de tempo ou a falta de interesse de familiares. No entanto salientam a vontade de transmissão da arte.</p>		

*Tabela 21 - 5. Vai/Está a passar/ensinar a Arte? (Dados do Questionário)*

6. Possui Estatuto de Artesão?		
S/R	Sim	Não
	26	11
<b>Total: 37</b>		
<b>Nota explicativa</b>		
<p>Dos artesãos que responderam possuir o Estatuto do Artesão – as datas à questão “Desde quando”, vão desde <b>1980 a 2018, 4 artesãos não especificaram a data</b>. Dos <b>26 artesãos</b> que dizem ter estatuto do artesão, <b>20 consideram este estatuto uma mais-valia, 5 não o consideram vantajoso e 1 artesão preferiu não referir vantagem ou desvantagem</b>.</p> <p>Alguns artesãos salientam que este estatuto lhes confere vantagens, como por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Mais divulgação para o seu trabalho;</li> <li>- Entradas facilitadas em feiras, mostras, certames, exposições;</li> <li>- Maior reconhecimento e valorização do trabalho;</li> <li>- Confere mais valor ao trabalho e mais especificamente às peças;</li> <li>- Maior possibilidade de comercialização das peças em eventos dedicados ao artesanato;</li> <li>- Ajuda no reconhecimento do artesanato como uma profissão;</li> <li>- Ajuda na obtenção do certificado, conferindo ao artesão “maior visibilidade e estatuto”.</li> </ul>		

*Tabela 22 - 6. Possui Estatuto de Artesão? (Dados do Questionário)*

<b>7. Possui a Carta de Unidade Produtiva Artesanal?</b>		
S/R	Sim	Não
	26	11
<b>Total: 37</b>		
<b>Nota explicativa</b>		
<p>Dos artesãos que responderam possuir a Carta de Unidade Produtiva Artesanal – as datas à questão “Desde quando?”, vão desde <b>1986 a 2018, 6 artesãos não especificaram a data</b>. Dos <b>26 artesãos</b> que dizem possuir a Carta de Unidade Produtiva Artesanal, <b>19 consideram-na uma mais-valia, 5 não a consideram vantajoso e 2 artesãos preferiram não referir vantagem ou desvantagem</b>.</p> <p>Alguns artesãos salientam que estas Carta lhes conferem vantagens, como por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Entradas facilitadas em feiras, mostras, certames, exposições e outros eventos ligados ao artesanato que só permitem a entrada de artesãos certificados;</li> <li>- Certificação de qualidade do produto;</li> <li>- Obtenção de apoios do IIEFP;</li> <li>- Verificação/Atribuição de autenticidade às peças;</li> <li>- “Licença” de trabalho que permite o sustento familiar;</li> <li>- Maior visibilidade do trabalho e do próprio artesão;</li> </ul> <p>No entanto, durante o processo de recolha foi notório que os artesãos, consideram a Carta de Unidade Produtiva Artesanal e a Carta (Estatuto) do Artesão uma série de “burocracias” e que por isso não consideram útil, vantajoso ou benéfico.</p>		

*Tabela 23 - 7. Possui a Carta de Unidade Produtiva Artesanal? (Dados do Questionários)*

<b>8. Integra algumas das Rotas de Olaria ou Figurado de Barcelos?</b>		
S/R ou Outra (?)	Sim	Não
4	26	7
<b>Total: 37</b>		
<b>Nota explicativa</b>		
<p>Ao longo do processo de recolha dos questionários foi perceptível que alguns dos artesãos desconhecem a existência destas rotas ou mesmo se estão nelas integrados. Dos artesãos que solicitaram ajuda para o preenchimento do questionário, nesta questão mostraram-se sempre um pouco hesitantes e com “dúvidas”. Muitos dos que responderam à questão mencionam a rota do figurado como sendo a que estão inscritos (a verificar posteriormente nos sítios online de ambas as rotas).</p> <p>Dos 26 artesãos que responderam pertencer a uma das rotas: 20 responderam pertencer à Rota do Figurado, 1 Respondeu simultaneamente pertencer à Rota do Figurado e da Olaria e 3 responderam pertencer a outras rotas, ou deram respostas que não correspondiam à questão.</p>		

*Tabela 24 - 8. Integra algumas das Rotas de Olaria ou Figurado de Barcelos? (Dados do Questionário)*

<b>9. Gostaria de colaborar mais nestas Rotas?</b>		
S/R ou Outra (?)	Sim	Não
6	15	16
<b>Total: 37</b>		
<b>Nota explicativa</b>		
<p>Dos <b>15 artesãos</b> que responderam “sim” à questão 9., <b>4 deles gostariam de colaborar mais com “a sua própria rota”</b> – a qual dizem pertencer na questão nº 8, <b>1 dos artesãos</b> respondeu que gostaria de colaborar com todas as rotas, não especificando; <b>4 artesãos</b> referem que gostariam de colaborar com “outras” rotas ou a resposta não se refere à questão colocada e <b>6 dos artesãos</b> preferiram não responder á questão.</p> <p>Dos artesãos que gostariam de colaborar mais com as Rotas existentes – Rota da Olaria e Rota do Figurado – estes enunciam algumas maneiras de o fazer:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cedência de material e informação para maior informação e divulgação;</li> <li>- Fornecendo ajuda quando solicitada;</li> <li>- Oferta de contacto com a arte – “as crianças precisam de ter contacto com as matérias-primas da Natureza”;</li> <li>- Disponibilização e abertura da oficina/local de trabalho para visitas regulares (de externos);</li> <li>- Sugestão de mais eventos relacionados com o figurado – maior divulgação da arte.</li> </ul> <p>Percebe-se ao longo de todo o processo que existe uma grande “necessidade” de divulgação – os artesãos “reclamam” em diversos locais do questionário a atenção que devia ser dada ao seu trabalho, salientando variadas vezes o fator divulgação.</p>		

*Tabela 25 - 9. Gostaria de colaborar mais nestas Rotas? (Dados do Questionário)*

<b>10. Considera estas Rotas uma mais-valia para a Arte e a Cidade de Barcelos?</b>		
S/R	Sim	Não
3	34	
<b>Total: 37</b>		

*Tabela 26 - 10. Considera estas Rotas uma mais-valia para a Arte e a Cidade de Barcelos? (Dados do Questionário)*

<b>11. A produção mantém-se estável durante todo o ano?</b>		
S/R ou Outra (?)	Sim	Não
2	17	18
<b>Total: 37</b>		

*Tabela 27 - 11. A produção mantém-se estável durante todo o ano? (Dados do Questionário)*

<b>12. A produção de Olaria é rentável?</b>		
S/R ou Outra (?)	Sim	Não
4	21	12
<b>Total: 37</b>		

*Tabela 28 - 12. A produção de Olaria é rentável? (Dados do Questionário)*

<b>13. Sente que o interesse geral na Olaria ainda se mantém?</b>		
S/R ou Outra (?)	Sim	Não
4	31	2
<b>Total: 37</b>		

*Tabela 29 - 13. Sente que o interesse geral na Olaria ainda se mantém? (Dados do Questionário)*

<b>14. Mantém-se os processos tradicionais em geral?</b>		
S/R	Sim	Não
2	29	6
<b>Total: 37</b>		

*Tabela 30 - 14. Mantém-se os processos tradicionais em geral? (Dados do Questionário)*

<b>15. A sua produção mantém os processos tradicionais?</b>		
S/R	Sim	Não
1	34	2
<b>Total: 37</b>		

*Tabela 31 -15. A sua produção mantém os processos tradicionais? (Dados do Questionário)*

<b>16. Trabalha sozinho?</b>		
S/R	Sim	Não
1	22	14
<b>Total: 37</b>		
<b>Nota explicativa</b>		
<p>À questão nº 16, 14 artesãos referem não trabalhar sozinhos – esta atividade mantém nos dias de hoje um vínculo extremamente familiar e de proximidade.</p> <p>5 Artesãs referiram trabalhar com o Marido;  2 Artesãos referiram trabalhar com a Esposa;  1 Artesão referiu trabalhar com os Pais e uma Irmã;  1 Artesão referiu trabalhar com a Mãe;  1 Artesão referiu trabalhar com a Esposa, um Filho e uma Cunhada;  1 Artesão referiu trabalhar com um Irmão;  1 Artesão referiu trabalhar com o Filho;  1 Artesã referiu trabalhar ocasionalmente com o Afilhado.</p> <p>Em relação ao questionário nº 34, este preenchido pelo Sr. Horácio Fernandes Barbosa, é atualmente responsável pela fábrica que o pai iniciou – O questionário foi entregue com a referência ao nome Jaime da Silva Barbosa (sem indicação de ser uma fábrica), contudo procedeu-se ao seu preenchimento e entre os 36 questionários analisados (excetuando este), verifica-se que não se encontram relevantes diferenças em termos de respostas – à pergunta nº 16, trabalham neste local 3 Irmãos e 4 funcionários, distribuídos pelos diversos setores de produção. Com este questionário, surge a possibilidade de execução de um paralelismo mais conveniente entre as questões nº 10 e 20 e os outros questionários feitos a artesãos singulares.</p>		

*Tabela 32 - 16. Trabalha sozinho? (Dados do Questionário)*

<b>17. Vai passar o seu saber a alguém?</b>		
S/R	Sim	Não
3	18	16
<b>Total: 37</b>		

*Tabela 33 - 17. Vai passar o seu saber a alguém? (Dados do Questionário)*

<b>18. Tem muita concorrência?</b>		
S/R	Sim	Não
2	23	12
<b>Total: 37</b>		

*Tabela 34 - 18. Tem muita concorrência? (Dados do Questionário)*

<b>19. Tenciona inovar os processos que usa?</b>		
S/R	Sim	Não
2	17	18
<b>Total: 37</b>		

*Tabela 35 - 19. Tenciona inovar os processos que usa? (Dados do Questionário)*

<b>20. Concorre a programas de apoio?</b>		
S/R	Sim	Não
1	15	21
<b>Total: 37</b>		
<b>Nota explicativa</b>		
<p>Dos 15 artesãos que responderam concorrer a programas de apoio, especifica-se que a sua maioria refere o IEFP (Centro de Emprego) e o Programa de Promoção das Artes e Ofícios. Apenas 3 artesãos referem o apoio da Câmara Municipal de Barcelos.</p>		

*Tabela 36 - 20. Concorre a programas de apoio? (Dados do Questionário)*

### 6.3. APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS EM REFLEXÃO CRÍTICA

#### INFORMAÇÃO RECOLHIDA NOS QUESTIONÁRIOS – GRÁFICOS

De um modo geral a análise que aqui se apresenta em gráfico direciona-se a traduzir as opções de resposta dos artesãos que colaboraram neste estudo. Os gráficos abaixo apresentados mostram não só as respostas, numa visão linear, mas também a tendência que existe em determinado campo de atuação ou a forma de ver a situação da olaria/cerâmica e figurado no concelho de Barcelos, bem como as questões que a estas são inerentes.

A conversão em gráfico visa ainda interpretar algumas das “situações” que facilmente se comprovam com bibliografia acerca do tema – as gerações, a sazonalidade, a idade, as freguesias de influência, os apoios ou as habilitações literárias.

Os questionários apresentados aos artesãos de Barcelos, segundo os critérios anteriormente referidos, encontravam-se divididos em 3 secções:

- ✓ Uma secção primária e de identificação,
- ✓ Uma secção secundária de questões gerais
- ✓ Uma terceira secção dedicada à produção oleira e à sua situação atual (trabalho de cada artesão);

Nesta análise, em gráfico, excetua-se a identificação – NOME – de cada artesão, mantendo apenas os dados relevantes para uma análise coesa e que evidencie os resultados pretendidos. Algumas considerações são frutos de conversas com os artesãos aquando da entrega e receção dos questionários.

## SECÇÃO I – Identificação

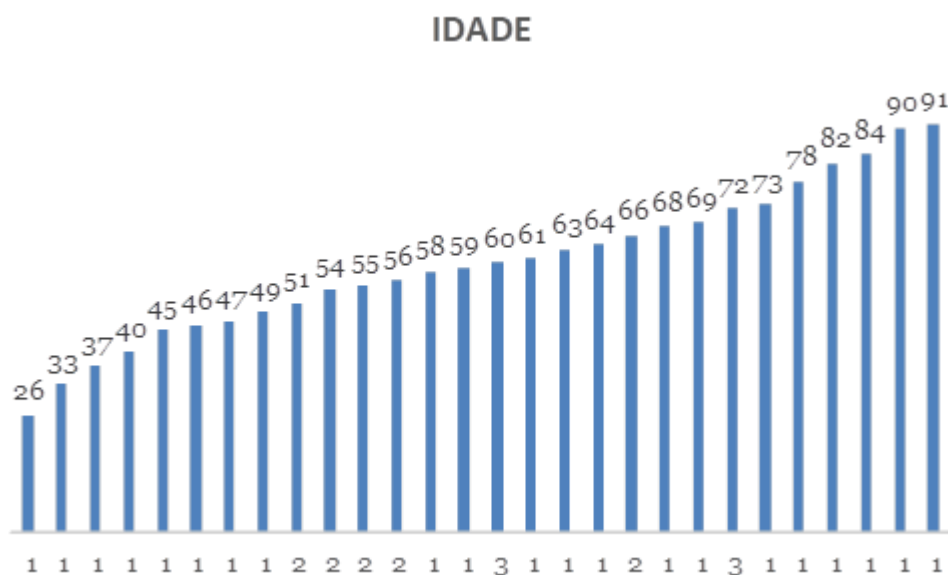


Gráfico 4 - Idade (Dados do Questionário)

O gráfico acima apresentado diz respeito às idades de cada um dos artesãos que preencheu o questionário referente a este estudo – vemos assim que as idades que vão dos 26 anos aos 91 anos – entende-se que apenas dois artesãos têm idades compreendidas entre os 20 e os 35 anos, e que o maior grupo ou faixa etária corresponde aos artesãos cujas idades estão compreendidas entre os 50 e os 65 anos. Destaca-se também o grupo dos 65 aos 80 anos de idade, com um grande número de artesãos. Acima dos 80 anos de idade encontramos ainda 4 artesãos – dos quais apenas 1 mantém a atividade de forma bastante regular.

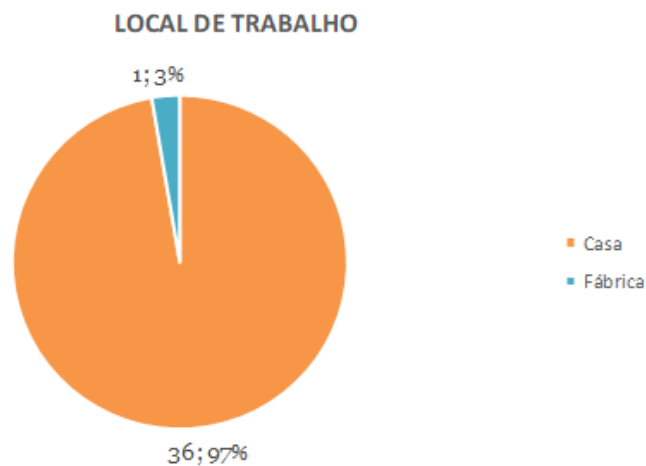


Gráfico 5 - Local de Trabalho - exemplo: número de respostas; X % de respostas (Dados do Questionário)

A informação relativa ao local de trabalho nem sempre foi bem compreendida – alguns artesãos responderam com a morada a esta questão. Contudo sabe-se que 97% dos artesãos questionados tem o seu local de trabalho em casa. Este local de trabalho é muitas vezes dentro da própria habitação, ou em pequenos anexos à mesma. Apenas 3%, ou 1 questionário, demonstrou que a atividade é feita em fábrica.

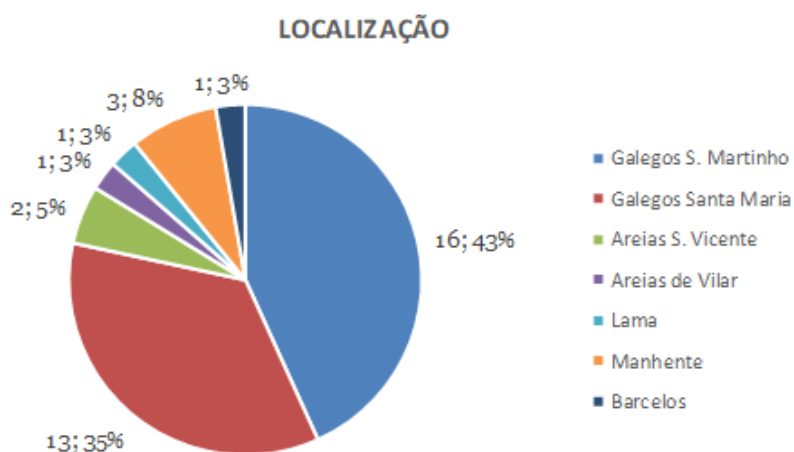


Gráfico 6 - Localização - exemplo: número de respostas; X % de respostas (Dados do Questionário)

No que diz respeito à localização, os artesãos selecionados para a submissão dos questionários estão espalhados pelas conhecidas áreas de influência da Olaria e Cerâmica do Concelho de Barcelos. Após a extinção do Concelho de Prado, em 1855, Barcelos passa a ter em si a maior parte das freguesias produtoras de olaria e cerâmica – Galegos S.Martinho, Galegos Santa Maria, Areias S.Vicente, Areias de Vilar, Lama e Manhente.

*“A vila de Prado foi cabeça de um concelho fundado por D.Afonso III (que lhe deu foral em 1260) e extinto por uma decreto de 24 de Outubro de 1855, tendo sido então as freguesias que o compunham repartidas pelos concelhos de Braga, Barcelos e Vila Verde (...) das freguesias hoje incorporadas no concelho de Barcelos pertenciam ao do Prado as seguintes: S. Veríssimo do Tamel, Manhente, Santa Maria de Galegos, S. Martinho de Galegos, S. Vicente de Areias, Lama, Ucha, Oliveira, Roriz e Igreja Nova. Quer dizer: toda a zona cerâmica de Barcelos (...) pertencia ao concelho do Prado!” (Carneiro, Donde vem a confusão entre louças do Prado e louças de Barcelos, 1962, p.6)*

Assim, 43% dos artesãos pertencem à freguesia de Galegos S. Martinho, 35% à freguesia de Galegos Santa Maria (freguesias de maior incidência), 8% à freguesia de Manhente, 5% à freguesia de Areias S. Vicente e os restantes 9% a outras freguesias, nomeadamente Areias de Vilar (3%), Lama (3%) e Barcelos (3%).



Gráfico 7 - Habilitações Literárias - exemplo: número de respostas; X % de respostas (Dados do Questionário)

No seio das famílias ligadas ao barro e nas gerações de artesãos barristas que ainda hoje se mantêm ativos, encontramos baixos níveis de escolaridade. Esta marca explica-se pelo facto de no “antigamente” a escolaridade obrigatória ter sido mais baixa do que é atualmente:

*“Na primeira metade do século XX, no tempo em que estas barristas cresceram, a escolarização era um obstáculo para as famílias pobres, uma vez que o investimento que se faziam em ter filhos se convertia em mais mão-de-obra. Esta era a forma de investimento económico (...) Na verdade, a escola obrigatória era diferente para os rapazes e raparigas, os primeiros eram obrigados a fazer a 4.ª classe enquanto as raparigas somente a 3.ª classe” (Fernandes, et al., 2005, p.47)*

No gráfico acima 32% dos artesãos tem o 9º ano de escolaridade, 30% o 4º ano, 13% o 6º ano, 8% o 12º ano, apenas 3% tem o 3º ano e os restantes 12% apresentam outros níveis de escolarização, sendo que 3% destes ultimos não apresenta qualquer nível de escolarização.

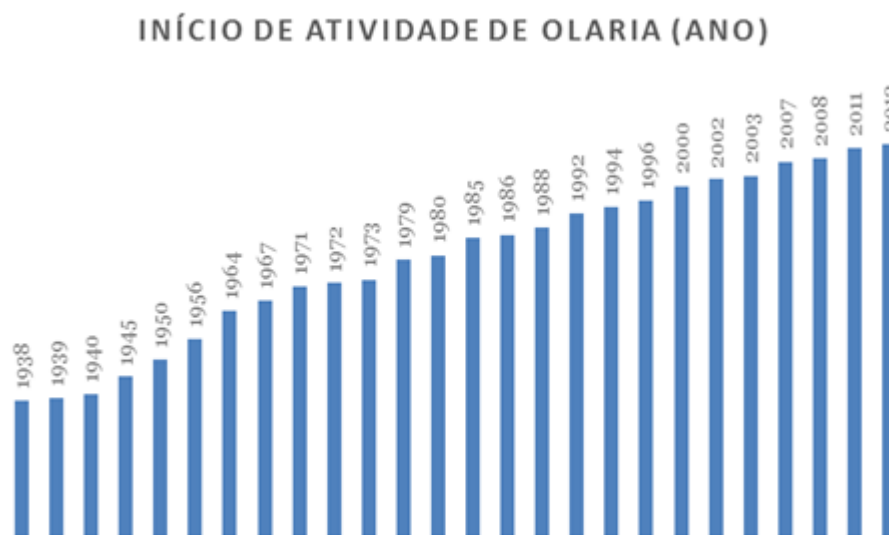


Gráfico 8 - Início de Atividade de Olaria (Ano)

Aproveitando a última citação feita (Fernandes, et al., 2005, p.47) - os filhos de artesãos eram rapidamente “convertidos em mão-de-obra”. É por isso que muitos não sabem referir com precisão o início da atividade. Alguns dizem ter nascido no barro, outros dizem ter começado muito pequeninos a ajudar a mãe ou o pai, ou os avós. No entanto muitos são os que trabalham há muitos anos no figurado ou na olaria, ou na cerâmica. Muitos são também aqueles que foram influenciados por mestres barristas e começaram a sua “aventura” no barro em tempos mais recentes. Do gráfico que se apresenta verificam-se datas compreendidas entre 1938 e 2012.

## SECÇÃO II

### 2. Como considera a procura da Ollaria em Barcelos

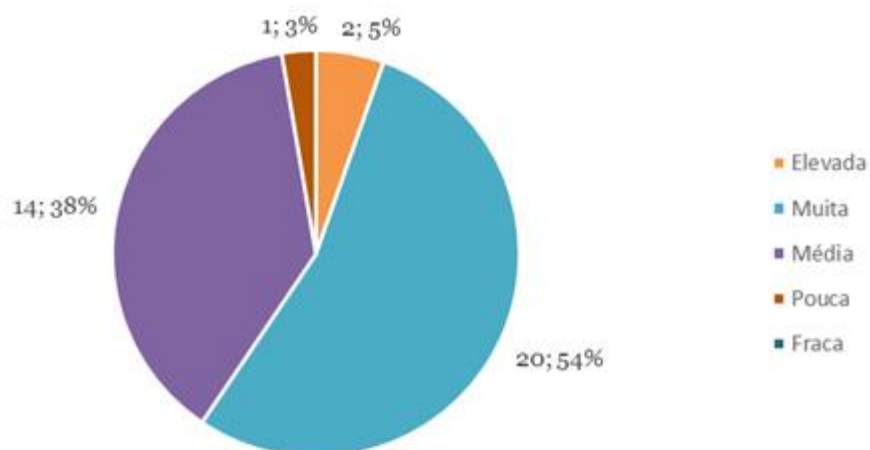


Gráfico 9 - 2. Como considera a procura da Ollaria em Barcelos - exemplo: número de respostas; X % de respostas (Dados do Questionário)

No que diz respeito à procura da Ollaria de Barcelos – uma grande percentagem de artesãos considera que existe muita procura (54%) ou que a mesma é média

(38%), apenas 5% considera que a procura seja elevada e 3% considera que a procura é pouca, não existindo quem considere a procura “fraca”.

*“Apesar da necessidade social em acompanhar o desenvolvimento, não se pode esquecer o valor da herança cultural. A exigência dos mercados provoca a adaptação tendencial da oferta à procura e os produtos artesanais estão abrangidos por esta demanda. Os objetos artesanais passam a ser feitos de acordo com os critérios dos consumidores, e cada vez menos, segundo critérios dos produtores culturais.” (Marçal, 2012, p.24)*

São cada vez mais os artesãos que adotam novas técnicas e novas formas de fazer, tentando acompanhar a evolução da “arte” e do artesanato. Os artesãos optam hoje por peças mais pequenas e estilizadas, mais modernas (não sendo este um aspeto tendente a criar padrões).

### 3. Que tipo de olaria produz? (poderá assinalar mais do que uma resposta)

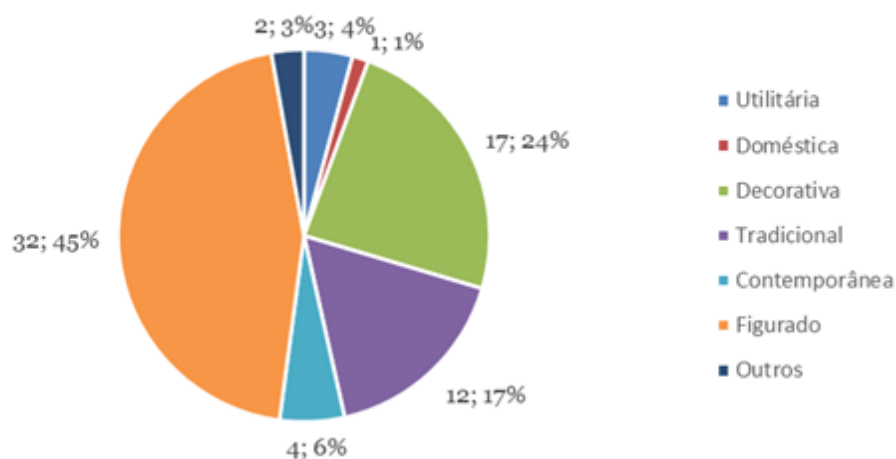


Gráfico 10 - 3. Que tipo de olaria produz? (poderá assinalar mais do que uma resposta) - exemplo: número de respostas; X % de respostas (Dados do Questionário)

A produção de Olaria e Cerâmica em Barcelos sempre foi conhecida pelas suas diversas “classificações” - no gráfico que se apresenta vemos que o figurado

(45%), o tradicional (17%) e o decorativo (24%) ocupam as maiores percentagens da tabela, seguidos pela produção contemporânea (6%), utilitária (4%), doméstica (1%) e outros (3%).

#### 4. Indique o processo de aprendizagem da arte:

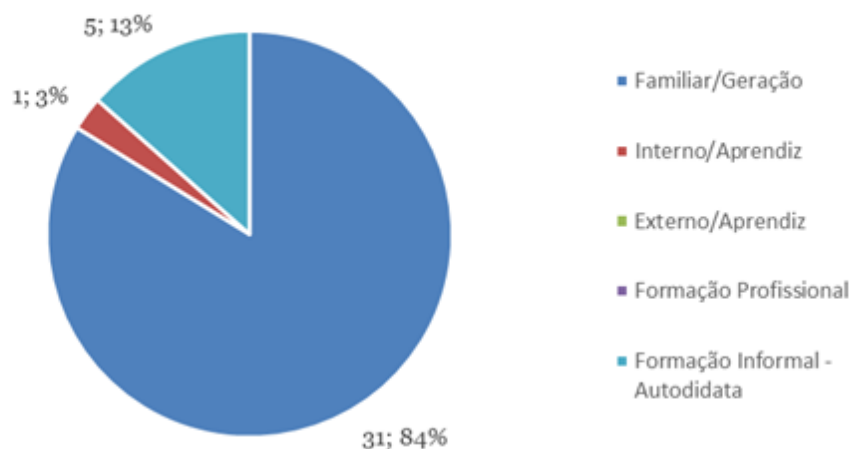


Gráfico 11 - 4. Indique o processo de aprendizagem da arte - exemplo: número de respostas; X % de respostas (Dados do Questionário)

#### 5. Vai/Está a passar/ensinar a Arte?

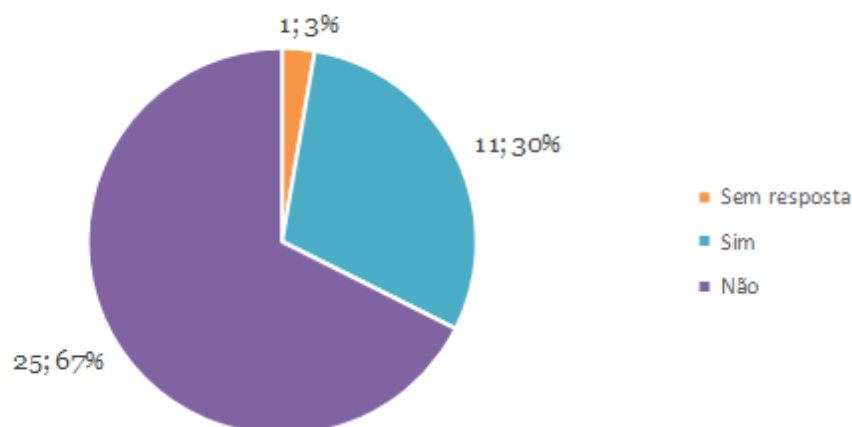


Gráfico 12 - 5. Vai/Está a passar/ensinar a Arte - exemplo: número de respostas; X % de respostas (Dados do Questionário)

Em Barcelos existe uma forte ligação do barro às gerações familiares que primeiro o trabalharam. É por essa razão que 84% dos artesãos respondeu ter chegado a esta forma de produção através da família, do seio familiar ou geracional, da mesma maneira que 3% diz ter tido uma aprendizagem de “Interno/Aprendiz” - *“A figura do artesão está carregada de simbolismo sendo este um detentor de uma série de ensinamentos que foram passados, como legado, de geração em geração.”* (Abreu, 2013, p.33) Existem, porém, alguns artesãos que de forma autodidata se dedicaram ao artesanato e ao barro – é o caso de 13% dos artesãos em estudo.

Os artesãos entendem que cada vez será mais difícil deixar ou passar este legado artístico a alguém, quer este “alguém” seja familiar ou externo. Das respostas obtidas percebe-se que 30% respondeu “Sim” à passagem do conhecimento a outros. 67% das respostas foram negativas, sendo sintoma esta percentagem de que se pode revelar o perigo de “extinção” dos saberes e das formas de fazer. É por isso cada vez mais urgente o incentivo a estas formas de artesanato, a sua divulgação e a sua transmissão.

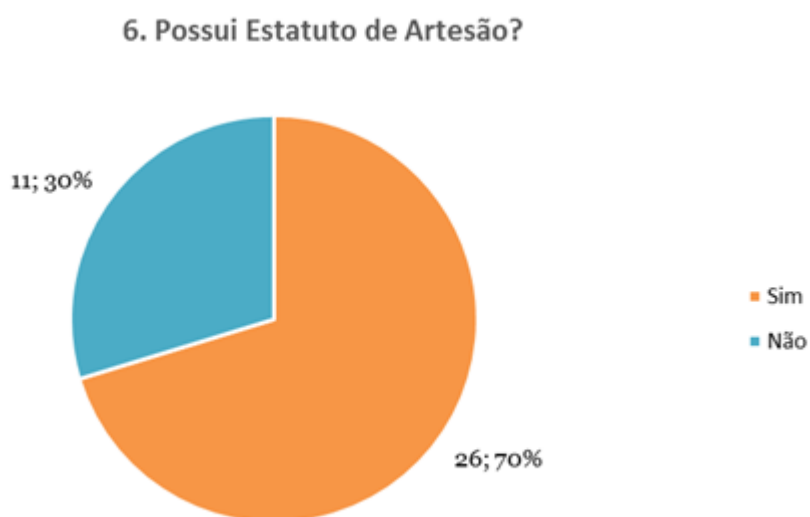


Gráfico 13 - 6. Possui Estatuto de Artesão? - exemplo: número de respostas; X % de respostas (Dados do Questionário)

Ao longo dos anos o IEFP – Instituto do Emprego e Formação Profissional, tutelado pelo Estado Português, tem criado uma série de incentivos no que diz respeito às Artes e Ofícios. Nomeadamente na criação de programas de apoio e legislação que regule o artesanato, e estabeleça o seu estatuto bem como o estatuto do artesão. É por isso essencial perceber o que se passa do lado dos artesãos no que diz respeito ao estatuto do artesão 70% diz estar “abrangido” pelo mesmo, mas ainda 30% afirma não possuir este regime. Verifica-se por isso que o programa pode ser “afetado” por resistências dos próprios artesãos, ou pela não informação, referindo que dos 30% alguns artesãos conhecem o estatuto, mas não veem vantagens no mesmo. Dos que o dizem ter, a maioria considera este estatuto uma mais-valia na visibilidade do artesanato e dos seus criadores, nos apoios e na divulgação.

Estas são algumas vantagens referidas acerca do estatuto do artesão e da Carta da Unidade Produtiva Artesanal:

- ✓ Mais divulgação para o seu trabalho;
- ✓ Entradas facilitadas em feiras, mostras, certames, exposições;
- ✓ Maior reconhecimento e valorização do trabalho;
- ✓ Confere mais valor ao trabalho e mais especificamente às peças;
- ✓ Maior possibilidade de comercialização das peças em eventos dedicados ao artesanato;
- ✓ Ajuda no reconhecimento do artesanato como uma profissão;
- ✓ Ajuda na obtenção do certificado, conferindo ao artesão “maior visibilidade e estatuto”.
- ✓ Certificação de qualidade do produto;
- ✓ Obtenção de apoios do IEFP;
- ✓ Verificação/Atribuição de autenticidade às peças;
- ✓ “Licença” de trabalho que permite o sustento familiar;
- ✓ Maior visibilidade do trabalho e do próprio artesão;

Sobre a Carta da Unidade Produtiva Artesanal as percentagens mantêm-se, demonstrando que os artesãos com Estatuto também usufruem da CUPA.

### 7. Possui a Carta de Unidade Produtiva Artesanal?

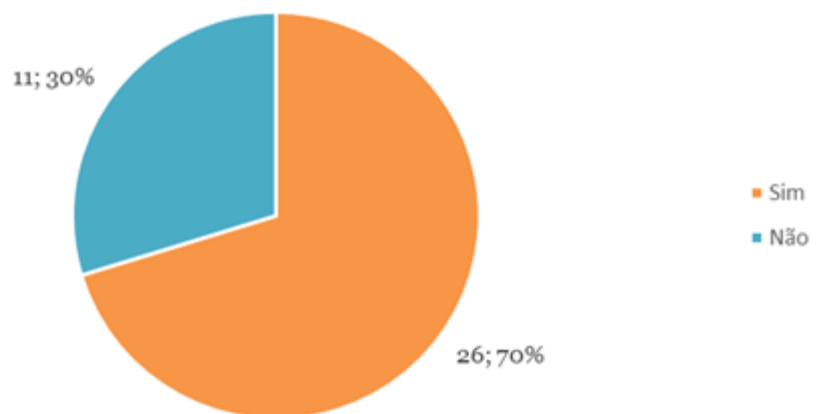


Gráfico 14 - 7. Possui a Carta de Unidade Produtiva Artesanal? - exemplo: número de respostas; X % de respostas (Dados do Questionário)

### 8. Integra algumas das Rotas de Olaria ou Figurado de Barcelos?

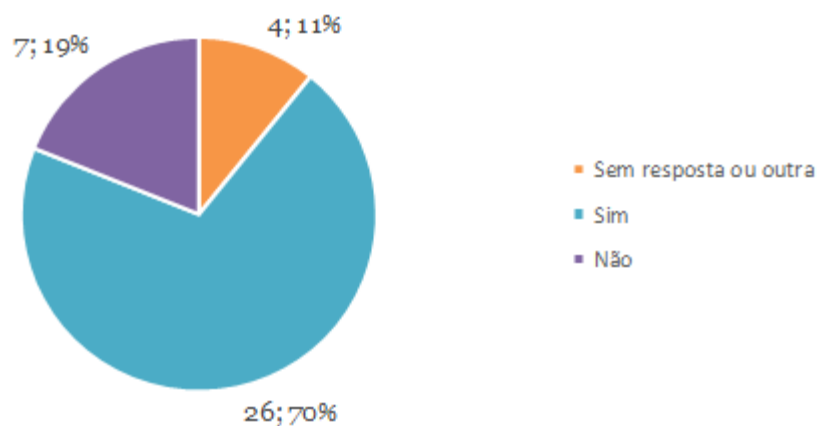


Gráfico 15 - 8. Integra algumas das Rotas de Olaria ou Figurado de Barcelos? - exemplo: número de respostas; X% de respostas (Dados do Questionário)

Ao longo dos anos e como vimos logo no início deste capítulo, o Município de Barcelos tem apostado em rotas dedicadas ao artesanato e por isso criou também duas. Estas mais direccionadas para as artes ligadas ao barro – A Rota do Figurado e a Rota da Olaria. Dos artesãos em estudo – todos foram seleccionados a partir das páginas *online* das rotas em questão – 70% responderam que “Sim”, 19% respondeu “Não” – afirmando negativamente a sua participação nestas rotas e 11% não respondeu à questão ou adotou outra resposta sem relevância para esta análise.

Dos 19% que responderam não pertencer a qualquer rota, entende-se que os artesãos não tomam/tomaram conhecimento da sua inserção nas roteirizações da CMB.

Quando questionados do gosto que teriam em colaborar mais com as rotas a que pertencem, 43% diz não querer colaborar mais e 41% respondeu “Sim” denotando o interesse na maior colaboração com as rotas (16% não responderam à questão).

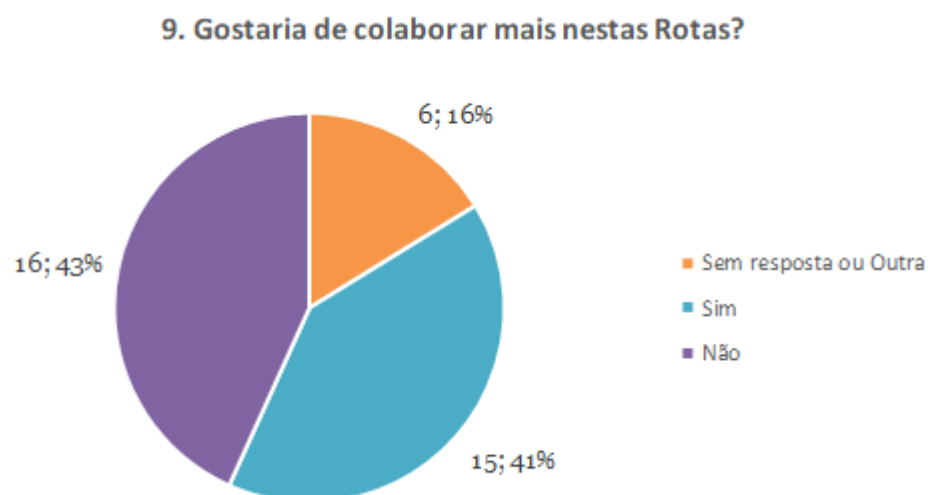


Gráfico 16 - 9. Gostaria de colaborar mais nestas Rotas? - exemplo: número de respostas; X % de respostas (Dados do Questionário)

### 10. Considera estas Rotas uma mais-valia para a Arte e a Cidade de Barcelos?

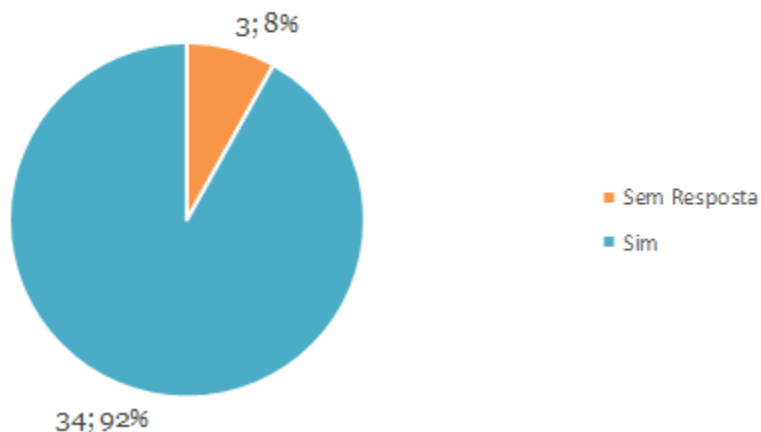


Gráfico 17 - 10. Considera estas Rotas uma mais-valia para a Arte e a Cidade de Barcelos? - exemplo: número de respostas; X % de respostas (Dados do Questionário)

À pergunta “Considera estas Rotas uma mais-valia para a Arte e a Cidade de Barcelos?”, 92% dos artesãos respondeu “Sim”, admitindo que as rotas proporcionam mais-valias à arte, ao artesanato e à própria cidade de Barcelos – depreende-se, portanto, que estas rotas funcionam na valorização do território e dos seus costumes, artes e ofícios.

### SECÇÃO III – A produção oleira

*“muitas oficinas e fábricas dos oleiros e barristas da região barcelense (...) em cada época todos se votam ao mesmo género de produção, variando este com a estação do ano ou com o calendário religioso. Assim, logo no princípio do ano, começam a trabalhar para as feiras e romarias que se avizinham: S. Bento, Cruzes, Matosinhos... Ao fabrico normal diário, que tem saída todo o ano, e ao fabrico extraordinário destinado à exportação acrescenta-se pois aquele que tem em vista a clientela das feiras e romarias. Porém, há fabricantes que só trabalham para as feiras. (...) A produção de Inverno é a menos rendosa: o frio dificulta o fabrico, e a humidade atmosférica a secagem das louças e dos moldes (...) os bonequeiros de Barcelos dedicam especial atenção aos festejos a Santo António, S. João e S. Pedro, fabricando, especialmente para estes, os bonecos das cascatas.*

(...) Ainda o Natal vem longe e já as oficinas se preparam para o fabrico de milhares e milhares de figuras para presépios” (...) Na primavera fabricam-se os vasos para as plantas e na Quaresma as formas para o fabrico do pão-de-ló” (...) No verão, os hidrocerames, os cântaros para o sulfato, as canecas para o vinho, tigelas para a marmelada, boiões para mel, talhas para o azeite ou para curtir a azeitona, assadores para assar as castanhas, tigelinhas de iluminação. (...) No Outono, as louças para a matança e para guardar o pingue, as tigelinhas para a resina (resineiras), o figurado para os presépios.” (Correia, Achegas para o estudo das louças de Barcelos, 1969, pp. 6-7).

### 11. A produção mantém-se estável durante todo o ano?

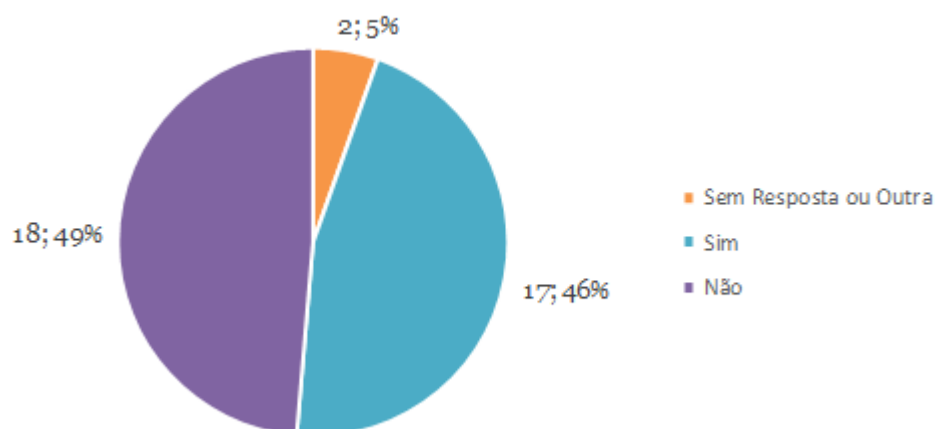


Gráfico 18 - 11. A produção mantém-se estável durante todo o ano? - exemplo: número de respostas; X % de respostas (Dados do Questionário)

Existem várias fontes que documentam a produção de louça em Barcelos e a sua sazonalidade – 49% das respostas obtidas dão conta que a produção de louça ou figurado não é estável durante todo o ano e 46% das respostas revelam o contrário – estes índices podem entender-se segundo o trabalho de cada artesão e os seus ritmos de produção. Segundo a fonte bibliográfica a cima a produção de louça em Barcelos tem realmente alturas de maior e menor produção, também dependente da altura do ano e as festividades do calendário vigente.

### 12. A produção de Olaria é rentável?

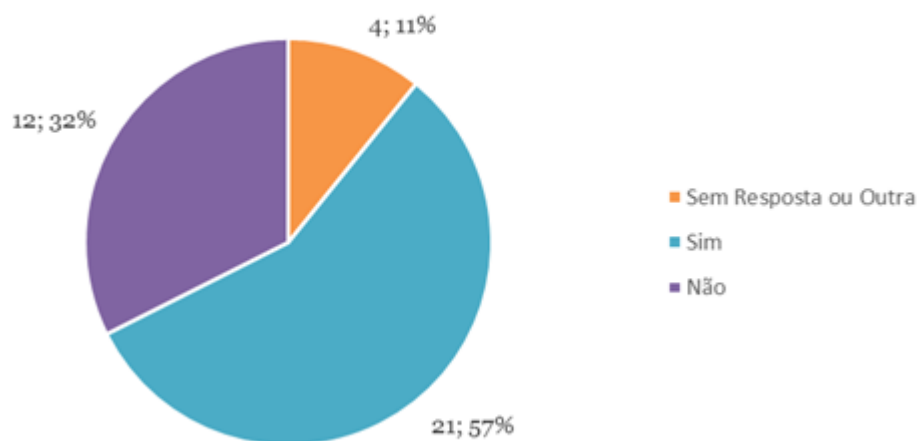


Gráfico 20 - 12. A produção de Olaria é rentável? - exemplo: número de respostas; X % de respostas (Dados do Questionário)

### 13. Sente que o interesse geral na Olaria ainda se mantém?

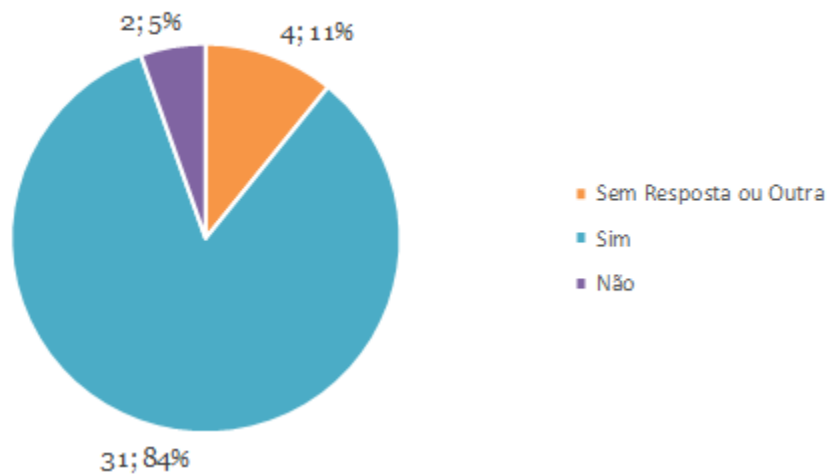


Gráfico 19 - Sente que o interesse geral na Olaria ainda se mantém? - exemplo: número de respostas; X % de respostas (Dados do Questionário)

Quanto à rentabilidade, 57% dos artesãos afirmam que esta é uma atividade rentável e 32% defende a não rentabilidade do trabalho com o barro, o que no gráfico seguinte levanta uma aparente incoerência no nível dos indicadores de rentabilidade e do interesse. Mas, num trabalho desta natureza, por vezes levantam-se questões ou problemáticas que não podem ser respondidas no imediato, mas que deixam pistas para estudos futuros.

É importante reter que 84% dos artesãos responderam que o interesse geral na olaria ainda se mantém. No entanto muitos não consideram a produção rentável e vê problemas no escoar da produção, o que poderá ser um fator de peso para o gráfico 12, onde só apenas 57% dos artesãos consideram a atividade rentável. A questão é - e não foi incluída no questionário por ser invasiva e muito pouco passível de resposta – o que é considerado rentável neste contexto? O suficiente para viver ou ter uma margem de lucro confortável. Se aprofundado em futuros estudos, esta variável poderá ser alterada, face à discrepância dos 84% que admitem o interesse geral na olaria, mas cuja percentagem se fragmenta nos referidos 57% que consideram a atividade rentável e os 32% que afirmam o inverso. Apenas 11% considera que esta forma de artesanato tem perdido o interesse.

Os processos são um tema muito discutido quer ao nível da arte/objeto artístico, quer ao nível do artesanato/arte tradicional ou popular – a autenticidade e as formas de fazer estão em constante atualização e modernização, fruto de novos materiais e matérias, e por isso existe cada vez mais a necessidade de adaptação. Contudo alguns artesãos mantêm os seus processos o mais tradicionais possível.

#### 14. Mantém-se os processos tradicionais em geral?

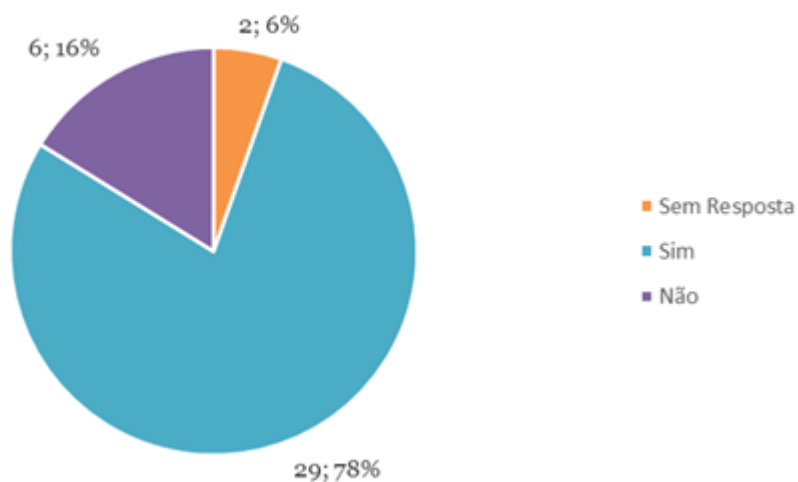


Gráfico 22 - 14. Mantém-se os processos tradicionais em geral? - exemplo: número de respostas; X % de respostas (Dados do Questionário)

#### 15. A sua produção mantém os processos tradicionais?

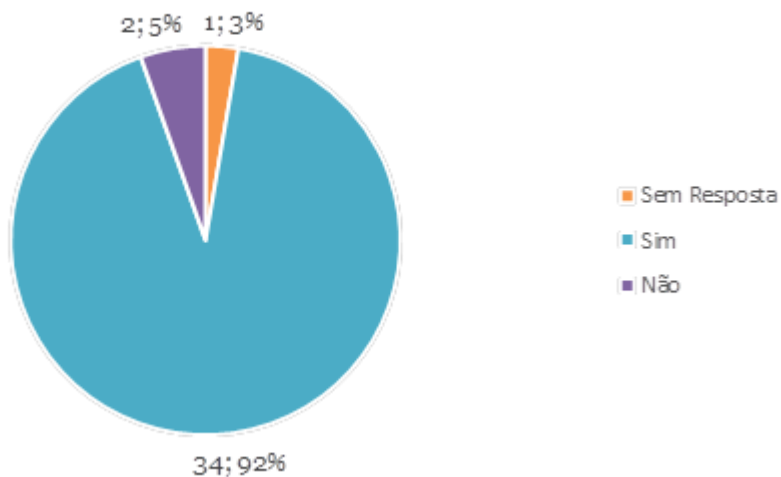


Gráfico 21- 15. A sua produção mantém os processos tradicionais? - exemplo: número de respostas; X % de respostas (Dados do Questionário)

78% dos questionados consideram que os processos ainda são os tradicionais e 16% afirma que muita da produção atual conta com técnicas menos tradicionais. Ao mesmo tempo 92% fala da sua própria produção como um processo tradicional e 5% diz que os seus processos já não são os tradicionais. A atividade ligada ao barro nunca foi uma atividade solitária e por isso é que tantas famílias se dedicaram a esta arte – as famílias trabalhavam em conjunto e cada elemento tinha as suas funções bem demarcadas:

*“... o figurado tinha uma forte marca da olaria, era puxado no torno pelo oleiro familiar, marido, pai ou filho, terminando à mão pelo elemento feminino da mesma família, quer na modelação, quer no vidro ou na pintura.(...) Oleiros eram os homens que produziam loiça, um bem essencial na sociedade de então. Para as mulheres estavam reservadas tarefas consideradas menores: ajudar os pais e os maridos que eram oleiros, indo à água, preparando o barro, indo à lenha, ajudando a enfornar e a desenfornar, vendo a loiça. Tudo e isto e muito mais, pois cuidavam dos filhos e tratavam da casa. Mas, mulher a trabalhar à roda, isso não, isso nunca” (Fernandes, et al., 2005, pp.9-11)*

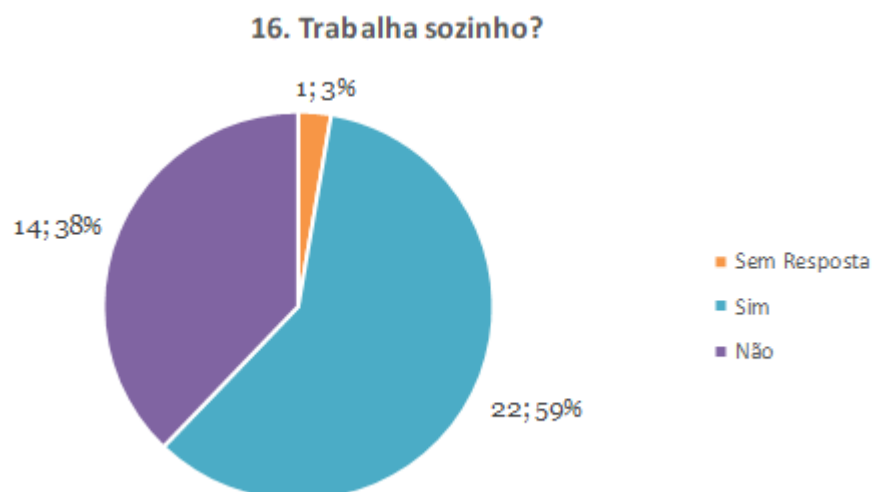


Gráfico 23 - 16. Trabalha sozinho? - exemplo: número de respostas; X % de respostas (Dados do Questionário)

Desta forma as respostas obtidas refletem que em 59% dos casos os artesãos trabalham sozinhos e em 38% os artesãos contam com alguém que os ajuda na

produção - o marido, a esposa, os pais, os irmãos, a mãe, os filhos, a cunhada e o afilhado, ou seja, neste caso o entorno familiar.

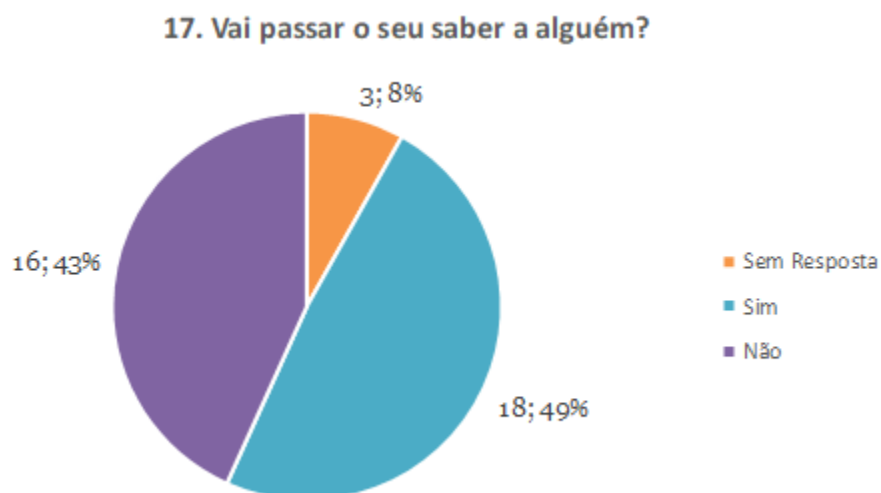
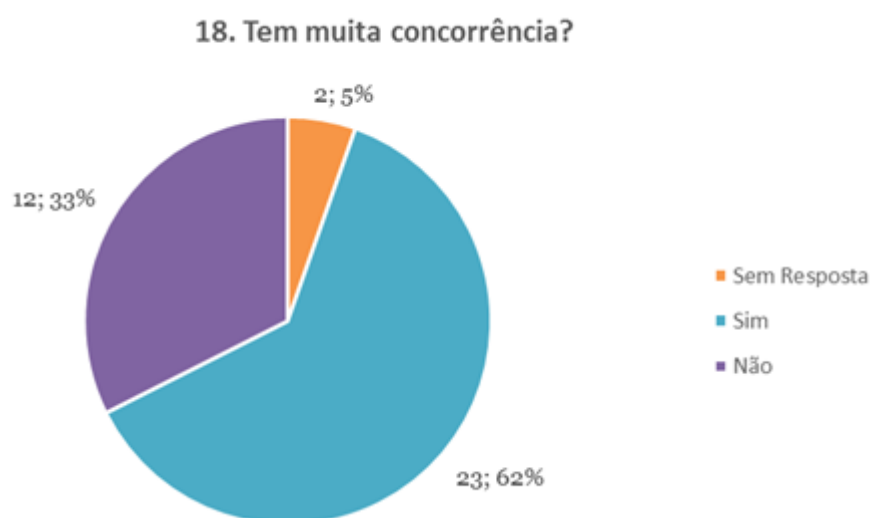


Gráfico 24 - 17. Vai passar o seu saber a alguém? - exemplo: número de respostas; X % de respostas (Dados do Questionário)

*“Os mais velhos procuram passar aos mais novos esta vontade de transmissão de saber, as histórias de cada peça encenada, a transmissão dos mitos, a sua recriação, inventando o que não existe senão através da imaginação. (...) os barristas cumpriam o trilho criativo dos seus familiares; representavam o seu mundo, as formas que sempre conheceram, o eterno quotidiano e as enfabulações antigas do mundo animal; há bichos-homens, sereias e monstros. Estas figuras vão-se misturando, criando formas insinuante e deliberadamente ambíguas: meio-homem, meio-objeto, apresentando uma significação dupla, ao mesmo tempo desresponsabilizada das leituras possíveis.” (Rios & Mesquita, Figurado de Barcelos: Desenhos de Barro, 2006, pp. 36-47)*

É urgente a transmissão de saberes, de formas de fazer e criar, de técnicas, dos reais e dos imaginários. Dos questionários recolhidos e à medida que a recolha se processou, compreendeu-se que vários artesãos têm o Certificado de Competências Pedagógicas que lhes permite dar formação na área, e nota-se uma grande vontade de transmissão do saber e uma grande tristeza na

possibilidade de não poderem efetivar essa vontade. Assim, 49% dos artesãos respondeu que vai passar o seu saber a alguém e 43% respondeu negativamente a esta questão. Apenas 8% não respondeu à questão ou optou por outra resposta.



*Gráfico 25 - 18. Tem muita concorrência? - exemplo: número de respostas; X % de respostas (Dados do Questionário)*

Tendo em consideração que o Concelho de Barcelos é vasto em produção oleira, 62% dos artesãos que responderam ao questionário afirmam ter muita concorrência (entre si e possivelmente de outros centros de produção oleira externos a Barcelos) e 33% dizem não notar esta concorrência.

### 19. Tenciona inovar os processos que usa?

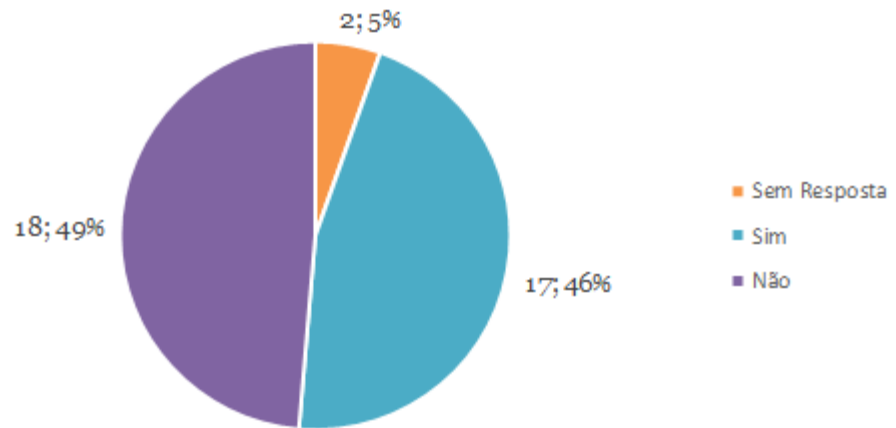


Gráfico 26 - 19. Tenciona inovar os processos que usa? - exemplo: número de respostas; X % de respostas (Dados do Questionário)

Dadas as questões anteriores (nº 14 e 15) que se focam na produção e na medida em que esta é tradicional e conserva os processos e procedimentos tradicionais, é importante depreender a opinião dos artesãos no que diz respeito à sua intenção de inovação. E em relação à inovação, 49% respondeu não tencionar inovar os processos que usa e 46% está disposto a inovar, dizendo que pretendem acompanhar a evolução temporal e tecnológica, independentemente dos índices de habilitações literárias patentes no gráfico 7 Isto infere que a inovação não estará dependente da formação académica formal, mas mais, talvez dos programas como os IAFP, de intervenção e apoio às artes e ofícios.

*“Os apoios e benefícios que o Estado atribua ao artesanato pressupõem o reconhecimento do estatuto de unidade produtiva artesanal.” (Promoção do artesanato, s.d.)*

## 20. Concorre a programas de apoio?

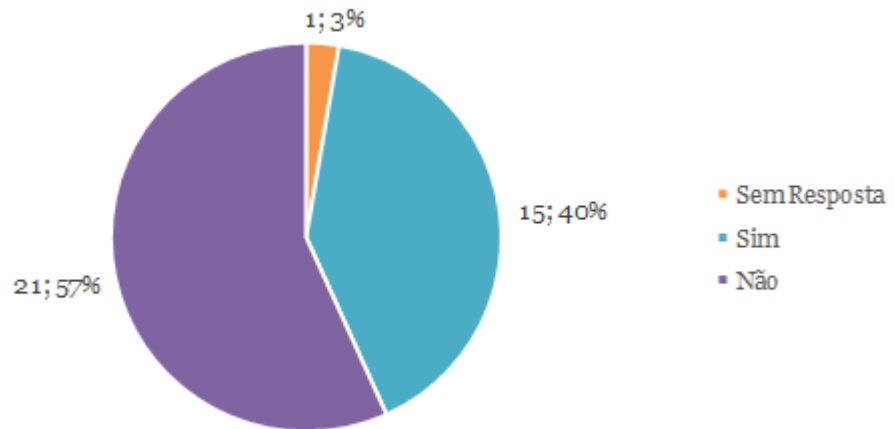


Gráfico 27 - 20. Concorre a programas de apoio? - exemplo: número de respostas; X % de respostas (Dados do Questionário)

*“Com o surgimento dos Apoios do Fundo Social Europeu, passou a haver um impulso na formação dos artesãos. (...) É possível fazer uma avaliação dos oleiros que ainda permanecem em actividade observando os registos de cartas de artesãos e os registos de actividade das unidades de produção.” (Barrocas, 2014, p.21)*

Por fim, os incentivos do IEFP e do Estado Português têm como objetivo a divulgação e a promoção das artes e dos ofícios, do artesanato e dos artesãos com a função de regulamentar e gerir condições de trabalho, produção e certificação. A par do papel do Estado, também a Câmara Municipal de Barcelos tem apostado nas artes e ofícios e no apoio aos artesãos do concelho no que toca a feiras e à sua roteirização e difusão.

Mas das respostas obtidas, 40% dos artesãos respondeu concorrer a programas de apoio nomeando o IEFP (Centro de Emprego) e o Programa de Promoção das Artes e Ofícios. Apenas 3 artesãos referem o apoio da Câmara Municipal de Barcelos e 57% refere que não se candidata a programas de apoio. Não sendo o espaço de tecer considerandos sobre este desfasamento, a discrepância entre o que foi possível aferir da ação da tutela e das respostas obtidas juntos da

mancha de questionários, pode resultar de processos lentos de adaptação e resistência a iniciativas da tutela. É de ter em conta, e sem qualquer julgamento de causa, a avançada carga etária dos artesãos e correspondente formação habilitacional, que poderá gerar alguma distância dos próprios aos programas e iniciativas do Estado.

Feita a análise dos gráficos procede-se à seleção de artesãos que componham estudos de caso – estes estudos compreendem entrevistas individuais e a sua respetiva análise, servindo para contextualizar e comprovar informação obtida em gráfico e em revisão bibliográfica.

## GEORREFERENCIAÇÃO

Na impossibilidade de referenciar em mapa todas as moradas recolhidas através das Rotas da Olaria e do Figurado, apresentam-se em mapa as freguesias do concelho de Barcelos em que estas produções são mais acentuadas e dá-se indicação do número total de artesãos singulares e fábricas existentes em cada uma delas e o número de artesãos individuais que participaram neste estudo - apenas se apresentam mapas das freguesias nas quais foram entregues questionários, segundo os critérios pré-definidos para a elaboração do estudo.



### Galegos (São Martinho)

Totalidade de artesãos/fábricas : 24

- 18 questionários entregues

*Imagem 13 - Mapa de Galegos S. Martinho - Fonte: GOOGLEMAPS*



Galegos (Santa Maria)

Totalidade de artesãos/fábricas : 22

- 14 questionários entregues

Imagem 14 - Mapa de Galegos Santa Maria - Fonte: GOOGLEMAPS



Areias

Totalidade de artesãos/fábricas : 16

- 2 questionários entregues

Imagem 15 - Mapa de Areias S. Vicente - Fonte: GOOGLEMAPS



### Areias de Vilar

Totalidade de artesãos/fábricas : 1

- 1 questionário entregue

Imagem 16 - Mapa de Areias de Vilar - Fonte: GOOGLEMAPS



### Manhente

Totalidade de artesãos/fábricas : 4

- 3 questionários entregues

Imagem 17 - Mapa de Manhente - Fonte: GOOGLEMAPS



## Lama

Totalidade de artesanãos/fábricas : 14

- 1 questionário entregue

*Imagem 18 - Mapa da Freguesia da Lama - Fonte: GOOGLEMAPS*

Informação relativa a cada uma das freguesias apresentadas - dados populacionais e de área em Km<sup>2</sup> (segundo censos de 2011)

Esquema: Freguesia - população | área geográfica

- Galegos S. Martinho - 1930 | 3,12 km<sup>2</sup>
- Galegos Santa Maria - 2987 | 4,59 km<sup>2</sup>
- Areias S. Vicente - 1014 | 2,51 km<sup>2</sup>
- Areias de Vilar e Encourados - 1879 | 10,17 km<sup>2</sup>
- Manhente - 1703 | 3,91 km<sup>2</sup>
- Lama - 1271 | 3,27 km<sup>2</sup>

## 6.4. ESTUDOS DE CASO POR ENTREVISTA – 15% DA MANCHA INQUIRIDA

### NOTA INTRODUTÓRIA – ENTREVISTAS E RESPECTIVA ANÁLISE

Após uma análise das respostas obtidas nos questionários aos artesãos de Barcelos, primeiramente em tabela e posteriormente traduzida em gráfico faz-se agora uma comparação de estudos de caso.

Dos 39 questionários distribuídos (apenas 37 em análise), foram selecionados pelo fator de intervalos etários os estudos de caso que deveriam constar deste projeto. Como já foi referido, aquando da abordagem à metodologia a utilizar, o critério de seleção foi a faixa etária – com início nos 20 anos e fim nos 95 anos, em intervalos de 15 em 15 anos.

Antes de todas as entrevistas foi elaborada uma bateria de perguntas que explorasse com mais detalhe algumas das solicitações dos questionários anteriormente preenchidos pelos respetivos artesãos. É de salientar que previamente foram feitos todos os contactos indispensáveis para o agendamento de entrevistas e assinados os necessários documentos de cedência de imagens (fotografia e vídeo), bem como dadas explicações prévias das questões a gravar, de acordo com as novas legislações sobre a proteção de dados. Foi ainda preenchido um documento de presença em entrevista com a definição da hora e data marcadas, hora e data reais e assinatura do artesão, no mesmo sentido.

Na análise às entrevistas obtidas serão feitas considerações, citações e remissões bibliográficas e de transcrição das entrevistas – antes de cada transcrição faz-se ainda uma pequena resenha biográfica do artesão ou artesã em entrevista.

Em suma, nos momentos pré e pós entrevista a conversa com os artesãos forneceu algumas pistas adicionais a informações cedidas em vídeo, que

poderão também constar destas análises sempre que conveniente e devidamente referenciadas se assim se justificar.

## GUIÃO ENTREVISTAS ARTESÃOS

1. Pergunta: Há quanto tempo exerce o ofício de oleiro?

2. Pergunta: Como chegou a esta forma de trabalho?

3. Pergunta: Quais os materiais e técnicas utilizadas?

4. Pergunta: Como é todo o processo de produção, desde a matéria-prima até à banca de venda?

5. Pergunta: Há quantos anos tem a oficina?

6. Pergunta: Quando começou a trabalhar havia muita procura?

7. Pergunta: Quem comprava e porquê?

8. Pergunta: De que forma é que o seu trabalho teve e tem efeito nas pessoas?

9. Pergunta: O seu trabalho vai ter continuidade?

10. Pergunta: Acha que este tipo de Artesanato está a cair no esquecimento na sociedade de hoje em dia?

## ANÁLISE DE ESTUDOS DE CASO

Foi através deste estudo que se puderam confirmar várias histórias, formas de fazer e usar, formas de criar e pensar – e em que entramos no imaginário dos artesãos barcelenses. Foi também fundamental aferir a sua real opinião da produtividade e das estratégias que adotam num tempo mais contemporâneo. As entrevistas serviram de meios mediadores à partilha de saberes e curiosidades, à oportunidade de fotografar, à oportunidade de partilha e de vivência do próprio espaço dos artesãos num confronto com a realidade do trabalho do barro.

*“ (...) o risco da perda de uma herança cultural demonstra-se iminente, em particular, quando esta se relaciona com as pequenas culturas produtivas do artesanato que, quer a indústria, quer o mercado, têm confinado a um estado de aparente morte cerebral. Este fato acontece com uma das mais relevantes e significativas atividades artesanais do norte de Portugal, nomeadamente, no caso da louça utilitária e decorativa da cerâmica de Barcelos.” (Abreu, 2013, p.17)*

É por este motivo que se torna cada vez mais urgente a partilha e a recolha de testemunhos, de relatos falados ou escritos, que traduzam o trabalho desenvolvido pelos mestres barristas de Barcelos, que ao longo de anos se dedicam a trabalhar a arte do barro nas suas mais diversas aceções.

Foi através das entrevistas feitas que se entendeu a ligação destes artesãos à sua terra e à “terra” que moldam – como chegaram até esta forma de arte, que materiais usam e que recordações têm do “antigamente”, como se processam a produção e a venda atuais, estas foram algumas das questões postas, fazendo-os lembrar de tempos recuados e alguns mais presentes.

Ao longo desta análise serão feitas referências textuais das entrevistas com cada um dos artesãos que possam de algum modo convergir ou divergir, traçando linhas orientadoras e esclarecedoras das narrativas bibliográficas analisadas em contexto de estado da arte ou revisão da literatura – Júlia Côta, Conceição Sapateiro, Alberto Pinto, Nelson Oliveira, Maria de Lourdes Ferreira

e António Ramalho, foram os artesãos escolhidos para esta série de entrevistas em análise. Se de forma breve percorrermos o trabalho de todos os artesãos que responderam ao questionário, encontramos um grande número dos que trabalham essencialmente o figurado de Barcelos – atividade que começou por ser subsidiária à produção de olaria – sendo esta atividade a que corre mais risco de perda, já que as olarias atualmente se encontram na sua maioria industrializadas ou semi-industrializadas.

*“Oleiros eram os homens que produziam loiça, um bem essencial na sociedade de então. Para as mulheres estavam reservadas tarefas consideradas menores: ajudar os pais e os maridos que eram oleiros, indo à água, preparando o barro, indo à lenha, ajudando a enfiar e a desfiar, vendo a loiça. Tudo e isto e muito mais, pois cuidavam dos filhos e tratavam da casa. Mas, mulher a trabalhar à roda, isso não, isso nunca” (Fernandes, et al., 2005, pp. 9-11)*

Dos artesãos escolhidos para estes encontros de partilha houve a preocupação de que deles constassem homens, já que a atividade do figurado “era por norma” uma atividade das mulheres.

*“Digamos que o figurado de barro nasce num mundo tendencialmente feminino, produtor de coisas «inúteis», por oposição a um mundo masculino, produtor de peças de barro «úteis». No entanto, com o rodar dos anos e a valorização do estatuto social dos bonequeiros, o mundo dos que fazem figurado, passou a ser, como deve ser, um mundo de homens e mulheres.” (Fernandes, et al., 2005, p.14)*

Neste momento é já sabido que a maioria dos artesãos Barcelenses chegaram até esta arte por vias familiares ou geracionais, por aprendizagem direta e de observação – através de pais e avós. É isto que podemos comprovar nas citações abaixo, que dizem respeito ao início do trabalho de cada um na arte do barro:

*“... já é há muitos anos porque os meus pais sempre trabalharam nisto e nós “era-nos” oito irmãos (...) quem aprendeu a trabalhar nisto fui só eu, porquê? “Prontos” eles trabalhavam nisto mas quando eram maiores de idade, cada um seguiu o seu destino e eu fiz igual “num é”?”*

*mas sempre trabalhei c’os meus pais, sempre trabalhei c’os meus pais porque eu morava pertinho deles (...) Olhe menina, abençoada hora quando eu tomei conta desse modo de vida...” Júlia Côta*

A expressão “Nasci no barro” é bastante frequente quer em conversas pré e pós entrevista, quer ao longo da recolha de questionários – os artesãos encontram alguma dificuldade em datar o seu começo no trabalho do barro ou do figurado, e por isso usam muitas vezes esta expressão como forma de demonstrar a sua ligação intemporal à arte.

*“Nasci no barro! Queres mais? (...) Não nasci... ao lado, porque antigamente era tudo munto junto, a mesa do trabalho, a cozinha, nós temos ali a cozinha mas antigamente a cozinha era por exemplo ali e aqui trabalhava-se e os berços eram ao lado...” Conceição Sapateiro*

*“... estas coisas de trabalhar o barro, isto começou quando eu era pequeninho, quer dizer pequeninho... tou a falar pequeninho mesmo, “num” andava na escola, porquê? Porque os meus pais já tinham uma fábrica e a gente logo enquanto pequeno, antigamente era assim, enquanto pequeno a gente começava logo a trabalhar – porque pronto, havia sempre um trabalhito a fazer, aparelhos e “num sei quê” e fui fazendo, e fui trabalhando cos meus pais, em casa dos meus pais, numa fabriqueta qu’eles tinham desta coisa das cerâmicas (...) isto nunca se larga, nunca se deixa de trabalhar, há sempre uns bocadinhos que se vai fazendo, há sempre umas pecinhas que vou fazendo nos tempos livres, a gente nunca deixa de mexer o barro se o tem...”  
Alberto Pinto*

*“... eu comecei a trabalhar com o barro, a gostar mesmo de barro muito pequenita, ainda muito novita, “num” é? Porque os meus pais já trabalhavam no barro...” Maria de Lourdes Ferreira*

*“... ora bem, já devo estar a trabalhar nisto há quase há trinta, trinta, posso dizer que já estou quase há trinta anos.” António Ramalho*

*“... quando éramos todos pequenitos... tá a ver aquela peça ali? O ouriço! Nós éramos 5 irmãos, então aquilo é uma peça que dá muito trabalho, tal como esta (um mocho que estava a fazer), todas dão trabalho não é? Mas... ali, como aquilo leva muitos piquinhos éramos 5, então ela pedia-nos para nos ajudarmos a fazer aqueles... era fazer isto assim, não é? (mostrando como se faz) e depois ponhamos assim aqui na mesa à beira dela e ela era só pegar e ir pondo (...) estudei até ao nono ano e depois optei por dar seguimento a este trabalho, não é? A tempo inteiro... apesar de mais pá frente haver algumas interrupções, não muito longas, houve uma que foi um bocadinho mais longa, que foi de fins de 99 a meio de 2004, aí é que não exerci mesmo esta atividade. Mas de resto depois de terminar a escola foi... sempre trabalhei no barro.” António Ramalho*

*“... Agora é tempo inteiro, isto é a minha profissão.” António Ramalho*

Apenas Nelson Oliveira optou por criar o seu caminho no artesanato de forma autónoma e autodidata, seguindo alguns conselhos de mestres barristas tão bem conhecidos em Barcelos – Manuel Macedo e João Ferreira. O percurso de Nelson Oliveira que já se tinha cruzado com as artes foi adotando novas formas de fazer:

*“... começou em 2009, fins de 2008 início de 2009, por isso já vamos há cerca de 10 anos (...) eu faço outros trabalhos pr’além deste, do trabalho do figurado no barro (...) eu faço telas, faço pinturas em tela e na altura eu tinha alguma dificuldade em conseguir escoar o produto*

*e comecei a participar em algumas feiras de artesanato (...) nessas feiras de artesanato que eu fui conhecendo os colegas artesãos, os oleiros que me foram incentivando a fazer, a experimentar o barro e foi aí o primeiro contacto com o barro, eu não conhecia o barro, eu não sabia o que era o barro nem sabia como é que se modelava o barro. Fui incentivado por dois colegas, João Ferreira e Manuel Macedo, também cá de Barcelos, do Figurado de Barcelos, já bastante conceituados, “foi” experimentando e desde 2009 até agora fui estragando barro, fui amassando barro, foi saindo alguma coisa, pelo menos é o que os clientes me dizem (...) não há qualquer veio familiar, não há nada que me ligue ao barro, a primeira experiência foi mesmo essa, nas feiras de artesanato...” Nelson Oliveira*

É cada vez mais frequente encontrarmos novos barristas, novos oleiros que vão encontrando influência nos grandes mestres – Estes novos artesão optam por trabalhar formas mais contemporâneas ou seguir os padrões mais tradicionais. Tradicionais continuam a ser a os instrumentos utilizados pelos artesãos - alguns recordam a falta de dinheiro para a aquisição dos mesmos e relatam a forma como no “antigamente”, esta situação era “remediada”. É de salientar que os artesãos continuam a adaptar os seus materiais às suas peças e formas de trabalho. Muito do material de trabalho que se encontra na mesa dos entrevistados é feito por eles, raramente adquiridos em superfícies comerciais. Serão estes utensílios que conferem às peças características diferenciadoras? A problemática prende-se com a falta de “mão de obra” na conceção destes materiais e dos próprios conhecimentos para o seu fabrico.

*“... nem habia dinheiro pra pincéis, nem pra tintas nem pra nada, qué’que nós arranjabamos pros pincéis?! “Acaçabamos” um gato, cortávamos um bocadinho de pêlo do rabo, num era o gato, do pêlo do rabo, atávamos num pauzinho c’uma linha e assim pintávamos os*

*galos... hoje graças a deus, há dinheiro pra comprar pincéis a 5 “euros” cada um, cada pincel, a 10, a 5, a 3 e há dinheiro pra tudo e d’antes num habia dinheiro pra nada” Júlia Côta*

*“Os materiais que uso, olha: as minhas mãos, o que tu vês aqui, olha – palheta, faquinha, pincel, unheiro, a pasta, o rolete para me apoiar...”  
Conceição Sapateiro*

*“... o que eu utilizo é o barro, só... vários tipos de barro, neste caso, estou a utilizar isso agora, eu fiz de toda a maneira e feitio...” Alberto Pinto*

*“... «num» é mesmo ideia, eu acho que tem de ser (...) é quase uma imposição, já dizia o meu falecido pai – que todo aquele que “num” sabe... modelador que “num” sabe fazer a sua palheta, “num” é modelador e aqui é um bocado isto...” Alberto Pinto*

*“... os utensílios que eu utilizo, ou melhor, as ferramentas, a maior parte ou 99% são feitas à medida que eu vou necessitando, as palhetas ou os teques (...) muita das vezes vou adaptando peça a peça aquilo que preciso para fazer...” Nelson Oliveira*

*“... estas palhetas eu faço... isto, isto, isto (mostrando) à maneira qu’eu achar melhor, isto... as faquinhas é o meu filho que faz ...” Maria de Lourdes Ferreira*

*“... já não há gente a fazer os teques, agora chamam teques... isto aqui é uma palheta, isto aqui já é um olheiro (tem várias funções) e é praticamente o qu’eu utilizo, estas duas ferramentas digamos... porque... isto é em buxo, só que há aí muita coisa em plástico e “num sei quê”, isto é que é o ideal pa trabalhar, mas depende do que se faça...” António Ramalho*

A mão continua a ser o “utensílio” primordial – *“Usam as mãos tal como usam as palavras, como uma forma de expressar as transformações vivenciadas ao longo das suas vidas. De certo modo são contadoras de histórias...”* (Fernandes, et al., 2005, p. 81). Também os espaços de trabalho destes artesãos são muitas vezes adaptados à função de trabalho:

*“... já praí há trinta... já praí há trinta’ianos, já estou (...) olhe trinta, trinta e cinco anos sempre no memo cantinho, o cobêto lá trás é muito frio, foi a nossa Câmara que mo ajudou a fazer...”* Júlia Côta

*“... era o coberto d’uma eira, onde existe a eira na parte exterior e eu fui adaptando... neste caso sim, já foi o... o espaço em si já existia mas eu fui adaptando o espaço àquilo que eu pretendia...”* Nelson Oliveira

Um dos grandes sacrifícios atribuídos ao trabalho do barro era a preparação da matéria-prima, a sua extração de barreiras localizadas nas margens do Rio Cávado tornava-se um trabalho muitas vezes inglório. Após a sua extração a preparação trazia mais um desafio:

*“... o barro era daqui da freguesia donde eu vivo, que a freguesia de Manhente, habia ali umas barreiras grandes numa bouça, qu’agora hoje estão arrasadas e tirabam ali o barro... o barro (era...) saía à “sacholada”, c’uma sachola, eles, naquelas barreiras tirab’os barros. O São Miguel dos meus pais o qui’era?! Era dez carros de barro, dez... era o san’miguel deles. Nós amassávamos (no inverno...) no verão pa ter d’inverno, porquê? Porque d’inverno caía tanta neve e tanta chuva qu’agente via-se às aranhas pra ter barro pa trabalhar d’verão e “atão” os meus pais era o san’miguel deles era o barro. Qué’que nós fazia-nos dois carros, dois, três... de cada vez picabamos todos c’uma foice “ós bocadinhos”, butabamos, chamabamos nós num aloque, qu’era (de...) feito im pedra, redondo, chamaba-nos uma junta de bois,*

*amassávamos o barro e nós andávamos atrás dos bois a pegar... a tapar as pegadas “cu’gado” fazia – às vezes as pegadas cheias de neve e nós a “caurcar” aquilo tudo, olhe qu’eu digo-le menina, quando me lembra isso... olhe filhinha (era uma...) foi uma tristeza, hoje graças a deus, há máquinas pra tudo, já hoje compro, também a cheguei a amassar muito cu’gado aqui na minha casa (Ai), há dinheiro pra “cumprar” o barro também já pronto, bem pronto a nós trabalhar-nos “cu’ele” que foi uma grande coisa que se fiz, foi as máquinas pr’amassar o barro, que dantes era munto duro, munto, munto, munto.” Júlia Côta*

*“... pa fazer o barro, eu, queria comprar barro seco, duas qualidades de barro –preto e amarelo, pa mistura, teria de comprar isso, ficava muito mais dispendioso e trabalhoso que depois teria que o pôr de molho em água e depois amassá-lo... aquilo quando estivesse bom pra meter, tinha que o pôr nuns tijolos qué pá água sumir do barro e depois o barro poder-se moldar...” Maria de Lourdes Ferreira*

*“Todo o processo, desde a chegada do barro, porque eu ainda compro o barro em bruto como ele sai da terra e depois tenho que o preparar, antigamente... pra vocês ter uma ideia como é que se fazia à muitos anos (...) antigamente amassava-se com uma junta de bois, havia uma coisa no chão, chamado aloque, que era um círculo, as pessoas punham ali o barro a d’molhar e depois a junta de bois vinha e ia pisando mas conforme ia pisando, o barro vinha pra fora, começava a cair pra fora, então tinha que se pegar nesses pedaços que caíam pra fora e meter onde as vacas punham as patas, então elas iam circulando e acabavam por amassar... hoje não. Hoje tem ali máquina e eu sozinho faço esse processo todo não é? E pronto, desde chegar o barro, descarregar aí o barro, arrumar o barro, amassar o barro e depois pegar no barro e transformar em peças não é? (...) eu trabalho com*

*dois barros, trabalho com barro branco e preto (...) mas depois é assim: faz-se a peça, deixo aí a secar, tá a ver ali a cor já tá mais seco o barro ali (apontando para uma peças finalizadas que se encontravam a secar antes da cozedura)... depois meto ó forno, chacota, chamamos nós a chacotar, fica cozido, tá ali em branco, aquela peça (apontando para a peça cozida), ali já tem o barro cozido, depois sai do forno aplico o vidro e volta ao forno... muita gente pensa qu' é só uma cozedura mas não pode ser... no nosso caso não pode ser porque é vidrado, não é? Tem que ser duas cozeduras... pronto e a partir daí a peça fica pronta..."*  
*António Ramalho*

Estas descrições dão-nos uma ideia do trabalho árduo da preparação do barro – hoje a matéria-prima é comum a todos os artesãos – quase todos o compram pronto a trabalhar, facilitando o seu transporte e poupando horas de trabalho no amassar e na preparação do barro. A conservação dos rituais de preparação do barro torna-se nos dias de hoje apenas memória – uma memória que requer urgente conservação.

Dos artesãos em entrevista, apenas António Ramalho (como em citação acima) prefere a compra do barro em bruto para que ele mesmo o possa preparar adaptando às suas necessidades de trabalho – à roda ou à mão. Todos os outros testemunhos dão conta da aquisição do barro em olarias do concelho de Barcelos:

*"A matéria-prima é-nos comum a todos que é o barro, podemos utilizar vários tipos de barro, várias pastas mas o que é comum é o barro. (...) Sou eu que adquiero cá em Barcelos, numa olaria, onde quase todos os colegas que trabalham no figurado, Figurado de Barcelos, vão adquierir, é pasta cá... que a maior parte das cerâmica em Barcelos também utilizam (...) a pasta do barro é adquirida já pronta a trabalhar... depois quando trago a pasta começo por idealizar uma peça, neste caso podemos falar nesta "Ceia", nesta "Última Ceia" (peça que estava a*

*trabalhar, alisando algumas das figuras), comecei por fazer a base, a mesa e fazer os bonecos... o processo neste momento está numa fase quase concluído, só me falta mesmo alisar aqui as carinhas, pra eles ficarem mais bonitos, depois colocar os cabelos e deixar secar a peça. Quando a peça estiver seca, esta e mais algumas que me permita encher um forno, (...) as peças irão a cozer durante mais ou menos oito horas, vão a cerca de 960/1050 graus, mais ou menos isso, depois consoante aquilo que eu pretenda das peças mas a temperatura é mais ou menos essa, depois da peça estar cozida será pintada, será colorida consoante o que eu pretender pá peça, depois da peça estar colorida ainda lhe costumo dar um verniz de acabamento para lhe dar brilho e dar protecção à tinta...” Nelson Oliveira*

*“... barro... eu compro já pronto (...) Eu compro já pronto, numa moça de Roriz (...) é mais acessível, é baratinho, o barro é baratinho... uma pessoa compra uns rolos de barro... paí uns cinco ou seis rolos de barro daquele tipo (...) dá vinte euros ou coisa assim...” Maria de Lourdes Ferreira*

Uma das problemáticas da atualidade tem que ver com a venda do artesanato, a certificação e valorização por parte do público. Júlia Côta recorda:

*“... nós cuzia-nos todas as “sumanas” pra quê? Pra ir-nos bender à quinta-feira, andaba-nos um hora, hora e meia de caminho, da casa dos meus pais até Barcelos pra bender a louça alí, a dois testões, a três testões...” Júlia Côta*

A feira sempre foi um local de venda das peças de artesanato, figurado e louça utilitária no concelho de Barcelos – a feira semanal era em tempos o lugar ideal para a venda das peças. Hoje em dia, os artesãos “reclamam” que existe alguma

dificuldade em escoar toda a produção. As feiras de artesanato, certames, “parcerias” com lojas e as vendas em casa adquiriram nova importância. Já não se fazem as grandes caminhadas semanais para levar as peças para as feiras mas fazem-se grandes viagens para feiras de artesanato maiores e mais populares. O valor do artesanato também mudou ao longo dos tempos, a louça utilitária “mantém” o seu estatuto mas o figurado foi adquirindo maior importância com o tempo e por isso similarmente maior valor.

*“Vêm cá a casa (...) fico contente que me, que me procurem e procuram, além de estarmos praqui e além de estar aqui neste canto...” Conceição Sapateiro*

*“... a peça fica cá em casa na prateleira com uma... ou melhor, com duas finalidades: a primeira será a venda posterior ou em... a venda posterior cá em casa, caso isso não aconteça, será feita a venda ou na feira ou em lojas de revenda dos nossos artigos. Que é o processo... é os dois... as duas maneiras de conseguirmos escoar o produto, no meu caso é: ou diretamente com o público nas feiras ou através de revenda para lojas que comercializam os nossos produtos (...) precisamos de escoar o produto, quem me dera a mim poder trabalhar só com o público, o consumidor final porque (...) era uma forma diferente de se trabalhar (...) quando estou a trabalhar para revenda sou obrigado por vezes a trabalhar mais em série do que tar a trabalhar mais específico para um consumidor final, que o consumidor final por vezes tem mais tempo e conseguimos se calhar caprichar mais nas peças, naquilo que estamos a fazer, enquanto na revenda somos obrigados a trabalhar um bocadinho mais à pressa, mais em série para pudermos ter tempo e rentabilizar esse mesmo tempo para fazermos dinheiro, que é o principal objetivo...” Nelson Oliveira*

*“... depois escoar o produto aí é que se torna às vezes um bocadinho mais complicado, mas como nós andamos há tantos anos no mercado desde o tempo da minha bisavó, felizmente não tem tido problemas, não é? Mas à alturas melhores, há alturas piores, tudo (...) Isto é um trabalho contínuo, não é? “num” podemos estar parados... Sim, na altura do Natal vende-se muito os presépios, depois vem os santos populares, também se vende, altura da Páscoa, os cristos, pronto (...) mas às vezes é muito relativo, é.” António Ramalho*

*“... A maneira de escoar é... temos as lojas, as pessoas que visitam cá a casa, as feiras, pronto... é o sistema que existe no mercado é esse, a não ser que a gente vá por outros meios, não é? Porque às vezes nós também temos que ir à procura, não podemos estar parados” António Ramalho*

Da mesma forma que ocorreram alterações nos métodos de venda o mesmo aconteceu com a procura e com quem compra:

*“... procuravo mesmo, eu nunca me esquece que via minha falecida mãe, no fim de cozer a louça, qu’era a lenha, qu’eu ainda tenho o meu tamem, era a lenha e as pessoas pedium pá minha mãe abrir a porta do forno, qu’era tapada cum tijolo e por cima cum telha, cum tijolo e a minha mãe coitadinha abria a porta e até bendia a louça, as peças consoante estabam no forno, só cozidas...” Júlia Côta*

*“Só quem tinha dinheiro... hoje tudo compra, eu bendo qualquer pessoa e tudo gosta...” Júlia Côta*

*“... toda a gente compra, num é assim, tem de haver o gosto, a inclinação pa dizer assim – eu gosto e depois coleciona, se coleciona*

*d'um vai querer do outro, do outro e do outro, vai à procura e agora tudo é mais fácil por a internet, quando eu comecei, não... era mais difícil” Conceição Sapateiro*

*“... vou “bendendo”, sempre “bendi” tudo quando tinha(...) as peças que fiz na altura vendi-as, as que faço hoje vendo-as na mesma portanto “num” lhe sei dizer...” Alberto Pinto*

*“... Quem compra artesanato, é assim... se a peça... se fizermos artesanato de valores até cinco/dez eurinhos, isso qualquer um compra (...) é artesanato, é bonito, a pessoa vai à feira e até compra, uma coisinha pequeninha... se nós fazemos peças cujo valor já começa a entrar em dezenas de... aí vamos reservar (...) pra quem? Prós colecionadores, pra quem gosta d’arte, pra quem gosta destas coisas (...) e aqui já começa a haver uma seleção natural (...) económica, quem tem capacidade de comprar este tipo de artigos, portanto isto é a seleção (...) natural da vida” Alberto Pinto*

*“... até eu fiquei surpreendido com a procura que existia e que existe deste tipo de peças, nem sempre é aquilo que nós temos que eles procuram (...) há bastante procura (...) 99% dos clientes com excepção da revenda, 99% dos clientes são clientes de coleção, que fazem coleção das nossas peças (...) 99% são colecionadores, são colecionadores e continuarão a ser (...) são as classes mais altas, média-alta que nos adquirem a maior parte das peças, “num” quer dizer que não haja colecionadores de média-baixa... mas a maior parte é sempre uma classe média-alta, consegue, que não olha a meios, tanto a peça custe 5, 50 ou 500... desde que eles gostem da peça, a peça à partida estará vendida” Nelson Oliveira*

*“... Havia e continua a haver, a procura continua a haver, não é? Quem gosta de artesanato é capaz de vir de Lisboa, do Alentejo e vem cá ter! Não é? As pessoas que fazem viagens de turismo cá dentro digamos, Barcelos é um ponto de referência, não é?” António Ramalho*

*“... classe dos professores... que era uma classe que até comprava, no geral os professores compravam, depois destes cortes as coisas acalmaram um bocadinho, não é?... Mas todas as classes compram, a classe mais baixa... temos aí coisas pa cinco euros... não é assim nenhum dinheirão e o que eu noto que tá a acontecer agora, é uma nova geração de clientes (...) Pessoas ligadas ao design, à moda também, também são clientes... é transversal na sociedade.” António Ramalho*

*“Importa considerar o valor da memória, da aprendizagem e da capacidade criadora. Ao falar de Cultura, ainda estamos a ligar a fidelidade à memória, o respeito pela herança recebida das gerações passadas à Educação e à Ciência” (Martins, 2018).* A dificuldade na preservação dos costumes e na valorização do património cultural imaterial encontra-se na preservação das configurações do antigamente – a preparação do barro, as cozeduras, a pintura, a venda ocorriam como verdadeiros rituais; a conservação destas tarefas e ações perde-se da mesma maneira que se perdem os artesãos e as ligações geracionais: os costumes, as tradições e os dizeres terminam quando o trabalho termina – é daqui que nasce a preocupação na inventariação do património cultural imaterial e da necessidade da sua rápida salvaguarda.

Os artesãos entrevistados falam da continuidade com poucas certezas, abordam o tema com alguma tristeza e nostalgia:

*“Vai ter continuidade enquanto eu tiver vontade...” Alberto Pinto*

*“... é mais complicado responder porque eu não tive qualquer tipo de influência familiar... porque quando existe uma influência familiar ou uma raiz familiar da cerâmica, a probabilidade d’um descendente continuar é muito grande (...) agora em termos da continuação do meu trabalho na família só o tempo o dirá...” Nelson Oliveira*

*“... o meu filho no caso, o meu Mingos vai continuar q’ele também gosta... ele também gosta muito disto, deste trabalho. E a minha filha a minha filha começou a pintar ela e também se ajeita muito bem a pintar...” Maria de Lourdes Ferreira*

*“Não, não... Pra já não estou a ver ninguém a seguir, assim neste momento estou eu ...” António Ramalho*

Por último e em forma de síntese do tema, os artesãos deram a sua opinião em relação ao atual posicionamento do artesanato na sociedade contemporânea e em contraste com o que se sente em relação à continuidade do trabalho do artesanato, os artesãos consideram que a arte está cada vez mais na vanguarda – O artesanato está a cair no esquecimento?

*“Não, tá a envuluir cada vez mais. Eu acho qu’isto já estive parado, um bocadinho, istive, istive parado um bocadinho, num foi um bocadinho, um bocadaum mas a gente ia vivendo sempre...” Júlia Côta*

*“Não, num está esquecido do povo Português nem do barcelense, não! ... do povo de Barcelos não, Barcelos é Cidade... foi considerada Cidade Criativa ainda tem de lutar mais um bocadinho para que esteja tudo, tudo legal...” Conceição Sapateiro*

*“Não, o artesanato “num” cai no esquecimento, o bom artesanato, vamos lá perceber, o bom artesanato, as pessoas gostam porque o*

*bom artesanato é bonito (...) o bom artesanato, quem faz bom artesanato isso as pessoas “num” esquecem e o mercado gosta e as pessoas com poder de compra, com bom poder de compra, as pessoas compram, portanto o artesanato... o bom artesanato fica (...) o resto são pecinhas.” Alberto Pinto*

*“Eu acho que o artesanato não está a cair no esquecimento, pelo contrário, ultimamente eu acho que ele está na ribalta, eu acho que ultimamente já começa a ser um bocadinho de moda adquirir artesanato, por um lado ainda bem, mas acho que nunca foi tão badalado o artesanato a nível nacional... começou muito por Barcelos mas a nível nacional está a ser muito badalado e já algumas grandes marcas a’postar em peças feitas por artesãos para a suas coleções de... tanto de design, como de moda, como de decoração, estamos a ser um bocadinho procurados nesse sentido – é sinal que o artesanato está novamente na ribalta, ou melhor, não diria novamente, eu acho que está mais do que nunca na ribalta ...” Nelson Oliveira*

*“Quer dizer, eu pra mim acho que não... acho que não, sabes porquê? Porque é assim, nós... aqui em Barcelos, já foi mais vivo, acho eu, já foi mais... com’é que t’ei-de dizer... mais progressivo, penso eu, porque é assim, nós temos a feira anual aqui em Barcelos no parque mas nós, por exemplo eu e nós todos no caso... Esposende, Vila Verde, Amares (...) Vila do Conde, Póvoa de Varzim e quê, no caso... Foz do Douro, por aí, nós se quisermos temos todos os domingos, nós podemos ir pra lá fazer feiras, co nosso material, levamos a nossa banquinha e se quisermos feiras ó vivo (...) quando eu comecei haviam meia dúzia deles, era eu e mais uns 10 ou quê ali por Galegos Santa Maria até aqui em São Martinho habia a Júlia Ramalho e eu e sei lá... mais umas duas ou três, acho que até nem tanto, mas agora tu vês, é porta sim, porta sim, porta sim, porta sim (...) só qu’agora temos um*

*problema, os colecionadores que eram colecionadores já se foram “num” é? Os mais idosos, porque agora estas pessoas novas, jovens que já são filhos desses colecionadores já não vão comprar muito, porquê? Porque hoje em dia, pra eles... é uma coisa que já não tem grande... tanto valor como tinha pós pais...” Maria de Lourdes Ferreira*

*“... eu não quero dizer que se tá a perder mas é assim, o tradicional e o popular eu acho que esta geração nova, gosta mas já não liga tanto, que é o caso dos espigueiros, a junta de bois, aquelas coisas mais tradicionais que se fazia há muitos anos (...) Portanto, nós como artesãos também temos que actualizar aos tempos que vivemos, outros temas diferentes, fazer coisas diferentes... porque o nosso objetivo, por exemplo quando criamos uma peça nova é que crie impacto e quem a compre que goste e que entenda (...) a parte religiosa sempre vai se vender, a parte popular e tradicional dos tais espigueiras... eu acho, memo o próprio artesão já não faz com tanta frequência (...) Não, antes pelo contrário, felizmente aqui a nossa Câmara como há muito artesão, não é? Tem feito muito pelo artesanato, muito mesmo... desde o ponto de venda, divulgar, a feira no parque, portanto...”*

*António Ramalho*

## **7. CONCLUSÕES E ANÁLISE CRÍTICA**

O capítulo que se apresenta compreende uma avaliação do trabalho desenvolvido quer ao nível do Estágio, da redação de texto e da investigação desenvolvida relativamente ao tema estudado – a Olaria e Figurado de Barcelos.

Num primeiro momento é feita uma reflexão acerca da contextualização teórica efetuada face às vertentes de estágio e dissertação (capítulo 2). Posteriormente, é feita uma interpretação, ou reinterpretação, dos resultados obtidos em investigação – alguns destes resultados foram já apresentados no capítulo 6 do presente trabalho.

Ainda dentro deste espectro de avaliação é feita menção à inserção da Estagiária/Mestranda na organização de acolhimento- O Museu de Olaria – as atividades desempenhadas, as acompanhadas e visionadas, salientando a importância do contacto com as coleções e profissionais da área da museologia (gestão de coleções, conservação, atividades de serviço educativo e outros); Por fim será feita uma análise crítica e o apontamento de sugestões e recomendações.

## 7.1. REFLEXÃO SOBRE A CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA FACE AO DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO

O Estágio desenvolvido no Museu de Olaria de Barcelos, uma organização tutelada pela Câmara Municipal de Barcelos, teve como temática base o Serviço de Gestão de Coleções. Este processo suportou o melhor conhecimento acerca das Gerações de Oleiros e Mestres Oleiros de Barcelos. Deste modo mostrou-se indispensável a exploração dos conceitos chave associados com a área a explorar. O estudo apresentado nasceu do interesse em entender a situação das artes e ofícios da cidade de Barcelos e os paradigmas que os mesmos enfrentam na atualidade, quer ao nível da produção, quer ao nível da mão-de-obra e da matéria-prima.

O Património Cultural, o Património Artístico e as Artes Tradicionais foram os motes de contextualização às artes Barcelenses, a olaria (a louça utilitária), o figurado (o real e imaginário traduzidos em matéria).

A maior dificuldade na definição destes termos prendeu-se com a definição de “Artes Tradicionais”, que em muitos casos de forma quase redutora se denominam apenas de “artesanato”, “arte popular” ou “ofícios tradicionais”. Relativamente ao Serviço de Gestão de Coleções, destacamos o trabalho desenvolvido por Alexandre Matos (autor citado ao longo do texto) que desempenha um papel fulcral na gestão da documentação, na criação e exploração de normas de base. Estas fundamentais para a organização da documentação museológica e que explora os sistemas de informação de forma exemplar. Ao mesmo tempo o ICOM, como instituto regulador das temáticas dos Museus e dos seus deveres, comporta um “Manual Prático” da Gestão dos Museus, que minuciosamente aborda todos os aspetos a estes associados, desde a temática das exposições, ao serviço de Gestão de Coleções, às condições das reservas e acervos museológicos e outros assuntos de igual relevância.

As menções feitas à legislação apoiaram o estudo, traduzindo o panorama português e da própria Instituição de Acolhimento do Estágio desenvolvido.

Salientamos a pertinência do estudo da Gestão do Património, das Artes, da Cultura e da Comunicação, que como nossas áreas de base, que suportaram a compreensão e análise de diversos temas e secundaram eficazmente a metodologia adotada na realização do trabalho que se apresenta. Ainda relativamente à contextualização teórica, as Bibliotecas Municipais do Porto, a Biblioteca Municipal de Barcelos e o Centro de Documentação do Museu de Olaria constituíram elementos fundamentais de consulta de informação, sobretudo no que respeita a monografias e periódicos.

A contextualização teórica sedimentou ainda toda a informação apresentada posterior a ela, nos capítulos seguintes. A compreensão dos conceitos já referidos foi essencial na objetividade demonstrada aquando da exploração das temáticas do material e do imaterial, da tangibilidade e da intangibilidade.

## 7.2. INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES

Relativamente à contextualização teórica, de que muito falamos, mas que é essencial para interpretar as intervenções aplicadas ou práticas, suportam cientificamente os resultados apresentados dando conta da sua pertinência constante na definição dos conceitos do Património e das Artes. Fica demonstrado um permanente dinamismo de termos, conceitos e uma evolução cronológica notável. No entanto, será da maior pertinência abordar os resultados apresentados nos capítulos seguintes, que dão conta da “Olaria”, dos fatores materiais, humanos, imaginários, paradigmáticos e problemáticos. O estudo teve como principal objetivo a compreensão da situação oleira no concelho de Barcelos, da sua evolução temporal nas mais diversas vertentes. Esta compreensão fez-se ao nível das Gerações de Mestres Oleiros, dos aspetos geográficos da cidade de Barcelos, da sua ocupação populacional, dos novos oleiros, dos novos padrões sociais e produtivos e do entendimento da realidade de produção no contacto direto com artesãos e materiais.

O Capítulo 6 diz respeito ao trabalho de campo desenvolvido de forma meticulosa, porque de outra não seria possível chegar a esta primeira série de resultados – a compilação de todos os artesãos e fábricas do concelho (através das Rotas do Artesanato, criadas pela Câmara Municipal de Barcelos), as tabelas de compilação e de seleção, a elaboração de um questionário base (para distribuição e posterior recolha), a elaboração de tabelas demonstrativas de resultados de respostas, os gráficos de tradução de “tendências” e “divergências” (legendados em número e percentagem) e as entrevistas individualizadas. Todo este processo metodológico e substanciado no trabalho em apreço, veio comprovar a urgência na recolha de testemunhos e de imagens ilustrativas do trabalho da olaria e do figurado que por vezes se afigura efémero, o que não será verdade.

Os resultados apresentados mostram, por exemplo, os rituais que existem por detrás de cada produção, da extração e preparação do barro, da produção, da

evolução da louça utilitária para o Figurado como atividade subsidiária e da importância do artesanato nos nossos dias. Através do trabalho de campo e da interação com os Artesãos, que fizeram parte do estudo, entende-se a preocupação na valorização das artes e ofícios de Barcelos. Conclui-se que estas áreas requerem um esforço contínuo de preservação de rituais e modos de fazer e saber fazer. Entende-se que os meios de obtenção de matérias-primas se alteraram, e as tipologias de representatividade do figurado evoluíram noutros sentidos, quer pela influência de novos materiais, quer pela procura. As temáticas mais “antigas” dão lugar a representações mais estilizadas e contemporâneas. Percebe-se também a urgência na renovação do estatuto do artesão. Atualmente a faixa etária com maior número de artesãos centra-se nos 45-90 anos, e nota-se a “tristeza” dos mais velhos na constatação deste facto. São de assinalar as resistências que alguns artesãos apresentam relativamente às questões da Carta do Artesão e da Carta de Unidade Produtiva artesanal ou aos apoios a que “não concorrem” – muitos por achar não valer a pena. Realça-se que estas resistências não são tendencialmente dos artesãos mais jovens, mas aparecem diversas e sem um padrão justificável.

A sobrevivência do artesanato de Barcelos, especificamente da Olaria e da Cerâmica, dependem em grande parte da recolha de testemunhos e dos factos relacionados como Património Cultural Imaterial.

Ao mesmo tempo que se realizou esta investigação no terreno, foi elaborado um questionário *online*, com recurso à ferramenta *Google Forms* a fim de entender o conhecimento da população geral em relação à olaria de Barcelos e ao Museu de Olaria – Este questionário esteve *online* entre os meses de Novembro de 2018 e Abril de 2019. No entanto não reuniu um número considerável de respostas para que constasse do corpus científico. Contudo, percebe-se que existe ainda muito a fazer na divulgação destas artes. O questionário, que pode ser consultado em apêndice, mostra que são ainda poucas as pessoas que conhecem o Museu de Olaria e as suas valências, bem como as das artes olárias no concelho de Barcelos.

Os resultados confirmam a preocupação crescente em relação às artes tradicionais, e neste caso específico em relação à olaria e ao figurado de Barcelos como elementos identificadores de uma região, geradores de memória, economia e influência social. Claro está que a preocupação com a valorização e a salvaguarda destes Patrimónios dependem em grande parte dos organismos públicos, mas também da coesão e consciências sociais.

### 7.3. REFERÊNCIA À INSERÇÃO DO ESTAGIÁRIO NO DESENVOLVIMENTO CURRICULAR DO CURSO

O trabalho realizado em contexto institucional apresenta um fator importantíssimo no contacto com as artes, com as normas laborais e com a realidade do mundo profissional.

É de notar que o estágio curricular desenvolvido apresentou uma forte carga interdisciplinar, participativa e ativa. No decorrer do mesmo salientam-se as seguintes tarefas:

→ Serviço de Gestão de Coleções:

Limpeza de peças para preparação de Exposição;

Organização de Fichas de inventário;

Organização de peças em reserva;

Montagem de exposições – esquema expositivo, textos, disposição, seleção de peças;

Trabalho de “Campo” – Contacto com artesãos para reconhecimento de peças;

Recolha de PCI – Património Cultural Imaterial.

→ Serviço Educativo e de Animação

Acompanhamento de atividades de modelagem;

Acompanhamento de atividades de pintura;

Acompanhamento de atividades de Férias de Natal (incluindo modelagem, pintura, bricolage...);

Preparação de atividades de para as Férias da Páscoa.

→ Serviço de Acolhimento – Receção

Acolhimento a visitantes e registo dos mesmos em documento base do Museu.

→ Centro de Documentação

Estudo e Investigação de obras associadas à temática a desenvolver no presente relatório.

As atividades desenvolvidas são fundamentais na aproximação do estagiário com a instituição em que se insere. O espírito de equipa e o trabalho desenvolvido permitem a aquisição de novas competências, melhorando as já adquiridas. O trabalho realizado demonstrou que as organizações culturais apresentam cada vez mais técnicos polivalentes (sem necessariamente terem formação específica nas áreas de intervenção para que são destinados), que desempenham diversas atividades de gestão, aprovisionamento, conservação, proteção, administração e outros. Em apêndice apresenta-se ainda uma tabela que compila as horas de estágio realizadas, bem como as atividades desenvolvidas em cada dia de acolhimento.

No que diz respeito à importância do estágio no âmbito deste ciclo de estudos, este contempla, na prática, o uso efetivo das variadas componentes formativas e teóricas da Gestão do Património, da Museologia Aplicada e Preventiva, das Coleções, Acervos e Arquivos, das Artes Performativas (Artesãos, Arte e a Cidade), das Travessias Geoculturais (Rotas desenvolvidas pela CMB) e outros de igual importância.

O elemento prático (estágio) apoiou na compreensão e consolidação de matérias estudadas em contexto académico, permitindo a melhor perceção do panorama das artes e ofícios, da Cidade de Barcelos e dos seus Mestres Barristas.

## 7.4. ANÁLISE CRÍTICA, RECOMENDAÇÕES E/OU SUGESTÕES

A realização deste relatório foi acompanhada de uma componente prática de 150 horas, que contribuiu frutiferamente para a compreensão dos conceitos estudados e da sua temática base. Dada a praticidade do trabalho desenvolvido, o relatório apresentado aborda os fatores essenciais à sua compreensão, sendo que neste ciclo de estudos não foi possível o aprofundar de todas as ideias e conceitos, dada natureza do plano curricular e o cumprimento em tempo útil da realização de prova final.

Será sempre basilar a referência a uma análise crítica do trabalho desenvolvido, bem como a descrição de algumas considerações de recomendação ou sugestão. Relativamente ao trabalho elaborado em contexto prático (estágio), e numa visão pessoal, o mesmo mostrou-se fundamental na compreensão das gerações de mestres barristas de Barcelos e no reconhecimento de características de cada uma delas e na história por detrás das mesmas. Contudo sentiu-se a falta de uma maior aproximação da Instituição – Museu de Olaria – aos artesãos. Esta articulação seria decisiva na realização de atividades de demonstração e outros.

O trabalho, na sua forma escrita, deu atenção a conceitos previamente estudados durante o período de licenciatura, pós-graduação e mestrado, dando, no entanto, uma atenção maior no que agora se apresenta – maior descrição e maior pormenorização conceptual e contextualizante.

Quanto à investigação desenvolvida, a entrega e recolha de questionários, assim como a sua análise e posteriores entrevistas, estas diligências mostraram ser a parte mais exigente do estudo, mas também aquela que permitiu uma maior aprendizagem, quer ao nível da gestão de pessoas e da gestão pessoal, refletidas na mediação e na realização das entrevistas guiadas. Este será, sem dúvida, um estudo a continuar (talvez numa proporção mais ampla e em âmbitos de estudos pós-graduados de nível superior) a nível nacional, com o

propósito de entender a produção da olaria e do figurado como um símbolo Português, produtor de uma identidade própria.

Por outro lado, preveem-se outros estudos que, não obstante algumas derivações ou inovações de abordagem, estarão associados à mesma temática – a gastronomia e a olaria, a olaria e o seu uso militar poderão ser algumas destas possibilidades.

Por fim, a Olaria e o Figurado de Barcelos constituem um forte elemento de divulgação do Município, com uma elevada carga simbólica dos fatores económicos e sociais, para não dizer políticos. O seu estudo será sempre relevante na medida em que permite e justifica a sua preservação, divulgação e salvaguarda. O trabalho que aqui se apresenta, compreende apenas uma parte da “História” destas produções tão identitárias da cidade de Barcelos. Entende-se ainda que na maior parte do estudo a atenção dada ao Figurado é maior do que aquela que é direcionada à Olaria, justificando este facto pelo maior número de bibliografia (de uma e de outra) e das suas gerações terem maior destaque (destacam-se sempre as gerações do trabalho do figurado). Espera-se, porém, que ambas tenham sido tratadas de forma a justificar a sua importância produtiva e identitária.

## BIBLIOGRAFIA CITADA

- (s.d.). Obtido em 17 de Abril de 2019, de Mapa da Cidade de Barcelos - Rota do Figurado: <https://www.cm-barcelos.pt/wp-content/uploads/2018/11/figurado-mapa.jpg>
- (s.d.). Obtido em 17 de Abril de 2019, de Logótipo - Barcelos Cidade Viva e Criativa: [https://ipca.pt/wp-content/uploads/2017/11/BCL\\_UNESCO.png](https://ipca.pt/wp-content/uploads/2017/11/BCL_UNESCO.png)
- (s.d.). Obtido de Regulamento Museu de Olaria: <http://www.museuolaria.pt/wp-content/uploads/2014/03/REGULAMENTO.pdf>
- (s.d.). Obtido de Evolução Galo de Barcelos: <http://2.bp.blogspot.com/-HyzEzDFt5Yo/VUEoMijvZAI/AAAAAAAAARKk/Kofqu40rEz8/s1600/Evolu%C3%A7%C3%A3o%2Bda%2BImagem%2Bdo%2BGalo%2Bde%2BBarcelos%2B-%2BC%C3%B3pia.jpg>
- (14 de Janeiro de 2018). Obtido em 1 de Dezembro de 2018, de Revista Sentir Barcelos nº1: <https://www.cm-barcelos.pt/2018/01/sentir-barcelos-n-o1/>
- Abreu, J. D. (20 de Março de 2013). *Design como estratégia para a sustentabilidade da olaria de Barcelos*. Obtido de Repositório Instituto Politécnico de Viana do Castelo: <http://repositorio.ipvv.pt/handle/20.500.11960/1254>
- ABREU, J. G. (2005). *Arte pública e lugares de memória*. Obtido em 23 de Abril de 2019, de Revista da Faculdade de Letras -: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4944.pdf>
- Almeida, C. (1998). *Património. O seu entendimento e a sua gestão*. Porto: Etnos.
- Andrade, C. (2008). *Lugar de memória .... memórias de um lugar*. Obtido de [http://www.pasosonline.org/Publicados/6308/PS0308\\_13.pdf](http://www.pasosonline.org/Publicados/6308/PS0308_13.pdf)

- Antecedentes da musealização das olarias de Barcelos.* (s.d.). Obtido em 17 de Abril de 2019, de Museu de Olaria: <http://www.museuolaria.pt/wp-content/uploads/2014/02/Histo%CC%81ria-do-Museu-de-Olaria.pdf>
- Antunes, L. (Junho de 1999). *Das artes e ofícios tradicionais: contributos para o estudo do enquadramento normativo legal.* Obtido de Versão electrónica do artigo da publicação periódica do Observatório das Actividades Culturais, OBS nº 6.
- Barbaformosa. (1999). *A Olaria.* Lisboa: Estampa.
- Barrocas, M. F. (Novembro de 2014). *O Design de produto e a olaria tradicional : o design e a olaria tradicional portuguesa: recuperação de valores de uso e simbólicos dos objectos utilitários.* Obtido de Sistema Integrado de Bibliotecas - Repositório. Universidade de Lisboa: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/7885>
- Cabral, C. B. (2011). *Património Cultural Imaterial Convenção da Unesco e seus Contextos.* Lisboa: Arte e Comunicação - Edições 70.
- Caderno de Especificações para a Certificação - Figurado de Barcelos.* (2014). Barcelos: Município de Barcelos.
- Caderno de Especificações para a Certificação - Olaria de Barcelos.* (2010). Barcelos: Barcelos Município.
- Carneiro, E. L. (1962). *Donde vem a confusão entre louças do Prado e louças de Barcelos.* Barcelos.
- Carneiro, E. L. (1969). *O Museu de cerâmica popular Portuguesa será uma realidade porque era e é de facto desejado por muitos.* Barcelos: Museu Cerâmica Popular Portuguesa.
- Carneiro, E. L. (1969). *O Museu que falta no novo mundo da cerâmica ou a responsabilidade de um título.* Barcelos: Museu de Cerâmica Popular Portuguesa.
- Carta de Atenas.* (Novembro de 1933). Obtido em 17 de Abril de 2019, de <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf>
- Carta de Veneza .* (Maio de 1964). Obtido em 17 de Maio de 2019, de <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>

- Casa do Barro - Centro Interpretativo da Olaria de S. Pedro do Corval.* (2019). Obtido em 17 de Abril de 2019, de Município de Reguengos de Monsaraz: <http://www.cm-reguengos-monsaraz.pt/pt/visitar/Paginas/casa-do-barro.aspx>
- Cerâmica.* (2019). Obtido em 17 de Abril de 2019, de Infopédia - Dicionários Porto Editora: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cer%C3%A2mica>
- Chavarría, J. (1997). *A cerâmica.* Lisboa: Estampa.
- Choay, F. (2014). *Alegoria do Património.* Lisboa: Arte e Comunicação - Edições 70.
- CÓDIGO DEONTOLÓGICO DO ICOM PARA MUSEUS.* (2009). Obtido em 17 de Abril de 2019, de [https://1995unidroitcap.org/wp-content/uploads/2017/06/CodigoICOM\\_PT-2009.pdf](https://1995unidroitcap.org/wp-content/uploads/2017/06/CodigoICOM_PT-2009.pdf)
- Como Gerir um Museu: Manual Prático.* (2004). Obtido em 17 de Abril de 2019, de ICOM: <https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2012/09/Manual-Como-gerir-um-museu-ICOM-Unesco.pdf>
- Constituição da República Portuguesa.* (1976). Obtido em 17 de Abril de 2019, de <https://dre.pt/constituicao-da-republica-portuguesa>
- Convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial.* (17 de Outubro de 2003). Obtido em 17 de Abril de 2019, de UNESCO: <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>
- Correia, J. M. (1965). *As louças de Barcelos - Cadernos de Etnografia 4.* Barcelos: Museu Regional de Cerâmica.
- Correia, J. M. (1969). *Achegas para o estudo das louças de Barcelos.* Barcelos: Museu de Cerâmica Popular Portuguesa.
- Costa, T. (19 de Março de 2019). *Novos Caminhos e desafios para as artes e ofícios tradicionais.*
- Decreto-Lei n.º 110/2002 de 16 de Abril - aprova o estatuto do artesão e da unidade produtiva artesanal.* (s.d.). Obtido em 17 de Abril de 2019, de Diário da República n.º 89/2002, Série I-A: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/304327/details/maximized>

- Decreto-Lei n.º 121/2015 de 30 de julho - Sistema Nacional de Qualificação e Certificação de Produções Artesanais Tradicionais.* (s.d.). Obtido em 17 de Abril de 2019, de Diário da República n.º 125/2015, Série I: [https://dre.pt/home/-/dre/67641480/details/maximized?p\\_auth=s819Jvet](https://dre.pt/home/-/dre/67641480/details/maximized?p_auth=s819Jvet)
- Decreto-Lei n.º 122/2015 de 30 de Junho - Programa de Promoção das Artes e Ofícios.* (s.d.). Obtido em 17 de Abril de 2019, de Diário da República n.º 125/2015, Série I: [https://dre.pt/home/-/dre/67641481/details/maximized?p\\_auth=s819Jvet](https://dre.pt/home/-/dre/67641481/details/maximized?p_auth=s819Jvet)
- Decreto-Lei n.º 41/2001 de 9 de Fevereiro - estatuto do artesão e da unidade produtiva artesanal.* (s.d.). Obtido em 17 de Abril de 2019, de Diário da República n.º 34/2001, Série I-A: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/319952/details/maximized>
- Densidade Populacional.* (s.d.). Obtido em 17 de Abril de 2019, de PORDATA - Base de Dados Portugal Contemporâneo: <https://www.pordata.pt/Municipios/Densidade+populacional-452>
- Desvallées, A., & Mairesse, F. (2013). *Conceitos-chave de museologia.* Obtido em 17 de Abril de 2019, de Icom: [http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF\\_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf](http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf)
- Encontro Nacional de Olaria.* (s.d.).
- Energia, M. d. (1985). *Catálogo das argilas portuguesas utilizadas na indústria cerâmica.* Lisboa: Direcção-Geral de Geologia e Minas.
- Evolução.* (s.d.). Obtido em 17 de Abril de 2019, de Matriz - DGPC: [http://www.matriz.dgpc.pt/pt\\_evolucao.php](http://www.matriz.dgpc.pt/pt_evolucao.php)
- Fagundes, A. (1997). *Manual prático de introdução à cerâmica.* Lisboa: Caminho.
- Famílias do Figurado.* (2015). Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos: Museu de Olaria.
- Feira de Barcelos.* (s.d.). Obtido em 24 de Abril de 2019, de Município de Barcelos: <https://www.cm-barcelos.pt/items/feira-de-barcelos/>
- Fernandes, I. M. (1997). *A Louça Preta de Prado, Vila Verde - Braga: Catálogo.* Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos: Museu de Olaria.

- Fernandes, I. M., Cruz, A. L., Jorge, A., Tapada, A., Pignatelli, I. N., Correia, A., . . . Campinho, J. (2005). *Figurado Português: de santos e diabos está o mundo cheio*. Porto: Civilização.
- Gaspar, F. (19 de Março de 2019). Novos Caminhos e desafios para as artes e ofícios tradicionais.
- Gomes, C. F. (1988). *Argilas: O que são e para que servem*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gomes, C. F. (2002). *Argilas: aplicações na indústria*. Aveiro.
- Lei n.º 107/2001 de 8 de Setembro*. (s.d.). Obtido em 17 de Abril de 2019, de DIÁRIO DA REPÚBLICA — I SÉRIE-A:  
[https://dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos\\_Curriculares/Patrimoni\\_o\\_cultural/documentos/lei\\_107\\_2001\\_8\\_setembro.pdf](https://dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos_Curriculares/Patrimoni_o_cultural/documentos/lei_107_2001_8_setembro.pdf)
- Lei n.º 13/85 de 6 de Julho - Património cultural português*. (s.d.). Obtido em 17 de Abril de 2019, de Diário da República n.º 153/1985, Série I:  
<https://dre.pt/pesquisa-avancada/-/asearch/182874/details/maximized?search=Pesquisar&sortOrder=ASC&tipo=%22Lei%22&types=SERIEI&numero=13%2F85>
- Lei n.º 47/2004 de 19 de Agosto - Lei Quadro dos Museus Portugueses*. (s.d.). Obtido em 17 de Abril de 2019, de Diário da República n.º 195/2004, Série I-A: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/480516/details/maximized>
- Marçal, A. J. (10 de Maio de 2012). *A tradição da olaria em Fonte Lima*. Obtido de Repositório do Instituto Politécnico de Viana do Castelo:  
<http://repositorio.ipv.pt/handle/20.500.11960/1612>
- Martins, G. (Janeiro de 2018). *Património Cultural - identidade e diferença*. Obtido de Revista Brotéria: <http://broteria.pt/revista-broteria/artigos/153-janeiro-2018-patrimonio-cultural-identidade-e-diferenca>
- Matos, A. (2013). *SPECTRUM : uma norma de gestão de coleções para os museus portugueses*. Obtido em 17 de Abril de 2019, de [https://www.academia.edu/4347633/SPECTRUM\\_uma\\_norma\\_de\\_gest%C3%A3o\\_de\\_cole%C3%A7%C3%B5es\\_para\\_os\\_museus\\_portugueses](https://www.academia.edu/4347633/SPECTRUM_uma_norma_de_gest%C3%A3o_de_cole%C3%A7%C3%B5es_para_os_museus_portugueses)

- Matos, A. (s.d.). *A importância das normas para os museus e seus sistemas de informação*. Obtido em 17 de Abril de 2019, de [https://www.academia.edu/23275760/A\\_import%C3%A2ncia\\_das\\_normas\\_para\\_os\\_museus\\_e\\_seus\\_sistemas\\_de\\_informa%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/23275760/A_import%C3%A2ncia_das_normas_para_os_museus_e_seus_sistemas_de_informa%C3%A7%C3%A3o)
- Mendes, A. R. (2012). *O que é o Património Cultural*. Gente singular.
- Milhazes, C., & Remelgado, P. (2006). *A produção cerâmica em Portugal: histórias com futuro - actas*. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos: Museu de Olaria.
- Museu de Olaria*. (s.d.). Obtido em 17 de Abril de 2019, de O Museu: [http://www.museuolaria.pt/?page\\_id=34](http://www.museuolaria.pt/?page_id=34)
- Museus e Monumentos*. (s.d.). Obtido em 17 de Abril de 2019, de <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/>
- Nunes, M. (1989). *Património Cultural: um bem sem preço*. Lousã.
- Olaria*. (2019). Obtido em 17 de Abril de 2019, de Infopédia - Dicionários Porto Editora: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Olaria>
- O real e o Imaginário: memória e identidade no figurado de Barcelos*. (2014). Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos - Museu de Olaria.
- Os Oleiros - Cadernos Museo do Pobo Galego 2*. (1981). Minerva.
- Pacheco, H. (1985). *Portugal: património cultural popular*. Porto: Areal.
- Pinho, V. (s.d.). Obtido de Barcelos Revista: <https://www.cm-barcelos.pt/AelevaodeBarcelos.pdf>
- População Residente*. (s.d.). Obtido em 17 de Abril de 2019, de PORDATA - Base de Dados Portugal Contemporâneo: <https://www.pordata.pt/Municipios/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente+m%C3%A9dia+anual-359>
- Portaria n.º 1193/2003 de 13 de Outubro - processo de reconhecimento dos artesãos e das unidades produtivas artesanais*. (s.d.). Obtido em 17 de Abril de 2019, de Diário da República n.º 237/2003, Série I-B: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/481477/details/maximized>
- Programa de Serviço Educativo e de Animação - Atividades para a comunidade escolar: outubro 2018 - junho 2019*. (s.d.). Obtido em 3 de Março de

2019, de Museu de Olaria: [http://www.museuolaria.pt/wp-content/uploads/2018/09/ProgramaMO\\_2018-2019\\_CorridoFim.pdf](http://www.museuolaria.pt/wp-content/uploads/2018/09/ProgramaMO_2018-2019_CorridoFim.pdf)

*Promoção do artesanato.* (s.d.). Obtido em 17 de Abril de 2019, de Instituto do Emprego e Formação Profissional: <https://www.iefp.pt/promocao-artesanato>

*Proporção de hóspedes estrangeiros nos alojamentos turísticos.* (s.d.). Obtido em 17 de Março de 2019, de PORDATA - Base de Dados Portugal Contemporâneo:  
<https://www.pordata.pt/Municipios/Propor%C3%A7%C3%A3o+de+h%C3%B3spedes+estrangeiros+nos+alojamentos+tur%C3%ADsticos-762>

*Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular.* (15 de Novembro de 1989). Obtido em 17 de Abril de 2019, de Conferência Geral da UNESCO - 25ª Reunião: [http://cvc.instituto-camoes.pt/cpc2007/patrimonio/bloco2/recomendacao\\_%20sobre\\_a\\_salvaguarda\\_da\\_cultura\\_tradicional.pdf](http://cvc.instituto-camoes.pt/cpc2007/patrimonio/bloco2/recomendacao_%20sobre_a_salvaguarda_da_cultura_tradicional.pdf)

Rios, C., & Mesquita, J. (2006). *Figurado de Barcelos: Desenhos de Barro*. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos: Museu de Olaria.

Rios, C., Ramos, G., & Rêgo, P. (2006). *As voltas do barro: Olaria de Barcelos*. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos: Museu de Olaria.

*Rota do Figurado.* (s.d.). Obtido em 20 de Fevereiro de 2019, de Município de Barcelos: <https://www.cm-barcelos.pt/visitar/artesanato/rotas-do-artesanato/rota-do-figurado/>

*Sellés Paes - Uma doação: exposição.* (1996). Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos: Museu de Olaria.

## Bibliografia geral

- (s.d.). Obtido em 02 de Junho de 2018, de BARCELOS CIDADE CRIATIVA DA UNESCO 2017 - Cidade Criativa da UNESCO no tema Artesanato e Arte Popular:  
[https://www.eixoatlantico.com/images/documentos/turismo/Barcelos\\_criativo\\_web.pdf](https://www.eixoatlantico.com/images/documentos/turismo/Barcelos_criativo_web.pdf)
- AARN - Associação de Artesãos da Região Norte. (s.d.). Obtido em 26 de Junho de 2018, de Perguntas Frequentes sobre Legislação do Sector:  
<http://www.aarn.pt/gca/index.php?id=89>
- AARN - Associação de Artesãos da Região Norte. (s.d.). Obtido em 26 de Junho de 2018, de <http://www.aarn.pt/gca/index.php?id=45>
- ADERE-CERTIFICA. (11 de Dezembro de 2017). Obtido em 11 de Junho de 2018, de MANUAL DE CERTIFICAÇÃO DA “OLARIA DE BARCELOS”:  
[http://www.aderecertifica.pt/assets/produtos-certificados/olaria-de-barcelos/manual\\_certificacao\\_OB.pdf](http://www.aderecertifica.pt/assets/produtos-certificados/olaria-de-barcelos/manual_certificacao_OB.pdf)
- Alexandrino, J. d. (2009). *O CONCEITO DE BEM CULTURAL*. Obtido em 27 de Outubro de 2018, de  
<https://www.icjp.pt/sites/default/files/media/565-466.pdf>
- AMARAL, J. (Dez11 - Fev12). GESTÃO DE ACERVOS EM RESERVAS MUSEOLÓGICAS. *Informação ICOM.PT, nº15*, pp. 2-9.
- Andrade, S. C. (12 de Agosto de 2017). *Público*. Obtido em 26 de Junho de 2018, de O mundo surreal dos oleiros prodigiosos:  
<https://www.publico.pt/2017/08/12/culturaipsilon/noticia/o-mundo-fantastico-dos-oleiros-prodigiosos-1781594>
- Antonaci, A., Ott, M., & Pozzi, F. (s.d.). *Virtual Museums, Cultural Heritage Education and 21st Century skills*. Obtido em 06 de Setembro de 2018, de [https://www.itd.cnr.it/download/Papers/Antonaci\\_Ott\\_Pozzi.pdf](https://www.itd.cnr.it/download/Papers/Antonaci_Ott_Pozzi.pdf)

- Archaeological and Historic Pottery Production Sites - Guidelines for Best Practice* . (Outubro de 2015). Obtido em 06 de Setembro de 2018, de Historic England: <https://content.historicengland.org.uk/images-books/publications/archaeological-and-historic-pottery-production-sites/heag019-pottery-production-sites.pdf/>
- Archives, libraries and museums as communicators of memory in the European Union projects*. (02 de Junho de 2009). Obtido em 06 de Setembro de 2018, de IRinformationresearch: <http://www.informationr.net/ir/14-2/paper400.html>
- Ard, V. (10 de Outubro de 2013). *Ceramic Traditions and Cultural Identities: West-Central France during the Late Neolithic II Period (c.3400–2900 cal. BC)*. Obtido em 06 de Setembro de 2018, de Wiley Online Library: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/ojoa.12020>
- AZEVEDO, M. D. (Dez11-Fev12). O RECURSO ‘MUSEU’ NO SISTEMA EDUCATIVO. *Informação ICOM.PT, nº15*, pp. 10-12.
- Barcelos*. (s.d.). Obtido em 11 de Junho de 2018, de A arte do barro: [http://educacao.cm-gondomar.pt/maissaber/content/AulasUpload/patr/pdf/pat\\_bar.pdf](http://educacao.cm-gondomar.pt/maissaber/content/AulasUpload/patr/pdf/pat_bar.pdf)
- Barranha, H. (2016). *Património Cultural - conceiros e critérios fundamentais*. Obtido em 27 de Outubro de 2018, de <http://istpress.tecnico.ulisboa.pt/files/E-book-patrimonio.pdf>
- BARROS, M. A. (Julho de 2016). *Escola Superior de Comunicação, Administração e Turismo de Mirandela - Instituto Politécnico de Bragança*. Obtido em 26 de Junho de 2018, de GUIA DE ARTESANATO DO NORTE DE PORTUGAL: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/13094/1/Dissertac%C%A7a%CC%83o.pdf>
- Barros, V. G. (2015). *Turismo em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Berg, I. (2008). *Breaking the Mould: Challenging the Past through Pottery*. Obtido em 06 de Setembro de 2018, de <http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:132753/FULLTEXT01.pdf>

- Blinkhorn, P. (1997). *Habitus, social identity and Anglo Saxon pottery*. Obtido em 06 de Setembro de 2018, de [http://ls-tlss.ucl.ac.uk/course-materials/ARCL2018\\_73385.pdf](http://ls-tlss.ucl.ac.uk/course-materials/ARCL2018_73385.pdf)
- Câmara Municipal de Barcelos*. (19 de Fevereiro de 2010). Obtido em 02 de Junho de 2018, de Caderno de Especificações para a Certificação da Olaria de Barcelos: [http://www.aderecertifica.pt/assets/produtos-certificados/olaria-de-barcelos/Caderno\\_de\\_Especificacoes\\_Olaria\\_Barcelos.pdf](http://www.aderecertifica.pt/assets/produtos-certificados/olaria-de-barcelos/Caderno_de_Especificacoes_Olaria_Barcelos.pdf)
- Campos, T. (14 de Outubro de 2010). *Museus: a normalização como processo fundamental - Normas e Partilha da Informação*. Obtido de Instituto dos Museus e da Conservação: [http://www.culturadigital.pt/docs/imc\\_tcampos.pdf](http://www.culturadigital.pt/docs/imc_tcampos.pdf)
- Carneiro, E. L. (1963). *Figurado de Barcelos: da Inexistência de peças antigas*. Barcelos.
- Carneiro, E. L. (1970). *O fim da Olaria Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Assoc. Port. para o Progresso das Ciências.
- Carreiras, M. (2012). *Universidade de Lisboa - Faculdade de Belas Artes*. Obtido em 22 de Junho de 2018, de Da Olaria ao design cerâmico Português - Hibridismo Cultural: [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8265/2/ULFBA\\_TES%20568.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8265/2/ULFBA_TES%20568.pdf)
- Carvalho, A. F. (2014). *Reafirmar a Identidade Cultural Local: o Património Cultural Imaterial Local como Recurso*. Obtido em 27 de Outubro de 2018, de [https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/5276/1/FCarvalho\\_ReafirmIdentCultLocal\\_PCI\\_%28Reparado%29.pdf](https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/5276/1/FCarvalho_ReafirmIdentCultLocal_PCI_%28Reparado%29.pdf)
- cearte*. (2016). Obtido em 11 de Junho de 2018, de "Carta de arteção e certificação de produtos artesanais - ferramentas para a valorização das Artes e Ofícios": <http://www.minhoin.com/fotos/editor2/pontedelima.pdf>
- Chagas, M. d. (Dezembro de 2014). *O CONCEITO DE PATRIMÓNIO CULTURAL NO SÉCULO XXI: A COMUNICAÇÃO SOCIAL NO PROCESSO COLECCIONÍSTICO DE ARTE*. Obtido em 27 de Outubro de 2018, de

Revista Tritão: <http://revistatritao.com-sintra.pt/images/revista2/AssuncaoChagas/pdf/AssuncaoPinheiroChagas-tritao2.pdf>

- Cleto, J., Varela, J. M., & Barros, S. (1998). *Actas do III Encontro de Olaria Tradicional de Matosinhos*. Porto: Câmara Municipal de Matosinhos.
- Correia, A. M., & Joel, A. A. (2017). *João Macedo Correia: O legado de um Ceramista 1908-1987*. Barcelos: Município de Barcelos; Museu de Olaria.
- Correio do Minho*. (29 de Julho de 2017). Obtido em 22 de Junho de 2018, de Mostra de Artesanato e Cerâmica revela tradições únicas de Barcelos: <https://www.correiodominho.pt/noticias/mostra-de-artesanato-e-ceramica-revela-tradicoes-unicas-de-barcelos/103710>
- Cortês, F. R. (1982). *Património e Cultura - Arte do povo para o povo: museus de hoje e do futuro*. Lisboa: Inst. Port. do Património Cultural.
- Costa, O. (08 de Fevereiro de 2018). *Barcelos Popular*. Obtido em 21 de Junho de 2018, de Uma geração de Baraças ligada pelo barro para visitar até Dezembro de 2018 - "Trabalhar o barro... um saber de gerações": <http://barcelos-popular.pt/?zona=ntc&tema=4&lng=pt&id=7668>
- Creative Europe: Rediscovering our cultural heritage*. (Janeiro de 2018). Obtido em 06 de Setembro de 2018, de Creative Europe: [http://kultur.creative-europe-desk.de/fileadmin/2\\_Publikationen/EYCH\\_Creative\\_Europe\\_Rediscovering\\_our\\_cultural\\_heritage.pdf](http://kultur.creative-europe-desk.de/fileadmin/2_Publikationen/EYCH_Creative_Europe_Rediscovering_our_cultural_heritage.pdf)
- Curtis, F. (s.d.). *The utility Pottery Industry of Bailén, Southern Spain*. Obtido em 06 de Setembro de 2018, de <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1525/aa.1962.64.3.02a00020>
- DAUTERMAN, C. C. (s.d.). *The Ceramic International*. Obtido em 06 de Setembro de 2018, de <https://www.metmuseum.org/pubs/bulletins/1/pdf/3257804.pdf.banned.pdf>

- Definição: Museu.* (19 de Março de 2015). Obtido em 27 de Outubro de 2018, de ICOM Portugal: <http://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/>
- Destination “Pottery Village” - A social enterprise embedded into a thematic approach to tourism development.* (s.d.). Obtido em 06 de Setembro de 2018, de European Network for rural development: [https://enrd.ec.europa.eu/sites/enrd/files/gp\\_webtemplate\\_potteryvillagepl.pdf](https://enrd.ec.europa.eu/sites/enrd/files/gp_webtemplate_potteryvillagepl.pdf)
- Escudero, S. (07 de Fevereiro de 2017). *¿Qué es un museo? - ¿Para qué sirven los museos y cómo deberían ser en el futuro?* Obtido em 27 de Outubro de 2018, de Notodo.com: <http://www.notodo.com/arte/que-es-un-museo.html>
- Estatuto do Artesão e da Unidade Produtiva Artesanal: manual de procedimentos.* (2003). Coimbra: Comissão Nacional para a Promoção dos Ofícios e das Microempresas Artesanais.
- Esteves, D. (s.d.). *As Artes e Ofícios Tradicionais na Contemporaneidade – Práticas (in) Populares?* . Obtido em 06 de Setembro de 2018, de <http://historico.aps.pt/vicongresso/pdfs/443.pdf>
- Felgueiras, G. (1970). *Olaria e Cerâmica Figurativas*. Lisboa: Inst. Port. de Arqueologia Histórica e Etnografia.
- Fernandes, I. M. (Dezembro de 2012). *Universidade do Minho - ICS*. Obtido em 22 de Junho de 2018, de A loiça preta em Portugal: Estudo histórico, modos de fazer e de usar - Parte I: [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/24904/2/Tese%20de%20Doutoramento\\_Isabel%20Maria%20Fernandes\\_2012\\_parte%20I.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/24904/2/Tese%20de%20Doutoramento_Isabel%20Maria%20Fernandes_2012_parte%20I.pdf)
- Fernandes, I. M., Milhazes, M. C., Silva, J. M., & Cunha, P. (2012). *As mais antigas colecções de Olaria Portuguesa: Norte*. Barcelos.
- Fernandes, R. S. (Dezembro de 2012). *Universidade do Porto - Faculdade de Letras*. Obtido em 29 de Junho de 2018, de Concelho de Barcelos: História e Evolução: [https://www.academia.edu/22376229/CONCELHO\\_DE\\_BARCELOS\\_Historia\\_e\\_Evolucao](https://www.academia.edu/22376229/CONCELHO_DE_BARCELOS_Historia_e_Evolucao)

- Ferreira, S. d. (s.d.). Obtido em 21 de Junho de 2018, de Marcas de Oleiro em Território Português:  
[http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o\\_arqueologo\\_portugues/serie\\_3/volume\\_3/marcas\\_oleiro.pdf](http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_3/volume_3/marcas_oleiro.pdf)
- Ferreira, V. (Novembro de 2011). *Olhares Sobre o Património Cultural*. Obtido em 27 de Outubro de 2018, de ResearchGate:  
[https://www.researchgate.net/publication/260247302\\_Olhares\\_Sobre\\_o\\_Patrimonio\\_Cultural](https://www.researchgate.net/publication/260247302_Olhares_Sobre_o_Patrimonio_Cultural)
- Ferreira-Alves, N. M. (2005). *O que é o Património Cultural?* Obtido em 27 de Outubro de 2018, de CEPESE - Centro de Estudos da População Economia e Sociedade:  
<http://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/o-patrimonio-historico-cultural-da-regiao-de-braganca-zamora/o-que-e-o-patrimonio-cultural>
- Ferrer, S., Mezquita, A., Tena, M. G., Machí, C., & Gimeno, E. M. (Maio de 2015). *Estimation of the heat of reaction in traditional ceramic compositions*. Obtido em 06 de Setembro de 2018, de Repositori Universitat Jaume I:  
<http://repositori.uji.es/xmlui/handle/10234/158925>
- Figurado de Barcelos: A produção actual*. (1984). Barcelos: Museu de Olaria de Barcelos.
- Gauss, W., Klebinder-Gauss, G., & Rûden, C. (2015). *The Transmission of Technical Knowledge in the Production of Ancient Mediterranean Pottery*. Obtido em 06 de Setembro de 2018, de  
[https://we.vub.ac.be/~dglg/Web/Claeys/pdf/Jacobs\\_ua.pdf](https://we.vub.ac.be/~dglg/Web/Claeys/pdf/Jacobs_ua.pdf)
- Instituto do Emprego e Formação Profissional - iefponline*. (s.d.). Obtido em 29 de Junho de 2018, de Promoção do artesanato:  
<https://www.iefp.pt/promocao-artesanato>
- Instituto do Emprego e Formação Profissional - iefponline*. (s.d.). Obtido em 29 de Junho de 2018, de Promoção das artes e ofícios:  
<https://www.iefp.pt/promocao-das-artes-e-oficios>

- Instituto do Emprego e Formação Profissional, IP.* (s.d.). Obtido em 29 de Junho de 2018, de Requerimento para obtenção da Carta de Unidade Produtiva Artesanal.
- Instituto do Emprego e Formação Profissional, IP.* (s.d.). Obtido em 29 de Junho de 2018, de Requerimento para obtenção da Carta de Artesão.
- Instituto do Emprego e Formação Profissional, IP.* (17 de Abril de 2018). Obtido em 29 de Junho de 2018, de Investe Artes e Ofícios:  
[https://www.iefp.pt/documents/10181/4798094/FS\\_Investe\\_Artes\\_e\\_Oficios\\_17-04-2018/52c1343e-7ac0-4883-aff7-133a75d33fa2](https://www.iefp.pt/documents/10181/4798094/FS_Investe_Artes_e_Oficios_17-04-2018/52c1343e-7ac0-4883-aff7-133a75d33fa2)
- Instituto do Emprego e Formação Profissional, IP.* (18 de Janeiro de 2018). Obtido em 29 de Junho de 2018, de Programa de Promoção das Artes e Ofícios - Ficha de síntese:  
[https://www.iefp.pt/documents/10181/4798094/Ficha+PPAO\\_18-01-2018/b42c9c90-5858-41b9-ae93-067e076074a5](https://www.iefp.pt/documents/10181/4798094/Ficha+PPAO_18-01-2018/b42c9c90-5858-41b9-ae93-067e076074a5)
- Instituto do Emprego e Formação Profissional, IP.* (17 de Abril de 2018). Obtido em 29 de Junho de 2018, de Promoção das Artes e Ofícios - Fiche de síntese:  
[https://www.iefp.pt/documents/10181/4798094/FS\\_Promocao+das+Artes+e+Oficios\\_17-04-2018/d6f4d4e9-e4d3-47a6-8c93-33c602d0e7d9](https://www.iefp.pt/documents/10181/4798094/FS_Promocao+das+Artes+e+Oficios_17-04-2018/d6f4d4e9-e4d3-47a6-8c93-33c602d0e7d9)
- Lisboa, J. V. (s.d.). Obtido em 03 de Junho de 2018, de Argilas comuns em Portugal Continental: ocorrência e características:  
<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/32068/1/9%20-%20Lisboa.pdf;Argilas>
- López, I. P. (09 de Maio de 2016). *¿Qué es un museo?* Obtido em 27 de Outubro de 2018, de Revista Digital Nueva Museología:  
<https://nuevamuseologia.net/que-es-un-museo/>
- MARTINS, G. D. (s.d.). *Património Cultural- identidade e diferença.* Obtido em 27 de Outubro de 2018, de Revista Brotéria: <http://broteria.pt/revista-broteria/artigos/153-janeiro-2018-patrimonio-cultural-identidade-e-diferenca>
- Metselaar, R. (s.d.). *History of the European Ceramic Society*. Eindhoven University of Technology, Eindhoven, The Netherlands .

- Moura, V. G. (2013). *A Identidade Cultural Europeia*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Município de Barcelos*. (s.d.). Obtido em 26 de Junho de 2018, de Rota da Olaria: <http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/artesanato/rotas-de-artesanato>
- Município de Barcelos*. (s.d.). Obtido em 26 de Junho de 2018, de Rota do Figurado: <http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/artesanato/rotas-de-artesanato/rota-do-figurado>
- Município de Barcelos*. (s.d.). Obtido em 22 de Junho de 2018, de Barcelos é Cidade Criativa da UNESCO: <http://www.cm-barcelos.pt/noticias/arquivo/2017/novembro/barcelos-e-cidade-criativa-da-unesco>
- Museum field studies workshop experimental ethnoarchaeology and traditional crafts*. (s.d.). Obtido em 06 de Setembro de 2018, de [https://classics.artsci.wustl.edu/files/classics/imce/museum\\_studies\\_workshop\\_2017.pdf](https://classics.artsci.wustl.edu/files/classics/imce/museum_studies_workshop_2017.pdf)
- Museus para quê?: Actas do Colóquio APOM*. (1975). Figueira da Foz: Associação Portuguesa de Museologia.
- National Museums Making Histories in a Diverse Europe*. (2012). Obtido de <http://liu.diva-portal.org/smash/get/diva2:573632/FULLTEXT01.pdf>
- O cântaro de Barcelos: Exposição*. (1995). Barcelos: Museu de Olaria de Barcelos.
- O que é a protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*. (1985). Lisboa: Comissão Nacional da UNESCO - Portugal.
- O que é a UNESCO*. (1983). Lisboa: Comissão Nacional da UNESCO.
- O que são as cidades criativas?* (s.d.). Obtido em 27 de Outubro de 2018, de <https://culturasantanna.files.wordpress.com/2015/03/cidades-criativas.pdf>
- OLARIA - ARTES E OFÍCIOS TRADICIONAIS DE BARCELOS*. (2018). Obtido em 22 de Junho de 2018, de Rota da Olaria: <http://artesanato.barcelos.pt/olaria.html>

- Património cultural*. (s.d.). Obtido em 27 de Outubro de 2018, de Direção Regional da Cultura Norte: <http://www.culturanorte.pt/pt/areas-de-intervencao/patrimonio-cultural/>
- Património Cultural*. (s.d.). Obtido em 27 de Outubro de 2018, de Direção-Geral da Educação: <http://www.dge.mec.pt/patrimonio-cultural>
- Peixoto, R. (1966). *Museu Regional de Cerâmica*. Obtido em 03 de Junho de 2018, de Cadernos de Etnografia - As Olarias de Prado: [http://www.cm-pvarzim.pt/biblioteca/site\\_rocha\\_peixoto/PDF\\_s/PDF's%20Obra/As\\_olarias\\_de\\_prado\\_1966.pdf](http://www.cm-pvarzim.pt/biblioteca/site_rocha_peixoto/PDF_s/PDF's%20Obra/As_olarias_de_prado_1966.pdf)
- Pereira, J. C. (2016). *O Valor da Arte*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Pereiro, X. (2006). *Património cultural: o casamento entre património e cultura*. Obtido em 27 de Outubro de 2018, de ADRA n.º 2. Revista dos sócios do Museu do Povo Galego: [https://formacaompr.files.wordpress.com/2010/03/patrimonio-cultural\\_xerardo-p.pdf](https://formacaompr.files.wordpress.com/2010/03/patrimonio-cultural_xerardo-p.pdf)
- Pottery in the Roman World*. (s.d.). Obtido em 06 de Setembro de 2018, de Longman Archaeology Series: [https://is.muni.cz/el/1421/jaro2016/AEB\\_31/um/PEACOCK\\_1982.pdf](https://is.muni.cz/el/1421/jaro2016/AEB_31/um/PEACOCK_1982.pdf)
- Poulot, D. (s.d.). *Another history of museums: from the discourse to the museum-piece*. Obtido em 06 de Setembro de 2018, de SCIELO: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142013000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142013000100004)
- Queirós, J. (2002). *Cerâmica Portuguesa e outros estudos*. Lisboa: Presença.
- Ramos, P. O., & Trindade, M. B. (1993). *Iniciação à Museologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rede de Cidades Criativas da UNESCO*. (02 de Novembro de 2017). Obtido em 27 de Outubro de 2018, de Comissão Nacional da Unesco - Ministério dos Negócios Estrangeiros: <https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/noticias/rede-de-cidades-criativas-da-unesco>

- Redefining ethnographic museology: response to the challenges of modernity. Examples from the museum practice in Serbia.* (s.d.). Obtido em 06 de Setembro de 2018, de <https://hrcak.srce.hr/133477>
- Relato e Conclusões: Encontro Nacional de Olaria.* (1981). Almada: Câmara Municipal de Almada.
- Remelgado, P. (s.d.). *Câmara Municipal de Barcelos, Museu de Olaria.* Obtido em 26 de Junho de 2018, de A Louça de Barcelos – Catálogo – A Louça: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/12243/1/Museu%20de%20Olaria%2C%20A%20Lou%C3%A7a%20de%20Barcelos.pdf>
- Resumo do Diagnóstico do Concelho de Barcelos (2017).* (s.d.). Obtido em 27 de Outubro de 2018, de [http://www.sicad.pt/BK/Concursos\\_v2/Documents/2018/DIAGN%C3%93STICOS/Diagnostico%20Barcelos%202017.pdf](http://www.sicad.pt/BK/Concursos_v2/Documents/2018/DIAGN%C3%93STICOS/Diagnostico%20Barcelos%202017.pdf)
- Rocha, C., Celades, I., Dosdá, T., Bajouco, M., Camocho, D., Baroso, M., . . . Somakos, L. (s.d.). *Innovation and Ecodesign in Ceramic Industry - An Overview of Knowledge Needs in Portugal, Spain and Greece.* Obtido em 06 de Setembro de 2018, de <http://repositorio.ineg.pt/bitstream/10400.9/1184/1/INNOECODESIGN.pdf>
- Sciau, P., & Goudeau, P. (25 de Maio de 2015). *Ceramics in art and archaeology: a review of the materials science aspects.* Obtido em 06 de Setembro de 2018, de THE EUROPEAN PHYSICAL JOURNAL B: <https://pdfs.semanticscholar.org/996d/3c10a5ffdee282cbe74dfcd39b5263a7a650.pdf>
- Seixas, P. C., & Providência, P. (2002). *Figurado: Uma visão do mundo.* Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos; Museu de Olaria.
- Serrão, V. (s.d.). *O PATRIMÓNIO ARTÍSTICO PORTUGUÊS COMO MAIS-VALIA ESTRATÉGICA.* Obtido em 27 de Outubro de 2018, de <http://icomos.fa.utl.pt/documentos/VSeraoPatrimonioCulturalPortugues.pdf>
- Silva, R. H., Fernandes, I. M., & Silva, R. B. (s.d.). Obtido em 21 de Junho de 2018, de *olaria portuguesa: do fazer ao usar:*

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/12288/1/FERNANDES%202003C.pdf>

*Sobre a Unesco.* (s.d.). Obtido em 27 de Outubro de 2018, de Comissão Nacional da Unesco - Ministério dos Negócios Estrangeiros:

<https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/a-unesco/sobre-a-unesco>

Tavares, A. M. (1971). *A cerâmica como trabalho manual*. Lisboa.

Tite, M. (Setembro de 1999). *Pottery Production, Distribution, and*

*Consumption—The Contribution of the Physical Sciences*. Obtido em 06 de Setembro de 2018, de ResearchGate:

[https://www.researchgate.net/publication/226245616\\_Pottery\\_Production\\_Distribution\\_and\\_Consumption-The\\_Contribution\\_of\\_the\\_Physical\\_Sciences](https://www.researchgate.net/publication/226245616_Pottery_Production_Distribution_and_Consumption-The_Contribution_of_the_Physical_Sciences)

*Unesco - Barcelos Cidade Criativa.* (2017). Obtido de

<http://cidadecriativa.barcelos.pt/#!candidatura/>

Vilar, A. S. (2011). Criação e gestão de catálogos electrónicos em museologia: estudo de caso. *ANTROPOLógicas*, nº12, pp. 79-83.

## GLOSSÁRIO

Este glossário foi elaborado com base no decorrer do trabalho e baseado não só em fontes, mas também na informação fornecida pelos próprios artesãos. Daí a importância destas páginas pois além de esclarecer o leitor é uma súmula de termos tradicionais desta Arte. De notar que as imagens que acompanham este glossário são da autoria da mestranda.

**Aloque** – na linguagem “popular”, aloque é o local onde era amassado o barro com recurso a um carro de bois. Os artesãos descrevem este “local” como um círculo onde o barro era depositado para ser preparado.

**Argila** – rocha sedimentar muito granulada e fina (composta por grãos muito finos).



**Barro** – Terra, matéria-prima utilizada pelos artesãos para o fabrico de louça, ou outros objetos decorativos ou utilitários; matéria composta por minerais argilosos. Podem misturar-se argilas comuns ou especiais dependendo da função a que o barro vá servir. O barro pode caracterizar-se segundo a cor ou a sua plasticidade – mais escuros e mais claros, mais plásticos ou menos plásticos (maleáveis).



**Barreira** – Local de onde é extraído o barro. Em Barcelos as barreiras encontravam-se maioritariamente na margem direita do Rio Cávado.

**Barreireiro** – Homem que se dedicava à extração do barro.

**Cerâmica** – fabrico de louça ou outros objetos de barro. Normalmente nome dado ao trabalho já finalizado. Tijolos, porcelanas, faianças, grés.



**Cesto de barreira** – cesto com o qual o barro era transportado para fora da barreira e posteriormente levado para casa dos oleiros ou depositado num carro de bois com o mesmo fim.



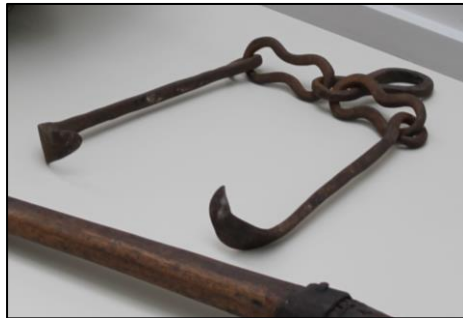
**Escoras** – traves em madeira que auxiliavam as paredes das barreiras, permitindo a passagem dos barreireiros.

**Figurado** – atividade subsidiária com origem nas sobras de barro da produção de louça utilitária. Atividade iniciada por mulheres. Representações do dia-a-dia, das figuras das festas, santos populares, feira, mundo rural, entre outros. Representação de figuras.



Peças de barro normalmente muito coloridas (no concelho de Barcelos), adquirindo formas e características diferenciadas em outras regiões do País (Estremoz por exemplo).

**Ganchos de barreira** – utensilio para extrair o barro – da barreira para o exterior.



**Mascoto** – utensilio em madeira utilizado para amassar o barro.

**Masseirão** – utensilio em madeira onde se amassava o barro com o apoio de um mascoto.



**Olaria** – fabrico de peças em barro, conjunto de ações para o fabrico de peças em barro; local onde se trabalha o barro e se fazem peças de barro.

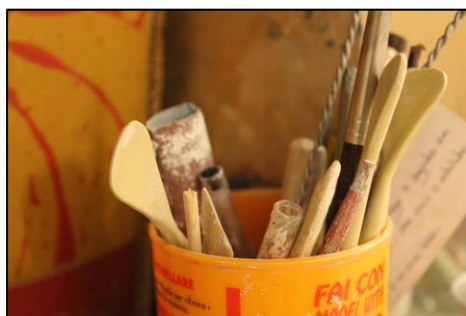
**Pia** – em madeira, cuja função era picar o barro.



**Torno** – superfície giratória para dar forma a peças de louça utilitária ou outras. Serve para tornear. Roda de oleiro – este “instrumento” sofreu várias alterações ao longo do tempo, desde os tempos em que era “conduzidas” ao pé (o artesão controlava a velocidade da roda com o pé), até à sua eletrificação (hoje as rodas elétricas funcionam em diferentes velocidades, consoante as necessidades e fins para as quais são utilizadas).



**Teque** – instrumento utilizado para trabalhar o barro e dar-lhe formas; podem ter várias formas e dimensões; é frequente que os artesãos façam os próprios teques. Estes objetos podem também ser chamados de palhetas - existem em vários materiais, mas devem ser feitos com pau de buxo.



**Engobe** - aplicação de uma camada terrosa para cobrir/disfarçar a cor original do barro.

**Vidrado** – vidro em pó, vitrificar, dar brilho – aplicado só após a

primeira cozedura de uma peça de barro. O vidro em pó é misturado com água e derramado por cima da peça de barro (importante que a mistura seja consistente e cubra toda a peça, para a melhor cobertura de toda a área).

**Pasta** – Barro; matéria-prima. Massa moldável resultante de uma mistura de minerais argilosos (terra sólida) e água.

## **Apêndices**

## Apêndice A – Horas de estágio realizadas em contexto prático – anotação de horas e tarefas

Descrição das tarefas desempenhadas e respectivas horas em contexto de Estágio Curricular no âmbito do Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural pela estagiária: Cátia Daniela Longras Cardoso

Dia	Horas	Serviço   Funções   Tarefas	Horas
4 Dezembro 2018	09h30-12h00 13h30-17h00	Serviço de Gestão de Coleções – Limpeza de peças, atualização de fichas de inventário, atualização de imagens em fichas de inventário, registo de imagem de peças para preparação de exposição	6
5 Dezembro 2018	10h00-12h30 13h30-17h30	Serviço de Gestão de Coleções – Limpeza de peças, registo de imagem de peças para preparação de exposição. Trabalho de exterior – reconhecimento de peças e registo de imagem	6,5
6 Dezembro 2018	10h00-12h30 14h00-17h00	Serviço de Gestão de Coleções – PCI – Património Cultural Imaterial, recolha de dados	5,5
11 Dezembro 2018	10h00-12h00 14h00-17h30	Revisão Bibliográfica – Centro de Documentação do Museu de Olaria	5,5
12 Dezembro 2018	10h00-12h30 14h00-17h00	Revisão Bibliográfica – Centro de Documentação do Museu de Olaria	5,5
13 Dezembro 2018	10h00-12h00	Revisão Bibliográfica – Centro de Documentação do Museu de Olaria	2
14 Dezembro 2018	10h00-12h30 14h00-17h00	Revisão Bibliográfica – Centro de Documentação do Museu de Olaria	5,5
18 Dezembro 2018	10h00-12h30 14h00-17h30	Serviço Educativo e de Animação – Programa de Férias de Natal – Modelagem	6
19 Dezembro 2018	10h00-12h30 14h00-17h00	Serviço Educativo e de Animação – Programa de Férias de Natal – Modelagem	5,5
20 Dezembro 2018	10h00-12h30 14h00-17h00	Serviço Educativo e de Animação – Programa de Férias de Natal – Modelagem	5,5
21 Dezembro 2018	10h00-12h00	Serviço Educativo e de Animação – Programa de Férias de Natal	2
26 Dezembro 2018	09h30-12h30 13h00-17h00	Serviço Educativo e de Animação – Programa de Férias de Natal	7
27 Dezembro 2018	09h30-12h30 13h00-17h00	Serviço Educativo e de Animação – Programa de Férias de Natal	7
28 Dezembro 2018	09h30-12h30 14h00-17h00	Serviço Educativo e de Animação – Programa de Férias de Natal	6
3 Janeiro 2019	10h00-12h00	Revisão Bibliográfica – Centro de Documentação do Museu de Olaria	2
4 Janeiro 2019	09h30-12h30 13h00-16h00	Revisão Bibliográfica – Centro de Documentação do Museu de Olaria	6
8 Janeiro 2019	09h00-11h00 12h30-17h00	Desmontagem da Exposição – Tesouros em Barro Apoio na receção do Museu Revisão Bibliográfica – Centro de Documentação do Museu de Olaria	6,5
9 Janeiro 2019	10h00-12h30 14h00-17h00	Apoio na receção do Museu Revisão Bibliográfica – Centro de Documentação do Museu de Olaria	5,5
10 Janeiro 2019	10h00-12h00 12h30-14h00	Montagem de exposição Revisão Bibliográfica – Centro de Documentação do Museu de Olaria Montagem de vitrinas – Montagem de exposição	3,5

Descrição das tarefas desempenhadas e respectivas horas em contexto de Estágio Curricular no âmbito do Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural pela estagiária: Cátia Daniela Longras Cardoso

15 Janeiro 2019	10h00-13h00	Montagem de vitrinas – Montagem de exposição – Atribuição de legendagem	3
16 Janeiro 2019	10h00-12h00	Revisão Bibliográfica – Centro de Documentação do Museu de Olaria	2
17 Janeiro 2019	10h00-12h00 13h00-17h00	Revisão Bibliográfica – Centro de Documentação do Museu de Olaria	6
29 Janeiro 2019	10h00-13h30 14h00-16h00	Serviço de Gestão de Coleções Preparação da Exposição Geração Mistério a Inaugurar a 02 de Fevereiro 2019 – Seleção de peças e organização em sala – Produção	5,5
30 Janeiro 2019	10h00-12h00 13h00-17h00	Serviço de Gestão de Coleções Preparação da Exposição Geração Mistério a Inaugurar a 02 de Fevereiro 2019 – Seleção de peças e organização em sala – Produção	6
31 Janeiro 2019	10h00-12h00 13h00-17h00	Apoio no Serviço de Acolhimento do Museu Serviço de Gestão de Coleções Preparação da Exposição Geração Mistério a Inaugurar a 02 de Fevereiro 2019 – Seleção de peças e organização em sala – Produção	6
1 Fevereiro 2019	10h00-12h00 13h00-17h00	Serviço de Gestão de Coleções Preparação da Exposição Geração Mistério a Inaugurar a 02 de Fevereiro 2019 – Seleção de peças e organização em sala – Produção Apoio no Serviço de Acolhimento do Museu	6
05 Fevereiro 2019	10h00-12h00	Revisão Bibliográfica – Centro de Documentação do Museu de Olaria	2
06 Fevereiro 2019	10h00-12h00 13h00-16h00	Revisão Bibliográfica – Centro de Documentação do Museu de Olaria	5
07 Fevereiro 2019	10h00-12h00 12h30-16h00	Revisão Bibliográfica – Centro de Documentação do Museu de Olaria Preparação de atividades de serviço educativo - Páscoa	5,5
12 Fevereiro 2019	10h00-12h00	Revisão Bibliográfica – Centro de Documentação do Museu de Olaria	1
14 Fevereiro 2019	10h00-12h00 13h00- 16h00	Serviço Educativo	5
<b>Total de Horas formais previstas</b>			<b>150</b>
<b>Total de Horas realizadas até 14 de Fevereiro de 2019</b>			<b>152</b>

Página 2 de 2

Tabela 37 – Horas realizadas em contexto de estágio

## Apêndice B – Museu de Olaria de Barcelos



Imagem 19 - Imagens das reservas e sistemas de cotas



*Imagem 20 - Reservas do Museu de Olaria, cotas e diferentes peças*



Imagem 21 - Sala da Capela e Serviços de receção



*Imagem 22 - Sala de Exposição Permanente e Serviço Educativo e de Animação*



*Imagem 23 - Serviço de Documentação do Museu de Olaria*

**Apêndice C - Tabela de compilação dos artesãos das Rotas da Olaria e do Figurado (Informação disponível nos sítios online de ambas as rotas)**

<b>Abílio da Silva Ferreira</b>	Rua da Afurada, 4750-519 Lama	965264962	Rota da olaria Louça Grossa
<b>Agostinho Araújo Coelho</b>	Rua Ana Côta, n.º 42 4750-485 Galegos S. Martinho	915859293	Rota do Figurado Galos de Barcelos e pintura cerâmica
<b>Agostinho Duarte Coelho Vasconcelos</b>	Rua Rosa Ramalho, n.º 504 4750-484 Galegos S. Martinho	253844870 ceramicaagostinhovasconcelos @gmail.com	Rota da olaria Louça Grossa
<b>Alberto Pinto</b>	Rua da Bouça, n.º 357 4750- 482 Galegos S. Martinho	933510618 bertopinto2@gmail.com	Rota do Figurado
<b>Ana Arantes</b>	Rua do Barreiro, n.º 268 4750- 465 Cossourado BCL	253 842 350   964 093 671 galodebarcelos@sapo.pt	Rota do Figurado Galos de Barcelos e pintura cerâmica
<b>Ana Veiga</b>	Rua Nossa Senhora da Franqueira, n.º 979 4755-104 Carvalho BCL	253 831 593   918 342 374	Rota do Figurado Galos de Barcelos e pintura cerâmica
<b>António Araújo Coelho</b>	Rua Ana Côta, n.º 207 4750- 485 Galegos S. Martinho	918130206	Rota do Figurado
<b>António da Costa Neves</b>	Rua da Olivença – Urb. da Quinta da Espinheira, BL 3, Fração C, R/C Drt., Poente/Sul 4750-191 Arcozelo BCL	917713668 acneves@sapo.pt	Rota do Figurado Galos de Barcelos e pintura cerâmica
<b>António Ramalho</b>	Rua Júlia Ramalho, n.º 51 4750-484 Galegos S. Martinho	253841520 Antonioramalho.artisanato@g mail.com	Rota do Figurado
<b>Carlos &amp; Angela, Lda.</b>	Rua da Chamusca, n.º 31 4750- 512 Lama BCL	253841213 carlosangelalda@hotmail.com	Rota da olaria Louça Grossa
<b>Carlos Alberto Coelho Dias</b>	Rua Rosa Côta, n.º 89 4750- 487 Galegos S. Martinho	964139382 carlosdiasartisanato@gmail.co m www.facebook.com/carlos.dias .35912	Rota do Figurado
<b>Carolina “André”</b>	Rua do Galo, n.º 1469 4750- 472 Galegos Sta. Maria	253841867	Rota do Figurado
<b>Cerâmica António Araújo Fernandes</b>	Rua da Aldeia, n.º 161 4750- 466 Galegos Sta. Maria	253 841 163   934 205 023 lucy1964@live.com.pt www.facebook.com/ceramicaa. fernandes.fernandes	Rota do Figurado Galos de Barcelos e pintura cerâmica
<b>Cerâmica Capela</b>	Rua de S. Sebastião, n.º 106 4750-589 Oliveira BCL	253842469 ceramicacapela@gmail.com	Rota da olaria Louça Grossa

<b>Cerâmica Cruzeiro - José Castro Carvalho &amp; Filhos, Lda.</b>	Rua S. Vicente, n.º 1386 4750- 249 Areias BCL	253 842 152   914 917 773 jcastroefilhos@sapo.pt	Rota da olaria Louça Utilitária e Decorativa
<b>Cerâmica da Arieira, Lda.</b>	Avenida do Monte, n.º 193 4750-590 Oliveira BCL	253 843 683   914 395 866 ceramica.arieira@hotmail.com	Rota da olaria Louça Grossa
<b>Cerâmica Divino Salvador</b>	Rua Zé do Rio, n.º 161 4750- 520 Lama BCL	253 841 896   934 586 450 barbosapedro@sapo.pt	Rota da olaria Louça Grossa - Vasos
<b>Cerâmica do Greló</b>	Avenida da Boavista, n.º 730 4750-588 Oliveira BCL	253841870 ceramicadogreló@hotmail.com	Rota da olaria Louça Grossa - Vasos
<b>Cerâmica Edgar Picas, Lda.</b>	Largo da Fonte, n.º 35 4750- 512 Lama BCL	253842719 edgarpicas@gmail.com   www.ceramicaedgarpicas.com   www.facebook.com/ceramicae dgarpicas.com	Rota da olaria Louça de Barcelos Louça Regional
<b>Cerâmica Grilo, Machado e Pereira, Lda.</b>	Rua de Quintão, n.º 105 4750- 583 Oliveira BCL	939995343 ceramicagrilo@gmail.com	Rota da olaria Louça Grossa
<b>Cerâmica João Coelho Silva - Artesanato Certificado</b>	Rua do Souto, n.º 66, 4750-242 Areias BCL	253 841 504   965 505 476 ceramicajcs@hotmail.com	Rota da olaria Louça de Barcelos
<b>Cerâmica José Manuel Ferraz Silva</b>	Avenida da Boavista, n.º 699 4750-588 Oliveira BCL	253 847 232 931 159 970 ceramica.jm@sapo.pt www.ceramicajm.pt www.facebook.com/ceramica.j m	Rota da olaria Louça Utilitária e Decorativa
<b>Cerâmica Leão</b>	Rua de Vilarinho, n.º 34 4750- 491 Galegos S. Martinho	253841279 geral@ceramileao.com www.ceramileao.com	Rota da olaria Artigos religiosos
<b>Cerâmica Lourenço (Maria Inês Calisto Machado)</b>	Travessa do Lambão, n.º 241 4750-665 Roriz BCL	253841860 ceramica_lourenco@sapo.pt www.facebook.com/mariaines. machado.5	Rota da olaria Louça Utilitária e Decorativa
<b>Cerâmica Martins</b>	Rua S. Vicente, n.º 861 4750- 245 Areias BCL	965 555 082   967 083 531 fcmartins@gmail.com	Rota da olaria Louça Grossa
<b>Cerâmica Nogueira</b>	Travessa do Cruzeiro, n.º 413 4750-249 Areias BCL	926044943 carlosnog66@hotmail.com	Rota da olaria Louça Utilitária e Decorativa

<b>Cerâmica Normand</b>	Avenida Francisco Araújo Gomes, n.º 462 4750-580 Oliveira BCL	253 842 755   936 359 275 ceramicanormand@gmail.com www.facebook.com/pages/Cerâmica-Normand	Rota da olaria Louça Grossa
<b>Cerâmica Quintas e Gomes</b>	Rua do Eido de Baixo, n.º 18 4750-513 Lama BCL	253 843 811   934 228 378 quintasgomes@sapo.pt	Rota da olaria Louça Grossa
<b>Cerâmica Rosa Falcão</b>	Rua do Souto, n.º 186 4750-472 Galegos Sta. Maria	253841519	
<b>Cerâmica Rosa Maria</b>	Rua Eido de Baixo, n.º 508 4750-513 Lama BCL	253 842 220 – 968 513 978 www.facebook.com/ceramica.osam.costa	Rota da olaria Louça Utilitária e Decorativa
<b>Cerâmica Soutelo</b>	Travessa da Gramosa, n.º 136 4750-581 Oliveira BCL	253842516 ceramicasoutelo@hotmail.com   www.facebook.com/ceramicasoutelo	Rota da olaria Louça de Barcelos
<b>Cerâmica Torres</b>	Travessa do Oleiro, n.º 71 4750-242 Areias BCL	253 844 888   938 569 859	
<b>Ceramicosta</b>	Rua da Fonte, n.º 223 4750-512 Lama BCL	253841907 ceramicosta@sapo.pt   www.facebook.com/ceramicosta.lda	Rota da olaria Louça de Barcelos
<b>Cevalfer – Cerâmica, Lda.</b>	Rua do Rio Cávado, n.º 531 4750-519 Lama BCL	253 841 126   917 583 920 cevalfer@outlook.pt	Rota da olaria Louça Utilitária e Decorativa
<b>Cidália Trindade</b>	Rua de Sto. António, Edf. Santa Maria, Porta 29 4750-472 Galegos Sta. Maria	961778214 cidaliatrindade1@gmail.com	Rota do Figurado
<b>Cliocerâmica</b>	Avenida da Boavista, n.º 401 4750-588 Oliveira BCL	253841646 clioceramica@gmail.com	Rota da olaria Louça Grossa
<b>Conceição Messias</b>	Largo da Igreja, n.º 30 4750-485 Galegos S. Martinho	253 842 619   938 578 677 conceicaoobarbosamessias@gmail.com	Rota do Figurado
<b>Conceição Sapateiro – Artesanato Certificado</b>	Travessa da Aldeia, n.º 57 4750-241 Areias BCL	253 843 416   914 979 178 conceicaosapateiro@sapo.pt www.conceicaosapateiro.net www.facebook.com/conceicao.sapateiro	Rota do Figurado
<b>Constantino Macedo, Unipessoal, Lda.</b>	Rua das Fontainhas, n.º 263 4750-591 Oliveira BCL	916167448 constantino_macedo@hotmail.com	Rota da olaria Louça Grossa
<b>Decer - Decoração Cerâmica, Lda.</b>	Rua de Campelo, n.º 2250 4750-756 Tamel S. Veríssimo	253894999 geral@decer.pt	Rota da olaria Louça Utilitária e Decorativa
<b>Dionísio Coelho Silva Pinto</b>	Rua de Sto. Amaro, n.º 496 4750-462 Galegos Sta. Maria	253842178	
<b>Domingos Duarte Coelho Vasconcelos</b>	Rua Rosa Ramalho, n.º 486 4750-484 Galegos S. Martinho	253 841 889   936 322 273	Rota da olaria Louça Grossa

<b>Domingos Ferreira Pedro</b>	Travessa da Telheira, n.º 16 4750-489 Galegos S. Martinho	967530025 domingosferreira73@hotmail.com	Rota do Figurado
<b>Domingos Lopes da Rocha</b>	Rua da Pena Grande, n.º 84 4750-456 Galegos Sta. Maria	253842918	
<b>Edmundo Quintas de Sousa</b>	Travessa do Moinho, n.º 24 4750-247 Areias BCL	933686434 edmundosousa@gmail.com www.facebook.com/edmundosousa.370	Rota do Figurado
<b>Eduardo “Pias” &amp; Jesus “Pias”</b>	Rua Ernesto da Silva Campos, n.º 645 4750-492 Galegos S. Martinho	253 843 223   969 512 133 e.j.pias@hotmail.com www.facebook.com/eduardopias.artesao www.facebook.com/jesuspias.artesa	Rota do Figurado
<b>Fernando Morgado de Abreu – Artesanato Certificado</b>	Largo de S. João, n.º 88 4750-463 Galegos Sta. Maria	253841377	Rota do Figurado
<b>Fernando Pereira</b>	Rua Senhora dos Milagres, n.º 88 4755-414 Pousa BCL	964538403 fernandorusso@sapo.pt	Rota do Figurado
<b>Francisco Félix</b>	Rua do Couto de Manhente, n.º 530 4750-554 Manhente	253841815	
<b>Hélder Ferreira</b>	Rua da Escola, n.º 276 4750-463 Galegos Sta. Maria	936869125 terradohallo@gmail.com	
<b>Histórias da Minha Terra, Unipessoal, Lda.</b>	Estrada Nacional 205, n.º 2025 4750-888 Ucha BCL	937605045 artesianiaceramica@gmail.com	Rota da olaria Louça Utilitária e Decorativa
<b>Horácio Dantas</b>	Travessa das Carvalheiras, n.º 46 4750-242 Areias BCL	253 842 308   936 749 073	Rota da olaria Louça Utilitária e Decorativa
<b>Humberto Carlos Leal Macedo – Cerâmica Regional</b>	Rua Nossa Senhora do Facho, n.º 282 4750-511 Lama BCL	253 842 749 humbertolmacedo@gmail.com	Rota da olaria Louça de Barcelos
<b>Irene Salgueiro – Artesanato Certificado</b>	Rua da Gandarinha, n.º 165 4750-484 Galegos S. Martinho	253 841 313   933 175 455 irenenovalua@gmail.com artesanatoirenesalgueiro.blogspot.pt www.facebook.com/irenepereira.pereira	Rota do Figurado
<b>Irmãos “Baraça” – Artesanato Certificado</b>	Rua de Santo Amaro, n.º 464 4750-462 Galegos Sta. Maria	253 841 785 info@baraca-artesanato.pt www.baraca-artesanato.pt	Rota do Figurado
<b>Irmãos “Mistério”</b>	Rua de Santo Amaro, n.º 511 4750-462 Galegos Sta. Maria	253841227 omisterio1964@gmail.com www.artesanato-misterio.com www.facebook.com/misterio.artesanato	Rota do Figurado

<b>J. J. Salgueiro, Lda.</b>	Largo de S. João, n.º 36 4750-463 Galegos Sta. Maria	253 841 154   938 411 545 jjsalgueiro@mail.telepac.pt	Rota da olaria Louça Utilitária e Decorativa
<b>Jaime da Silva Barbosa</b>	Rua da Fonte, n.º 213 4750-512 Lama BCL	253 841 920 jsbceramica@sapo.pt   www.ceramicabarbosa.com	Rota da olaria Louça de Barcelos
<b>João da Cunha Alonso</b>	Rua do Largo do Souto, n.º 84 4750-472 Galegos Sta. Maria	961 202 410   917 785 809	Rota da olaria Louça Preta
<b>João Gonçalves Ferreira (Artesanato Certificado) &amp; Luísa Melo</b>	Rua da Senhora das Candeias, n.º 63 4750-463 Galegos Sta. Maria	253 847 022   933 210 877   964 672 443 joao.g.ferreira@sapo.pt www.facebook.com/joao.g.ferreira.94	Rota do Figurado
<b>João Vasconcelos do Vale, Lda.</b>	Rua S. Vicente, n.º 1822 4750-247 Areias BCL	253 849 120   919 765 895 joelvale@joelvale.pt   www.joelvale.pt	Rota da olaria Louça de Barcelos
<b>João Veiga</b>	Largo de Trás da Fonte, n.º 42 4750-673 Manhente	916088629 arte.jveiga@gmail.com	Rota do Figurado Galos de Barcelos e pintura cerâmica
<b>Joaquim Ferreira Esteves</b>	Travessa Monsenhor Domingos José de Sousa, n.º 58 4750-242 Areias BCL	933708160 esteves_joaquim@hotmail.com www.estevescaricaturas.com www.facebook.com/joaquim.esteves.96	Rota do Figurado Caricaturismo
<b>Joaquim Gonçalves Pinto</b>	Travessa da Cova, n.º 54 4750-482 Galegos S. Martinho	253 842 461   914 231 986 porcelanas@hotmail.com	Rota da olaria Artigos religiosos
<b>José Carlos Sousa Vilas Boas</b>	Rua Imaculada Conceição, n.º 271 4750-485 Galegos S. Martinho	253842057 jcsvbgandinha@gmail.com	Rota do Figurado
<b>Júlia Côta – Artesanato Certificado</b>	Rua Júlia Côta, n.º 76 4750-559 Manhente	253841776 juliacotabarcelos@gmail.com www.juliacota.com www.facebook.com/pages/Julia-COTA-Artesanato	Rota do Figurado
<b>Júlia Ramalho – Artesanato Certificado</b>	Rua Júlia Ramalho, n.º 51 4750-484 Galegos S. Martinho	253 841 520   936 504 426 juliaramalho.artesanato@gmail.com	Rota do Figurado
<b>Júlio Alonso – Artesanato Certificado</b>	Rua de Souto de Oleiros, n.º 45 4750-465 Galegos Sta. Maria	253 841 383	Rota da olaria Louça Preta
<b>Laurinda “Pias”</b>	Rua das Penelas, n.º 169 4750-470 Galegos Sta. Maria	253 774 225   966 241 103	Rota do Figurado
<b>Luís Gonzaga Esteves Duarte Coelho – Artesanato Certificado</b>	Rua Imaculada Conceição, n.º 271 4750-485 Galegos S. Martinho	253842057	Rota do Figurado

<b>Manuel Barbeiro</b>	Rua da Portela, n.º 126 4750-471 Galegos Sta. Maria	253 842 895   919 654 620	Rota do Figurado
<b>Manuel Brás Fernandes</b>	Terreiro do Paço, n.º 40 4750-583 Oliveira BCL	253843896	Rota da olaria Louça Grossa
<b>Manuel Fernandes “Pindalho”</b>	Rua do Oleiro, n.º 551 4750-242 Areias BCL	253843162	Rota da olaria Louça de Barcelos
<b>Manuel Gonçalves Macedo – Artesanato Certificado</b>	Travessa da Senhora do Bom Sucesso, n.º 133 4750-462 Galegos Sta. Maria	253 841 744   934 153 948   934 071 699 m.macedoartesaohotmail.com www.facebook.com/mmacedoartesaohotmail.com	Rota do Figurado
<b>Margarida Dantas</b>	Rua de Penide 4750-246 Areias BCL	926176789 hernanidantas66@gmail.com	Rota da olaria Louça Grossa
<b>Maria da Conceição Faria Dias</b>	Rua de Penelas, n.º 214 4750-494 Galegos S. Martinho	253 841 045   961 533 224	Rota do Figurado
<b>Maria de Lourdes Duarte Ferreira – Artesanato Certificado</b>	Travessa da Telheira, n.º 16 4750-489 Galegos S. Martinho	933633396	Rota do Figurado
<b>Maria dos Anjos Coelho Dias</b>	Rua de Santa Marinha, n.º 108 4750-482 Galegos S. Martinho	965120390 mariadiasimoes@hotmail.com www.facebook.com/mariadiasimoes	Rota do Figurado
<b>Maria dos Anjos Esteves Coelho</b>	Rua de Santo Amaro, n.º 31 4750-462 Galegos Sta. Maria	253 842 849   963 080 748	Rota do Figurado
<b>Maria Helena Pedro da Silva – Artesanato Certificado</b>	Rua Rosa Côta, n.º 30 4750-494 Galegos S. Martinho	253 842 562   969 613 646 helenapedrosilvahotmail.com artesanatogalosdebarcelos.blogspot.pt	Rota do Figurado Galos de Barcelos e pintura cerâmica
<b>Maria Isabel Lopes da Costa</b>	Rua do Olival, n.º 53 4750-467 Galegos Sta. Maria	253843692	
<b>Mário José Pimenta Coutinho – Artesanato Certificado</b>	Bairro 1º de Maio – Rua Principal, n.º 19 – B 4750-101 Arcozelo BCL	937321066 mariocoutinho1965@gmail.com www.facebook.com/mario.coutinho.581	Rota do Figurado Galos de Barcelos e pintura cerâmica
<b>Mina Gallos</b>	Rua da Roxa, n.º 197 4750-486 Galegos S. Martinho	253 847 605   938 438 222 felismina.faria@hotmail.com www.facebook.com/minagallos	Rota do Figurado
<b>Nelson Oliveira – Artesanato Certificado</b>	Rua do Sargento-Mor de Vilar, n.º 175 4755-041 Areias de Vilar	934509354 geral@nelson-oliveira.com www.nelson-oliveira.com www.facebook.com/nelsonoliveiraartesaohotmail.com	Rota do Figurado

<b>Norterra - Norte Terracota, Lda.</b>	Rua Nossa Senhora do Facho, n.º 484 4750-521 Lama BCL	253 843 490   937 959 430 norterra.mail@sapo.pt www.norterra.mail@sapo.pt	Rota da olaria Louça Utilitária e Decorativa
<b>Nuno Pires</b>	Rua Monte do Picoto, n.º 68 4755-269 Macieira de Rates	964583303 peraverde.projectosartisticos@gmail.com	Rota do Figurado
<b>Olaria Braz – Artesanato Certificado</b>	Avenida da Banda Musical, n.º 317 4750-592 Oliveira BCL	253 841 897   966 147 728 olariabraz@hotmail.com	Rota da olaria Louça Grossa
<b>Olaria J.V.S., Lda.</b>	Rua Padre Castilho, n.º 245 4750-245 Areias BCL	968037047 olariajvs@sapo.pt www.facebook.com/olariajvs.ceramica	Rota da olaria Louça Utilitária e Decorativa
<b>Olaria João Lourenço</b>	Rua do Calvo, n.º 10 4750-591 Oliveira BCL	963748526 olarialourenco@gmail.com www.facebook.com/joao.lou	Rota da olaria Louça Grossa
<b>Olaria Malheiro &amp; Costa, Lda.</b>	Rua da Torre, n.º 217 4750-773 Ucha BCL	253842682 olariamalheiro@gmail.com	Rota da olaria Louça Grossa
<b>Paulis - Olaria, Lda.</b>	Rua Nossa Senhora da Esperança, n.º 875 4755-415 Pousa BCL	253 912 750   939 209 207 paulisolaria@gmail.com	Rota da olaria Louça Grossa
<b>Pedro Joaquim Duarte Gonçalves</b>	Rua do Moinho da Narcisa, n.º 28 4750-491 Galegos S. Martinho	253 842 436   967 081 955 pedro.goncalves29@hotmail.com	Rota da olaria Louça Grossa
<b>Pinto &amp; Oliveira</b>	Rua de Vilarinho, n.º 150 4750-491 Galegos S. Martinho	253841236 pinto-oliveira@sapo.pt	Rota da olaria Artigos religiosos
<b>Pottery by Bruno - Bruno Dantas</b>	Rua da Mata de Azevedo, n.º 132 4750-523 Lama BCL	938184004 brunodantas@outlook.pt potterybybruno.com	Rota da olaria Louça Utilitária e Decorativa
<b>Prazeres Côta</b>	Praceta da Lagoa, n.º 27 4750-673 Manhente	253 841 857   936 366 017	Rota do Figurado
<b>Renascer – Fábrica de Cerâmica, Lda.</b>	Rua da Costa, n.º 379 4750-516 Lama BCL	253 841 088   924 434 889   914 691 568   916 319 583 renascer.ceramica@gmail.com www.renascer-ceramica.com	Rota da olaria Louça Utilitária e Decorativa
<b>Ricardo Pinheiro</b>	Rua do Valteiro, n.º 443 4755-311 Martim	939428609 ricardombp@hotmail.com	
<b>Riscocer – Cerâmica Artesanal</b>	Rua de Penide, n.º 374 4750-246 Areias BCL	253841809 riscocerceramica@sapo.pt	Rota da olaria Louça Utilitária e Decorativa
<b>Rosa Portela</b>	Rua Casal do Monte, n.º 268 4750-468 Galegos Sta. Maria	962825850	Rota do Figurado
<b>Rosália Abreu – Artesanato Certificado</b>	Rua da Fonte da Carregosa, n.º 46 4750-483 Galegos S. Martinho	253 842 486   917 824 984 empresaceramica@hotmail.com www.ceramicarosaliaabreu.com mule.com	Rota do Figurado Galos de Barcelos e pintura cerâmica
<b>Silcocer</b>	Rua da Fonte, n.º 345 4750-512 Lama BCL	253 841 304   962 423 056 info@silcocer.com www.facebook.com/silcocer	

<b>Sílvia da Costa Barbosa</b>	Rua do Outeiro, n.º 19 (Loja: Rua Elias Garcia, n.º 97   4750-144 Arcozelo BCL) 4750-461 Galegos Sta. Maria	253 817 226   911 919 393 silviadosgalos@gmail.com www.facebook.com/silvia.barbosa.777	Rota do Figurado Galos de Barcelos e pintura cerâmica
<b>Silvina Rocha</b>	Rua de S. José, n.º 143 4750-473 Galegos Sta. Maria	253842250	
<b>Socerâmica</b>	Travessa do Oleiro, n.º 37 4750-242 Areias BCL	253 841 174 geral@soceramica.pt	Rota da olaria Louça de Barcelos
<b>Telmo Macedo</b>	Rua da Senhora do Bom Sucesso, n.º 33 4750-462 Galegos Sta. Maria	253 843 747   917 678 298 telmo.lm@outlook.pt www.facebook.com/telmo.lm.macedo	Rota do Figurado
<b>Terra Mater - Olaria, Lda.</b>	Travessa Nova, n.º 2 4750-594 Oliveira BCL	253843912 terramater@mail.telepac.pt	Rota da olaria Louça Grossa
<b>Vedeta Rústica Unipessoal, Lda.</b>	Rua do Montinho, n.º 125 4750-246 Areias BCL	253 841 856   935 974 923	Rota da olaria Louça de Barcelos

*Tabela 38 - Compilação de todos os artesãos e fábricas do Concelho de Barcelos, através dos sites das Rotas da Olaria e do Figurado. Fonte: Compilação de autor*

## Apêndice D - Tabela de registo de entrega e recolha de Questionários aos artesãos de Barcelos

	Nome	Data de Entrega	Data de Recolha
Galegos S. Martinho	Alberto Pinto	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018
	António Araújo Coelho	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018 (recusou o preenchimento)
	António Ramalho	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018
	Júlia Ramalho	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018
	Carlos Alberto Coelho Dias	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018
	Maria Helena da Silva	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018
	Conceição Messias	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018
	Laurinda Pias	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018
	Domingos Ferreira Pedro	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018
	Maria de Lourdes Ferreira	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018
	Eduardo Pias e Jesus Pias	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018
	Irene Salgueiro	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018
	José Carlos Sousa Vilas Boas	5 Novembro 2018	23 Novembro 2018
	Luís Gonzaga Esteves Coelho	5 Novembro 2018	23 Novembro 2018
	Maria da Conceição Faria Dias	5 Novembro 2018	5 Novembro 2018
	Maria dos Anjos Coelho Dias	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018
Rosália Abreu	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018	
Galegos Santa Maria	Carolina "André"	6 Novembro 2018	19 Novembro 2018
	Cidália Trindade	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018
	Domingos Lopes Rocha	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018
	Fernando Morgado de Abreu	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018
	Irmãos Baraça	5 Novembro 2018	21 Novembro 2018
	Irmãos Mistério	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018
	Maria dos Anjos Esteves Coelho	5 Novembro 2018	23 Novembro 2018
	João da Cunha Alonso	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018
	João Gonçalves Ferreira	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018

	<b>Manuel Barbeiro</b>	<b>Faleceu</b>	
	<b>Manuel Gonçalves Macedo</b>	5 Novembro 2018	21 Novembro 2018
	<b>Telmo Macedo</b>	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018
	<b>Júlio Alonso</b>	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018
<b>Areias S. Vicente</b>	<b>Conceição Sapateiro</b>	19 Novembro 2018	19 Novembro 2018
	<b>Edmundo Quintas de Sousa</b>	<b>A residir em Braga</b>	
	<b>Horácio Dantas</b>	<b>Extinguiu</b>	
	<b>Joaquim Ferreira Esteves</b>	19 Novembro 2018	19 Novembro 2018
	<b>Manuel Fernandes “Pindalho”</b>	<b>Só preenche após confirmação do Museu de Olaria</b>	
<b>Areias de Vilar</b>	<b>Nelson Oliveira</b>	13 Novembro 2018	21 Novembro 2018
<b>Manhente</b>	<b>Francisco Félix</b>	21 Novembro 2018	21 Novembro 2018
	<b>Júlia Côta</b>	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018
	<b>Prazeres Côta</b>	5 Novembro 2018	19 Novembro 2018
<b>Lama</b>	<b>Humberto Carlos Leal Macedo</b>	<b>Não atendeu - 4 Tentativas - 5, 6, 13, 19 de Novembro de 2018</b>	
	<b>Jaime da Silva Barbosa</b>	6 Novembro 2018	21 Novembro 2018
<b>Pousa</b>	<b>Fernando Pereira</b>	<b>Não atendeu - 4 Tentativas - 5, 6, 13, 19 de Novembro de 2018</b>	

*Tabela 39 - Seleção dos artesãos a submeter a questionário - indicação de data de entrega e recolha do questionário. Fonte: Tabela Guia de Autor*

**Apêndice E - Tabela de ordenação de Artesão por faixa etária  
– a partir das respostas obtidas nos questionários aplicados**

Faixa Etária	Artesãos (respectiva idade à dada de recolha do questionário aplicado)
20 – 35	Telmo Macedo (26) Nelson Oliveira (33)
35 – 50	Rosália Abreu (37) Horácio Dantas (40) Domingos Pedro (45) Moisés Baraça (46) Vitor Baraça (47) António Ramalho (49)
50 – 65	Alberto Dias (51) Jesus Pias (51) Cidália Trindade (54) Irmãos Mistério (54) Maria dos Anjos (55) Conceição Messias (55) Prazeres Côta (56) José Carlos (56) Alberto Pinto (58) Irene Salgueiro (59) João Ferreira (60) Laurinda Pias (60) Joaquim Esteves (60) Eduardo Pias (61) João Alonso (63) Maria dos Anjos Coelho (64)
65 - 80	Helena Silva (66) Conceição Sapateiro (66) Manuel Macedo (69) Maria Dias (69)

	Maria de Lourdes (72) Júlia Ramalho (72) Domingos Rocha (72) Carolina “André” (73) Luís Gonzaga (78)
<b>80 – 95</b>	Júlia Côta (82) Francisco Félix (84) Júlio Alonso (90) Fernando Morgado (91)
<b>TOTAL:</b>	<b>37 + 1 Sem resposta + 1 substituído = 39</b> <b>Questionários</b>

*Tabela 40 - Tabela de ordenação dos Artesãos do Concelho de Barcelos por faixa etária.  
 Fonte: Tabela Guia de Autor*

Apêndice F – Tabela de compilação de respostas aos questionários aplicados aos artesãos Barcelenses

Tabela de registo de respostas os questionários dos Artesãos

Nº	SECÇÃO I				SECÇÃO II											SECÇÃO III																
	Idade	Local trabalho	Localização	Hab. Lit.	2. Como considera a procura da olaria em Barcelos?	3. Que tipo de olaria produz? (Poderá assinalar mais do que uma resposta)	4. Indique o processo de aprendizagem da Arte:	5. Val/Está a passar/ensinar a Arte?	Se sim, quem?	6. Possui Estatuto de Artesão?	Desde quando?	É van tajo so?	7. Possui a Carta de Unidade e Produti va Artesanal?	Desde quando?	É Van tajo so?	8. Integra alguma das Rotas de Olaria ou Figurado de Barcelos?	Se sim qual?	9. Gostaria de colaborar mais nestas Rotas?	Se sim, qual/quais?	10. Considera estas Rotas uma mais-valia para a Arte e a Cidade de Barcelos?	11. A produção mantém-se estável durante todo o ano?	12. A produção de Olaria é rentável?	13. Sente que o interesse geral na Olaria ainda se mantém?	14. Mantém-se os processos tradicionais em geral?	15. A sua produção mantém os processos tradicionais?	16. Trabalha sozinho?	17. Vai passar o seu saber a alguém?	18. Tem muita concorrência?	19. Tencio inovar os processos que usa?	20. Concorre a programas de apoio?		
Fl. Lourenço	1	72	Casa	Galapós S.T.	4	Relevo	Fig.	Auto.	Não	Sim	2014	Sim	Não						Sim	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Não
Damião P.	2	45	Casa	Galapós S.T.	6	Relevo	Fig.	Auto.	Não	Não									Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Não	
E. Pires	3	61	Casa	Galapós S.T.	6	Relevo	Dec./Fig.	Familiar	Sim	Filhos	Sim	2009	Não	Sim	2009	Não	Sim	Fig.	Sim	Figur.	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	
J. Pires	4	54	Casa	Galapós S.T.	6	Relevo	Dec./Fig.	Familiar	Sim	Filhos	Sim	2008	Sim	Sim	2002	Sim	Sim	Fig.	Sim	Figur.	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	
Luís Gonçalves José Carlos	5	38	Casa	Galapós S.T.	2	Relevo	Dec./Fig.	Familiar	Não		Sim	S/R	Não	Sim	S/R	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Não	
	6	56	Casa	Galapós S.T.	9	Relevo	Dec./Fig.	Familiar	Sim	Netos	Não	S/R	Não	Não	S/R	S/R	S/R	S/R	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	
Ramiro Aguiar	7	55	Casa	Galapós S.T.	42	Relevo	Dec./Coat	Familiar	Não		Sim	2013	Sim	Sim	2013	Sim	Sim	Outra	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Não	Sim	Não		
Alberto Pinto	8	58	Casa	Galapós S.T.	9	Relevo	Dec./Fig.	Familiar	Não		Sim	2015	Sim	Sim	S/R	S/R	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Não	Sim		
A. Ramalho	9	49	Casa	Galapós S.T.	6	Relevo	Dec./Fig.	Familiar	Não		Sim	2005	Não	Sim	2005	Não	Sim	Fig.	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	
J. Ramalho	10	72	Casa	Galapós S.T.	6	Relevo	Dec./Fig.	Familiar	Sim	Filho	Sim	1998	Não	Sim	1998	Não	Sim	Fig.	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Não	
Trina Jact.	11	59	Casa	Galapós S.T.	9	Relevo	Fig.	Familiar	Sim	Família	Sim	2002	Sim	Sim	2002	Sim	Sim	Fig.	Sim	Figur.	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	
Rosa Helena Ab. Cuncuá N.	12	37	Casa	Galapós S.T.	9	Relevo	Dec./Fig.	Familiar	Sim	Outros	Sim	2011	Sim	Sim	2011	Sim	Sim	Fig.	Sim	Todos	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	
Helena S. Cidália Trin.	13	55	Casa	Galapós S.T.	5	Relevo	Fig.	Familiar	Não	Filha	Sim	2008	Sim	Sim	2008	Sim	S/R	S/R	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	
Alberto Dias	14	60	Casa	Galapós S.T.	4	Relevo	Dec./Fig.	Familiar	Não		Sim	2005	Sim	Sim	2005	Sim	Sim	Outra	Não	Sim	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Sim	Não	Não	
Flávia Dias	15	64	Casa	Galapós S.T.	9	Relevo	Dec./Fig.	Familiar	Não		Sim	2016	Sim	Sim	2016	Sim	Sim	Fig.	Sim	Figur.	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	
Práxedes Costa	16	54	Casa	Galapós S.T.	4	Relevo	Dec./Fig.	Familiar	Não		Sim	2018	Sim	Sim	2018	Sim	Sim	Fig.	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	
Júlia Costa	17	60	Casa	Galapós S.T.	4	Relevo	Fig.	Familiar	Sim	Netos	Sim	2007	Sim	Sim	2007	Sim	Sim	Outra	Sim	Outra	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	S/R	Sim
José F. Costa	18	90	Casa	Galapós S.T.	3	Relevo	Fig.	Familiar	Não		Sim	S/R	Sim	Sim	S/R	Sim	Sim	S/R	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	
José Afonso	19	63	Casa	Galapós S.T.	S/R	Relevo	Fig.	Familiar	Sim	Filhos	Sim	2013	S/R	Sim	2013	Sim	S/R	S/R	Sim	Sim	S/R	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Dominique P.	20	72	Casa	Galapós S.T.	4	Relevo	Fig.	Familiar	Não		Não		Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Vitor Baraço	21	60	Casa	Galapós S.T.	4	Relevo	Fig.	Familiar	Sim	Afilhado	Não		Sim	1997	Sim	Não	Não	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Nelson Baraço	22	47	Casa	Galapós S.T.	9	Relevo	Fig.	Familiar	Não		Sim	1980	Sim	Sim	1980	Sim	Sim	Fig.	Sim	Outra	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Nelson Baraço	23	66	Casa	Galapós S.T.	9	Relevo	Fig.	Familiar	Não		Sim	1980	Sim	Sim	1980	Sim	Sim	Fig.	Sim	Outra	S/R	S/R	S/R	S/R	S/R	S/R	S/R	S/R	S/R	S/R	S/R	S/R
Ramiro Baraço	24	68	Casa	Galapós S.T.	9	Relevo	Fig.	Familiar	Não		Sim	S/R	Não	Não	S/R	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Flávia Baraço	25	26	Casa	Barcelos	12	Relevo	Fig.	Familiar	Não		Não		Sim	2011	S/R	Sim	Fig.	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
F. Norberto	26	91	Casa	Galapós S.T.	4	Relevo	Fig.	Familiar	Não		Sim	2006	Sim	Não		Sim	Fig.	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Rita Norberto	27	54	Casa	Galapós S.T.	9	Relevo	Fig.	Familiar	Não		Sim	2009	Sim	Sim	2009	Sim	Sim	S/R	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Condição An.	28	73	Casa	Galapós S.T.	3	Relevo	Fig.	Familiar	Não		Não		Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Hortência Baraço	29	46	Fábrica	Lameira	6	Relevo	Fig.	Familiar	Não		Sim	S/R	Sim	Sim	S/R	Sim	Sim	S/R	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Nelson Baraço	30	33	Casa	Amieiros Vilaça	12	Relevo	Fig.	Familiar	Não		Sim	S/R	Sim	Sim	S/R	Sim	Sim	Fig.	Sim	Outra	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Proquím Est.	31	60	Casa	Amieiros S.Vic.	4	Relevo	Fig./Aut.	Auto.	Sim	Formação	Não		Sim	S/R	Não	Não	Não	?	Sim	?	?	?	Não	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	
Condição Est.	32	66	Casa	Amieiros S.Vic.	9	Relevo	Fig.	Familiar	Não		Sim	S/R	Não	Sim	S/R	Não	Sim	Fig.	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	N/R	Não	Não	Não	
Francisco Félix	33	84	Casa	Flamengo	4	Relevo	Fig.	Familiar	Não		Não		Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	

Tabela 41 - Tabela de compilação de respostas aos questionários

## Apêndice G – Autorizações dos Artesãos Entrevistados individualmente (autorização de cedência de imagem e audiovisuais)

P.PORTO

ESCOLA  
SUPERIOR  
DE EDUCAÇÃO

### AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DE IMAGENS

Eu, Fátima da Rocha Fernandes de Sousa, como participante na recolha de dados relativa à "Olaria de Barcelos e a sua evolução ao longo do tempo", para o trabalho de investigação no âmbito do Relatório de Estágio a elaborar no 3º ano curricular do Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural (Escola Superior de Educação – Politécnico do Porto), declaro que autorizo a recolha de imagens fotográficas, para que as mesma possam constar no relatório suprarreferido.

Mais se acrescenta que a recolha de imagens efetuada terá única e exclusivamente fins de investigação científica, não sendo usadas para mais nenhum fim que não o referido.

Barcelos, 11 de fevereiro de 2019

O Artesão:

+ F.R.G.

A Mestranda

Fátima Daniela Fernandes de Sousa



Sandra Paula de Sousa

## AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DE IMAGENS VÍDEO

Eu, Júlia da Rocha Fernandes de Sousa como participante na recolha de dados relativa à "Olaria de Barcelos e a sua evolução ao longo do tempo", para o trabalho de investigação no âmbito do Relatório de Estágio a elaborar no 3º ano curricular do Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural (Escola Superior de Educação – Politécnico do Porto), declaro que autorizo a entrevista e recolha de imagens em formato vídeo, para que as mesma possam constar no relatório suprarreferido como complemento audiovisual.

Mais se acrescenta que a recolha de imagens efetuada terá única e exclusivamente fins de investigação científica, não sendo usadas para mais nenhum fim que não o referido.

Barcelos, 11 de Fevereira de 2019

O Artesão:

x J.G.

A Mestranda

Patrícia Almeida de Sousa Cardoso



Seregiu Eduardo Rebelo

## AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DE IMAGENS

Eu, Maria da Conceição Alves Fernandes (Conceição Sapateiro) como participante na recolha de dados relativa à "Olaria de Barcelos e a sua evolução ao longo do tempo", para o trabalho de investigação no âmbito do Relatório de Estágio a elaborar no 3º ano curricular do Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural (Escola Superior de Educação – Politécnico do Porto), declaro que autorizo a recolha de imagens fotográficas, para que as mesma possam constar no relatório suprarreferido.

Mais se acrescenta que a recolha de imagens efetuada terá única e exclusivamente fins de investigação científica, não sendo usadas para mais nenhum fim que não o referido.

Barcelos, 11 de Setembro de 2019

O Artesão:

Maria da Conceição Alves Fernandes

A Mestranda

Rita Daniela Loureiro Caudari



Sergio Paulo de Almeida

## AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DE IMAGENS VÍDEO

Eu, Maria da Conceição Alves Fernandes (Conceição Sapateiro) como participante na recolha de dados relativa à "Olaria de Barcelos e a sua evolução ao longo do tempo", para o trabalho de investigação no âmbito do Relatório de Estágio a elaborar no 3º ano curricular do Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural (Escola Superior de Educação – Politécnico do Porto), declaro que autorizo a entrevista e recolha de imagens em formato vídeo, para que as mesmas possam constar no relatório suprarreferido como complemento audiovisual.

Mais se acrescenta que a recolha de imagens efetuada terá única e exclusivamente fins de investigação científica, não sendo usadas para mais nenhum fim que não o referido.

Barcelos, 11 de Janeiro de 2019


O Artesão:

Maria da Conceição Alves Fernandes

A Mestranda

Maria da Conceição Alves Fernandes

Sergio Augusto Rebelo



## AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DE IMAGENS

Eu, Jose Alberto Gonçalves Pinto, como participante na recolha de dados relativa à "Olaria de Barcelos e a sua evolução ao longo do tempo", para o trabalho de investigação no âmbito do Relatório de Estágio a elaborar no 3º ano curricular do Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural (Escola Superior de Educação – Politécnico do Porto), declaro que autorizo a recolha de imagens fotográficas, para que as mesma possam constar no relatório suprarreferido.

Mais se acrescenta que a recolha de imagens efetuada terá única e exclusivamente fins de investigação científica, não sendo usadas para mais nenhum fim que não o referido.

Barcelos, 12 de Fevereiro de 2019

O Artesão:

Jose Alberto Gonçalves Pinto

A Mestranda

Rita Daniela Loureiro Cavaleiro

Sergio Carlos



## AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DE IMAGENS VÍDEO

Eu, Jose Alberto Gonçalves Pinto como participante na recolha de dados relativa à "Olaria de Barcelos e a sua evolução ao longo do tempo", para o trabalho de investigação no âmbito do Relatório de Estágio a elaborar no 3º ano curricular do Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural (Escola Superior de Educação – Politécnico do Porto), declaro que autorizo a entrevista e recolha de imagens em formato vídeo, para que as mesma possam constar no relatório suprarreferido como complemento audiovisual.

Mais se acrescenta que a recolha de imagens efetuada terá única e exclusivamente fins de investigação científica, não sendo usadas para mais nenhum fim que não o referido.


Barcelos, 12 de fevereiro de 2019

O Artesão:

Jose Alberto Gonçalves Pinto

A Mestranda

Patrícia Gonçalves Brito  
Sergio Augusto Rebelo



## AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DE IMAGENS

Eu, Nelson Manuel Ferreira Oliveira, como participante na recolha de dados relativa à "Olaria de Barcelos e a sua evolução ao longo do tempo", para o trabalho de investigação no âmbito do Relatório de Estágio a elaborar no 3º ano curricular do Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural (Escola Superior de Educação – Politécnico do Porto), declaro que autorizo a recolha de imagens fotográficas, para que as mesma possam constar no relatório suprarreferido.

Mais se acrescenta que a recolha de imagens efetuada terá única e exclusivamente fins de investigação científica, não sendo usadas para mais nenhum fim que não o referido.

Barcelos, 13 de Junho de 2019

O Artesão:

Nelson Manuel F. Oliveira

A Mestranda

Rita Daniela Loureiro Cavaleiro

Serafim Augusto



## AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DE IMAGENS VÍDEO

Eu, Nelson Manuel Ferreira Oliveira, como participante na recolha de dados relativa à "Olaria de Barcelos e a sua evolução ao longo do tempo", para o trabalho de investigação no âmbito do Relatório de Estágio a elaborar no 3º ano curricular do Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural (Escola Superior de Educação – Politécnico do Porto), declaro que autorizo a entrevista e recolha de imagens em formato vídeo, para que as mesma possam constar no relatório suprarreferido como complemento audiovisual.

Mais se acrescenta que a recolha de imagens efetuada terá única e exclusivamente fins de investigação científica, não sendo usadas para mais nenhum fim que não o referido.

Barcelos, 13 de Fevereiro de 2019


O Artesão:

Nelson Manuel F. Oliveira

A Mestranda

Liliana Gonçalves Pereira Cardoso

Sergio Augusto Rebelo



## AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DE IMAGENS

Eu, Luísa de Lencques Duarte Ferreira, como participante na recolha de dados relativa à "Olaria de Barcelos e a sua evolução ao longo do tempo", para o trabalho de investigação no âmbito do Relatório de Estágio a elaborar no 3º ano curricular do Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural (Escola Superior de Educação – Politécnico do Porto), declaro que autorizo a recolha de imagens fotográficas, para que as mesma possam constar no relatório suprarreferido.

Mais se acrescenta que a recolha de imagens efetuada terá única e exclusivamente fins de investigação científica, não sendo usadas para mais nenhum fim que não o referido.

Barcelos, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019

O Artesão:

Luísa de Lencques Duarte Ferreira

A Mestranda

Luísa Daniela Lourenço Cardoso

Sergio Lourenço Cardoso



## AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DE IMAGENS VÍDEO

Eu, Nádia de Lourdes Duarte Ferreira, como participante na recolha de dados relativa à "Olaria de Barcelos e a sua evolução ao longo do tempo", para o trabalho de investigação no âmbito do Relatório de Estágio a elaborar no 3º ano curricular do Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural (Escola Superior de Educação – Politécnico do Porto), declaro que autorizo a entrevista e recolha de imagens em formato vídeo, para que as mesma possam constar no relatório suprarreferido como complemento audiovisual.

Mais se acrescenta que a recolha de imagens efetuada terá única e exclusivamente fins de investigação científica, não sendo usadas para mais nenhum fim que não o referido.

Barcelos, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019


O Artesão:

Nádia de Lourdes Duarte Ferreira

A Mestranda

Patrícia Duarte Duarte

Sergio Augusto Rebelo



## AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DE IMAGENS

Eu, António Manuel da Mata Ferreira, como participante na recolha de dados relativa à "Olaria de Barcelos e a sua evolução ao longo do tempo", para o trabalho de investigação no âmbito do Relatório de Estágio a elaborar no 3º ano curricular do Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural (Escola Superior de Educação – Politécnico do Porto), declaro que autorizo a recolha de imagens fotográficas, para que as mesma possam constar no relatório suprarreferido.

Mais se acrescenta que a recolha de imagens efetuada terá única e exclusivamente fins de investigação científica, não sendo usadas para mais nenhum fim que não o referido.

Barcelos, 14 de Junho de 2019

O Artesão:

António Manuel da Mata Ferreira

A Mestranda

Patrícia Luísa Araújo

Serafim António da Costa



## AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DE IMAGENS VÍDEO

7

Eu, António Manuel da Costa Ferreira, como participante na recolha de dados relativa à "Olaria de Barcelos e a sua evolução ao longo do tempo", para o trabalho de investigação no âmbito do Relatório de Estágio a elaborar no 3º ano curricular do Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural (Escola Superior de Educação – Politécnico do Porto), declaro que autorizo a entrevista e recolha de imagens em formato vídeo, para que as mesmas possam constar no relatório suprarreferido como complemento audiovisual.

Mais se acrescenta que a recolha de imagens efetuada terá única e exclusivamente fins de investigação científica, não sendo usadas para mais nenhum fim que não o referido.

Barcelos, 18 de Fevereiro de 2019

O Artesão:

António Manuel da Costa Ferreira

A Mestranda

Cristina Domingos Oliveira Cardoso

Sergio Augusto Coelho



**Apêndice H – folha de presença em entrevista (com indicação de horas e datas a cumprir)**

ENTREVISTA A ARTESÃOS BARCELENSES – FOLHA DE REGISTO

	Artêsão	Data da entrevista e hora marcadas	Data e hora da realizaçãõ	Assinatura do artesãõ
1	Pitã Gã	Data: <u>11 / 02 / 2019</u> Hora: <u>14 h 00</u>	Data: <u>11 / 02 / 2019</u> Hora: <u>14 h 19</u>	Y.G
2	Coceicã Sepãkeho	Data: <u>11 / 02 / 2019</u> Hora: <u>17 h 00</u>	Data: <u>11 / 02 / 2019</u> Hora: <u>16 h 45</u>	Coceicã Sepãkeho
3	Albento Pireto	Data: <u>12 / 02 / 2019</u> Hora: <u>14 h 00</u>	Data: <u>12 / 02 / 2019</u> Hora: <u>14 h 15</u>	A.st
4	Nelsãe Ohoẽina	Data: <u>13 / 02 / 2019</u> Hora: <u>14 h 00</u>	Data: <u>13 / 02 / 2019</u> Hora: <u>14 h 25</u>	N
5	Mãã de Lãudes Pãnnãe	Data: <u>16 / 02 / 2019</u> Hora: <u>16 h 00</u>	Data: <u>16 / 02 / 2019</u> Hora: <u>16 h 20</u>	Soceicã
6	Antãnio Fãnnãlho	Data: <u>18 / 02 / 2019</u> Hora: <u>15 h 30</u>	Data: <u>18 / 02 / 2019</u> Hora: <u>15 h 50</u>	Antãnio Fãnnãlho

Tabela 42 - Registo de entrevista a Artesãos

## Apêndice I – Transcrição de Entrevistas

### ENTREVISTA JÚLIA CÔTA

*Júlia da Rocha Fernandes de Sousa ou Júlia Côtá nasceu no ano de 1935 e é uma das mais conceituadas mestres barristas Barcelenses. Aprendeu o ofício com os seus pais e trabalhou com eles durante parte da sua vida. Mãe de sete filhos orgulha-se se ver a sua filha Prazeres Côtá a seguir os seus ensinamentos e a trabalhar o barro. É conhecida pelas suas famosas bonecas com brincos e cores vibrantes. Aderiu ao processo de certificação do artesanato e do Figurado de Barcelos. Das artesãs e artesãos do presente estudo é a única que não possui qualquer habilitação literária – assina J.C. e explica que o faz porque uma professora a ensinara.*



*Imagem 24 - Júlia Côtá (em entrevista). Fotografia de Cátia Daniela Cardoso*

## **C- Cátia Daniela Longras Cardoso | JC – Júlia Côta**

### **C- Há quanto tempo exerce o ofício?**

JC – oh filhinha, já é há muitos anos, já é há muitos anos porque os meus pais sempre trabalharam nisto e nós “era-nos” oito irmãos, também que a minha mãe tinha 8 filhos e de 8 irmãos, de oito filhos que a minha mãe tinha quem aprendeu a trabalhar nisto fui só eu, porquê? “Prontos” eles trabalhavam nisto mas quando eram maiores de idade, cada um seguiu o seu destino e eu fiz igual “num é”? mas sempre trabalhei c’os meus pais, sempre trabalhei c’os meus pais porque eu morava pertinho deles e então “despois” de me casar, o meu falecido “home”, a minha falecida mãe dizia assim: oh rapariga ... eu andei um ano a trabalhar pra fábrica, ia lá buscar um tabuleiro de galos, trazia pra casa, “pintá-vos”, quando tivesse aquele tabuleiro pronto, pintado, ia levar à fábrica e trazia outro, acontece que passava à porta dos meus pais, na casinha “donde’eu” morava, depois d’eu ser casada, mas sempre trabalhei com eles, “surteira” e “continuei”... (Ai). O meu falecido pai e a minha mãe “virum” qu’eu sabia tão’bem trabalhar nisto, um dia qualquer “chamaru-me” lá e disseram-me assim: (Nunca me esquece estas palavras) oh rapariga podias trabalhar aqui “cunós”, porque eu passava todos os dias à porta deles, “cu” tabuleiro da louça à cabeça, “quia” levar um e trazia outro, podias trabalhar aqui “qua’gente”, porque já era eu quase das últimas a ser casada, d’oito (filh..) irmãos que tinha, e eu disse assim: “tá bem” pai ... vou falar “cu” meu “home” e o qu’ele disser vou fazer. Eu falei “cu” meu marido e diz-me ele assim pra mim: oh mulher o que tu fizeres está bem feito! Olhe menina, abençoada hora quando eu tomei conta desse modo de vida, quando eu levei os primeiros cem escudos “imbora”, já me deu ... eu ganhava a sete testões à hora mas o meu pai e a minha mãe “virum” qu’eu’que sabia trabalhar tão bem, “dobarro-me” o dinheiro – em vez de sete testões, três escudos. (Ai). Na primeira “sumana” qu’eu levei cem escudos “imbora”, s’eu tinha gosto a trabalhar nisto “atão” é qu’eu “aganhei vontade” porquê? Porque olhe, já fui à mercearia, já “cumprei” arroz, já

“cumprei” açúcar, já “cumprei” bacalhau... de tudo pra passar a “sumana” toda, “quaquêles” cem escudos... e daí s’eu tinha “vuntade” de trabalhar nisto “atão” é qu’eu ganhei mais “vuntade” porquê? Porque aqueles cem escudos já “derum” pra tudo e portanto “continuei”, tou muito “cuntente qu’aquilo c’aprendi cus meus pais” e só posso agradecer “ós” meus pais, mas eu também tinha vocação pra isso, porque nunca fui preguiçosa, fui sempre uma mulher também de olhar “pru’a” minha vida e gostaba de ajudar o meu marido naquilo qu’eu pudesse, criei os meus filhos, tenho sete, criei-os todos dentro de casa... mas trabalhei sempre. Fazia a vida de casa toda, cozinhaba, lababa, tudo que nem habia máquinas de labar nem nada, era num tanque qu’eu lababa a roupa... e olhe filhinha, mas criei-os a todos, num deixei morrer nenhum e d’ái “continuei”, depois os meus pais “virum” qu’eu que sabia “tão’bem” trabalhar “cu’eles”, “qué’queles” fizeram... (Ai) “dêru-me suciadade”, “qué’sé” dizer – s’eles “bendesse”, um hipótese, três contos de louça “erum” dois pra eles e um pra mim – quando eu “arrecebi” esses mil escudos, q’alegria, que festa... e o meu marido então dizia-me assim: oh mulher, “cuntinua, cuntinua” – “qué’sé dizer” eu ainda cheguei a ganhar mais dinheiro “d’q’ele”, e eu se... gostaba mesmo disto, gostaba e gosto senão já tinha deixado “num’é”?! Já trabalhei “munto”, da idade de “novi’anos” a estragar barro, porque (naqué)... “cum novi’anos cuncerteza num fazia” nada que s’aproveitasse, mas olhe menina, tenho muito gosto nisto que faço, muito, tenho muitas saudades do meu pai e da minha mãe, sou neta de quem fiz o primeiro galo qu’existeu em Barcelos “cu’muito orgulho”, qu’era o pai a minha mãe, a seguir “er’os” meus pais – também “fizerum” galos de metro e meio d’altura cada um (Ai), nós prós pintar metíamos o galo dentro dum moicho – “chamavo-se estes moichos, q’erums” bancos cum quatro pernas, birabamos o moicho cu’as pernas pra cima, metíamos o galo lá dentro, onde nós pintábamos o galo – mas olhe menina, nem habia dinheiro pra pincéis, nem pra tintas nem pra nada, qué’que nós arranjabamos pros pincéis?! “Acaçabamos” um gato, cortávamos um bocadinho de pêlo do rabo, num era o gato, do pêlo do rabo, atábamos num pauzinho c’uma linha e assim pintábamos os galos... hoje graças a deus, há

dinheiro pra comprar pincéis a 5 “euros” cada um, cada pincel, a 10, a 5, a 3 e há dinheiro pra tudo e d’antes num habia dinheiro pra nada, foi fome de cão e trabalhava tanto como trabalho agora ma’num tínhamos dinheiro pra nada. Por isso menina, foi quando eu ganhei gosto de saber que trabalhava mas que tinha dinheiro pra’quilo que me fazia “faurta” e por isso é que eu “continuei”, era-nos oito irmão e foi eu a única qu’aprendi.

**C- Entretanto eu ia perguntar-lhe como é que chegou a isto do barro e como é que foi crescendo nesta área mas também já me foi respondendo à medida que me ia contando estas histórias dos pais e dos avós, portanto aquilo que eu tenho para lhe perguntar agora é um bocadinho diferente... que materiais usa, de onde é que os materiais vêm hoje e como é que isto era antigamente? De onde vinha o barro? (...) Se ainda se lembra da extracção do barro, de tratar o barro, se se lembra dessas coisas e como é que se fazia?**

JC – Olha mor, o barro era daqui da freguesia donde eu vivo, que a freguesia de Manhente, habia ali umas barreiras grandes numa bouça, qu’agora hoje estão arrasadas e tirabam ali o barro... o barro (era...) saía à “sacholada”, c’uma sachola, eles, naquelas barreiras tirab’os barros. O São Miguel dos meus pais o qui’era?! Era dez carros de barro, dez... era o san’miguel deles. Nós amassávamos (no inverno...) no verão pa ter d’inverno, porquê? Porque d’inverno caía tanta neve e tanta chuva qu’agente via-se às aranhas pra ter barro pa trabalhar d’verão e “atão” os meus pais era o san’miguel deles era o barro. Qué’que nós fazia-nos dois carros, dois, três... de cada vez picabamos todos c’uma foice “ós bocadinhos”, butabamos, chamabamos nós num aloque, qu’era (de...) feito im pedra, redondo, chamaba-nos uma junta de bois, amassávamos o barro e nós andávamos atrás dos bois a pegar... a tapar as pegadas “cu’gado” fazia – às vezes as pegadas cheias de neve e nós a “caurcar” aquilo tudo, olhe qu’eu digo-le menina, quando me lembra isso... olhe filhinha (era uma...) foi uma tristeza, hoje graças a deus, há máquinas pra tudo, já hoje compro, também a cheguei a amassar muito cu’gado aqui na minha casa (Ai), há dinheiro pra “cumprar” o barro também já pronto, bem pronto a nós

trabalhar-nos “cu’ele” que foi uma grande coisa que se fiz, foi as máquinas pr’amassar o barro, que dantes era munto duro, munto, munto, munto. Quando os bois precisabo de fazer a vida deles, imagine, pr’aquilo num cair no barro, qué’que nós fazia-nos – punha-nos assim as mãos a... (Ai) “comé’queide” dizer, assim as mãos e os bois a fazer a (vi..) a necessidade deles e nós a parar c’uas mãos pa botar fora, pa num cair no barro... imagine, era duro, duro, duro até mai não. Quando me “disserum” que “habium” máquinas pr’amassar o barro, teja calada, foi um’alegria, uma festa que Deus me libre e olhe filhinha, gosto muito do que faço, tenho uma paixon por barro que deus me libre, no me sinto bem na mesa do trabalho, tenho muntas saudades da minha mãe, muitas, e do meu pai, muitas, muitas nem se discute... também já spu viúva há 23 anos mas também tenho muita tristeza cu’isso porqu’olhe, é o nosso chefe de família, o pai, era o pai dos meus filhos, nunca mais quis home nenhum, nem quero, na minha vida, tenho muntos netinhos, 20 e tal netos, 13 bisnetos, 13 bisnetinhos já sei bem o qué vida, já sei bem o qué mundo, portanto sou satisfeita de tudo. Acontece que gosto munto de trabalhar, gosto munto de estar co’barro nas mãos que tou sempre qu’a minha mãe na minha cabeça e o meu falecido pai, muito, agradece-le a eles tudo que sei fazer porq’a minha mãe era munto trabalhadeira “tamem”, sentaba-se por’a manhã ó mei dia, do mei dia à noite sempre sentadinha à beira duma lareira, destas lareiras antigas, nós punha-nos tábuas e barro à beira dela, ela inchia aquelas tábuas todas, da louça que fazia (Ai) e nós cuzia-nos todas as “sumanas” pra quê? Pra ir-nos bender à quinta-feira, andaba-nos um hora, hora e meia de caminho, da casa dos meus pais até Barcelos pra bender a louça alí, a dois testões, a três testões, oh filhinha... eu quando me lembra isso, num queira saber, fico doente, muito, muito, muito, muito, olhe’qu’eu se fosse a dizer a minha vida de prencípio até fim dava... dava... dava um missal, um missal – e como eu os meus irmãos tamem num é?! Mas olhe, tudo se passou, tudo se criou, num deixamos morrer ninguém à fome nem à sede, nem ó frio graças a deus e olhe... tudo se criou... prontos e daí se continua, eu a trabalhar sempre, no meu modo de vida, gosto muito, tenho mesmo amor às peças que faço, tudo me pergunta o qué’qu’eu

gosto mais... gosto de tudo senão num fazia, é aurminhas, é bois, é juntas de bois, é matança do porco, é os galos com'ós meus avós fazium e os pais, ah... enfim, olhe as bonecas, presépios do qu'eu gosto mais de tudo, eu faço de tudo, mas d'qu'eu gosto mais sem dúvida é as bonecas, adoro-as, vendo-as muito bem, sei fazê-las muito bem, sei pintá-las muito bem e gosto muito daquilo que faço, tenho mesmo amor às minha peças.

**C – Também á me disse que ia para a feira vender essas peças que fazia (...) ainda muito jovem, atualmente, portanto de hoje em dia, de onde é que vem o barro, qual é a origem dele, de onde é que ele vem... e onde vende as peças que produz?**

JC – Já tudo me conhece, olhe filhinha... (duas) três coisas qu'eu num gosto que me chame “é nem ladra, desculpe o termo, nem puta, nem mentirosa”, digo aquilo que sinto do fundo meu coração, num há ninguém que me diga o cuntrário qu'eu sei certeza qu'estou a falar verdade, num digo uma coisa da boca e guardo outra no coração, é mentira, digo aquilo que sinto do fundo do meu coração, num sou impostora, digo aquilo que sinto e portanto filhinha olhe, q'ando vou fazer a feira de Pumbale, é co'uma família qu'eu tenho lá, é co'uma família, me recebe-me alí que nem que fosse o Cristiano Ronaldo, arecebe-me alí, aquilo cai-me tão bem, tão bem qu'eu num consigo dizer que não lá vou, que não vou lá... é Pumbale, é Coimbra, é Lisboa na feira de... na FIL, só que na Fil este ano num fui porque num pude, num tinha louça. Mas as pessoas já me conhece tão bem, que bem aqui a minha casa e bendo muito bem aqui im casa, muito bem, eu até (prec...) num precisava d'ir, de sair da minha casa pra fora pra bender as minhas peças mas como eu tenho prazer das pessoas que m'arrecebe tão bem, tamem num le qu'ira dizer que não, tamem gosto d'ir e tamem espalho um bocadinho.

**C – Há quantos anos é que trabalha neste cantinho?**

JC – Ai filhinha, já praí há trinta... já praí há trinta'ianos, já estou (...) olhe trinta, trinta e cinco anos sempre no memo cantinho, o cobêrto lá trás é muito frio, foi a nossa Câmara que mo ajudou a fazer que tinha tudo a tempo, e'ro forno da louça, num pode apanhar chuva mas tinha o forno de louça à chuva, tinha tudo, ui a nossa Câmara pra mim, olhe é o numaro 1, prontos, tanto comós que saíram comó'qu'está la agora pra mim é cu'ma meus pais, é sim senhor, gosto muito do Presidente da Câmara, muito, nem se discuti, muito e olhe num tenho queixa de ninguém, prontos – arrecebe-me alí como se fosse uma princesa, eu num sou nada, num é filhinha?!, eu até me sinto assim, olhe num sei como lh'ei-de dizer, até num me sinto assim à vuntade porque acho qu'as pessoas me faz mais qu'aquilo qu'eu mercia, tá-me'a compreender?!, pusero-me aqui na rua, rua, o meu nome na rua, Rua Júlia Côta, enfim olhe filhinha, gosto muito do que faço, adoro, tou muito cuntente e portanto tudo qu'eu faço é tudo bem recebido e é tudo bem empregado

**C- Quando começou a trabalhar, ainda muito jovem, lembra-se se havia muita procura?**

JC- Sim filha, procuravo mesmo, eu nunca me esquece que via minha falecida mãe, no fim de cozer a louça, qu'era a lenha, qu'eu ainda tenho o meu tamem, era a lenha e as pessoas pedium pá minha mãe abrir a porta do forno, qu'era tapada cum tijolo e por cima cum telha, cum tijolo e a minha mãe coitadinha abria a porta e até bendia a louça, as peças consoante estabam no forno, só cozidas e eu daba um cabaco sério, mas olhe eu tamem já tenho vendido aurgumas mas as pessoas levo e depois diz-me assim: Júlia as suas peças saum pintadas, você dá um bida à louça que tamem dá à gente, saum umas... cores alegres, umas cores bonitas, olhe enfim filhinha, gosto muito de fazer mas tamem gosto munto de pintar, muito, muito. Eu dei autorizaçaum de pôr o meu diabo na casa da Moeda de Lisboa, abunçoada hora qu'eu deixei porque eu já os bendia bem mas desde que deixei essa frase o senhor foi muito meu amigo, deu-me uma medalha, e o Sr. Presidente da Câmara arrecebeu outra foi recebê-

la ao Museu de Olaria e depois eu pedia a esse senhor que pagaba o que fosse mas queria que me arranjasse uma pa cada filho, 7, e num é qu'esse senhor beio-mas oferecer prua maré do Natal ós meus filhos, ofereceu-mas a mim, eu dei ós meus filhos, adorei filhinha... e agora eu ia lubar dinheiro deixar pôr o diabo... não, não, não, nem eu tinha curage porque olhe, a minha mãe sempre m'insinou assim, uma mão lab'a outra, num é?! E as duas labo a cara, portanto quem me fizer bem eu tamem faço, só se num puder.

**C- Havia muita procura e lembra-se quem comprava?**

JC – Só quem tinha dinheiro... hoje tudo compra, eu bendo qualquer pessoa e tudo gosta e tudo me diz assim: Oh Dona Júlia eu se pudesse lebaba-le a sua louça toda num é?! Mas coitada é comé'elas diz, temos que gardar do riso pá chora, num podemos cumprir tudo que gostamos mas olhe, graças a deus, bendo muito bem, eu tenho 7 filhos, tenho a minha filha segunda que tamem trabalha muito bem nisto, ela (...) trabalhava aqui na cerâmica na Tulipa mas trabalha muito bem, muito bem, muito perfeitoinho, pinta munto bem, trabalha munto bem, tenho memo orgulho disso, mas filhinha num sei como é que, que incanto eu tiver eu vou bendendo, ela tem bendido agora umas pecinhas porque eu num tenho anda, bendi tudo pro natali, tudo, tou morta por começar a cozer e a pintar pa bender tamem, porque donde se tira e num se bota é um rais parta.

**C- Então é a sua filha que vai dar continuidade ao seu trabalho?**

JC – Se deus quiser... eu conto co'isso, Prazeres Côta.

**C - Acha que o artesanato está a cair no esquecimento?**

JC – Não, tá a envuluir cada vez mais. Eu acho qu'isto já estive parado, um bocadinho, istive, istive parado um bocadinho, num foi um bocadinho, um bocadaum mas a gente ia vivendo sempre, sabe que nos tinha-nos que fazer, era gardar do riso pá chora, fazia-nos comás formigas, trabalhar de inverno e gardar pó v'irão, ou, desculpe, trabalhar de v'irão e gardar po inverno.

## ENTREVISTA CONCEIÇÃO SAPATEIRO

*Maria da Conceição Alves Fernandes ou Conceição Sapateiro deve o seu nome ao seu pai que era sapateiro de profissão. A sua mãe trabalhava o barro e foi a grande influência de Conceição Sapateiro.*

*Nasceu em Março de 1952 e é natural da freguesia de Galegos Santa Maria, no entanto é em Areias S.Vicente que tem a sua casa e o seu local de trabalho. Após um longo percurso de trabalho em porcelana, incluindo no estrangeiro, regressou a Portugal e dedicou-se à arte do Figurado. Conta com a ajuda do seu Marido na pintura de peças e os filhos também a ajudam ocasionalmente. Faz parte do conjunto de artistas que aderiram à certificação do Figurado de Barcelos.*



*Imagem 25 - Conceição Sapateiro (em entrevista). Fotografia por Cátia Daniela Cardoso*

## **C- Cátia Daniela Longras Cardoso! CS – Conceição Sapateiro**

### **C – Há quanto tempo exerce o ofício ou trabalha no barro?**

CS – Nasci no barro!, queres mais? (...) Nasci no barro (entre risos)

### **C – Nasceu mesmo?**

CS – Não nasci... ao lado, porque antigamente era tudo munto junto, a mesa do trabalho, a cozinha, nós temos alí a cozinha mas antigamente a cozinha era por exemplo alí e aqui trabalhava-se e os berços eram ao lado, nem te faço o resumo da história...

### **C - E a primeira memória que tem ligada ao barro?**

CS – Era aprender a fazer as pitinhas, aquelas que “assobiabo” e a minha mãe punha-nos a redor dela, que nós somos 11 irmãos vivos, e punha-nos ao redor dela e os berços, no colo quando a gente, com um pé a embalar aquele bercinho (tenho ali um) (risos)... e era assim, e agente não saía pra fazer, não ia pros vizinhos pra fazer mal porque assim “távamos” à beira da mãe e quando os vizinhos eram tantos como outros quantos, quando brincássemos era uma festa, era, ainda hoje nos damos bem porque eu estou aqui mas se eu telefono estão sempre à espera que eu telefone ou que eu vá lá ou elas vir aqui, não vem porque não tem carro. É assim...

### **C- Mas é tudo muito familiar?**

CS – É, ainda eu não sou daqui, eu não sou daqui, eu sou natural de Galegos Santa Maria e vim praqui, num estou triste, tou bem mas alí é onde a gente nasce é outra coisa.

### **C - E dizem que quem nasce por aí, nasce no barro!**

CS – Pronto... eu digo que é debaixo que floresce a arte, que não faz falta nem universidade, nem diplomas nem nada, agora é que nos querem pôr diplomas

pra tudo, cartões pra tudo, cartões pra tudo e às vezes até m'aborrece. (...) Parece que está tudo pra'parte, num gosto.

**C – Quais são os materiais que usa?**

CS – Os materiais que uso, olha: as minhas mãos, o que tu vêes aqui, olha – palheta, faquinha, pincel, unheiro, a pasta, o rolete para me apoiar, para não estar nas mão que assim eu sinto-me mais prote... (...) do que estar co'peso, qué'pra num inchar daqui e num desinchar dali (apontando para os braços), pronto, tou melhor assim

**C- A sua pasta – qual a sua origem?**

CS – Eu compro-a, num te vou dizer onde compro porque num faz falta... eu tenho-a, mas sei que vem da “Limoge”, num te vou dizer qué daqui, qué daqui, que num é, porque tá aqui a prova posso-te mostrar os rolos, só que peço, trazem-na e peço e munto, e santas páscoas enquanto ma'arranjam, porque senão eu tava mal porque não tinha a qualidade que tenho entendes?! Agora pra eu la conseguir, ainda hoje telefonei duas vezes donde me foi sair, de Frankfurt (...) porque depois deu ordem ao meu marido pra ir, depois ligo pra outro número que tinha, qué da mesma, “Estou em Frankfurt também com o meu pai” – (risos), e olha, agora já o tenho. Mas é assim, às vezes acontece-nos isto, sabes, a gente pa conseguir, pa ter boa qualidade, pra ter boa qualidade de trabalho, tamem temos que dar os nossos (os nossos) passos... mas tudo se arranja.

**C – Vemos aqui um pouco do processo, mas além disso como funcionam as vendas?**

CS – Vêm cá a casa, ainda a semana passada veio uma brasileira, chegou a Barcelos pediu no Turismo se ligava pá Dona Conceição a ver se tava em casa – “Estou em casa”, “então pode receber aí uma pessoa?”, “Posso tudo que seja menos cás três, num estou”, “Então ela vai já pegar no autocarro” - e veio de autocarro até aqui à'reias, perguntou-me por'ondé'que vinha, pra ela procurar

no autocarro, eu disse “tem que procurar o autocarro que vem de Barcelos pra Pousa”, ficou à beira da igreja, ela perguntou ao motorista onde podia sair, veio ter aqui a pé, tava eu a comer ela veio ter aqui a pé, pra me conhecer, pra levar uma lembrança minha, levou uma que comprou e levou três qu’eu le ofereci, eu digo assim, de tão longe, de camioneta, e a vir cá, tinha de levar uma lembrança minha, não é?! Pa ter um gosto tão grande, pa tirar fotografias a mim e ó marido alí, alí dentro à beira das peças, eu dei. Eu digo assim: será minha maneira de ser, d’eu conquistar as pessoas? Num sei, eu sou assim! Sou assim e fico contente que me, que me procurem e procuram, além de estarmos praqui e além de estar aqui neste canto, olha, estou no sossego.

### **C- Há quanto tempo trabalha aqui? Neste espaço?**

CS – Neste espaço? Naquele espaço trabalhei muito (apontando para outra sala) e neste espaço aqui é quase 25 anos (...) Eu trabalhei, casei.. em solteira trabalhei em casa da minha mãe, de casada fui pa espanha, trabalhei numa empresa de porcelana, trabalhei numa pasta parecida a esta, ma num era... era em porcelana e depois quando, pronto, houve a quebra da empresa, pa terra, houve a quebra na doença, eu fui operada à coluna e o médico disse que “nunca mais trabalha”, digo eu assim “eu por aqui vou sozinha” e fui, graças a deus, estamos os dois, sempre juntos, se nos chatearmos vamos dar uma volta e tornamos a vir (risos), num há problema, por aí num há problema.

Quando cheguei a Portugal, logo no primeiro ano não, no segundo, eu concorri, tirei o primeiro prémio Nacional, a ai foi, e ainda está vivo quem me mandou pro deserto trabalhar, eu fui pedir ajuda, ajuda pra... num é ajuda financeira, era ajuda de, como, onde, como saber, como caminho pro artesanato porque, vamos lá ver ... quem começa, “Vou fazer artesanato”, quais são os caminhos que a gente tem de começar a seguir, quando eu fui pedir disseram-me assim “Vai po deserto”, tive uma artesã que me disse assim “olha, num vás pedir ajuda aos de Galegos, que num tens sorte e já num há mais colecionadores”, as palavras quando eu cheguei... e depois eu vou pedir a quem de direito, por

onde era o caminho “olha, vai pro deserto” – e o meu deserto saiu certo – qu’eu já lhe disse a ele, o meu deserto saiu certo. Já num está em Barcelos a trabalhar mas está em Braga, qu’eu ainda há pouco estive co’ele e digo assim: “Ai doutor, doutor...”, diz ele “num me esqueço, oh Conceição num me esqueço, que fui eu que lhe disse pra ir pro deserto”, e fui bem, ainda, olha ainda a semana passada perguntei, uma das pessoas que eu ainda num digo que foi má, que foi boa, ele pa Barcelos num foi assim tão bom, tão bom, porque ele quis lutar muito foi pelas... ele havia os dinheiros como ainda há hoje pela parte do artesanato e ele lutou pelos vinhos verdes, a rota dos vinhos verdes e ia pela rota do artesanato e hoje a rota do artesanato está doutra maneira, que acabou, ele ainda não morreu, foi o Dr. Sampaio, o de Viana do Castelo (...) mas ele depois aqui no artesanato o dinheiro, virou pós vinhos verdes, que em qualquer sitio tem a placa “vinhos verdes”, foi o mal, mas ele tava alutar pelo artesanato tambem, qu’eu cheguei a ir ao Casino de Espinho (...) e nós fomos representar Barcelos, nos os dois, e uma senhora de Viana e já não me lembro quem era mais (...) e o artesanato ficou um bocadinho pa trás, ficou pa trás, porque depois tambem e mudou as coisas das regiões... mas o que eu tava a dizer antes, quando eu atão comecei, eu assim “pôça”... sei que veio-me um jornalista aqui a casa, digo assim “oh, eu às mãos num tenho medo”, no meu jornal, num jornal de Barcelos num vai sair “Sapateira, às mãos num tem medo”... olha que uma vez pa feira d’artesanato de Barcelos levei um fardo de palha pus uma “charpe”, um (ele ainda anda alí) vidro, mandei fazer um vidro pa pôr em cima do fardo da palha, e pôr a louça em cima – o fardo de palha representava, pra quem estava eu a estorvar, viesse comer...

**C – Quando começou a trabalhar, sente que havia muita procura? Quando volta do estrangeiro?**

CS – Não, o que me foi dito foi q’os colecionadores tinham acabado

### **C – Nessa altura quem é que comprava?**

CS – Eu tive um casal de Lisboa, que a avó era dali da Galiza, eu digo dali como se fosse perto, pronto, era da Espanha, daqui da Galiza e vinham de Lisboa pa passar férias e eles davam, como diz o espanhol, a “popina” ao domingo ós netos, um disse assim: “Eu vou juntar, qu’eu quero comprar um peça à dona Conceição Sapateiro, que lá em Lisboa via os avós a mais a mãe e o pai vir à minha beira e ele, a canalhica ficou... eu até tenho sempre qualquer coisita que dou... que dou, se vem com o pai e com a mãe, tenho sempre uma florzinha, um menino jesus, uma coisinha, uma pronto... e então digo assim: diz assim... eles vieram “olhe posso ir por a sua casa quando for de férias?”, “Pode” – lá vieram dar com a casa, chegaram aqui, a irmã, uma irmã tinha o dinheiro junto, tanto dinheiro, 150€, o irmão “ eu gastei o meu dinheiro, mas eu também queria”, diz assim a avó “Olha, a tua irmã juntou, agora vai levar a peça e tu foi pa chucharias, agora num te dou, qu’eu dei-te igual como á tua irmã” – a irmã levou a Santa Ana, era uma peça grande, levou a Santa Ana e ele depois no ano seguinte, juntou dinheiro e veio-me comprar um palhaço... toda a gente comprar, num é assim, tem de haver o gosto, a inclinação pa dizer assim – eu gosto e depois coleciona, se coleciona d’um vai querer do outro, do outro e do outro, vai à procura e agora tudo é mais fácil por a internet, quando eu comecei, não... era mais difícil

### **C – O seu trabalho marca as pessoas...**

CS – Vêm de qualquer sítio... isso é um gosto pra mim, qu’elas saíam satisfeitas eu ainda vou lá fora, ou tenho uma rosinha ou tenho um limão, ou tenho uma coisa qualquer, digo assim: agora já não vai sem nada, alguma coisa. Mas olha que já tive... alguém que me veio aqui – “ai, eu sou de (...) oh Dona Conceição, eu vim visitar um familiar a Viana e lembou-me de passar por aqui...”, “então eu estou aqui, eu faço-lhe um café, sirvo le um café”, “Ai não, sabe o que eu queria? Que você me oferecesse uma pecinha pra eu oferecer ao meu médico de família” e eu quando é assim, digo eu assim: já estas lixada, já foste e arranjo maneira de enredar e se quer compra se não quer vai embora, porque eu a ver

que está com o interesse de querer, de querer, já me dói a alma... já digo assim: tenho de ser eu a querer, não é a pedir-me porque pedir é feio, só por necessidade, agora por egoísmo, uma professora, um marido banqueiro... funcionário dum banco, tem necessidade de pedir? Não! Eu digo assim: eu dou se quero mas consegui... eu consegui que fossem embora sem a peça dada e damos bem (...).

**C – O seu trabalho vai ter continuidade?**

CS – Olha sabes uma coisa, só me vêes aqui a mim e ó meu “home” mas olha, ontem foi domingo e eu tive um filho que fiz aquilo tudo (apontando) (...) o tubo, ou o canastro ou como se queira dizer, qu’ é este canudo (mostrando) tá acolá, fiz-me aquilo tudo “ontem” de tarde e depois foi dar um passeio a mai nós (risos).

**C- Os filhos partilham do mesmo trabalho?**

CS – Todos (...)

**C- Acha que o artesanato está a cair no esquecimento?**

CS - Não, num está esquecido do povo Português nem do barcelense, não! Num está, pode estar da burocracia (risos)... pode estar da burocracia agora do povo de Barcelos não, Barcelos é Cidade... foi considerada Cidade Criativa ainda em de lutar mais um bocadinho para que esteja tudo, tudo legal, como diz o brasileiro...

## ENTREVISTA ALBERTO PINTO

*José Alberto Gonçalves Pinto com actual residência na freguesia de Galegos S. Martinho teve o seu primeiro contacto com o barro ainda em criança quando ajudava os pais na sua produção.*

*Após o período em que frequentou o serviço militar, na altura obrigatório, decidiu enveredar pela Guarda Fiscal e posteriormente foi para a Guarda Nacional Republicana e foi após o fim da sua carreira que diz ter decidido voltar às origens e à produção de figurado. As características das suas peças variam conforme o período artístico em que se encontra – de momento trabalha com diferentes barros de diferentes tonalidades. Faz da arte do figurado um passatempo e gosta de trabalhar ao seu ritmo.*



*Imagem 26 - Alberto Pinto (em entrevista). Fotografia por Cátia Daniela Cardoso*

## **C- Cátia Daniela Longras Cardoso | AP – Alberto Pinto**

### **C – Há quanto tempo exerce este ofício?**

AP – Há quanto tempo exerço o ofício... oh menina, estas coisas de trabalhar o barro, isto começou quando eu era pequeninho, quer dizer pequeninho... tou a falar pequeninho mesmo, “num” andava na escola, porquê? Porque os meus pais já tinham uma fábrica e a gente logo enquanto pequeno, antigamente era assim, enquanto pequeno a gente começava logo a trabalhar – porque pronto, havia sempre um trabalhito a fazer, aparelhos e “num sei quê” e fui fazendo, e fui trabalhando cos meus pais, em casa dos meus pais, numa fabriqueta qu’eles tinham desta coisa das cerâmicas e... até que depois veio a tropa, veio o tempo de tropa, a gente claro, tive “d’ir pa tropa, qu’era obrigatório quanto mai num fosse”, era obrigatório e a partir daí acabei por... fiz a tropa mas depois eu vi qu’aquilo, a vida da tropa nem era tão má assim, como às vezes as pessoas pintam e eu acabei por regressar outra vez, neste caso à guarda-fiscal, voltei (...) no final da tropa, passado uns mesitos, fui pá guarda-fiscal e segui a minha vida na guarda fiscal. Ora, a guarda-fiscal acabou vim pa GNR, lá pá vossa beira pa Barcelinhos e fiz a minha vida. Acabou-se aquilo, opá voltei outra vez às origens, neste caso já lá vão seis anos, ou... seis, sete... Claro que (eu) mesmo no período de Guarda, de... eu... isto nunca se larga, nunca se deixa de trabalhar, há sempre uns bocadinhos que se vai fazendo, há sempre umas pecinhas que vou fazendo nos tempos livres, a gente nunca deixa de mexer o barro se o tem – Até porque eu cheguei a ter uma fabriquinha de porcelana, neste caso ela (apontando para a esposa) e a gente “tive” sempre toda a vida estive ligado a isto...

### **C – É então uma herança dos pais à qual o Senhor Alberto dá continuidade!**

AP – Exato.

**C – Que materiais é que utiliza? Que técnicas é que utiliza?**

AP – Olhe o que eu utilizo é o barro, só... vários tipos de barro, neste caso, estou a utilizar isso agora, eu fiz de toda a maneira e feitio, eu já fiz a pintar depois,... a pronto, a pintar “cum” esmaltes, a pintar “cum” tintas d’água, já experimentei tudo, neste momento tamos só a trabalhar com barros – barros diferentes, “ingobes” que depois de cozido... porque o barro é diferente leva tintas de cozer, neste caso, os “ingobes” e pronto, digamos assim que já saí pintada, quando saí do forno já saí praticamente pronta. Dá mais trabalho a fazer, é preciso com mais cuidado porque os barros num podem entrar em contacto uns c’os outros, portanto dá mais trabalho mas também dá mais gozo, porque eu gosto é de fazer “num” é do resto... o resto é outra história.

**C – Há a ideia de que os artesão fazem os seus próprios instrumentos de trabalho... Faz os seus instrumentos de trabalho? Adapta-os?**

AP – Sim, eu acho que “num” é mesmo ideia, eu acho que tem de ser, é quase como uma coisa... é quase uma imposição, já dizia o meu falecido pai – que todo aquele que “num” sabe... modelador que “num” sabe fazer a sua palheta, “num” é modelador e aqui é um bocado isto – quem “num” for capaz de criar a sua ferramentazinha de trabalho, “num” é?!... sinceramente num sabe o que quer, pode ter herdado uma peça ou outra, dizer assim... mas depois aquela partiu e vai fazer outra “num” é?... “num” vai andar a pedir pra lhe fazer uma palheta, porque senão quer dizer... qualquer coisa está mal.

**C – Desde o barro em bruto, como é o processo de produção e a posterior venda?**

AP – O processo de produção é como eu acabo de dizer... a gente é ir fazendo com barros diferentes, tonalidades diferentes, vai-se fazendo peça a peça e claro que às vezes repete-se um bocadinho, digamos... o modelo, não se vai andar toda a vida a fazer modelos diferentes porque isso, quer dizer, “num” é viável. Às vezes repete-se um modelo, mas agora o facto de repetir um modelo

“num” quer dizer que se vá fazer uma peça igual, “num” tem nada’ver, porque cada peça há movimentos diferentes da peça, há... porque partindo do principio qu’ é tudo feito à mão, num é?, qu’ é o caso, logo a peça nunca fica igual, “num” há hipótese.

A venda... eu por uma questão de opção, eu prefiro vender... e “num” é só opção, é uma questão também de produção porque, como tenho pouca produção, “num” gosto e “num”... e acho... e “num” quero tar a “bender” muito pa lojas. (...) Num gosto porquê? Porque depois as pessoas vem aqui e diz assim “faça-me dez daquela, faça-me cinco daquela, faça-me num sei quê...” e eu fico logo com o compromisso de fazer e passado 15 dias ou 1 mês já estão a ligar “olha já está pronta?”, eu digo assim “Calma, calma qu’ eu estou de férias” e p’ tanto eu “num” quero trabalhar assim, tá a perceber?!, Como eu tenho isto como um hobbie, como eu tenho isto apenas como um... uma ocupação de tempo livres “num” quero ter a pressão da loja que me telefona a ver se as peças já “tão” prontas e “num sei quê”, por isso é que eu vendo só praticamente nas feirinhas que vou fazendo, tenho louça vou pá feira, num tenho louça vou passear... acabou, quer dizer, é as duas opções que tenho...

### **C – Gosta de respeitar o seu ritmo...**

AP – Exatamente, gosto e quero respeitar o meu ritmo, por isso é qu’ eu num me comprometo às vezes, nem com grandes encomendas, nem que as pessoas encomendam peças e eu às vezes cedo mas mesmo assim, muito pouco... porque eu num gosto sequer de encomendas só por causa disso, qu’ é pra eu “num” ficar sequer comprometido com determinadas datas, com... eu não gosto disso!

### **C – Sente que o limita...**

AP – Exatamente, exactamente... eu “num” quero trabalhar a cerâmica, agora nesta fase, houve tempos em que tomara eu “num” é?!, mas nesta fase não quero trabalhar a cerâmica com o compromisso de... deste compromisso e aquele, não, quero trabalhar livremente, fazer o que me apetece e quando me

apetece, e as coisas têm funcionado assim e gosto e enquanto puder ser assim “num” quero outra maneira.

### **C – Há quantos anos trabalha neste espaço?**

AP – Essa pergunta é assim um bocado difícil, mas “pai” há dez, dez... quinze anos. Aqui neste sítio... não trabalhando a tempo inteiro, quer dizer a tempo inteiro (...) mais ou menos, quer dizer, mais assíduo ou menos assíduo, mas este espaço eu fiz lo de propósito pa trabalhar e já o fiz “pai” há quinze anos, por aí... e desde aí sempre trabalhei aqui, sempre foi o sitio de trabalho, fiz com esse objetivo, agora se trabalho muito ou pouco isso é outra coisa.

### **C – Sente que há muita procura?**

AP – Não sei, não sei... porque é assim, eu como não sigo, digamos aquele... aqueles modelos (...) eu como altero muito, não é?, o tipo de artigo, o tipo de louça, até forma de produzir eu altero muito... os mercados pra mim são um bocadinho desregulados, se assim se pode dizer. Eu ouço (...) eu mudo com facilidade, aí “num” lhe sei dizer se há dez anos... eu sei que o que vou fazendo, vou “bendendo”, sempre “bendi” tudo quando tinha, quer dizer, “num” tenho nada pa “bender”, p’tanto pra mim tá sempre certo, tá a entender? “p’tanto ma num” lhe sei dizer, se a procura por exemplo, no caso do artesanato, há cinco ou dez anos era maior ou é menor que é hoje, eu “num” lhe sei dizer isso, porqu’eu se... as peças que fiz na altura vendi-as, as que faço hoje vendo-as na mesma portanto “num” lhe sei dizer...

### **C – Quem compra as suas peças hoje em dia?**

AP – O que... Quem compra... Quem compra artesanato, é assim... se a peça... se fizermos artesanato de valores até cinco/dez eurinhos, isso qualquer um compra, porque são bonitinho, pecinhas muito bonitinhas e sim senhora, é artesanato, é bonito, a pessoa vai à feira e até compra, uma coisinha pequeninha... se nós fazemos peças cujo valor já começa a entrar em dezenas de... aí vamos reservar “xisto?” pra quem? Prós colecionadores, pra quem

gosta d'arte, pra quem gosta destas coisas "né?" e aqui já começa a haver uma seleção natural... dinheiro... económica, quem tem capacidade de comprar este tipo de artigos, portanto isto é a seleção (...) natural da vida, "num" passa disso, depende é... quando você tá a fazer a peça depende do mercado que você tem por objetivo vender, eu por exemplo, estou a fazer esta peça (mexendo na peça) aqui, eu sei muito bem que não vou vender, quer dizer... que excluo logo 70 ou 80% das pessoas, quer dizer, que vão visitar uma feira de artesanato, olham pra ela e é assim muito bonita, muito bonita... mas, olham assim de lado pó preço e vão-se embora, quer dizer, isto é normal, mas isso eu sei, "num" é porque? "Num" é qu'ela "num" goste da peça, é porque ela vai ser cara pó bolso deles... Não têm poder de compra (...) é por uma questão de poder de compra, "num" é mai nada, agora claro que se nós fazemos uma peça, um bocadinho mais trabalhada, que tamos aqui pa fazer uma peça e "num" chega um dia e durante uma semana conseguimos fazer aqui cinco pecinhas, "num" sei, "num" tá fácil, numa semana, duas pessoas, quer dizer, pois a gente "num" pode ir pá feira "bende-las" a cinco euros "num" é?! "Num pode"!

### **C – Sente que o seu trabalho causa algum efeito nas pessoas que o adquirem?**

AP – Causa, causa sempre, por exemplo, se estamos num... a produzir por exemplo... um caso dos presépios, dos colecionadores de presépios, se estamos a produzir disto, claro que as pessoas compram-no pr'aumentar à sua coleção e no ano seguinte vem procurar, vem ver se já tem coisas novas, coisas diferentes pr'aumentar e começam a ficar quase clientes assíduos de... é sinal que gostam de ter peças de coleção em sua casa e por esse lado, por esse lado, marca. Porque depois há outra vertente, qu'é a vertente da (eu "num" tenho aqui nenhuma peça...), mas um bocadinho do quase abstrato, é mais contemporâneo, qu'eu tenho algumas peças, qu'eu fiz algumas no princípios que aí era diferente, aí era mais vocacionado prós decoradores que vinham... que queriam uma peça exclusiva que'coração (...) duma casa e também se vendia muito bem, mas deixei de fazer porque normalmente dava peças muita grandes e aquilo era complicado de levar pa feira, trazer e era complicado... era

o tamanho. O tamanho é um bocado... eu faço às vezes mas... condiciona muito o transporte, a ida pa uma feira, é assim um bocadinho mal jeitoso andar com aquilo.

**C – Prefere optar por coisas mais pequenas...**

AP – Coisas relativamente mais pequenas... tou a virar pa isto, “num”... depois virarei, daqui a uns tempos, viró contrário... agora estou nesta fase

**C – O seu trabalho terá continuidade?**

AP – Vai ter continuidade enquanto eu tiver vontade... (risos). Eu e ela neste caso (a esposa que dá detalhes às peças produzidas pelo Sr. Alberto).

**C – Os filhos não vão dar continuidade?**

AP – Não, não... “num” estão por aí... e eu empregados também não vou metê-los, portanto não sei, não. Desconfio que isto mais uns anitos e a gente... “feicha” o tasco.

**C – Sente que o artesanato está a cair no esquecimento?**

AP – Não, o artesanato “num” cai no esquecimento, o bom artesanato, vamos lá perceber, o bom artesanato, as pessoas gostam porque o bom artesanato é bonito (...) agora que haja praí algumas coisitas que se vão fazendo, que as pessoas tentam de alguma forma ganhar um bocado de dinheiro e cois... e faz umas coisinhas que pronto... serão menos aceitáveis, que... mas é como tudo vai crescendo e isso é importante. Agora o bom artesanato, quem faz bom artesanato isso as pessoas “num” esquecem e o mercado gosta e as pessoas com puder de compra, com bom puder de compra, as pessoas compram, portanto o artesanato... o bom artesanato fica... claro, quando muita quantidade, produções às vezes feitas assim, que aquilo já é mais industriais que propriamente artesanato, quer dizer, e tem pouco de artesanato e aí é que mata, e aí é que mata o artesanato.

**C – Mas as pessoas também compram esse artesanato...**

AP – Compram, o problema é que compram... mas oh menina isto é quase um bocadinho com a loja dos chineses, “num é”?! que quando abriu era tudo uma loja dos 300, agora ninguém abre uma loja de 300 “num” é?! Pronto, é isso qu’eu tou a dizer, quer dizer, as pessoas compram (...) agora eu digo é vingar, é ficar, é permanecer além de... e isso o que é bom fica, o resto cai pó lado e depois alguns queixam-se se não se vende nada, pá talvez, né?! Mas o problema não é do artesanato, o problema muitas vezes é da qualidade do artigo, tás a perceber?, porque quem quer uma peça de artesanato, há muita gente qu’anda aí nas feirinhas, nas feiras, anda, que quando me pedem uma peça de artesanato, pedem uma peça boa d’artesanato, tá a perceber? “num” pedem uma coisica comprada ali na loja e decorada, não é isso que eles “quer”, eles “quer” uma boa peça pa pôr num lugar em termos na sua casa e se existir artesanato desse vingue, o resto são pecinhas.

## ENTREVISTA NELSON OLIVEIRA

*Nelson Manuel Ferreira Oliveira, atualmente com 33 anos é um dos mais recentes barristas de Barcelos que se dedica ao figurado, produzindo também telas e pintura em tela, artes que já exercia antes de descobrir o barro.*

*É em Areias de Vilar que Nelson Oliveira tem o seu local de trabalho. O trabalho que executa revela algumas características dos seus “mestres” - Manuel Macedo e João Ferreira, também eles mestres barristas. As cores garridas e as feições exageradas são algumas das suas imagens de marca. O seu artesanato é certificado como Figurado de Barcelos*



*Imagem 27 - Nelson Oliveira (em entrevista). Fotografia por Cátia Daniela Longras Cardoso*

**C- Cátia Daniela Longras Cardoso! NO – Nelson Oliveira**

**C – Há quanto tempo exerce o ofício de oleiro ou de artesão?**

NO – Ora bem, o ofício de oleiro ou de artesão já... ou melhor, começou em 2009, fins de 2008 início de 2009, por isso já vamos há cerca de 10 anos

**C - E chegou a si através de que forma?**

NO – Ora bem, tudo isto começou nas feiras de artesanato porquê? Porque eu tenho... eu faço outros trabalhos pr'além deste, do trabalho do figurado no barro (...) eu faço telas, faço pinturas em tela e na altura eu tinha alguma dificuldade em conseguir escoar o produto e comecei a participar em algumas feiras de artesanato, foi uma maneira que eu arranjei na altura para conseguir escoar o produto e foi nessas feiras de artesanato que eu fui conhecendo os colegas artesãos, os oleiros que me foram incentivando a fazer, a experimentar o barro e foi aí o primeiro contacto com o barro, eu não conhecia o barro, eu não sabia o que era o barro nem sabia como é que se modelava o barro. Fui incentivado por dois colegas, João Ferreira e Manuel Macedo, também cá de Barcelos, do Figurado de Barcelos, já bastante conceituados, “foi” experimentando e desde 2009 até agora fui estragando barro, fui amassando barro, foi saindo alguma coisa, pelo menos é o que os clientes me dizem...

**C- Portanto não existia nenhuma relação familiar ou geracional com a arte...**

NO – Não, não há qualquer veio familiar, não há nada que me ligue ao barro, a primeira experiencia foi mesmo essa, nas feiras de artesanato, que nem na escola tive alguma coisa ligada ao barro, foi mesmo nas feiras de artesanato por incentivo desses dois colegas que me incentivaram a experimentar. Eu na altura achei interessante e fui desenvolvendo a atividade e o figurado e vou fazendo agora algumas peças, expondo, vendendo e criando e recriando à medida que se vai fazendo.

**C – Dentro dos materiais – o que utiliza? Faz o seu próprio material?**

NO – A matéria-prima é-nos comum a todos que é o barro, podemos utilizar vários tipos de barro, várias pastas mas o que é comum é o barro. Depois os utensílios que eu utilizo, ou melhor, as ferramentas, a maior parte ou 99% são feitas à medida que eu vou necessitando, as palhetas ou os teques, que é o nome técnico, a maior p... três ou quatro que existe no mercado adquiri, depois os outros, aqueles que preciso mesmo pr'algum tipo de trabalho, vou fazendo... mas isso vamos adaptando às vezes... vamos adap... muita das vezes vou adaptando peça a peça aquilo que preciso para fazer, há um modelo base de todas as peças que faço mas por vezes tenho que ir adaptando para conseguir chegar onde eu quero ou ao que eu pretendo.

**C- Qual a origem da sua pasta?**

NO - Sou eu que adiro cá em Barcelos, numa olaria, onde quase todos os colegas que trabalham no figurado, Figurado de Barcelos, vão adquirir, é pasta cá... que a maior parte das cerâmica em Barcelos também utilizam.

**C – Como é o processo de produção, desde a matéria-prima até à venda?**

NO – Ora bem, vamos... Como disse na pergunta anterior a matéria-prima, ou melhor, a pasta do barro é adquirida já pronta a trabalhar... depois quando trago a pasta começo por idealizar uma peça, neste caso podemos falar nesta “Ceia”, nesta “Última Ceia” (peça que estava a trabalhar, alisando algumas das figuras), comecei por fazer a base, a mesa e fazer os bonecos... o processo neste momento está numa fase quase concluído, só me falta mesmo alisar aqui as carinhas, pra eles ficarem mais bonitos, depois colocar os cabelos e deixar secar a peça. Quando a peça estiver seca, esta e mais algumas que me permita encher um forno, (...) as peças irão a cozer durante mais ou menos oito horas, vão a cerca de 960/1050 graus, mais ou menos isso, depois consoante aquilo que eu pretenda das peças mas a temperatura é mais ou menos essa, depois da peça estar cozida será pintada, será colorida consoante o que eu pretender pá peça, depois da peça estar colorida ainda lhe costumo dar um verniz de acabamentoo

para lhe dar brilho e dar protecção à tinta, posteriormente a peça fica cá em casa na prateleira com uma... ou melhor, com duas finalidades: a primeira será a venda posterior ou em... a venda posterior cá em casa, caso isso não aconteça, será feita a venda ou na feira ou em lojas de revenda dos nossos artigos. Que é o processo... é os dois... as duas maneiras de conseguirmos escoar o produto, no meu caso é: ou diretamente com o público nas feiras ou através de revenda para lojas que comercializam os nossos produtos...

**C – Faz algumas parcerias neste processo de venda...**

NO – Sim, somos obrigados a fazer porque precisamos de escoar o produto, quem me dera a mim poder trabalhar só com o público, o consumidor final porque era uma maneira de se... era uma forma diferente de se trabalhar, porque neste caso, quando se est... quando estou a trabalhar para revenda sou obrigado por vezes a trabalhar mais em série do que tar a trabalhar mais específico para um consumidor final, que o consumidor final por vezes tem mais tempo e conseguimos se calhar caprichar mais nas peças, naquilo que estamos a fazer, enquanto na revenda somos obrigados a trabalhar um bocadinho mais à pressa, mais em série para pudermos ter tempo e rentabilizar esse mesmo tempo para fazermos dinheiro, que é o principal objetivo, ninguém anda aqui a trabalhar p'aquecer, nem ando aqui por gosto, quem me dera que eu tivesse só isto só por gosto e não precisasse disto pra viver, mas o meu caso, preciso disto mesmo para tirar rentabilidade, que no fundo é o meu... uma das minhas formas do meu salário.

**C – Há quanto anos tem este espaço? É um espaço que foi pensado para esta atividade?**

NO – É assim, eu... este já é o segundo espaço, eu inicialmente comecei a trabalhar na casa dos meus pais, era lá que eu já pintava e foi lá que iniciei, entretanto adquiri aqui... este... este espaço, ou melhor, esta casa, que é a minha moradia, onde eu habito e o espaço aqui onde me encontro a trabalhar já existia, isto é um... era o coberto d'uma eira, onde existe a eira na parte

exterior e eu fui adaptando... neste caso sim, já foi o... o espaço em si já existia mas eu fui adaptando o espaço àquilo que eu pretendia, ante d'eu vir pra cá trabalhar – foi um bocadinho pensado, mas foi adaptado dessa forma para eu puder tentar o máximo proveito e a melhor forma para fazer as peças... foi um bocadinho pensado, consoante aquilo que já existia, foi um bocadinho pensado nesse propósito.

**C – Sente que quando começou a trabalhar havia muita procura por estas peças de olaria e cerâmica e até mais do figurado?**

NO – É curiosa a sua pergunta... porque até eu fiquei surpreendido com a procura que existia e que existe deste tipo de peças, nem sempre é aquilo que nós temos que eles procuram mas como... como eu, principalmente eu tenho a disponibilidade de fazer tudo o que o cliente me... o cliente precisa ou procura, é interessante porque eu... nem eu tinha essa percepção de haver tanta procura deste tipo de artigo, por vezes não conseguimos dar... termos tempo para produzir tudo aquilo que eles pretendem porque as peças levam-nos mesmo imenso tempo a fazer e nem sempre conseguimos ter o tempo suficiente para conseguirmos produzir tudo que nos pedem.

**C – Afinal não é um “fenómeno em decadência” porque o feedback é tão grande...**

NO – Isso tem aí outra perspectiva porquê? Quando falamos que a procura é...há bastante procura, de facto existe essa procura mas temos de ter em conta que todos os anos eu não posso estar a produzir todos os anos a mesma peça, porque depois de conhecer o... o primeiro ano é muito fácil, porquê? Porque 99% dos clientes com excepção da revenda, 99% dos clientes são cliente de coleção, que fazem coleção das nossas peças, e o que é que acontece nesse momento – no primeiro ano todo que é colecionador que nos encontra acaba por adquirir sempre uma peça, porque não tem na sua coleção peças da nossa autoria, se no ano seguinte nós tivermos exactamente a mesmas peças “num” conseguimos vender e aí é que acho que está o ponto fundamental do se

conseguir vender ou não se conseguir vender – se eu todos os anos conseguir ter sempre as mesmas peças eu não consigo vender a segunda vez ao mesmo colecionador, eu todos os anos tenho estar... primeiro perceber o que é que o mercado me pede ou o que é que os colecionadores me pedem e em segundo tenho que todos os anos criar ou recriar peças novas dentro do que é colecionável ou dentro daquilo que o colecionador me pede para eu puder todos os anos ter uma peça disponível p'aquela cliente, ou melhor, p'aquela colecionador que chega a um ponto que já consegue ser quase como... quase como um amigo, porque nós já os conhecemos tão bem que já percebemos tão bem o que eles querem, já nos tratam por “tu” e já... quando eles nos chegam ou a casa ou à banca já sei que tenho ali uma peça exclusiva pra ele porque eu a fiz só a pensar naquele colecionador e é nesse sentido que por vezes ou teremos muito ou pou... muito ou pouco trabalho, tem a ver muito com a nossa criatividade, se pararmos ou estagnarmos um ano é quase a morte do artista, digamos assim.

### **C- Quem comprava e quem compra? Além dos colecionadores...**

NO – Respondendo à sua pergunta, que já respondi anteriormente... 99% são colecionadores, são colecionadores e continuarão a ser. De facto existe (...) ... são as classes mais altas, média-alta que nos adquirem a maior parte das peças, “num” quer dizer que não haja colecionadores de média-baixa... mas a maior parte é sempre uma classe média-alta, consegue, que não olha a meios, tanto a peça custe 5, 50 ou 500... desde que eles gostem da peça, a peça à partida estará vendida

### **C – Sente que o seu trabalho tem impacto nas pessoas que o adquirem?**

NO – Eu penso que sim, porque acho que se não tivesse esse efeito eu já não andava aqui há tanto tempo... e o feedback que tenho é mesmo esse, acho que... e os desafios que eles nos têm proposto que ultimamente estamos a trabalhar muito por... que lá está, que é o desafio – o propor peças, “olhe eu agora tenho esta peça que te comprei há x tempo mas eu quero uma peça assim

ou assado, desta forma ou quero maior ou mais pequena mas eu quero... no Santo António o menino a fazer o pino”, algo do género, eles vêm já nos fazem alguns desafios, já nos propõe desafios, é sinal que o nosso trabalho está a ser recompensado e é sinal que o nosso trabalho cria algum tipo de impacto perante o público-alvo, que será o colecionador.

**C – Além da sua juventude e talvez a questão possa ser mais difícil de responder... o seu trabalho terá continuidade?**

NO – É assim, é mais complicado responder porque eu não tive qualquer tipo de influência familiar... porque quando existe uma influência familiar ou uma raiz familiar da cerâmica, a probabilidade d’um descendente continuar é muito grande, que já existe descendentes, já tenho descendentes, agora se irão continuar isso já é muito complicado, não faço... é uma pergunta que é muito complicado responder. Eu gostaria, tanto... nem que fosse familiar, nem que fosse alguém que eu pudesse posteriormente ensinar porque foi o que aconteceu comigo, que foi esses dois colegas que me incentivaram e tenho muito respeito e muito orgulho por eles mo terem incentivado e de certa forma as minhas peças tem algum tipo de características tanto d’um como do outro e eu sinto-me completamente influenciado por eles os dois... agora em termos da continuação do meu trabalho na família só o tempo o dirá...

**C – Como última pergunta... o artesanato está a cair no esquecimento?**

NO – Eu acho que o artesanato não está a cair no esquecimento, pelo contrário, ultimamente eu acho que ele está na ribalta, eu acho que ultimamente já começa a ser um bocadinho de moda adquirir artesanato, por um lado ainda bem, mas acho que nunca foi tão badalado o artesanato a nível nacional... começou muito por Barcelos mas a nível nacional está a ser muito badalado e já algumas grandes marcas a’postar em peças feitas por artesãos para a suas coleções de... tanto de design, como de moda, como de decoração, estamos a ser um bocadinho procurados nesse sentido – é sinal que o artesanato está

novamente na ribalta, ou melhor, não diria novamente, eu acho que está mais do que nunca na ribalta do que esteve até algum... até ao momento.

## ENTREVISTA MARIA DE LOURDES FERREIRA

*Maria de Lourdes Duarte Ferreira nasceu a 22 de Setembro de 1946 e é natural da freguesia de Galegos S. Martinho. Lembra com alegria os tempos em que ajudava os pais na produção de peças de louça utilitária, no entanto foi através do figurado e das representações coloridas que ficou conhecida, bem como através da presença em feiras na Foz do Douro.*

*Era o seu Marido que a ajudava a colorir as suas peças, atualmente conta com a ajuda de uma filha. Domingos Pedro, seu filho, dedica-se também à arte do figurado.*

*É também uma das barristas que aderiu à certificação do Figurado de Barcelos.*



*Imagem 28 - Maria de Lourdes Ferreira (em entrevista). Fotografia por Cátia Daniela Cardoso*

## **C- Cátia Daniela Longras Cardoso | ML – Maria de Lourdes Ferreira**

### **C – Então Dona Maria de Lourdes, há quanto está neste ofício ou trabalha com o barro?**

ML – Olha isto é assim... eu comecei a trabalhar com o barro, a gostar mesmo de barro muito pequenita, ainda muito novita, “num” é? Porque os meus pais já trabalhavam no barro... agora verdadeiramente fazer peças únicas como faço agora... naquela época era peças “im” produção, em produção, com os meus pais... depois em peças únicas... ora bem os meus filhos mais velhos tem... que fosse “pai”á uns vinte cinco anos” por aí, mais ó menos, não tenho certeza exata mas pai há uns vinte cinco anos qu’eles começaram, foram trabalhar pás fábricas, os meus filhos “num”... e eu comecei a fazer sozinha, lembrou-me de começar a fazer peças únicas que foi sempre uma coisa qu’eu gostei, fazer peças únicas... cada dia é um trabalho diferente, eu gosto de fazer peças únicas e é assim qu’eu trabalho, peças únicas “num é?” e a partir daí gosto de fazer isto...

### **C – Vai fazendo por passatempo ou por ter necessidade de o fazer...**

ML – ...“Num” é bem o ter necessidade, gosto de fazer isto, ó mesmo tempo passo o meu tempo, porque eu tenho de tar... tenho de estar ocupada com alguma coisa, se não da moda qu’eu sou batia mal, e como eu gosto de fazer isto faço e ó mémo tempo vendo c’as pessoas gostam muito, gostam muito das peças, sempre gostaram desde qu’eu comecei a fazer as peças eu vendia, vendia, vendia... não parava nada em casa, não parava aliás, ainda num para... ainda não param as coisas porque as pessoas gostam, mesmo em qualquer lado qu’eu vá... por exemplo, eu já fiz... muitas feiras não, não vou dizer qu’eu fiz muitas feiras porque nunca tive muito “acibilidade” em ir pa feiras longe, convites tenho mas nunca fiz porque num ia, aliás só à mais longe que eu fiz foi á Foz do Douro, fui vários anos à Foz do Douro... eu tinha que vir ó meio da feira ah... aquilo era uns quinze dias basicamente quinze dias eu tinha que vir ó meio da feira a casa buscar material porque – se eu o tivesse – achegava a casa nem

levava meia dúzia de pecinhas que “num” tinha, porque é assim, eu vinha todos os dias a casa só có meio da feira geralmente levava mais peças s’eu as tivesse, no caso nunca tinha porque eu levava as peças todas pra lá... e aquela gente gostava tanto das peças, das minhas e se calhar doutras (...) as pessoas do Porto principalmente do Porto, qu’eu conheço perfeitamente as pessoas que compram, que aderem muito mais ao artesanato é as pessoas do Porto – gostam de barro, de barro, mesmo de mexer no barro, elas gostam mesmo... uma pessoa tá a trabalhar ao vivo e eles tão ali uma tarde inteira se for preciso algumas pessoas adoram ver aquilo e mexer no barro, pedem... “Oh Dona Lourdes” ou a esta ou àquela no caso era a mim, qu’eu estava lá... tinha lá senhoras que estavam ali uma tarde inteira porque... a fazer também as coisinhas delas na brincadeira, a entretece porque adoram mexer no barro aquela gente... e eu vendia tudo, esgotava tudo, mas tudo peças únicas “num” é? E o standers lá, havia vários standers (...) o Passeio dos Alegres, aquilo era... com certeza conheces muito bem o Passeio dos Alegres no Porto, na Foz do Douro, agora não, agora não tem feira lá, feira assim anual, pelo menos eu não conheço que tenha (fazem uma feirinha... mensal ou quê, mas), lá aquilo era uma feira enormíssima, tão grande ou maior cá nossa feira de Barcelos, no parque e era nessa época qu’eu ia pra lá, depois nós os de Barcelos deixamos d’ir porque eles começaram a querer mais do có que... tas a ver? Aquilo era... começaram a querer outras coisas, outras andanças e a gente desistiu. Os de Barcelos desistiram e a feira foi abaixo, começaram a meter pra lá outras coisas e tal e a feira foi abaixo o que é certo... só que aquela gente gostava memo, adorava mesmo e eu vendia muito bem lá, eu e os outros também não faziam queixa, portanto também bendiam “num” é? E a partir daí... aqui em casa, vamos falar aqui em casa por exemplo, principalmente começando agora o Março e Abril, começando a ver este dias mais... que se já vende nas lojas e essa coisa e isso, agora por exemplo: de Fevereiro... Janeiro, Fevereiro e isso, para um bocadinho (...) “num” há vendas nas lojas e isso mas começando agora Março, Abril e por aí, uma pessoa se fizer, “num” é o meu caso, qu’eu faço pouco qué feito á mão, isto é muito, muito difícil, pronto... é muito minucio.

Mas eu se tiver peças, as pessoas tão sempre aqui a vir ver s'eu tenho e ainda por exemplo, "num" é pa falar... ainda hoje de manhã veio aqui uma senhora, uns senhores que queriam qu'eu fizesse só pra eles, pa Viana, só qu'eu disse logo "não, não" porque eu faço uma peça ou outra qu'eu me lembre fazer, qu'eu faço o qu'eu quiser fazer d'um pedaço de barro, eu faço do que quiser fazer mas é pra pessoas que me compram – mais colecionadores, chegam aqui "num" discutem preço, tá a perceber? "Quanto custa Dona Lourdes?" – "É x", porqu'eu são peças sempre diferentes, qu'eu nunca faço uma peça igual à outra, que você se for ver acolá, tem acolá umas peças, acolá (apontando) e ali na minha garage, ali ond'eu tenho mais peças prontas ali, você nunca vê uma peça repetida, são peças sempre diferente, isto é uma mais-valia porque há por aí muita gente (qu'eu "num" tou a falar de ninguém, nem tenho nada que falar) que compõe... t'á perceber? Faz aqueles coisos naqueles cabaços... cada um trabalha como quer, como sabe e como le apetece, como tem mais saída e sa calhar até ganham muito mais d... eu "num" ganho dinheiro, eu co'isto não ganho dinheiro, "num" vou dizer que ganho dinheiro que "num" ganho e é como eu acabei de dizer ao bocado, é pra eu passar o meu tempo e tenho d'ocupar com alguma coisa que se não eu batia mal e por esse motivo é qu'eu "num" vou deixar isto quanto eu puder fazer e o meu filho no caso, o meu Mingos vai continuar q'ele também gosta... ele também gosta muito disto, deste trabalho. E a minha filha, qu'é a que está aqui a morar comigo em casa, agora como o meu marido... até'gora era ele que pintava qu'eu ou habia de fazer ou habia de pintar percebe? E pa fazer mais, ele pintava ele, só que ele agora deixou de... vê mal, vê muito mal (até anda a levar aquelas infiltrações nos olhos) e vê muito mal e a minha filha começou a pintar ela e também se ajeita muito bem a pintar, ca'quelas (a apontar para as peças) peças é ela que esta a tentar pintá-las ós bocadinhos "num" é? E ela ajuda-me muito nisso, ela ajuda-me nisso, "num" é o trabalho dela mas ela ajuda-me aí na pintura mas se fizer falta também vou pintar... se fizer falta, só que no caso ela vai-me pintando e eu faço as peças. Agora o meu filho Mingos, esse faz peças qu'e um espetáculo digo lo... (...) as minha peças pode "num" ser feias eu pra mim são peças como

outras qualqueres só que as pessoas é que dizem, é que gostam, as pessoas de fora diz... mas o meu filho faz cada peça qu'e um espetáculo, aquilo "num" tem mesmo... são mesmo espectaculares, mesmo, qu'eu "num" sei ond'é qu'ele vai tirar aquelas ideias da cabeça dele mas faz, verdade é única, faz... se vocês passar no parque, na ocasião das festas do parque... mas lá está, mas como ele trabalha na fábrica também faz em produção porque ele... pra ganhar mais algum dinheiro, porque isto "num" se ganha dinheiro, é como eu te acabei de dizer, atão a gente nova como eles... pra mim serve, pra mim chega... mas pra gente nova como ele, tem casa a pagar, tem filhos, essas coisas todas... ele tem que realmente fazer coisa que le dê mais dinheiro, percebes? Por exemplo: tem os... faz em produtividade (como é que se diz?), em produção pronto, pra ser mais, mais segura.

E então é assim, eu (...) o meu filho faz em produção mas também faz artesanato, eu faço só peças únicas pronto, e o meu filho também faz peças únicas mas também faz em produção pronto, mais quantidade...

**C – Entretanto já me foi respondendo a uma série de questões, porque também já tinhas visto mais ou menos o que é que seria... quais são os materiais que utiliza e as técnicas que utiliza? Também faz o seu próprio material?**

ML – Eu faço, eu faço isto "im" buxo, é pau de buxo "num" é? Tem que ser pau de buxo, estas palhetas eu faço... isto, isto, isto (mostrando) à maneira qu'eu achar melhor, isto... as faquinhas é o meu filho que faz (não é o Mingos é um outro, outro filho qu'eu tenho 5, 4 rapazes, só qu'eles num que saber disto, mas tamém tenho um, o meu Nando, o mais novo também se ajeita só que ele num... e ele num quer) tem aqui as... aquelas faquinhas de cortar, tás a ver? Agora num sei de nenhuma sequer mas tenho, mas tenho pra'qui feitas por eles tamém, tipo isto só qu'e uma faca (mostrando) num é? Isto é um furador, pa nos furarmos a peça (mostrando o utensílio), prontos, isto é um furador, também feito por ele... mas as palhetas, isto ou outras qualqueres... esta grande, depende, os pinceis p'alisar, isto pa deitar as "forricas" pa colar num é?

(é barro seco com água, barro seco com água), barro... eu compro já pronto, o barro, a massa não é, tás a ver? Eu compro já pronto, numa moça de Roriz (Freguesia do Concelho de Barcelos), chama-se Inês, é mais acessível, é baratinho, o barro é baratinho... uma pessoa compra uns rolos de barro... paí uns cinco ou seis rolos de barro daquele tipo (a apontar para os rolos), dá vinte euros ou coisa assim é uma coisa “rizória”, baratíssima mesmo e “num” dá o trabalho de nós termos aqui a fazer, que se não eu pa fazer o barro, eu, queria comprar barro seco, duas qualidades de barro –preto e amarelo, pa mistura, teria de comprar isso, ficava muito mais dispendioso e trabalhoso que depois teria que o pôr de molho em água e depois amassá-lo... aquilo quando estivesse bom pra meter, tinha que o pôr nuns tijolos qué pá água sumir do barro e depois o barro poder-se moldar, fazer isto (enquanto mexe no pedaço de barro que tem na mesa), e oh.. agora como há esta possibilidade... ó primeiro era assim qu’eu fazia, tinha que comprar os dois barros, aquilo era chato mesmo, chato e muito sujo, isto agora é muito mais limpinho. A Inês faz o barro, uma moça alí de Roriz então... faz o barro, naquelas prensas, ela também trabalha em casa e atão faz o barro e bende a mim e a basicamente a quase a tod’a gente por aí que faz (risos)... e é muito melhor pra nós, mais prático e mais barato e bem prontinho, é um barro espetáculo, qué lisinho, “num” tem uma impureza, t’a ver? Oh... isto é memo polido, uma pessoa faz aqui uma cara, qualquer coisa q’uma pessoa quiser daqui, uma pessoa faz o que a gente quiser dum bocado de barro é só querer, t’á perceber? É só querer... uma pessoa faz... porque o barro também ajuda muito, uma pessoa pode ter o trabalho nas mãos mas o barro ajuda muito, que se for um barro cheio d’areia vai sair cheio d’impurezas logo... vai levantar uma pedra ali e outra acolá, outra acolá e tal e depois ó fim uma pessoa “num” sai daqui do sítio... uma pessoa faz o que a gente quiser daqui “num” é? Às vezes uma cara sai mais bonita, se for feita com jeito... s’eu quiser faço uma cara de qualquer coisa, uma cara de qualquer coisa só que feita assim como eu tou a fazer agora, isto “num” tem pés nem cabeça mas se eu quiser fazer uma peça com... esmerada eu faço, “num” é? E eu ou qualquer um se calhar como eu, porque eu tou a ver o meu trabalho, os outros também vejo

qu'eles que fazem bem, as peças deles também são bonitas e mas... claro está, eu faço as minhas peças, eu às vezes até nem as acho bonitas e as pessoas que compram dizem "Ai que lindo, que bonito", "num" foram elas que fizer e acham bonito mas eu pra mim já "num" tem graça nenhuma porque fui eu que as fiz, tá a perceber? É isso...

**C – Há quanto tempo tem este espaço?**

ML – Este espaço, este espaço já oh rapariga, olha, tenho a casa há cinquenta e tal anos, foi desd'essa época, fiz a cas... a casita, aquilo é uma casita qualquer coitada e fiz logo este coberto pa...

**C- Mas foi logo a pensar na atividade?**

ML – Sim, sim, a pensar em fazer peças em produção, tás a perceber? "im" quantidade, "num" era isto, em moldes... isto "num" dava pa eu criar os filhos, por favor! "Num" dava, isto "num" dava. Depois quando eles... quer dizer... foram pa escola, estudar, essas coisas todas, depois "num" quiserem continuar, ninguém quis continuar, só até ó nono, fizeram até ó nono, ninguém quis continuar mais... querium comprar o seu carrinho, querium comprar a sua "motrizadinha", querium comprar as coisas deles e isto aqui "num" dava... e eles foram trabalhar pás fabricas... q'eu por aqui é só fábricas, vocês sabe... conhece... foram trabalhar pás fábricas, ganhavam o dinheiro deles, sairo-se bem "num" é?, sairo-se bem, dou graças a deus tão todos bem na vida "num" é? E eu aqui então olhe isto, arrumei, ficou assim isto aqui, olhe pa pôr aí, é tudo cheio de "trafanecos", tudo... "num" tem mais onde se pôr mais nada... e por aí por fora é tudo cheio de coisas. E a partir daí, eu trabalho aqui, é o sítio qu'eu tenho mais coise... que lá dentro em casa não poderia, isto aqui "num" é muito bom mas serve pa eu trabalhar... é só eu e praticamente a minha filha quando vem praí printar mas isto de manhã, nesta época "num" se pode vir praqui, tás a ver? É muito frio, eu podia arranjar isto, mas praquê? Que me adianta a mim mais meia dúzia d'anos, depois eles, quem ficar co'isto se

ficarem, qu'algúem quiser ficar c'isto, qu'eles são cinco, um de certeza que vai ficar, que façam obras aqui, né? E pra mim serve...

**C – E o seu filho também trabalha aqui?**

ML – Não, ele trabalha alí naquele anexo, alí, qué dele... é dele... “num” vive ali, ele tem um apartamento ali adiante à beira do “Cabana”, ali adiante, à beira da escola, pronto... da escola C+S... mora lá mas aqui faz os trabalhos dele, faz aqui, ali no anexo dele, fá-los ali e eu trabalho aqui e ele trabalha lá mas ele só trabalha uma vez ou outra porque ele é com'eu le digo... tá na fábrica, “num” tá em casa a tempo inteiro, se estivesse... é como ele diz “Oh mãe, s'eu estivesse em casa a tempo inteiro outro galo cantaria mas eu não posso, ir pra casa a tempo inteiro”, que tem 3 filhos “num” é? A vida é diferente...

**C – Portanto é o filho que vai dar continuidade ao seu trabalho...**

ML – “Im” princípio vai ser, “im” principio vai ser...

**C – E é a filha que vai pintanto...**

ML - ... que pinta, sim e daí até pode ser qu'ela engrene nisto “num” é?! Engrene... pois

**C – Feitas estas considerações (...) Acha que o artesanato está a cair no esquecimento nos dias de hoje?**

ML – Quer dizer, eu pra mim acho que não... acho que não, sabes porquê? Porque é assim, nós... aqui em Barcelos, já foi mais vivo, acho eu, já foi mais... com'é que t'ei-de dizer... mais progressivo, penso eu, porque é assim, nós temos a feira anual aqui em Barcelos no parque mas nós, por exemplo eu e nós todos no caso... Esposende, Vila Verde, Amares (...) Vila do Conde, Póvoa de Varzim e quê, no caso... Foz do Douro, por aí, nós se quisermos temos todos os domingos, nós podemos ir pra lá fazer feiras, co nosso material, levamos a nossa banquinha e se quisermos feiras ó vivo... e aqui em Barcelos já fizemos à frente do Turismo, ali era basicamente todas as quintas feiras, os artesãos,

principalmente eu, juro-vos, eu quase sempre ia pra lá todas as quintas feiras que eu até cheguei a dizer: “Raparigas (pás raparigas do Turismo – a Filipa, a Rita, aque... aquela gente toda que está lá), cuidado, “num” me chameis só a mim, chamai as outras também porque isto nas bron...dá... é chato, porque elas são capaz de pensar qu’eu sou a menina mimada e tal e eu “num” quero isto, chamai umas de cada vez” e elas diziam “Dona Lourdes, nós é que sabemos... porque você co... pega num pedaço de barro, começó e acabó e os turistas gosto de ver isso”, porque era... enchia-se ali de turistas percebes? Naquela zona da Torre (Centro Histórico de Barcelos), no Largo do Porta Nova porque as pessoas vinham e davam uma volta e eu tava a fazer uma peça e acababa a pe... quer dizer... eu ia começar a peça, as pessoas viam a começar, iam dar uma volta à feira tornavam e quando viesse tava a peça praticamente pronta ou se não pronta, tava quase... ou uma, ou duas ou três... cás vezes depende da peça, do tamanho qu’ela fosse... e aquilo era uma mais-valia pra’quilo ali, engrandecia bastante e elas chamavo-me quase todas as quintas feiras eu ia pra lá e depois aqui ficou, já começaram a dar as... os outros artesão diziam “Já tás aí outra vez”... passavam lá só pra ver – “Tás aí outra vez?” digo assim “Olhe, eu fui chamada, num vi praqui porque, porque eu quis, foi porque fui chamada, pronto” e isto é assim... e agora, a partir de x tempo pra cá, “num” sei porquê, não chamam ninguém, nem a mim nem a ninguém, quer dizer, “num” fazem feiras ali... apenas fazemos a anual, do parque, quando aqui devia... como é rainha do artesanato, eu achava lógico eles fazerem aqui uma feirinha nem que fosse de mês a mês como fazem nos outros lado que “num” tem nada a ver co artesanato, os outros lados “num” tem nada a ver co artesanato – Esposende, com’essas terras todas qu’eu disse, não tem nada a ver com artesanato... basiado “im” nós “im” Barcelos, Barcelos tamos (...) é património da humanidade (...) vão fazer esta semana... “num” sei que da lampreia e é pelo Turismo, lá está... e porque “num” fazem também umas feirinhas d’artesanato pa engrandecer mais o artesanato aqui em Barcelos? Porque... eu pra mim num tenho, vou dizer... acho que não, acho que “num” morreu o artesanato, “num” vamos dizer que morreu só que “num” engrandeceu muito mais, porque as

peessoas mando-se por aí abaixo, as pessoas que tem possibilidade e mais novas do qu'eu e tal e que tem bons carro, carrinhas e tal, eles mando-se por aí abaixo pa longe, pa Coimbra, pa... por aí abaixo, porque "num" tem possibilidades aqui em Barcelos, vendem alguma coisa ma "num" escoam o material, que fazem muito mais produção de qu'eu, faço uma pecita, meia dúzia delas ou quê... "num" tenho muito essa necessidade, mas "num" caiu no esquecimento não, não porque há muitos mais artesão d'quando eu comecei... quando eu comecei haviam meia dúzia deles, era eu e mais uns 10 ou quê ali por Galegos Santa Maria até aqui em São Martinho habia a Júlia Ramalho e eu e sei lá... mais umas duas ou três, acho que até nem tanto, mas agora tu vê, é porta sim, porta sim, porta sim, porta sim... Tanto Santa Maria com'aqui, gente nova e tal e fazem e eu num ignorar nada disso por favor, tudo bem, cada um faz o que sabe e o que quer, só que não caiu no esquecimento porque toda a gente vende, ou mais... uns mais outros menos, toda a gente vende, cada um faz à sua maneira, uns faz com barro vermelho e branco, outros pintam só duma cor, outros nem pintam, o barro, o próprio barro já sai colorido, eu não... eu aqui faço tudo assim como vocês estão a ver, o pedaço do barro que está aqui e depois vai a cozer ó forno a 1000 graus, 800/1000 graus, forno de gás e depois é qu'inda vou tapar as impurezas todas e dá muito trabalho uma peça das minhas... muito trabalho, é por isso qu'é certificada e é (...) mesmo figurado genuíno de Barcelos, é este figurado genuíno porque o outro não é figurado, sabeis que aquelas peças que são todas duma cor, não tem nada a ver com o figurado de Barcelos antigamente (você inda se deve lembrar, quando aquelas figurinhas todas pás cascatas e tal, era tudo basiado nestas tintas...) vermelho, verde, azul, aquelas... é o que faz o engrandecimento do artesanato genuíno de Barcelos, figurado, chamam-lhe eles, "num" é? Pronto... e é nisso, é aí qu'eu trabalho, é nisso qu'eu trabalho assim, figurado. É por isso qu'as minhas peças, as pessoas gostam pela cor, a cor – "Dona Lourdes, a suas peças são bonitas já em si, mas depois a cor vai realçar muito mais" – porque a maioria dos artesãos "num" fazem cor, porque aquilo dá muito mais margem de lucro, porque só vão fazer uma cor só, ou uma cor só, ou só o barro, ou o vidro por cima, o vidro por cima

e fica assim a peça ma “num” tem tanto valor, há pessoas que gostam, há outras que não... mas a maioria não gostam, se for um coleccionador pode querer ter uma peça daquelas pra misturar no meio das outras que tem mas geralmente gostam d’ir ó artesanato genuíno, ó artesanato de antigamente, pronto... só qu’agora temos um problema, os coleccionadores que eram coleccionadores já se foram “num” é? Os mais idosos, porque agora estas pessoas novas, jovens que já são filhos desses coleccionadores já não vão comprar muito, porquê? Porque hoje em dia, pra eles... é uma coisa que já não tem grande... tanto valor como tinha pós pais, vocês estão ma compreender “num” estão? (...) Há outras coisas que le interessam mais nestes tempos d’agora, pronto... outras coisas que le dão mais interesse, mais gozo da vida, pronto... O artesanato se for um artesanato coisa, é caro, tem de ser caro, não pode ser baratinho, vós sabeis, pronto e é assim...

## ENTREVISTA ANTÓNIO RAMALHO

*António Manuel da Mota Ferreira deve o seu apelido à sua bisavó Rosa Ramalho e à sua mãe Júlia Ramalho. Dedicar-se à arte do figurado perpetuando algumas peças características da família Ramalho: os ouriços, carrochos e peças religiosas. Nasceu no ano de 1969 e sempre teve contacto com o barro, começando a brincar e a trabalhar com eles desde muito novo. Após alguns períodos de interrupção no trabalho do figurado, retoma e faz do artesanato a sua actual e única profissão.*

*Com a influência de gerações tenta manter o tradicional e o popular vivos mas não deixa de lado a inovação e o contemporâneo. Toda a produção é devidamente certificada através da certificação conferida ao Figurado de Barcelos.*



*Imagem 29 - António Ramalho (em entrevista). Fotografia por Cátia Daniela Cardoso*

## **C- Cátia Daniela Longras Cardoso | AR – António Ramalho**

### **C – Há quanto tempo exerce o ofício ou trabalha com o barro?**

AR – Há quanto tempo... ora bem, já devo estar a trabalhar nisto há quase há trinta, trinta, posso dizer que já estou quase há trinta anos.

### **C – E como é que chegou a esta forma de trabalho? Através de quem?**

AR – Através da minha mãe, é assim... quando éramos todos pequenitos... tá a ver aquela peça ali? O ouriço! Nós éramos 5 irmãos, então aquilo é uma peça que dá muito trabalho, tal como esta (um mocho que estava a fazer), todas dão trabalho não é? Mas... ali, como aquilo leva muitos piquinhos éramos 5, então ela pedia-nos para nos ajudarmos a fazer aqueles... era fazer isto assim, não é? (mostrando como se faz) e depois ponhamos assim aqui na mesa à beira dela e ela era só pegar e ir pondo, só que... alguns estavam aqui e tal (...) mas às duas por três toda a gente se punha a andar e eu ia ficando à'judar, pronto. A partir daí, depois de... quando acabei a escola fiz... estudei até ao nono ano e depois optei por dar seguimento a este trabalho, não é? A tempo inteiro... apesar de mais pá frente haver algumas interrupções, não muito longas, houve uma que foi um bocadinho mais longa, que foi de fins de 99 a meio de 2004, aí é que não exerci mesmo esta atividade. Mas de resto depois de terminar a escola foi... sempre trabalhei no barro.

### **C – Durante esse período não exercestes porque tinhas outra profissão?**

AR – Porque fui pó estrangeiro e... fui pra fora, exactamente.

### **C – Isto já é um trabalho familiar, geracional...**

AR – É... é...

### **C – E Agora trabalha sim a tempo inteiro**

AR – Agora é tempo inteiro, isto é a minha profissão.

**C – Dentro dos materiais que usa e das técnicas, pode falar-me um bocadinho sobre isso...**

AR – Todo o processo, desde a chegada do barro, porque eu ainda compro o barro em bruto como ele sai da terra e depois tenho que o preparar, antigamente... pra vocês ter uma ideia como é que se fazia à muitos anos (...) antigamente amassava-se com uma junta de bois, havia uma coisa no chão, chamado aloque, que era um círculo, as pessoas punham ali o barro a d' molhar e depois a junta de bois vinha e ia pisando mas conforme ia pisando, o barro vinha pra fora, começava a cair pra fora, então tinha que se pegar nesse pedaços que caíam pra fora e meter onde as vacas punham as patas, então elas iam circulando e acabavam por amassar... hoje não. Hoje tem ali máquina e eu sozinho faço esse processo todo não é? E pronto, desde chegar o barro, descarregar aí o barro, arrumar o barro, amassar o barro e depois pegar no barro e transformar em peças não é?

**C – Como se processa a preparação do barro hoje em dia?**

AR – Hoje? Como é que eu processo o barro é... tenho que o partir em pedaços mais pequeninos e adiciono água... por exemplo: eu trabalho com dois barros, trabalho com barro branco e preto, por exemplo pra fazer estas coisinhas pequeninas (as penas do mocho que tinha em mãos) tenho que meter, pa amassar, tenho que meter mais preto e menos branco que pa dar mais elasticidade ao barro porque o preto é mais elástico, percebe? E... e depois estas bases são feitas (pegando nas bases ou corpos dos mochos) na roda, estas... aqui já a quantidade de branco já é mais e preto menos.

**C – A máquina que tem algum nome específico? Qual a função dela?**

AR – É uma máquina... tem um cil... é... tem um... é um tubo em ferro, depois tem um “sem fim” no meio, tem um motor, tem umas correias que puxa, o barro entra em cima e depois saí em baixo em tubo, em rolo, depois eu tenho que guardar em plástico que pra ele não secar não é?

**C – Eu digo isto porque não é comum estar a falar com um artesão, daqueles com quem já tive oportunidade de falar e eles não preparam o barro... eles compram o barro pronto a trabalhar**

AR – E eles preparam o barro... porque... já preparado pois, só que eu preciso de barro para a roda, porque eu utilizo muitas bases de roda, então, não convém ter o barro... eu chama-lhe mais gordo, é quando tem muito preto, se tiver muito preto, pá roda depois no processo de fabrico isto (apontando para bases de peças) vai rachar, tem que haver um equilíbrio, pronto e é assim... é... por exemplo, neste momento até tou a fazer com esta base de roda mas há peças que “num” utilizo a roda sequer não é? Tudo manual, a roda também é manual é tudo manual, mas depois é assim: faz-se a peça, deixo aí a secar, tá a ver ali a cor já tá mais seco o barro ali (apontando para uma peças finalizadas que se encontravam a secar antes da cozedura)... depois meto ó forno, chacota, chamamos nós a chacotar, fica cozido, tá ali em branco, aquela peça (apontando para a peça cozida), ali já tem o barro cozido, depois sai do forno aplico o vidro e volta ao forno... muita gente pensa qu’ é só uma cozedura mas não pode ser... no nosso caso não pode ser porque é vidrado, não é? Tem que ser duas cozeduras... pronto e a partir daí a peça fica pronta...

**C – Os outros materiais... tudo que são teques ou pinceis... compra ou faz os seus próprios?**

AR – Por exemplo esta aqui, fui eu que a fiz (levantando uma palheta), já não há gente a fazer os teques, agora chamam teques... isto aqui é uma palheta, isto aqui já é um olheiro (tem várias funções) e é praticamente o qu’eu utilizo, estas duas ferramentas digamos... porque... isto é em buxo, só que há aí muita coisa em plástico e “num sei quê”, isto é que é o ideal pa trabalhar, mas depende do que se faça, não é?

**C – Adapta a ferramenta ao seu trabalho...**

AR – Claro, claro...

**C – Já me foi falando um bocadinho do processo de produção mas e a venda?**

AR – Até escoar o produto não é?... É assim, o processo de produção é como eu já referi, pronto, leva todo esse processo... depois escoar o produto aí é que se torna às vezes um bocadinho mais complicado, mas como nós andamos há tantos anos no mercado desde o tempo da minha bisavó, felizmente não tem tido problemas, não é? Mas à alturas melhores, há alturas piores, tudo...

**C – Portanto é um trabalho um bocadinho sazonal?**

AR – Isto é um trabalho contínuo, não é? “num” podemos estar parados... Sim, na altura do Natal vende-se muito os presépios, depois vem os santos populares, também se vende, altura da Páscoa, os cristos, pronto... é como diz, mas... mas às vezes é muito relativo, é. Porque por exemplo: o presépio é uma peça que se vende todo o ano... todo o ano. A maneira de escoar é... temos as lojas, as pessoas que visitam cá a casa, as feiras, pronto... é o sistema que existe no mercado é esse, a não ser que a gente vá por outros meios, não é? Porque às vezes nós também temos que ir à procura, não podemos estar parados

**C – Também não podem estagnar... então tem alguma parceria com lojas...**

AR – Não, é assim, parcerias não... é assim, a gente vende pás lojas, eles vem compram o produto e depois vendendo, vem cá buscar mais ou não... depende!

**C- Não há uma fidelização digamos assim...**

AR – Não, não, não...

**C – Há quantos anos tem este espaço e há quanto tempo trabalha neste espaço?**

AR – É assim, este espaço é da minha mãe, não é? Eu como trabalho com ela, vamos estando aqui os dois, neste momento não, infelizmente porque ela está com problemas de saúde, mas isto já é casa desde 1968... ela casou em 67 salvo erro e houve ali uma fase, pelo menos até à morte da minha bisavó em que a

minha mãe trabalhava um bocadinho em conjunto com ela, não é? Mas prontos, claro que teve de seguir a vida dela e fazer as coisas dela.

**C – Quando o Senhor António começou a trabalhar, sentia que havia muita procura?**

AR - Havia e continua a haver, a procura continua a haver, não é? Quem gosta de artesanato é capaz de vir de Lisboa, do Alentejo e vem cá ter! Não é? As pessoas que fazem viagens de turismo cá dentro digamos, Barcelos é um ponto de referência, não é?

**C – Acha que... porque a pergunta seguinte é: quem comprava? Ou quem compra? E nós ainda temos muito o estereótipo, ou pelo menos é aquilo que se ouve, que são classes normalmente muito altas ou classe média-alta...**

AR – É assim, depois de... notou-se depois destes cortes na classe dos professores... que era uma classe que até comprava, no geral os professores compravam, depois destes cortes as coisas acalmaram um bocadinho, não é?... Mas todas as classes compram, a classe mais baixa... temos aí coisas pa cinco euros... não é assim nenhum dinheirão e o que eu noto que tá a acontecer agora, é uma nova geração de clientes...

**C – Portanto, há uma renovação...**

AR – Sim, sim, sim...

**C – Quem são hoje os novos clientes?**

AR – Pessoas ligadas ao design, à moda também, também são clientes... é transversal na sociedade.

**C – Sente que o seu trabalho tem efeito nas pessoas? Causa algum efeito nas pessoas?**

AR – É assim... no artesanato o que eu acho que se vai (...) eu não quero dizer que se tá a perder mas é assim, o tradicional e o popular eu acho que esta

geração nova, gosta mas já não liga tanto, que é o caso dos espigueiros, a junta de bois, aquelas coisas mais tradicionais que se fazia há muitos anos, não é? Portanto, nós como artesãos também temos que actualizarmos aos tempos que vivemos, outros temas diferentes, fazer coisas diferentes... porque o nosso objetivo, por exemplo quando criamos uma peça nova é que crie impacto e quem a compre que goste e que entenda, não é? O que é que está a comprar, às vezes é assim um bocadinho mais complicado porque é assim uma coisa fora do normal, não é? Mas eu acho que por exemplo, a parte religiosa assim isso sempre vai ser... os santi... o Santo António, São Pedro, São João, os santos... a parte religiosa sempre vai se vender, a parte popular e tradicional dos tais espigueiras... eu acho, memo o próprio artesão já não faz com tanta frequência

**C – Há realmente uma adaptação e uma evolução não só temporal mas no que diz respeito à própria imagem que o artesão quer passar**

AR – Tem que haver, tem que haver... Sim, sim... Atual...

**C – Exactamente, o mais actual possível...**

AR – ... actual possível... hoje as casas tem uma arquitetura diferente, não é? Às vezes as coisas mais populares, tradicionais já não ficam tão bem, digo eu, não sei

**C- Eu acho que quem gosta...**

AR – Sim, mas quem gosta arranja ali uma maneira de ficar tudo, da decoração ficar toda em condições.

**C – Ainda sobre o seu trabalho... este trabalho vai ter continuidade?**

AR – Não, não... Pra já não estou a ver ninguém a seguir, assim neste momento estou eu, uma minha irmã qu'ela é professora, pronto, tem o tempo muito ocupado, de vez em quando lá faz umas peças mas assim outras pessoas ligadas à família, "num" tou a ver ninguém... e depois isto, primeiro de tudo tem de se gostar, não é? Se não se gostamos daquilo que estamos a fazer então não vale

a pena e depois o processo de aprendizagem é muito longo, eu até posso dizer que é durante toda a vida, toda a vida, nunca ficamos a saber tudo...

**C – Mesmo técnicas e o aperfeiçoar o trabalho...**

AR – O artesanato nunca é perfeição...

**C – Também concordo...**

AR – O artesanato “num” é perfeição (...) Eu sou... tento ser um bocadinho, a tal questão... tento ser um bocadinho perfeccionista, não é? E uma boa parte das pessoas... alguns implicam, às vezes eu tou a fazer a peça e por exemplo: dou aqui um sem querer, fica aqui um risquinho, implicam, não é? Eu “num” consigo ver tudo e “num” sei quê... Mas há pessoas que preferem as coisas até todas tortas e “num sei quê”, eu tinha a mania de pôr tudo simétrico, “num sei quê”, e houve um cliente que me chamou à atenção: “ Não sejas tão simétrico a fazer as coisas, não vale a pena” ... não é? Não vale a pena...

**C – Quem trabalha nesta área costuma dizer que não há peças iguais, que as peças são todas diferentes...**

AR – Não... Tenho aqui estas bases, é pa fazer mochos, já viu o trabalho qu’isto me dá, é isto e os ouriços... isto é, dá muito trabalho, cada peninha tem de ser posta e nenhum vai ser igual ao outro, claro...

**C – Acha que o artesanato está a cair no esquecimento da sociedade?**

AR – Não, antes pelo contrário, felizmente aqui a nossa Câmara como há muito artesão, não é? Tem feito muito pelo artesanato, muito mesmo... desde o ponto de venda, divulgar, a feira no parque, portanto...

**C – Que também tem crescido...**

AR – ...Às vezes o ser uma exposição muito grande não quer dizer nada, não é? O que interessa é o conteúdo, o que interessa é o conteúdo, mas há coisas que se vão perdendo...

**C – O que é que sente que se perdeu?**

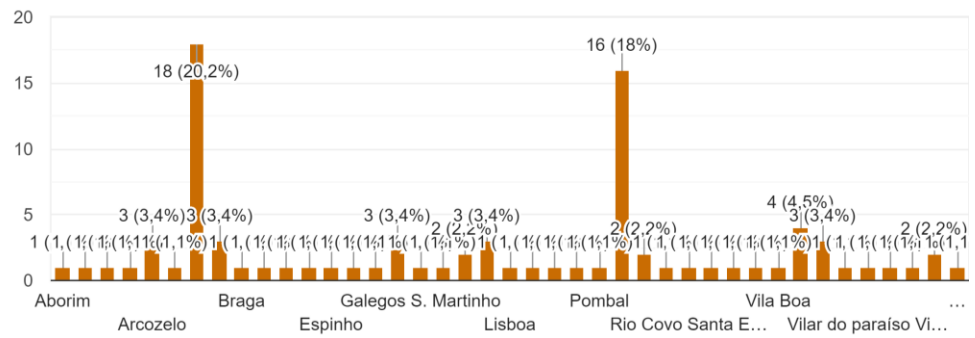
AR – Por exemplo, havia aí uma senhora, não sei se ela ainda é viva, ela costumava expor sempre ali debaixo dos ... do pavilhão e ela fazia um trabalho que era quase... era único, a nível da península ibérica, qu'era umas almofadas, uns tapetes com penas... A Dona Olinda... e há uma filha que sabe fazer essas coisas mas ela é cabeleireira e “num” está...

(Continuou a dar exemplos de artesanato já “extintos”, como os que faziam remos...)



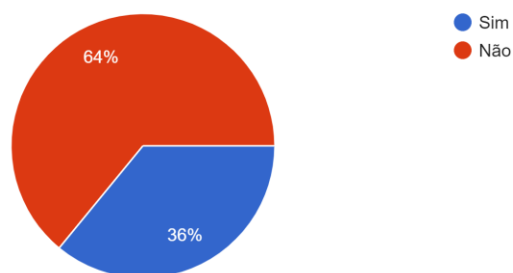
## Área de Residência

89 respostas



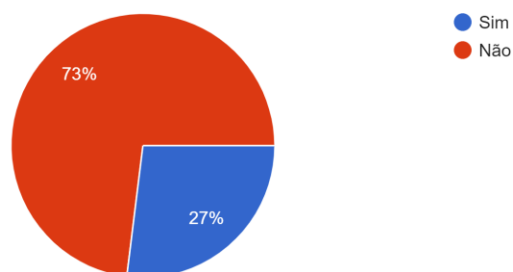
## 1. Conhece a Rota da Olaria de Barcelos?

89 respostas



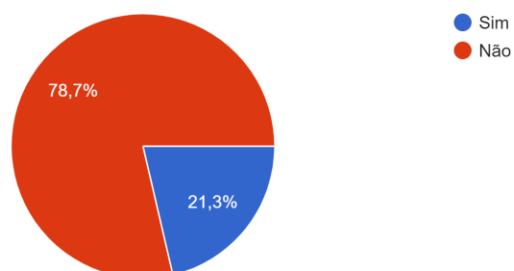
## 2. Conhece a Rota do Figurado de Barcelos?

89 respostas



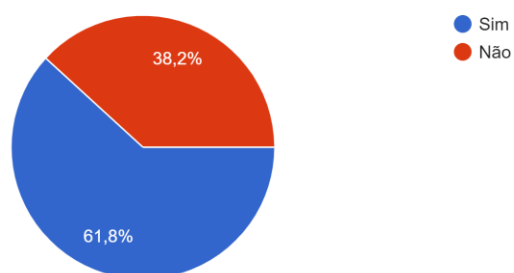
### 3. Sabia que o Museu de Olaria integra um espólio de mais de 9000 peças?

89 respostas



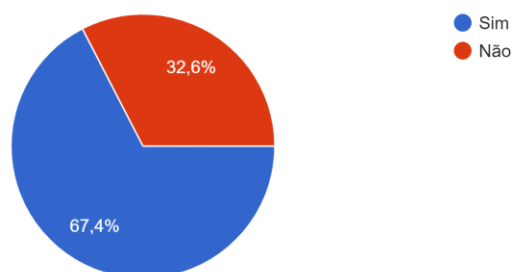
### 4. Sabia que Barcelos foi classificada como Cidade Criativa da UNESCO?

89 respostas



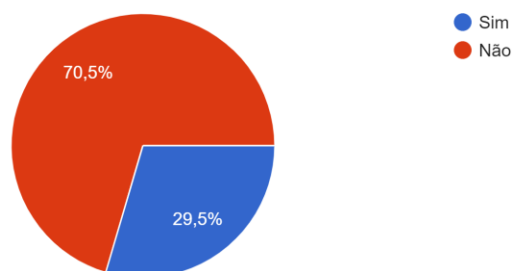
#### 4.1. Sabia que esta classificação tem a ver com o Artesanato e Arte Popular?

89 respostas



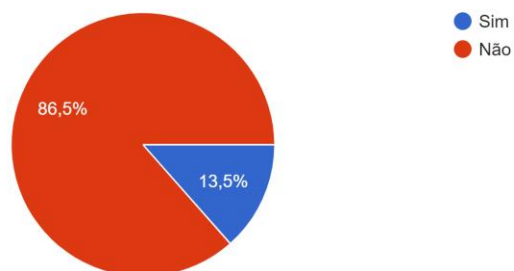
## 5. Procura a Olaria ou o Figurado de Barcelos?

88 respostas



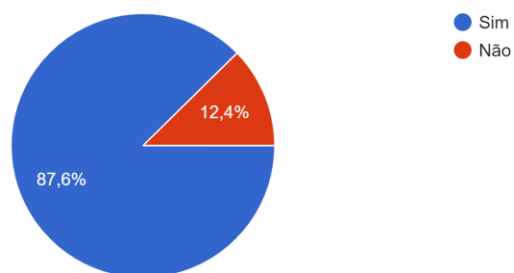
## 5.1. Procura estes produtos com regularidade?

89 respostas



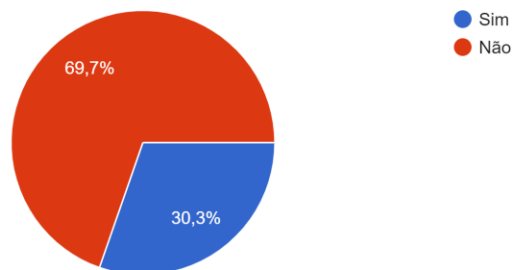
## 6. Estas artes são valorizadas no Concelho de Barcelos?

89 respostas



## 7. Estas artes fazem parte do seu cotidiano?

89 respostas



# **ANEXOS**

## Anexo A – Protocolo de estágio



R.L.  
C

### PROTOCOLO DE PROJETO/ESTÁGIO

Entre o Instituto Politécnico do Porto, através da sua Escola Superior de Educação, sito na Rua Dr. Roberto Frias – 4200-465 Porto, como primeiro outorgante e o Município de Barcelos, como segundo outorgante, celebra-se o presente Protocolo, referente ao Estágio/Projeto do 3º semestre do 2.º Ciclo de Estudos em Património, Artes e Turismo Cultural da estudante Cátia Daniela Longras Cardoso concedido pelo segundo outorgante, durante o período compreendido entre 4 de Outubro de 2018 e 4 de Março de 2019, nas suas instalações, sitas na Largo do Município – Barcelos, 4750-323 Barcelos, que obedecerá às seguintes cláusulas:

#### Art.1º

São deveres do estagiário/estudante durante o seu período de estágio/projeto:

- a) Ser assíduo e pontual no cumprimento do horário de trabalho acordado e anexo a este protocolo;
- b) Ter um comportamento correto e cordial, respeitando os seus superiores hierárquicos e os seus colegas de trabalho;
- c) Cumprir diligentemente as tarefas que lhe forem confiadas pelos seus orientadores, com zelo e sigilo, aplicando os conhecimentos e as técnicas adquiridas na componente académica do seu curso;
- d) Dispensar o maior cuidado aos bens materiais que lhe forem confiados para sua utilização.

#### Art. 2º

São direitos do estagiário/estudante:

- a) Não executar, regularmente, tarefas que não se enquadrem ou não sejam adequadas à respetiva formação;
- b) Cumprir o horário de trabalho definido na alínea a) do artigo anterior, podendo recusar-se à prestação de trabalho suplementar ou noturno.

#### Art. 3º

O seguro escolar, a que o estagiário/estudante tem direito, abrangerá o período de estágio/projeto, ficando, por isso, o segundo outorgante isento da responsabilidade em caso de qualquer acidente que ocorra com aquele durante o referido período.

ph.  
C

Art. 4º

O segundo outorgante compromete-se, por princípio, a não atribuir ao estagiário/estudante, tarefas que não se enquadrem, nem sejam adequadas à respetiva formação.

Art. 5º

O segundo outorgante fica igualmente isento de conceder ao estagiário/estudante qualquer espécie de remuneração, pelo trabalho específico de estágio/projeto, mas o segundo outorgante pode, se assim o desejar, oferecer apoio ao estagiário/estudante.

Art. 6º

- 1- O primeiro outorgante nomeia como orientador de estágio/projeto Sérgio Alexandre Soldá da Silva Veludo Coelho e como coorientador Amândio Jorge Morais Barros.
- 2- Compete ao orientador da ESE acompanhar o estudante durante o período de estágio/projeto e dar um parecer qualitativo sobre a sua prestação durante o processo desenvolvido.

Art.7º

- 1- O segundo outorgante compromete-se a nomear como orientadora de estágio Maria Cláudia Milhazes.
- 2- Compete ao orientador de estágio/projeto acompanhar o estudante durante o período de estágio ou projeto e dar um parecer qualitativo sobre a sua prestação durante o processo desenvolvido.

Art. 8º

A cessação do presente protocolo poderá dar-se por caducidade ou por rescisão do respetivo acordo celebrado entre o primeiro e o segundo outorgante.

Art. 9º

- 1- A caducidade do protocolo de estágio/projeto dá-se quando, nos termos das respectivas cláusulas, se encontre esgotado o seu objeto ou quando se verifique a impossibilidade superveniente de o estagiário receber formação.
- 2- Verifica-se ainda a caducidade quando o estudante anule a matrícula ou desista do estágio/projeto.

Art. 10º

O primeiro outorgante poderá rescindir o protocolo de estágio/projeto quando se verifique grave violação dos deveres do segundo outorgante ou quando este violar o compromisso previsto no artigo 4º do presente protocolo.

Art. 11º

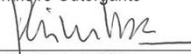
- 1- O segundo outorgante poderá rescindir o protocolo de estágio/projeto quando se verifique, por parte do estagiário/estudante, como causa justificativa, qualquer dos seguintes factos:
- Desobediência ilegítima às ordens ou instruções que receber das pessoas encarregadas da orientação do estágio;
  - Lesão culposa dos interesses do segundo outorgante.

Art. 12º

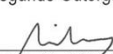
Os casos omissos no presente regulamento serão decididos de acordo com a legislação em vigor, referente a esta matéria.

Porto, 4 de Outubro de 2018.

Primeiro Outorgante

  
\_\_\_\_\_  
Presidente da ESE  
(Por delegação do Presidente do Instituto Politécnico)

Segundo Outorgante

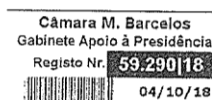
  
\_\_\_\_\_  
Presidente do Município de Barcelos  
Miguel Jorge da Costa Gomes

Estudante/Estagiário:

Cátia Longras Cardoso

  
\_\_\_\_\_

## Anexo B – Aceitação do Estágio Curricular em Edital da Câmara Municipal de Barcelos



PROPOSTA N.º 3. Protocolo de Colaboração para a realização de estágio. [Registo n.º 43280/18].

A Formação em Contexto de Trabalho (FCT) faz parte integrante do Plano Curricular de qualquer Curso Profissional / Superior.

A FCT constitui um conjunto de atividades profissionais desenvolvidas sob coordenação e acompanhamento da instituição de ensino, que visa a aquisição ou o desenvolvimento de competências técnicas, relacionais e organizacionais relevantes para o perfil de desempenho à saída do curso frequentado pelo formando/aluno. A FCT constitui ainda um complemento e aprofundamento da formação ministrada na instituição de ensino.

O Município de Barcelos reconhecendo a importância da formação em contexto de trabalho para os jovens que frequentam cursos profissionais ou superiores, tem acolhido estagiários oriundos de diferentes instituições de ensino.

O Regime Jurídico das Autarquias Locais e da Transferência de Competências do Estado, aprovado pela Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro estabelece na alínea d) do n.º 2 do artigo 23.º do seu Anexo I que os Municípios dispõem de atribuições no domínio da educação.

A alínea u) do n.º 1 do artigo 33.º do anexo I do citado diploma estabelece que compete à Câmara Municipal «promover a oferta de cursos de ensino e formação profissional dual, no âmbito do ensino não superior, e apoiar atividades de natureza social, cultural, educativa, desportiva, recreativa ou outra (...)».

Face ao exposto, proponho, no uso da competência prevista na alínea u), do n.º 1, do artigo 33.º do Anexo I, da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, que a Exma. Câmara Municipal delibere apreciar e votar:

Autorizar a outorga de um Protocolo de Colaboração entre o Município de Barcelos e a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto no âmbito do Curso do 2.º Ciclo de Estudos em Património, Artes e Turismo Cultural, para a realização de formação em Contexto de Trabalho (FCT) de uma aluna.

Barcelos, 1 de outubro de 2018.

O PRESIDENTE DA CÂMARA,

  
(Miguel Jorge da Costa Gomes)

Reunião Ordinária 04/10/18  
Deliberado, por unanimidade, aprovar.

## Anexo C – Candidatura ao Estágio Curricular na CMB em folha tipo da Instituição



Largo do Município  
4750-323 Barcelos

### CANDIDATURA - ESTÁGIO CURRICULAR

Entidade			
Nome/ Designação:	Politécnico do Ponto Escola Superior de Educação		
Domicílio/ Sede:	Rua Dr. Roberto Freitas, 712		
Código Postal:	4700-465	Freguesia:	Panóias Ponto
Concelho:	Ponto		
Número de BI/CC:	/	Validade:	/
NIF:	/	Contacto telefónico:	+351 225 571000
Fax:	+351 225 020 772	Correio eletrónico:	ipp@ipp.pt
Pretensão			
Venho/ Vimos por este meio apresenta candidatura a estágio curricular.			
Caraterização do Estágio			
Curso:	Histórico em Património, Artes e Turismo Cultural		
Nome do/a Estagiário/a:	Cátia Daniela Louças Cardoso		
Número de BI/CC:	14549126	Validade:	2019
NIF:	228492820	Contacto telefónico:	918800600
Habilitações Literárias:	Licenciatura	Ano em curso:	2018 / 2019
N.º Estagiários	1	N.º Horas Semanais:	22 Horas
Data de início (prevista):	Dezembro	Data de conclusão (prevista):	Junho
Tutor do/a estagiário/a:	Doc. Cláudia Palma	Contacto telefónico :	9630

**Documentação**

- Cronograma do estágio (onde constem pausas, férias, data de início e fim previstas)
- Plano curricular com os objetivos atingir
- Documento de legitimidade do representante (Protocolo/ Minuta de Protocolo de Estágio)

**Pede deferimento**

Barcelos, 14 de Dezembro de 2018

**O/A requerente**

Dr.ª Daniela Sousa Cardoso

## Anexo D – Ficha de Autoavaliação do estágio curricular no Museu de Olaria em folha tipo da CMB



Largo da Município  
4750-323 Barcelos

### FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO

Período de realização do estágio: Realizado 2018 a Fimavim 2019  
 Estagiário: Cátia Daniela Loureiro Cardoso  
 Estágio Supervisionado por: Dna. Cláudia Rithazis  
 Unidade Orgânica onde se desenvolveu: Museu de Olaria  
 Instituição de ensino: Pólisémico do Ponto - Escola Superior de Educação

1 – Discordo Totalmente; 2 – Discordo; 3 – Não Concordo nem Discordo; 4 – Concordo; 5- Concordo totalmente.

	1	2	3	4	5
O estágio proporcionou o contato com diferentes realidades do trabalho profissional.				X	
O estágio proporcionou a aquisição e/ ou desenvolvimento de novos conhecimentos e técnicas fundamentais no mundo de trabalho.				X	
Permitiu aplicação dos conhecimentos.				X	
Os objetivos propostos (pelo plano de estágio) foram cumpridos com sucesso.				X	
A orientação recebida pelo Supervisor de estágio da CMB foi adequada e suficiente para a consecução do estágio com sucesso.				X	
O local de estágio promoveu a Participação e Motivação.				X	
Houve oportunidade de tomar iniciativa e apresentar novas metodologias.				X	
Integração e Socialização no local de estágio foi positiva.				X	
Bom trabalho de equipa.				X	
Se tivesse oportunidade de escolha voltaria a estagiar na CMB.					X

Apreciação Global do estágio:

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

Barcelos, 05/02/2019

Cátia Daniela Loureiro Cardoso  
 (Estagiária)

Tel. 253809000  
 Fax. 253821203  
 email: geral@cm-barcelos.pt  
 www.cm-barcelos.pt

Mod CMB992A

Formulário 16 - Folha de autoavaliação do estágio curricular no Museu de Olaria - CMB  
 (folha tipo)

## Anexo E – Mapa da bacia hidrográfica do Cávado e identificação de argilas

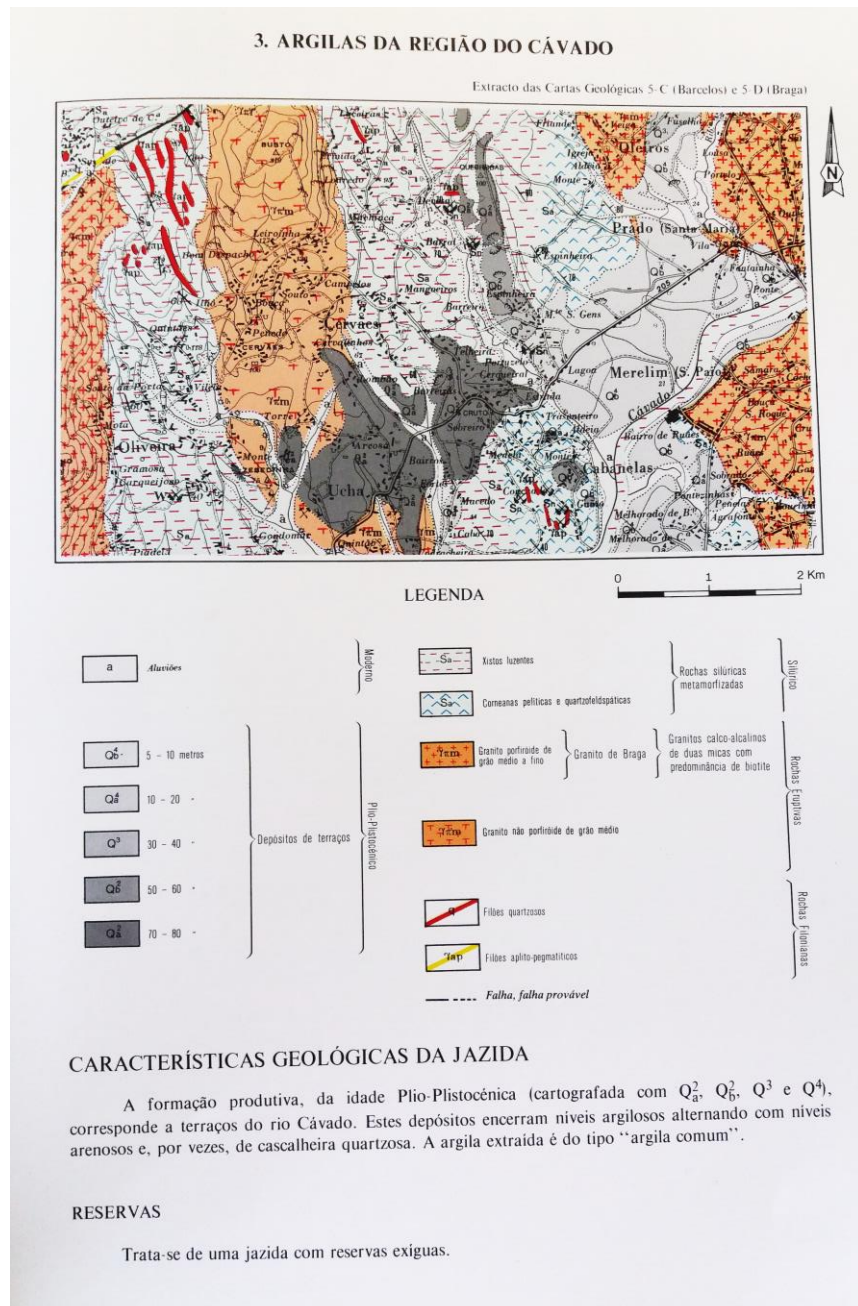


Imagem 30 - Argilas da Região do Cávado, Fonte: Energia, M. d. (1985). Catálogo das argilas portuguesas utilizadas na indústria cerâmica. Lisboa: Direcção-Geral de Geologia e Minas.

## Anexo F - Cartaz Dia do Artesão



A circular inset image shows a pair of hands shaping a piece of clay on a pottery wheel. The background of the poster is dark with orange and yellow curved accents.

AUDITÓRIO BIBLIOTECA MUNICIPAL  
**19**  
mar  
2019

# DIA Mundial do ARTESÃO

*“Novos Caminhos e Desafios para  
as Artes e Ofícios Tradicionais”*

**14h30 Sessão de Abertura**  
Dr. José Beleza - Município de Barcelos

**14h45 O Quadro legislativo das artes e ofícios**  
Dr. Fernando Gaspar - CEARTE

**15h10 Uma década de Certificação – Perspetivas de Futuro**  
Dr.<sup>a</sup> Teresa Costa - Adere-certifica

**15h30 Emprego Jovem no Artesanato, perspetivas para o futuro**  
Dr. António Leite - Delegado Regional do Norte do IEFP

**15h50 Internacionalização das Artes e Ofícios Tradicionais**  
Dr. Luís Carmo Reis - AICEP - Portugal Global

**16h10 O Turismo Criativo – qual o papel das artes e ofícios tradicionais?**  
Dr. Nuno Ferreira - Entidade de Turismo do Porto e Norte

**16h30 Debate**

**17h00 Encerramento**

**17h15 Verde de Honra**

  
BARCELOS AICEP

**Inscrições para [turismo@cm-barcelos.com](mailto:turismo@cm-barcelos.com) ou 253 811882**

Imagem 31 - Cartaz "Dia Mundial do Artesão - Novos caminhos e desafios para as artes e ofícios tradicionais"

## Anexo G – Panfleto Museu de Olaria

Rua Cónego Joaquim Galoas | 4760-306 Barcelos  
Tel.: 253 824 7411 | E-mail: [museuolaria@cm-barcelos.pt](mailto:museuolaria@cm-barcelos.pt)  
Serviço Educativo e de Animação  
Tel.: 253 809 661 | E-mail: [servicoeducativo@cm-barcelos.pt](mailto:servicoeducativo@cm-barcelos.pt)

Ficha técnica  
Propriedade: Município de Barcelos | Distribuição gratuita | Depósito legal:  
Visite [www.museuolaria.pt](http://www.museuolaria.pt)

**MUSEU DE OLARIA**

BARCELOS

MUSEU DE OLARIA

Boleus

Município de Barcelos  
Cidade Educativa

**MUSEU DE OLARIA**

**HORÁRIO:**  
TERÇA A SEXTA-FEIRA: 10H00 - 17H30  
SÁBADOS | DOMINGOS | FERIADOS: 10H00 - 12H30 | 14H00 - 17H30

**ENCERRAMENTO:**  
SEGUNDA-FEIRA | 1 DE JANEIRO | SEXTA-FEIRA SANTA  
DOMINGO DE PÁSCOA | 15 DE AGOSTO | 24 E 25 DE DEZEMBRO

O Museu de Olaria foi criado em 1963, após a doação de uma valiosa coleção recolhida pelo etnógrafo Joaquim Sellés Paes Villas Boas, passando a acolher peças de olaria da região de Barcelos, de outras regiões do país, da lusofonia e do estrangeiro.

Antes da designação Museu de Olaria, chamou-se Museu de Cerâmica Regional e, mais tarde, designou-se Museu de Cerâmica Popular Portuguesa, funcionando numa sala subterrânea do Paço dos Condes, junto à Igreja Matriz de Barcelos, onde se manteve até 1982.

Em 1995, à 29 de julho, o Museu de Olaria abriu, pela primeira vez, ao público no edifício da antiga "Casa dos Mendanhas Benevides Cyrne", recuperado e adaptado expressamente para albergar e expor as coleções do Museu. Integra a Rede Portuguesa de Museus desde o ano 2000.

O Museu conta com um acervo de mais de nove mil peças, constituído essencialmente por coleções de cerâmica portuguesa fósca e vidrada (de norte a sul do país) e estrangeira (países como Angola, Argélia, Brasil, Timor, Guiné, Espanha e Cabo Verde).

O seu acervo é resultante de doações, trabalhos de campo em centros oleiros extintos ou em vias de extinção, e outros ainda em laboração e aquisição a particulares e antiquários.

Ao longo dos anos, o acervo do Museu tem vindo a ser investigado, proporcionando a edição de várias publicações temáticas. Simultaneamente, tem vindo a concretizar uma política expositiva que privilegia as exposições temporárias, pelas quais se pretende cativar novos públicos, para que possam contactar com a riqueza e diversidade da olaria.

O Museu de Olaria, enquanto lugar de memórias, sítio de vidas, oficina do imaginário, perpetua a identidade de um povo, sendo, ao mesmo tempo, centro dinamizador de cultura e propalador da transmissão geracional cultural.

Inicialmente com uma área de 2 mil metros quadrados, após as obras de recuperação, valorização e ampliação, ganhou um novo volume destinado ao espaço de exposição permanente.

Para cumprir todas as suas funções museológicas, o Museu dispõe de salas de exposições temporárias, espaço de reservas, centro de documentação, serviço educativo e de animação, sala de restauro e serviços administrativos.

**CABRA**  
Ivoa Ramalho  
Coleção Museu de Olaria  
1963

Imagem 32 - Panfleto Museu de Olaria de Barcelos

**NM**